

Joyce Kimarce do Carmo Pereira

A ALMA DO HOSTEL:

Dinâmica das interações humanas no contexto hostelheiro de Belo Horizonte – Minas
Gerais

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2022

Joyce Kimarce do Carmo Pereira

A ALMA DO HOSTEL:

Dinâmica das interações humanas no contexto hostelheiro de Belo Horizonte – Minas
Gerais

Tese apresentada ao programa de Pós-graduação em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito final para a obtenção do título de Doutora.

Orientadora: Profa. Dra. Christianne Luce Gomes

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2022

P436a Pereira, Joyce Kimarce do Carmo
2022 A alma do hostel: dinâmica das interações humanas no contexto hostelero de Belo Horizonte – Minas Gerais. [manuscrito] / Joyce Kimarce do Carmo Pereira – 2022.
215 f.: il.

Orientadora: Christianne Luce Gomes

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
Bibliografia: f. 198-210

1. Lazer – Teses. 2. Turismo – Teses. 3. Hotéis – Belo Horizonte (MG) – Teses.
4. Indústria de hospitalidade – Teses. I. Gomes, Christianne Luce. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DO LAZER

ATA DA 83ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO

JOYCE KIMARCE DO CARMO PEREIRA

Às 8h00min do dia 19 de julho de 2022 reuniu-se de forma híbrida no Mini Auditório da EEEFTO e online (via Google Meet) a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho "A ALMA DO HOSTEL: Dinâmica das interações humanas no contexto hoteleiro de Belo Horizonte – Minas Gerais", requisito final para a obtenção do Grau de Doutora em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, a Presidenta da Comissão, Profa. Dra. Christianne Luce Gomes, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovada	Reprovada
Profa. Dra. Christianne Luce Gomes (Orientador)	X	
Profa. Dra. Ana Paula Guimarães Santos de Oliveira (UFMG)	X	
Profa. Dra. Elizabeth Kyoko Wada (UAM)	X	
Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo (USP)	X	
Profa. Dra. Susana Gastal (UCS)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada: **APROVADA**

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para a candidata pela Presidenta da Comissão. Nada mais havendo a tratar a Presidenta encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 18 de julho de 2022.

Assinatura dos membros da banca examinadora:



Documento assinado eletronicamente por **Christianne Luce Gomes, Professora do Magistério Superior**, em 23/07/2022, às 18:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Guimaraes Santos de Oliveira, Professora do Magistério Superior**, em 25/07/2022, às 08:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **Luiz Octávio de Lima Camargo, Usuário Externo**, em 15/08/2022, às 14:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

26/09/2022 13:53

SEI/UFMG - 1611764 - Ata de defesa de Dissertação/Tese



Documento assinado eletronicamente por **Elizabeth Kyoko Wada, Usuária Externa**, em 07/09/2022, às 12:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Susana de Araújo Gastal, Usuária Externa**, em 19/09/2022, às 10:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1611764** e o código CRC **2B2524E5**.

*À minha mãe Dulcinéa, irmã Luanda, avó Eunice,
tia Pekena e à memória do meu irmão Paulinho.*

AGRADECIMENTOS

Como está sendo difícil dizer adeus a este processo que se concretiza nesta tese, resultado de um processo que não foi iniciado há 4 anos atrás, e, sim em uma trajetória que se iniciou em 2009, ainda na graduação. Uma aluninha que desde quando entrou na universidade afirmava que chegaria ao doutorado. Uma aluninha que sonhava em chegar até aqui, ainda desajeitada sem saber bem como, desconhecendo as belezas e as dores deste percurso escolhido para trilhar. A única certeza que carregava: era este o caminho que desejava percorrer, ansiava vagar por esta jornada desconhecida, e assim o fez.

A trajetória até aqui não foi fácil, ninguém falou que seria, eu mesma sabia que não seria, e mesmo assim me joguei de cabeça, corpo e alma rumo ao desconhecido. A jornada foi repleta de aprendizados, sorrisos, amizades, amadurecimentos, descobertas, lágrimas e desafios. Onde o entroncamento de todas as vivências e experiências se desenhavam neste percurso assustadoramente encantador e surpreendentemente assustador que o processo de pesquisa me situava.

Uma pesquisa nunca é apenas uma pesquisa, ela fala de um lugar, ela diz sobre uma pessoa que está por trás dela e dá vida a ela, e neste percorrer, pessoa e pesquisa caminham em uma simbiose arrebatadora eu diria. Nesta caminhada era preciso lidar com um emaranhado de sentimentos, emoções, dúvidas, escolhas, inseguranças, medos e desafios pessoais que a vida te coloca, era uma constante luta pessoal para lutar pela e para minha pesquisa e, principalmente, por mim mesma. Frente a isso, parafraseando Manuel Bandeira, assim eu queria a minha última pesquisa... nem sempre dura, nem sempre caroável, e, a cada passo dado, a cada etapa cumprida uma celebração. Por isso gratidão é a palavra que representa toda essa jornada. Gratidão a mim mesma por perseverar, sou grata por toda a disciplina, força e coragem desempenhadas para vivenciar esse processo de pesquisa e pessoal transformador, o qual me oportunizou crescimento íntimo e profissional.

Gratidão à Deus por me amparar, consolar, guiar e me cobrir de força, coragem, ânimo e esperança durante toda essa trajetória. O aprofundamento da minha conexão com a presença divina me transformou e segue transformando e auxiliando na minha reforma íntima, na solidificação dos aprendizados e superação dos percalços da vida: “Eu sou

maior do que era antes. Estou melhor do que era ontem. Eu sou filho do mistério e do silêncio. Somente o tempo vai me revelar quem sou”.

Gratidão à minha família, meu alicerce, por toda compreensão, todo respeito, apoio e amor. Absolutamente nada disso seria possível, sem a presença da minha **mãe Dulcinéa (mãezinha)** que se doa constantemente, me dedicando um amor incondicional, meu exemplo de força, coragem, luta e resistência, mulher guerreira que me inspira e me ensina constantemente sobre perseverar. Minha **irmã Luanda (Lulis)** cuja a empatia e a luz transcendem como um abraço terno e acolhedor repleto de cuidado e carinho. Minha **avó Eunice (Vozinha)** por sua fé inabalável sempre rezando e zelando por mim com tamanha atenção e dedicação.

Gratidão à minha **Tia Pekena (Tia Pi)**, por sempre acreditar em mim e no meu potencial, por me proteger espiritualmente e ser tão atenciosa, amorosa e acolhedora. Sem a presença dessas mulheres gigantes em minha vida, esse processo não se concretizaria. Gratidão por celebrarem comigo, chorarem comigo, caminharem comigo e estarem sempre comigo. Gratidão família, por tanto, por serem tanto, por serem tudo. Gratidão família de todo o meu coração, do mais profundo da minha alma, e de todo o meu ser, amo vocês com toda minh'alma. É uma honra ter vocês como minha família.

Gratidão ao meu **noivo Tiago (momo)**, pelo companheirismo, compreensão, parceria, por ter acreditado em mim até mesmo quando eu não acreditava mais e por sempre me ensinar o quanto é importante cultivar a fé.

Gratidão ao meu **amigo Gabriel (Biel)** pela escuta, acolhida, apoio, parceria, conselhos, por acreditar em mim, celebrar minhas conquistas e pelos puxões de orelha, especialmente quando eu me cobrava excessivamente, sua amizade é um presente.

Gratidão a minha **amiga Bárbara (Bá)** por toda sua dedicação e cordialidade à nossa amizade, pela troca e escuta, por todo cuidado, suporte e aprendizados, sua presença em minha vida deixa meu coração mais quentinho.

Gratidão aos **meus amigos Ismael (Nito), Nayane (Nay), Morgana (Mó), Lara (Larinha) e Lu (Luzinha)** meus presentes da graduação em Turismo da UFMG, pela torcida, apoio, por sempre acreditarem no meu potencial e celebrarem comigo minhas conquistas.

Gratidão **Rê, Eminho e Naldo** meus presentes do processo de doutoramento, que tornaram a caminhada mais leve e divertida.

Gratidão a **minha psicóloga Gracielle Pouzas Ferreira**, por me auxiliar a lidar com meus desafios internos, minhas fragilidades e vulnerabilidades humanas, por potencializar meu autoconhecimento, por me fazer acreditar na minha potência, por celebrar minhas descobertas e avanços. Gratidão por ser essa pessoa tão iluminada e uma profissional tão humanizada, gratidão por tanto, gratidão por ser tanto.

Gratidão a **minha orientadora Christianne Luce Gomes** por ter acreditado em mim quando eu ainda era a aluninha recém-chegada na graduação, e, desde 2011 trilhamos essa caminhada juntas. Como aprendi e ainda aprendo com você, o quanto eu cresci e ainda cresço com você, o quanto eu me inspirei e ainda me inspiro em você. Meus mais sinceros agradecimentos por todos esses anos de partilha, parceria e amizade, tantos aprendizados, ensinamentos e lições, por todas as oportunidades que me permitiram crescer, por me acolher e escutar com tamanha ternura e cuidado, e por ser mais que uma educadora, ser uma amiga, uma mãe. Só tenho a te agradecer de coração por você fazer parte da minha vida e da minha trajetória acadêmica, e, principalmente, por ser parte de mais uma conquista, uma vitória que é essa tese. Com você eu não aprendi apenas lições para se concretizar uma pesquisa e sim lições para toda uma vida. Gratidão por tudo o que você representa em minha vida.

Gratidão a **minha eterna professora Ana Paula Guimarães Santos de Oliveira** por toda sua amizade, escuta, compreensão, acolhimento, oportunidades, por tantas lições de vida e aprendizados. Gratidão de todo o meu coração por confiar e acreditar em mim e no meu potencial. Sua presença em minha jornada trouxe o colo que eu tanto precisava, a leveza que eu ansiava, e a energia necessária que me impulsionou a seguir adiante.

Gratidão ao **meu eterno orientador José Alfredo Oliveira Debortoli** carinhosamente chamado de Zé, por todo seu apoio quando essa tese ainda permeava o plano das ideias e você me inspirou a dar vida a ela. Gratidão pela escuta, troca e direcionamentos ainda no projeto desta tese, a qual hoje concretizada, tem muito de ti e do que aprendi contigo na jornada que trilhamos juntos no mestrado.

Gratidão aos **24 entrevistados da pesquisa**, pela troca, aprendizados, pela partilha de suas histórias de vida e por me permitirem adentrar no mais íntimo do ser de cada um de vocês. Gratidão por enriquecerem essa pesquisa, por trazerem cor, vida e lições valiosas não apenas para a pesquisa. Gratidão aos **três hostels da pesquisa** que abriram suas portas e me acolheram de tal forma, fazendo com que eu me sentisse em casa.

Gratidão ao **meu eterno chefinho Igor Monteiro**, por ter plantado a sementinha que frutificou nesta tese. Gratidão pela oportunidade profissional que me permitiu crescer, me abriu portas, estimulou meu retorno ao contexto acadêmico, tendo sido um divisor de águas em minha trajetória acadêmica.

Gratidão ao **Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do lazer – PPGIEL**, a todo corpo docente e todo suporte, dedicação e competência do secretário do PPGIEL Danilo da Silva Ramos, que tanto me amparou nas demandas, dúvidas e solicitações durante essa trajetória.

Gratidão aos **professores Ana Paula Guimarães, Beth Wada, Luiz Octávio de Lima Camargo e Susana Gastal** por aceitarem compor a banca de defesa desta tese, como forma de contribuir para a avaliação deste trabalho com seus aprendizados e experiências, assim como aos **professores Ana Paula Spolon e José Alfredo Oliveira Debortoli**, pelo aceite como suplentes da banca.

Gratidão à **Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG**, que se tornou uma casa, fazendo parte da minha história de vida durante 13 anos. Gratidão às professoras e aos professores que passaram por minha trajetória nesta instituição. Gratidão por todas as amizades, oportunidades, crescimentos e aprendizados. Gratidão por tantas memórias, recordações, histórias, e, por tudo o que foi vivido, sentido e experienciado nesta casa chamada UFMG, que não educa apenas futuros profissionais, pois educa pessoas para a vida.

A presente tese guarda em si um significado extremamente profundo e simbólico aos meus olhos, por representar não apenas a despedida de uma trajetória de 4 anos e, sim de toda uma jornada iniciada em 2009. Sou profundamente grata pelo privilégio de tido o acesso à universidade pública (viva o ensino superior público no Brasil!) e o quanto estudar nesta instituição me transformou como pessoa, cidadã e profissional. Fazendo jus a frase que representa a UFMG “*Incipit vita nova*”, de fato uma vida nova começou no

primeiro dia em que pisei nesta universidade e agora na conclusão deste ciclo uma nova vida começa.

“A alma não tem segredo que o comportamento não revele.”

Lao-Tsé.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivos: compreender de que maneira são estabelecidas as interações de anfitriões e hóspedes em hostels de Belo Horizonte-MG, identificar as motivações e percepções desses sujeitos em relação a este meio de hospedagem e investigar de que forma as práticas de lazer se manifestam nestes contextos. A metodologia, de natureza qualitativa, envolveu pesquisa de campo em três hostels da cidade de Belo Horizonte, sendo estes selecionados por critérios previamente estipulados. Além da estratégia de observação, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 24 sujeitos, sendo 18 hóspedes e 6 anfitriões. Os dados coletados foram sistematizados e analisados por meio da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), sendo esta técnica complementada e enriquecida com o auxílio do software Nvivo. Os resultados da pesquisa evidenciaram que as interações humanas em hostel são a base mobilizadora de experiências dentro dos espaços investigados. As relações entre hóspedes e destes com anfitriões são tecidas por meio de laços afetivos, amizade, retribuições e aprendizados, disparando assim um fluxo cotidiano de novas práxis e tramas associadas ao lazer e à hospitalidade. Uma manifestação do lazer que ficou em evidência foram as conversações dos sujeitos durante a estadia no hostel, alicerçadas nas festas, celebrações e variadas formas de sociabilidade e experiências, inclusive o consumo de práticas consideradas ilícitas, como o uso da maconha. O predomínio da hospitalidade doméstica, conjugada à comercial, descortinou o hibridismo do fenômeno no contexto investigado, possibilitando ampliar as discussões sobre o tema, dado o embrionário debate no que se refere à manifestação da dádiva em contextos comerciais. Os anfitriões entrevistados acreditam que a forma de tratamento desempenhada no hostel está associada ao seu perfil hospitaleiro, seja como profissional e/ou como pessoa, revelando a predileção e vocação pelo servir, bem como traços de personalidade hospitaleira. Isso coloca em evidência o papel imprescindível de anfitriões para a concretização da hospitalidade genuína nos hostels, não se resumindo, portanto, a um mero exercício cênico nesse contexto. A percepção do hostel como “casa” é reconhecida tanto por anfitriões como hóspedes, assim como a possibilidade de conhecer e interagir com pessoas e culturas distintas, que são aspectos constituintes da motivação dos sujeitos em relação a este tipo de hospedagem. No entanto, este cenário não está isento de tensionamentos, conflitos e paradoxos, indicando que os principais se referem aos ruídos, à desordem verificada nos quartos e na cozinha, dificuldades relacionadas ao uso coletivo do banheiro, a nudez e a intimidade sexual que tensionam a privacidade, sobretudo, nos quartos compartilhados, gerando desconfortos e constrangimentos em alguns hóspedes e desafios para os anfitriões. Conclui-se que as interações humanas no contexto hostelero são protagonizadas por hóspedes e anfitriões, que, de maneira subjetiva, vivenciam e dão vida à dinâmica cotidiana de um hostel por meio de incontáveis práticas e infundáveis experiências.

Palavras-chave: Hostel. Lazer. Hospitalidade. Interações humanas. Belo Horizonte.

ABSTRACT

This research aims to: understand how the interactions between hosts and guests are established in hostels in Belo Horizonte-MG, identify motivation and perceptions of these subjects regarding accommodation meanings and also investigate how leisure practices are manifest in those contexts. The methodology, of a qualitative nature, involved field research in three hostels in the city of Belo Horizonte, which were selected according to previously stipulated criteria. In addition to the observation strategy, semi-structured interviews were carried out with 24 subjects, being 18 guests and 6 hosts. The collected data were systematized and analyzed using the content analysis proposed by Bardin (2011), this technique has been complemented and enriched with the help of the Nvivo software. The research results showed that human interactions in hostels are the foundation for mobilizing experiences within the investigated spaces. The relationships between guests and hosts are woven through affective bonds, friendship, retribution and learning, thus triggering a daily flow of new praxis and plots associated with leisure and hospitality. A manifestation of leisure could also be evidenced when subjects mentioned conversation generated during their stay in the hostels. It was based on parties, celebrations and various forms of sociability and experiences, including the consumption of practices considered illegal, such as the use of marijuana. The predominance of domestic hospitality, combined with commercial hospitality, revealed the hybridity of the phenomenon in the investigated context, making it possible to broaden the discussions on the subject, given the embryonic debate regarding the manifestation of the gift in commercial contexts. The hosts interviewed believe that the treatment performed at the hostel is associated with their hospitable profile, either as a professional and/or as a person, revealing their predilection and vocation for serving, as well as hospitable personality traits. This highlights the essential role of hosts for Making a genuine hospitality in hostels possible, not only being reduced, therefore, to a mere scenic exercise in this context. The perception of the hostel as a “home” is recognized by both hosts and guests, as well as the possibility of meeting and identifying the motivation and perceptions of these subjects in relation to this means of accommodation and investigate how leisure practices are manifest in these contexts, with different people and cultures, which are constituent aspects of the subject’s motivation in relation to this type of accommodation. However, this scenario is not free from tensions, conflicts and paradoxes, indicating that the main ones refer to noise, the disorder verified in the bedrooms and kitchen, difficulties related to the collective use of the bathroom, nudity and sexual intimacy that conflicts with the privacy, especially in shared rooms, causing discomfort and embarrassment for some guests and challenges for the hosts. It is concluded that human interactions in the hostel context are carried out by guests and hosts, who, subjectively, experience and liven up daily dynamics of a hostel through countless practices and endless experiences.

Keywords: Hostel. Leisure. Hospitality. Human interactions. Belo Horizonte.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivos: comprender cómo se establecen las interacciones de los anfitriones y huéspedes en los albergues de Belo Horizonte-MG, identificar las motivaciones y percepciones de estos sujetos en relación a este tipo de alojamiento e investigar cómo se manifiestan las prácticas de ocio en estos contextos. La metodología, de carácter cualitativo, involucró una investigación de campo en tres albergues de la ciudad de Belo Horizonte, que fueron seleccionados según criterios previamente estipulados. Además de la estrategia de observación, se realizaron entrevistas semiestructuradas a 24 sujetos, siendo 18 invitados y 6 anfitriones. Los datos recolectados fueron sistematizados y analizados mediante el análisis de contenido propuesto por Bardin (2011), siendo esta técnica complementada y enriquecida con la ayuda del software Nvivo. Los resultados de la investigación mostraron que las interacciones humanas en un albergue son la base para movilizar experiencias dentro de los espacios investigados. Las relaciones entre huéspedes y entre huéspedes y anfitriones se tejen a través de vínculos afectivos, de amistad, de retribución y de aprendizaje, desencadenando así un flujo diario de nuevas praxis y tramas asociadas al ocio y la hospitalidad. Una manifestación de ocio que se hizo evidente fueron las conversaciones de los sujetos durante su estancia en el albergue, a partir de fiestas, celebraciones y diversas formas de sociabilidad y vivencias, incluido el consumo de prácticas consideradas ilegales, como el uso de marihuana. El predominio de la hospitalidad doméstica, combinada con la hospitalidad comercial, reveló la hibridación del fenómeno en el contexto investigado, posibilitando ampliar las discusiones sobre el tema, dado el embrionario debate sobre la manifestación del don en contextos comerciales. Los anfitriones entrevistados creen que la forma de trato que se realiza en el albergue está asociada a su perfil hospitalario, ya sea como profesional y/o como persona, revelando su predilección y vocación por el servicio, así como rasgos de personalidad hospitalaria. Esto pone de manifiesto el papel esencial de los anfitriones para la realización de una genuina hospitalidad en los albergues, no reduciéndose, por tanto, a un mero ejercicio escénico en este contexto. La percepción del albergue como un “hogar” es reconocida tanto por los anfitriones como por los huéspedes, así como la posibilidad de conocer e interactuar con diferentes personas y culturas, que son aspectos constitutivos de la motivación de los sujetos en relación a este tipo de alojamiento. Sin embargo, ese escenario no está exento de tensiones, conflictos y paradojas, indicando que los principales se refieren al ruido, el desorden verificado en los dormitorios y la cocina, las dificultades relacionadas con el uso colectivo del baño, la desnudez y la intimidad sexual que tensionan la intimidad, especialmente en habitaciones compartidas, causando incomodidad y vergüenza para algunos huéspedes y desafíos para los anfitriones. Se concluye que las interacciones humanas en el contexto del albergue son protagonizadas por huéspedes y anfitriones, quienes subjetivamente experimentan y dan vida a la dinámica cotidiana de un albergue a través de innumerables prácticas y un sinfín de vivencias.

Palabras clave: Hostal. Ocio. Hospitalidad. Interacciones humanas. Belo Horizonte.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O processo da hospitalidade.....	50
Figura 2 – Categorias do Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem	56
Figura 3 – Nuvem de palavras – Processo de receber hóspedes na visão dos anfitriões	106
Figura 4 – Nuvem de palavras – Hospitalidade em hostel para os anfitriões.....	118
Figura 5 – Nuvem de palavras – “A chegada do que chega”: do espanto a familiarização do hóspede	120
Figura 6 – Nuvem de palavras – Percepção de casa - anfitriões	124
Figura 7 – Nuvem de palavras – Percepção de casa - hóspedes.....	125
Figura 8 – Nuvem de palavras – Práticas de lazer em hostel	137
Figura 9 – Categorização das práticas de lazer hosteleiras	156
Figura 10 – Nuvem de palavras – Desafios hosteleiros na percepção de hóspedes e anfitriões	157
Figura 11 – Nuvem de palavras – Percepção dos hóspedes em relação a hospitalidade em hostel.....	172
Figura 12 – Nuvem de palavras – O que fica ao final da estadia na percepção de hóspedes e anfitriões.....	179

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sistema de critérios para a seleção dos hostels investigados	32
Quadro 2 – Sistema de codificação	40
Quadro 3 – Sistema de categorização da pesquisa	42
Quadro 4 – Panorama de pesquisas stricto sensu de hostel no Brasil (2015/2019).....	58
Quadro 5 – Áreas físicas dos hostels belo-horizontinos investigados	99
Quadro 6 – Tipos de regras reforçadas no check-in	113

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – “Avaliação de demanda turística em Belo Horizonte (2017)”	72
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BELOTUR	Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte
Cadastur	Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
COVID	Doença do Coronavírus
EMBRATUR	Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo
FGV	Fundação Getúlio Vargas
HI	<i>Hostelling International</i>
MTur	Ministério do Turismo
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMS	Organização Mundial da Saúde
OTMG	Observatório de Turismo de Minas Gerais
PBH	Prefeitura de Belo Horizonte
SARS-CoV-2	Coronavírus 2 da síndrome respiratória aguda grave
SBClass	Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 A JORNADA PRECÍPUA DA PESQUISADORA.....	21
2 OS CAMINHOS INICIAIS DA PESQUISA	23
2.1 Justificativa e relevância da pesquisa	28
2.2 Trilhas metodológicas	30
3 CAMINHANDO PARA A HOSPITALIDADE	43
3.1 Facetas da hospitalidade.....	47
3.2 Algumas considerações.....	55
4 HOSTEL: UM CAMPO DE TRAVESSIAS MÚLTIPLAS	57
4.1 Gênese hosteleira: Uma jornada tríplice	57
4.2 Tessitura hosteleira: Mas, afinal, como o hostel é compreendido?	72
4.2.1 Interações humanas no contexto hosteleiro.....	81
5 O MOVIMENTO HOSTELEIRO EM BELO HORIZONTE-MG	89
5.1 Apresentação do campo de pesquisa	90
5.1.1 Sobre os sujeitos da pesquisa: caracterização do perfil	90
5.1.2 Sobre os hostels investigados: caracterização e dimensionamento	99
5.1.3 Considerações precípuas do receber e hospedar hosteleiro.....	100
5.2 O CHECK-IN: “aquela alma de receber pessoas”	103
5.2.1 O ambiente preambular de receber pessoas e suas implicações.....	109
5.3 A ESTADIA: dinâmica social do hostel e as infindáveis experiências humanas hosteleiras	120
5.3.1 Percepções e motivações dos sujeitos em hostel e suas nuances	120
5.3.2 Práticas de Lazer em hostel	136
5.3.3 O paradoxo hosteleiro: entre camas e louças	157
5.3.4 Hostel e Hospitalidade: sinônimo? Diferencial?	171

5.4 O CHECK-OUT: o fim de uma jornada e um novo começo	178
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	190
REFERÊNCIAS	198
APÊNDICES	210

1 A JORNADA PRECÍPUA DA PESQUISADORA

Interagir com pessoas, lugares, paisagens, ser pesquisadora e viajante, praticar o lazer/trabalho de campo, a ordem de ambos não se faz necessária dizer, dado o hibridismo constante no processo de pesquisa aqui contemplado. Era uma turista dentro da própria cidade, uma pesquisadora dentro da própria cidade, uma simbiose de papéis que oscilavam constantemente.

Há delícias e desafios de se pesquisar um objeto em sua terra natal, a pesquisa em vários momentos te convida a (re) olhar lugares e paisagens as quais no automatismo da vida tornam-se naturalizadas aos olhos de quem vê.

A pesquisa te convida a ver a cidade também pelos olhos de outrem, tanto do viajante que vê pela primeira vez o destino e suas peculiaridades, quanto aquele que revisita aquela destinação. Ela por vezes, te convida a ser uma viajante na sua própria cidade, a olhar como se fosse a primeira vez as paisagens, as pessoas e os lugares.

Parafraseando Miguel Bahl (2004), acredita-se de fato que o ser humano em viagem não é o mesmo ser humano de seu ambiente habitual, e quando ele retorna da viagem, não é o mesmo de antes, afinal experimentar a viagem é um agente potencializador para o aprendizado, amadurecimento, crescimento, autoconhecimento e até mesmo para a perda de determinada ilusão. Alicerçada a essa perspectiva nasceu a viajante-pesquisadora.

Redescoberta é a palavra que inspirou o processo de pesquisa, redescoberta da própria pesquisa, da própria cidade, da própria história e de si mesma. E esse redescobrir só foi possível pelo ato de vagar. Durante a coleta de dados foi preciso em vários momentos vagar de um hostel a outro, e pelo caminho, acometida por paisagens, lugares e pessoas a pesquisa se delineava.

Ao adentrar nos hostels, era um vagar pela própria dinâmica dos espaços, um vagar interno, pelos cômodos, áreas, rotinas de hóspedes e anfitriões e pela rotina própria como pesquisadora. O vagar também se fez presente ao entrevistar os sujeitos, vagando pelas histórias de vida, experiências e pelos sentimentos. Com eles ocorreu ainda o vagar junto, pois diversas foram as oportunidades de ir aos locais da cidade que os hóspedes escolhiam “turistar” como diziam. E, como não falar do vagar pelas páginas de livros, textos, imagens e fotos durante o processo da investigação, e assim, mais uma vez o vagar acometia a pesquisadora.

E, neste vagar de página em página, de texto em texto encontra-se o termo *Wanderlust* derivado do alemão, significando: sede por vagar. Tal palavra guiou o movimento estudantil da Alemanha denominado *Wandervogel* fundado em 1901 e anos mais tarde em 1909, inspirou a idealização dos hostels tornando-se um termo crucial para a compreensão da essência do universo hosteleiro.

Por tais razões a pesquisadora se automeia *wandern*, ou em português: a vagante, pois foi inspirada na filosofia *Wanderlust* que o processo da investigação se delineou. Mas, afinal, o que é ser uma *wandern*? Dentre os variados princípios, é ter um espírito livre e aventureiro, é um ser em uma incansável busca, busca pelo mundo, pelo outro e por si mesma, é um retorno e contato íntimo consigo mesma e com o ambiente ao seu redor, diz ainda sobre o respeito pela natureza.

É aprender a observar, é se abrir para conhecer novos lugares, culturas, povos, com respeito e tolerância frente a diversidade, é o entendimento entre as pessoas, é uma experiência individualizada e coletivizada simultaneamente. Esta é a arte do vagar, de ser uma vagante, esta é a essência de ser uma pesquisadora *wandern*, esta é a essência de uma pesquisa *wandern*.

2 OS CAMINHOS INICIAIS DA PESQUISA

“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.”

(Cora Coralina)

“*O que emerge das interações humanas estabelecidas no contexto de hostel?*”. É com base nesta pergunta de partida que se inaugura a presente investigação. Caracterizado pela bibliografia da área enquanto um espaço voltado para a sociabilidade, um hostel¹ está além de um meio de hospedagem, com tarifas reduzidas que se dedica à oferta de um produto final: cama. Como já disse Cró (2018) consiste em um fenômeno de nível global que precisa ser visto de maneira consistente.

Suas raízes são profundas e longínquas, tendo sua gênese alicerçada na juventude estudantil alemã, tendo como referência o professor Richard Schirrmann, figura considerada precursora do movimento hosteleiro. Schirrmann criou, em 1912, o primeiro hostel do mundo. Ele foi instalado no Castelo de Altena, na Alemanha, existente até a atualidade.

No Brasil, sua implantação, como lembra Giaretta (2003), ocorreu na década de 1960, por iniciativa do casal Joaquim e Yone Trotta. Após conhecerem o movimento de hostel europeu, o casal fundou a Residência Ramos, localizada no Rio de Janeiro, materializando-se, desta forma, o primeiro empreendimento desta natureza no país.

Cabe destacar que tanto no Brasil, quanto no exterior, o hostel passou a adquirir uma nova roupagem, sendo incorporado à atividade turística de cada país. Dessa maneira, tornou-se um tipo de acomodação de apoio ao turismo, utilizado para hospedar os visitantes de outras localidades, tendo como base a interação entre os sujeitos e o estímulo dado aos visitantes para vivenciar o turismo e o lazer da cidade visitada (BAHLS, 2015; 2018). Conforme Giaretta (2003) salienta, o hostel:

¹ Optou-se para a pesquisa em questão utilizar a palavra hostel originária de hospedaria, em detrimento de albergue (tradução do inglês), devido à carga pejorativa que a palavra ainda carrega, pois no Brasil, albergue é conhecido como um lugar para abrigar pessoas em situação de vulnerabilidade social conforme expressam os autores Silva e Köhler (2015, p.55): “[...] albergue é a denominação dada para estabelecimentos que atendem a população em situação de rua”. Nesse sentido, sobretudo no imaginário social, associar hostel a albergue ainda é uma questão problemática. Sendo assim, acrescenta-se: “os vocábulos hostel e albergue ainda são acometidos por certa imprecisão terminológica-conceitual, o que demonstra a necessidade de se aprofundar essa questão” (PEREIRA; GOMES, 2021, p.17).

[...] é um meio de hospedagem associativo que forma a maior rede econômica do mundo, associado à marca *Hostelling International*². Difundida por 70 países, oferece um padrão mínimo de conforto, ambiente descontraído, **propício a encontrar pessoas** para formar amizades por todo o mundo e conhecer o máximo com o mínimo de gasto. (GIARETTA, 2003, p. 78). (Grifo da autora).

Recuando no tempo, vale destacar que Schirrmann tornou-se conhecido em 1909 por oferecer excursões escolares (nos finais de semana e feriados) aos alunos pelo interior da Alemanha, utilizando a princípio as escolas da região para acomodar os estudantes nas salas de aula destes espaços, após os trabalhos de campo do grupo (THOMAZI, 2019; BAHLS, 2015). Retorno a uma vida simples, contato com a cultura local e com a natureza e proporcionar a interação social, foram alguns dos ideais que inspiraram o professor a realizar tais passeios com enfoque em um processo de aprendizado que extrapolasse os muros das escolas.

Assim, nasce este tipo de alojamento com características distintas do sistema de hospedagem considerado tradicional, com ambientes compartilhados, tais como quartos, cozinha, bem como áreas externas e comuns. E, por meio destas características físico-estruturais, a sociabilização pode ser facilitada. Preconizar a interação entre os sujeitos é, portanto, a dimensão fundante de um hostel, e por sê-lo a partilha que se faz almejada, consentida e estimulada com vistas a impulsionar tal possibilidade.

Mal sabia o professor que este simples ato de vagar, por meio das excursões escolares, viria a conduzir a idealização de um meio de hospedagem que perdura até os dias de hoje. Mesmo com a dinâmica do tempo, com as diferenciações socioculturais, históricas e turísticas de cada território, prevalece a tônica do legado deixado pelo professor: o hostel é um espaço social, regido pelas interações humanas. Em face deste cenário, busca-se responder aos seguintes questionamentos:

Como se estabelecem as interações entre anfitriões e hóspedes nos hostels? O que emerge de possibilidades e desafios das interações humanas nestes espaços? Como os hóspedes e anfitriões percebem este tipo de hospedagem? Quais as motivações desses sujeitos? De que maneira as práticas manifestadas nestes ambientes podem assumir feições de lazer?

²“É uma rede mundial de associações de albergues da juventude com fins não lucrativos.” Disponível em: <https://www.hihostels.com/pt>. Acesso em: 05 set. 2021.

É a partir dessas indagações norteadoras que se realizou uma investigação objetivando compreender o contexto de hostel de Belo Horizonte/MG considerando a dinâmica das interações humanas neste ambiente.

Com vistas a alcançar a referida proposta, formulou-se os seguintes objetivos específicos da pesquisa: a) averiguar como se estabelecem as interações dos sujeitos nos hostels de Belo Horizonte, trazendo à tona possibilidades e desafios da tríplice relação entre anfitriões, hóspedes e hostel; b) identificar as motivações e percepções de hóspedes e anfitriões em relação ao hostel; c) investigar de que forma as práticas manifestadas nestes ambientes assumem feições de lazer.

Para sustentar o preâmbulo exposto, parte-se de dois entendimentos, o primeiro se refere ao lazer como uma necessidade humana e dimensão da cultura, fundado na fruição de práticas sociais, constituídas em um cenário cultural (GOMES, 2014). Nesse ínterim, o lazer pode ser satisfeito: “de múltiplas formas, segundo os valores e interesses dos sujeitos, grupos e instituições em cada contexto histórico, social e cultural. Por isso, o lazer precisa ser tratado como um fenômeno social, político, cultural e historicamente situado” (GOMES, 2014, p.9).

Isso leva a refletir sobre o lazer enquanto um fenômeno social, complexo, que perpassa o processo relacional e o dinamismo humano nos mais distintos contextos e realidades. São múltiplas as possibilidades de lazer, dada a complexidade inerente a esse fenômeno. Nesse sentido, “[...] as festas e celebrações, as práticas corporais, os jogos, as músicas, as conversações e outras experiências de sociabilidade podem assumir a feição de lazers que têm significados e sentidos singulares para os sujeitos que as vivenciam ludicamente” (GOMES, 2014, p.9).

O lazer, manifestando-se então, em contextos variados, um emaranhado de sentidos e significados são concebidos e reproduzidos nas relações estabelecidas entre os sujeitos e destes com o ambiente ao seu redor. Gomes (2014) ressalta o dinamismo que compõe o fenômeno, especialmente quando se trata da dimensão cultural que lhe é inerente. Sob este viés, o lazer é demarcado pela diversidade e pelas “identidades distintivas de cada grupo social”, não estando, portanto, isento de situações de tensionamentos, conflitos e contradições. Assumindo então, feições variadas e manifestando-se em distintos espaços. O lazer pode ser igualmente constituído como uma possibilidade para o encontro hospitaleiro.

O que leva ao segundo entendimento: a hospitalidade. A compreensão da hospitalidade considerando o viés social, o qual abarca os atos de receber, hospedar,

alimentar e entreter (CAMARGO, 2011). Neste processo, o fenômeno carrega a tônica dos relacionamentos humanos regidos pelos quatro eixos supracitados. Na visão do autor, a partilha da hospitalidade envolve os sentimentos das pessoas, a criação de laços simbólicos e a busca dos indivíduos pelo diferente. Neste encontro de subjetividades, a trama da hospitalidade pode culminar no processo de estreitamento ou esgarçamento do vínculo social.

Aprofundar na maneira como os sujeitos aceitam essa interação, como ocorre esse dividir-se com estranhos e a relação com o ambiente é a direção para a qual o autor acredita que a hospitalidade precisa ser pensada e refletida. Colocações necessárias e urgentes de serem analisadas no contexto de hostel como forma de compreender a dinâmica social ali tecida, bem como a profundidade das relações humanas manifestadas neste espaço.

Sob esse ponto de vista, compreender o movimento hosteleiro sob a égide do lazer e da hospitalidade é lançar luz sobre as questões mais íntimas e subjetivas inerentes ao ser humano e ao contexto no qual ele está inserido, bem como as implicações e experiências trazidas por meio desse processo. O que leva a se pensar no processo relacional dos hostels considerando as variadas formas de interagir dos sujeitos. E, por fim, desvelar os limites e as possibilidades que permeiam os aspectos subjetivos do fenômeno de hostel, é o que a presente investigação se atreve a refletir.

Em face dessas considerações, uma indagação que se faz pertinente: porque a cidade de Belo Horizonte como locus da pesquisa? Respondendo a este questionamento recorre-se a duas linhas argumentativas. A primeira diz respeito à consolidação de Belo Horizonte como destino indutor do turismo em nível nacional.

Isso é devido ao fato do município contemplar uma infraestrutura básica e de apoio ao turismo, com oferta de atrativos e produtos turísticos, e ainda por ser considerado um núcleo receptor e emissor de fluxo turístico, conforme expresso no mais recente Índice de Competitividade do Turismo Nacional do Ministério do Turismo (MTur), elaborado em 2015 pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Mediante a isso:

Belo Horizonte é a cidade que mais cresceu na oferta de produtos turísticos nos últimos anos - que atuam sinergicamente com os atrativos já consolidados da cidade. E classificou-se em quinto lugar entre os índices totais de expansão dos destinos indutores, além do reconhecimento do Ministério das boas práticas estabelecidas pela Belotur. (BELOTUR; PBH, 2018, p.7).

Nesse sentido, a cidade conta com uma oferta turística ampla, sendo a hospitalidade e os meios de hospedagem avaliados como o primeiro e o terceiro melhor serviço respectivamente, de acordo com a pesquisa disponibilizada sobre a demanda turística (2019) elaborada pela Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte (Belotur), e pelo Observatório de Turismo de Minas Gerais (OTMG).

A segunda justificativa se refere à importância de estudos dedicados à temática “hostel” para além do eixo Rio-São Paulo. Essa região, além de abarcar um número significativo de empreendimentos desta natureza, concentra a maior parte das publicações brasileiras sobre hostel, em comparação com os demais Estados brasileiros (BAHLS, 2015). Assim, é necessário e urgente estudar o fenômeno em realidades distintas visando ampliar os debates e aprofundar as discussões da área.

Cabe ainda considerar os acontecimentos externos que se interpõem tecendo novas abordagens, significados, sentidos, tensões e desafios para um dado fenômeno. Afinal, para sua compreensão parte-se do princípio de que um fenômeno não está descolado das intercorrências do meio externo, uma vez que podem impactar sobremaneira seu andamento.

Entre essas intercorrências pode ser citada a pandemia de COVID-19, deflagrada pelo novo coronavírus denominado de SARS-CoV-2, doença identificada e transmitida de pessoa a pessoa na China, na cidade de Wuhan em dezembro de 2019, seguida de sua disseminação que atingiu patamares de nível mundial. Este contexto pandêmico trouxe consigo inúmeras restrições como a imposição de quarentena, suspensão de atividades comerciais e serviços não essenciais, toque de recolher, limitações na mobilidade, distanciamento social dentre outras medidas.

Em face desse cenário, pesquisas sinalizam que o turismo foi um dos setores mais afetados pela pandemia, indistintamente e em nível global, desde empreendimentos de grande porte até de pequeno porte, sendo o ramo de meios de hospedagem um deles (SEBRAE, 2020). Similarmente, de acordo com os estudos da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o setor turístico foi gravemente afetado, estimando uma queda entre 60% a 80% na economia do turismo em escala mundial (OCDE, 2020).

Colapsados, diversos setores não essenciais, como o turístico, viram-se obrigados a suspender as atividades visando ao cumprimento das medidas de prevenção e controle da doença, preconizadas pelos órgãos responsáveis, a exemplo da Organização Mundial de Saúde (OMS). Consequentemente, os micro e pequenos empreendimentos podem

figurar como aqueles mais ameaçados ao encerramento das atividades, seja pela baixa ou ausência de fluxo de caixa e/ou reservas para manter o negócio durante a interrupção temporária.

Como é o caso de alguns hostels localizados na cidade de Belo Horizonte, que em função da pandemia vigente, tiveram suas atividades encerradas (PEREIRA; GOMES, 2020), colocando em evidência o impacto que acontecimentos externos podem gerar em um fenômeno como o hostel, por exemplo. Além disso, tendo em vista que consiste em um ambiente essencialmente sociável, as interações humanas estabelecidas dentro destes espaços podem se ver igualmente afetadas.

Ainda que a retomada das atividades tenha ocorrido, na medida em que avançaram as pesquisas sobre a COVID-19 bem como a vacinação da população, os hostels se viram diante de um dilema: de um lado o contexto pandêmico que impõe o distanciamento social e de outro o hostel preconiza a interação social. O que sugere, portanto, um olhar não apenas para o impacto econômico sofrido pelos mais diversos empreendimentos, tal como os hostels, mas, sobretudo os possíveis impactos nas relações humanas estabelecidas nestes espaços.

O tópico a seguir apresenta os argumentos que justificam a pesquisa, bem como sua relevância.

2.1 Justificativa e relevância da pesquisa

Essa pesquisa se justifica por três perspectivas a serem apresentadas a seguir: A primeira refere-se ao levantamento prévio realizado, o qual propiciou identificar três características acerca do meio de hospedagem do tipo hostel, tais como: 1) Aumento desses espaços em Belo Horizonte últimos anos; 2) Contexto que propiciou a abertura de novos hostels, e, por fim, 3) Práticas de lazer e turismo nestes espaços.

Relativo ao aumento verificou-se de acordo com a pesquisa de Guimarães (2009), a presença de 4 hostels na capital mineira no ano de 2009. No decorrer dos anos, entre aberturas e fechamentos, até 2019 antes da pandemia de COVID-19, no levantamento realizado Belo Horizonte contemplava 26 desses espaços, os quais estão espalhados em diversos lugares da cidade, sendo a maior concentração na região centro-sul da cidade³.

³ Realizou-se um levantamento prévio dos hostels de Belo Horizonte, o qual se encontra detalhado na metodologia a ser apresentada posteriormente.

No que tange ao contexto facilitador para a abertura desse tipo de hospedagem, destaca-se que em Belo Horizonte grande parte desses espaços foi inaugurada no período que antecedeu a Copa do Mundo de 2014. Sendo assim, esse megaevento no Brasil, estimulou a abertura de diversos hostels pelo país, sendo considerado um dos principais motivos da expansão desses alojamentos (SILVA; KÖHLER, 2015).

No que concerne às práticas de lazer e turismo,⁴ identificou-se práticas internas e externas oferecidas por alguns hostels belo-horizontinos. Atividades na natureza, culturais, noturnas e eventos dos mais diversos tipos realizados dentro dos estabelecimentos, foram algumas das possibilidades detectadas no levantamento feito por Pereira em 2019.

Tal iniciativa corrobora com a literatura da área sob dois parâmetros: a) refere-se ao fato deste tipo de hospedagem⁵ ser facilitador de diálogos e socialização entre os hóspedes, protagonizado por vezes pelas práticas internas que realiza; e, b) referente ao estímulo dado ao hóspede para realizar experiências na cidade visitada, seja promovendo atividades *outdoor* ou indicando possibilidades para os hóspedes. Dessa forma, este levantamento, foi um processo instigante no sentido de se pensar nas possibilidades de estudos sobre esse movimento hostelero em Belo Horizonte.

Em segundo lugar, o estudo em questão se justifica pela necessidade de sistematização de pesquisas sobre hostels, uma vez que se verificou a incipiência de investigações sobre essa temática especialmente no contexto brasileiro⁶. Assim sendo, ratifica-se a contribuição da pesquisa sugerida nesta investigação, especialmente por duas razões. A primeira se refere à possibilidade de realizar uma tese sobre o tema, dada a incipiência desse tipo de pesquisa (PEREIRA; GOMES, 2021; PEREIRA; BAHLS, 2017a). Já a segunda consiste em avançar nas lacunas dos estudos sobre hostels existentes, especialmente em três aspectos descritos a seguir:

a) perpassar as investigações existentes que associam o tema ao binômio turismo e juventude e ainda ao termo *backpacker* (mochileiro), pois conforme parte da bibliografia

⁴ As atividades foram identificadas nos sites dos hostels encontrados no levantamento inicial citado anteriormente.

⁵ GIARETTA, 2003; HETCH, MARTIN, 2006; SATYRO, PINHEIRO, 2006; O'REGAN, 2010; SARAIVA, 2013; FISCHMANN, ANDRADE, KIM, 2014; BAHLS, 2015; SILVA, KÖHLER, 2015; SEBRAE, 2015; CANAN, FERREIRA, CASAGRANDA, 2017; BAHLS, 2018.

⁶ THOMAZI, 2019; BAHLS, PEREIRA, 2017a; SILVA, KÖHLER, 2015; OLIVEIRA, FALCÃO, 2014.

da área enfatiza os hostels têm recebido cada vez mais hóspedes com diferentes motivações, perfis e idades não se enquadrando apenas nessas categorias;

b) foco nas relações intersubjetivas em detrimento do enfoque mercadológico que domina os estudos dessa área, apresentando em sua maioria dados quantitativos, incipientes de uma análise qualitativa (THOMAZI, 2019; PEREIRA; BAHLS, 2017a);

c) olhar para as nuances das interações humanas constituídas nestes espaços, a partir da convivência entre distintos sujeitos (anfitriões e hóspedes), dada a multiculturalidade presente em um hostel, aspectos igualmente pouco explorados pela bibliografia.

Como terceira e última perspectiva, este estudo, submetido ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, especificamente na linha de pesquisa “Identidade, sociabilidades e práticas de lazer”, figurou como uma oportunidade para desvelar nuances sobre o meio de hospedagem aqui estudado. Por fim, espera-se difundir o tema, especialmente no meio acadêmico, com vistas a incentivar a formulação de novos estudos e avançar nas discussões, estreitando laços e ampliando os debates entre lazer, hospitalidade e hostel.

2.2 Trilhas metodológicas

A presente investigação ancorou-se na abordagem qualitativa, sob esse viés, esse tipo de pesquisa tem como potencial auxiliar no processo de interpretação da dinâmica da vida humana, na qual os sujeitos estão constantemente (re) agindo de acordo com sentimentos, emoções e valores nos mais distintos contextos. Nesse sentido, pesquisar qualitativamente, segundo Gaskell (2002, p.65) pauta-se na compreensão detalhada das atitudes, motivações, crenças e dos “comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos”. Para o autor, esta modalidade de pesquisa propicia compreender o processo relacional dos indivíduos nos cenários em que fazem parte.

Similarmente; Turato (2005), afirma que as pesquisas de cunho qualitativo devem estudar as crenças, hábitos, atitudes, valores e opiniões dos sujeitos, favorecendo o entendimento dos sentidos e significados dos acontecimentos para os sujeitos. Além de contribuir para a compreensão das interações socioculturais e simbólicas. Para o autor, dessa forma, é possível entender e interpretar o cenário vivenciado pelos indivíduos, uma vez que os pesquisadores podem adentrar na subjetividade do fenômeno e estudá-lo em profundidade.

Nesse sentido, para se atingir os objetivos da presente investigação, dividiu-se o percurso metodológico em três momentos: pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo envolvendo observações e entrevistas e, por último, análise de dados. O primeiro momento foi composto pela pesquisa bibliográfica, a qual para Dencker (1998, p. 125) deve ser desenvolvida: “a partir de um material já elaborado: livros e artigos científicos. [...] toda pesquisa requer uma fase preliminar de levantamento e revisão da literatura existente para elaboração conceitual e definição dos marcos teóricos”. A autora endossa ainda, que a pesquisa bibliográfica se caracteriza por meio de três aspectos: um maior grau de amplitude, a economia de tempo e a facilidade do processo de levantamento de dados.

Nesse quadro, realizou-se um levantamento da produção existente acerca do tema, visando à apreensão do conteúdo de hostel alicerçado as compreensões que o cerceiam, discutindo o cerne desse meio de acomodação. Concomitantemente, realizou-se leituras sobre a produção acadêmica do lazer e da hospitalidade contribuindo assim, para compor a base da investigação proposta. Já o segundo momento, foi composto por três etapas a serem detalhadas a seguir.

Etapa 1: Seleção dos hostels

Nesta etapa, primeiramente, realizou-se um levantamento para conhecer a realidade quantitativa dos meios de hospedagem de Belo Horizonte. Para isso, fez-se uma busca na plataforma *Booking*⁷ onde foram encontradas 26 propriedades denominadas hostels⁸. Cabe destacar que a pesquisa em questão focalizou estudar os sujeitos (anfitriões e hóspedes) presentes nos hostels, e com isso, o crucial para essa investigação não se referia a quantidade de espaços pesquisados na cidade, e sim, o contato com os indivíduos nos locais investigados. Mediante a isso, após este mapeamento inicial, critérios foram estabelecidos com vistas a se chegar à escolha e delimitação da amostra para alcançar os objetivos propostos.

⁷ Embora haja diversas plataformas de hospedagem, a *Booking* foi escolhida por ser considerada referência mundial: “Fundada em 1996 em Amsterdã, a *Booking.com* deixou de ser uma pequena startup holandesa para ser uma das maiores empresas de e-commerce de viagens do mundo”. Disponível em: <https://www.booking.com/content/about.pt-br>. Acesso em: 12 out. 2021.

⁸ Devido à oscilação mercadológica é comum a abertura e fechamento de empreendimentos, sendo assim faz-se necessário frisar que até a data 12 de dezembro de 2019 no levantamento feito no ciberespaço havia 26 hostels ativos na cidade de Belo Horizonte cadastrados na plataforma *Booking.com*.

Na sequência, uma análise foi feita nas mídias sociais dos espaços encontrados, com a finalidade de buscar informações secundárias pertinentes para o estudo. Para isso considerou-se os seguintes critérios estipulados que serão detalhados no subtópico a seguir: 1) Localização na região central; 2) Proximidade a atrativos turísticos; 3) Oferecer práticas de lazer.

É válido ressaltar, que devido a pandemia de COVID-19, um dos espaços encerrou as atividades, no entanto, os dados coletados previamente continuaram compondo a amostra da pesquisa. Nesse sentido, logo após a retomada do setor de hospedagem, outro hostel foi selecionado.

Para que este novo local pudesse atender aos critérios da pesquisa, foi preciso suprimir um deles, que havia sido estipulado anteriormente à pandemia (ser membro de uma associação de turismo ou de hostel), possibilitando assim contemplar o atual espaço. Deste modo, 3 hostels (2 antes da pandemia, 1 na vigência da pandemia) atenderam todos os critérios, tendo sido selecionados para a presente pesquisa (Quadro 1). A seguir, fez-se uma explanação referente aos critérios elaborados para a seleção dos espaços investigados.

Quadro 1 – Sistema de critérios para a seleção dos hostels investigados

Hostels em BH	Bairro/região	Localização região central	Proximidade a atrativos turísticos	Oferecer práticas de lazer
1	Savassi/Centro-Sul	SIM	SIM	SIM
2	São Pedro/Centro-Sul	SIM	SIM	NÃO
3	Lourdes/Centro-Sul	SIM	SIM	SIM
4	Santo Agostinho/Centro-Sul	SIM	SIM	NÃO
5	Luxemburgo/Centro-Sul	SIM	NÃO	NÃO
6	Floresta/Leste	NÃO	SIM	NÃO
7	Santa Tereza/Leste	NÃO	SIM	NÃO
8	Fernão Dias/Nordeste	NÃO	NÃO	NÃO
9	Carlos Prates/Noroeste	SIM	SIM	NÃO
10	Pampulha	NÃO	SIM	NÃO
11	Pampulha	NÃO	SIM	NÃO
12	Savassi/Centro-Sul	SIM	SIM	SIM
13	Santo Antônio/ Centro-Sul	SIM	NÃO	NÃO
14	Barro Preto/ Centro-Sul	SIM	SIM	NÃO
15	Estrela do Oriente / Oeste	NÃO	NÃO	NÃO
16	Pampulha	NÃO	NÃO	NÃO
17	Savassi/Centro-Sul/	SIM	SIM	NÃO
18	Funcionários/Centro-Sul	SIM	SIM	NÃO
19	Santo Andre/ Noroeste	NÃO	SIM	NÃO
20	Santa Eligênia/Centro-Sul	SIM	NÃO	NÃO
21	Santo Agostinho/ Centro-Sul	SIM	SIM	NÃO
22	Santa Tereza/Leste	NÃO	SIM	SIM
23	Nova Suíça/ Oeste	NÃO	NÃO	NÃO
24	Prado/ Oeste	NÃO	NÃO	NÃO
25	Santa Amélia/Pampulha	NÃO	NÃO	NÃO
26	Pampulha	NÃO	SIM	NÃO

Fonte: Elaboração própria.

Sobre os critérios para a escolha dos hostels

As pesquisas de Chan e Wong (2006) na cidade de Hong Kong, Cirer Costa (2013) em Ibiza, e de Lee e Jang (2012) em Chicago têm em comum o quesito localização como sendo um dos fatores determinantes na escolha de meios de hospedagem, especialmente, por facilitar o deslocamento dos sujeitos pelas cidades escolhidas para visitar.

Diante disso, ancorada nesses estudos, o critério **localização central**, foi escolhido, pois de igual maneira foi possível notar essa perspectiva na plataforma da *Booking* como um atributo considerado positivo em Belo Horizonte. Um exemplo disso se refere à presença da localização central na categoria “área favorita dos hóspedes”, descrita na plataforma como o filtro mais utilizado pelos hóspedes.

Dentre os diversos estudos sobre o tema, a pesquisa de Macedo (2018), por exemplo, também detectou a localização como sendo um dos atributos representativos para se qualificar um hostel. A localização prevalece em unanimidade nos hostels analisados que compunham a amostra da autora. Expostas tais considerações, justifica-se, deste modo, a escolha do referido critério para o presente estudo.

Concomitante à região central, a **proximidade a atrativos turísticos** é outro critério de relevância para esse estudo, pois conforme constatou a pesquisa de Presser *et al.* (2016) os hóspedes estão cada vez mais em busca de praticidade e agilidade, elegendo locais de rápido acesso (especialmente a pé) para os atrativos turísticos e demais serviços tais como restaurantes, mercados, feiras, shoppings, museus, supermercados dentre outros. De tal maneira na plataforma *Booking*, o filtro “passeios a pé” é um dos mais procurados baseado nas avaliações dos hóspedes que irão se hospedar em hostels.

No que diz respeito ao critério **presença de práticas de lazer**, foi eleito, pois, de acordo com a literatura⁹ da área, os hostels são tidos como espaços que oferecem experiências aos hóspedes, tanto internas quanto externas ao meio de hospedagem. Além de facilitar o diálogo dos hóspedes com a cultura local, estimulando-os a conhecerem a cidade visitada, ofertam práticas de lazer internamente, o que acaba promovendo a interação entre os hóspedes dentro dos empreendimentos.

Estudos apontam ainda, ser comum especialmente, na cultura hoteleira europeia, a oferta programada e continuada de atividades (dentro e fora dos hostels), e geralmente,

⁹ GIARETTA, 2003; HETCH, MARTIN, 2006; SATYRO, PINHEIRO, 2006; O'REGAN, 2010; VOLANTE 2011; SARAIVA, 2013; FISCHMANN, ANDRADE, KIM, 2014; BAHLS, 2015, 2018; SILVA, KÖHLER, 2015; SEBRAE, 2015; CANAN, FERREIRA, CASAGRANDA, 2017.

por um baixo custo ou gratuitamente (PEREIRA, 2019; BAHLS, 2015, 2018). Embora no cenário belo-horizontino não seja uma prática consolidada quando comparada ao cenário europeu, em alguns espaços de Belo Horizonte verifica-se a oferta de práticas de lazer (PEREIRA, 2019). Logo, partiu-se para a segunda etapa da coleta de dados expressa em seguida.

Etapa 2: Pesquisa de Campo

Com a finalidade de conhecer os espaços selecionados no momento anterior, a presente etapa consistiu, primeiramente, em uma visita de reconhecimento, contando com a apresentação da proposta da pesquisa aos proprietários dos hostels, seguido do contato com a estrutura e as características dos locais investigados.

Por esse ângulo, destaca-se que essa etapa foi feita por meio da proposta de Woortmann e Woortmann (1997), para os autores a pesquisa de campo é constituída por duas fases. Na primeira, realiza-se uma “viagem de reconhecimento”, estabelecendo os primeiros contatos com os sujeitos, com o objeto de estudo, além da coleta de dados secundários, a fim de analisar as características do cenário estudado.

Os autores salientam que a partir desse primeiro contato será possível reelaborar um roteiro de entrevistas mais contextualizado com a realidade do local, bem como estabelecer maiores vínculos e diálogos com os sujeitos da pesquisa. Este contato e convívio inicial foram facilitadores, pois conforme apontado pelos autores, contribuíram para identificar alguns valores, pensamentos e posturas dos indivíduos. Além disso, propiciou observar potenciais sujeitos para a segunda fase do trabalho de campo, dedicada a coleta dos depoimentos por meio das entrevistas.

Dessa forma, estabeleceu-se conexões tanto com anfitriões (funcionários e proprietários), quanto com hóspedes, junto à apresentação da pesquisa bem como a marcação de entrevistas. Cabe ressaltar que as incursões de campo tiveram dois momentos.

O primeiro, iniciou-se em dezembro de 2019 e findou-se em março de 2020, em função da pandemia de COVID-19, impossibilitando dar prosseguimento aos processos de entrevistas e observação, dada a suspensão de atividades não prioritárias. Nesse sentido, os espaços selecionados previamente suspenderam temporariamente as atividades. Já o segundo momento, ocorreu em novembro de 2020, acompanhando a

retomada gradual dos meios de hospedagem na cidade, durante o contexto pandêmico, tendo sido finalizado em março de 2021.

Etapa 3: Sobre os sujeitos da pesquisa, observação e entrevistas

Durante os períodos de dezembro (2019) a março (2020) e novembro (2020) a março de (2021) iniciou-se a realização de entrevistas, bem como a observação dos sujeitos nos espaços selecionados. A imersão nesse universo proporcionou experienciar a dinâmica desse meio de hospedagem em Belo Horizonte, onde foi possível observar as práticas e experiências dos hóspedes e anfitriões em cada hostel investigado.

Nesse sentido, as visitas aos espaços antes da pandemia foram semanais, priorizando especialmente o período de quinta a domingo, dias de maior fluxo de hóspedes. Durante o contexto pandêmico as visitas aos espaços foram mais assertivas, feitas para coletar os depoimentos dos entrevistados e concomitantemente realizar as observações de campo.

Devido à proximidade dos empreendimentos, o trajeto foi realizado a pé, onde em diversos momentos, saía-se de um e seguia-se para o outro no mesmo dia, seja para realizar entrevistas previamente agendadas, seja para as observações de campo ou ainda para participar de atividades que estivesse ocorrendo no local.

Diante disso, na etapa em questão utilizou-se o recurso da observação como procedimento metodológico crucial para a pesquisa. Pois segundo May (2001) esse tipo de técnica é um processo no qual o: “[...] investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo” (MAY, 2001, p.177).

Similarmente, Gil (2008) acredita que a observação é uma das técnicas imprescindíveis de uma dada pesquisa. Isto porque a observação tem o papel de introduzir o pesquisador na realidade pesquisada. O que o possibilita, na visão do autor, além de compreender a complexidade do ambiente estudado, permite ainda uma interlocução mais aprofundada, uma vez que propõe analisar atitudes e comportamentos não verbais e espontâneos dos sujeitos investigados.

Alicerçado a isso, foram adotadas estratégias etnográficas para auxiliar as observações de campo, visando conhecer mais amplamente as interações dos sujeitos no ambiente de hostel, adotando a proposta de Magnani (2002, 2009), de “olhar de perto e

de dentro”. Nesse sentido, durante as visitas aos três hostels investigados, fez-se uso de um caderno de campo que teve como finalidade anotar as impressões e observações in loco: “[...] dos atores sociais em seus múltiplos, diferentes e criativos *arranjos* coletivos” (MAGNANI, 2002, p.8).

Afinal, conforme assevera o autor: “[...] é neste plano que entra a perspectiva de perto e de dentro, capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre” (MAGNANI, 2002, p. 7).

Nesse sentido, a estratégia etnográfica adotada na presente investigação, considerou os atores sociais, as práticas por eles estabelecidas, bem como o ambiente, onde tais práticas se desenvolvem, entendendo-o: “[...] não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise” (MAGNANI, 2002, p. 8). As aproximações e trocas vivenciadas permitiram observar a dinâmica relacional tríplice: anfitrião, hóspede e hostel, a partir do que o autor chama de dupla face da etnografia, de um ângulo como é vivenciada pelos atores sociais e de outro como é percebida e descrita por quem está investigando, portanto:

[...] a etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente. (MAGNANI, 2009, p.7).

Como forma de adotar a referida estratégia de “perto e de dentro” proposta por Magnani (2002, 2009), inseri-me no cotidiano dos hostels investigados como se fosse uma hóspede. As diferentes áreas deste meio de hospedagem foram utilizadas para observar os sujeitos em suas diversas práticas. Nesse sentido, as observações nos locais de pesquisa foram realizadas seguindo as características de cada local, conforme descrito a seguir.

No HB1, a sala era conjugada com a cozinha e próxima à recepção. Dali era possível observar o dia a dia de hóspedes e anfitriões transitando pelo hostel, ocupando estes locais (sala, cozinha e recepção), e verificar como interagiam entre eles e as práticas estabelecidas nesses espaços. Da sala também era possível escutar e visualizar o que ocorria na recepção do hostel. Assim, foi possível observar como os anfitriões agiam em

cada ocasião, diante das demandas que recebiam tanto presencialmente quanto virtualmente (a exemplo das chamadas telefônicas para o hostel).

No HB2, a observação ocorreu especialmente na varanda, pois era o local de maior movimentação do hostel, apropriado tanto pelos anfitriões quanto pelos hóspedes. Similarmente, a varanda do HB3 era acometida por grupos e intensa movimentação, sobretudo de quinta a domingo. Da varanda do HB2 era possível escutar as conversas dos grupos e acompanhar como interagiam, bem como identificar o que estimulava as interações. Neste local era possível observar tanto o que ocorria na própria varanda, como na recepção e na sala devido à proximidade destes locais, sendo possível observar toda a dinâmica que ali se desenhava entre anfitriões, hóspedes e deles com estes ambientes.

No HB3 foi preciso transitar com mais frequência pelos seus espaços, dado o distanciamento da varanda com os demais locais do hostel. Então, quando havia grupos formados na varanda priorizava estar ali, pois era o ponto central de interação dos hóspedes. Em dias de eventos também se concentrava ali uma gama de pessoas, facilitando a observação para entender como se dava a interação dos sujeitos durante os eventos promovidos pelo hostel, tal como feito no HB2 em ocasiões similares. Assim, aproveitava-se para observar as conversações, posturas, como agiam uns com os outros, e inclusive como agiam comigo, especialmente os hóspedes, já que apenas os anfitriões e proprietários dos hostels estavam cientes que eu não era uma hóspede.

Nos três locais investigados, busquei locais estratégicos para acompanhar os diálogos e os silêncios, verificar como os hóspedes eram recebidos, o processo de interagir dos sujeitos, como utilizavam a sala, como acessavam a recepção, o tipo de demanda que traziam aos anfitriões, a forma como era utilizada a cozinha, o que faziam de refeições, o processo de comer e cozinhar e toda e qualquer situação ocorrida nos ambientes de cada hostel.

Nos momentos em que os quartos coletivos não estavam com todas as camas ocupadas, especialmente antes da pandemia de COVID-19, era possível, quando permitido pelos proprietários, ficar nos dormitórios mistos e femininos sentada ou até mesmo deitada em uma das camas, como se fosse hóspede. Assim, observava os hóspedes e sua relação com o quarto, a cama e com os demais companheiros. Nos quartos coletivos masculinos do HB1, por exemplo, foi possível observar e escutar o que ocorria no quarto a partir da janela de uma área próxima ao dormitório. Nesta área havia uma rede de dormir e, de lá, podia-se observar o referido quarto masculino, dada a impossibilidade de frequentá-lo.

Ao passar os dias nesses hostels, de quinta-feira a domingo sem pernoitar, permanecia no local até a hora de dormir de alguns hóspedes, ou até que saíssem para a programação noturna. Assim, durante o dia observava a movimentação desde a hora de levantar para tomarem café, até a hora de saírem, analisando a movimentação e esvaziamento do hostel, o ir e vir de cada hóspede, os check-ins e check-outs, as demandas e demais situações que ocorriam nesse período. Notava-se como a rotina era criada pelos hóspedes e se estavam em grupos ou sozinhos, o que faziam enquanto estavam no hostel, as ações realizadas após retornarem das atividades. Observava, também, a rotina dos anfitriões, buscando compreender como interagem com os ambientes, as práticas que estabeleciam, bem como a rotina de trabalho no hostel.

Cabe destacar que também foi possível observar a dinâmica do hostel e a rotina dos sujeitos entre segunda a quarta-feira, apesar de serem os dias de menor fluxo ou até mesmo de esvaziamento nos espaços investigados. As observações foram feitas nestes dias para notar as possíveis diferenças no cotidiano dos hostels em cada dia da semana.

Por último, adotou-se a observação quando os três hostels estavam vazios, por vezes, pelo fato dos hóspedes terem saído para suas atividades na cidade. Diante disso, aproveitava-se os períodos de esvaziamento para adentrar em cada cômodo dos hostels e percorrer as áreas comuns, observando cada detalhe. Nos quartos coletivos, por exemplo, observava as camas, verificava em quais condições o quarto estava, se havia objetos pessoais dos hóspedes, onde e como estes objetos estavam localizados nos quartos. Também analisava a organização e se havia algum tipo de desordem, verificando, no quarto coletivo, cada detalhe que pudesse contribuir com o alcance dos objetivos propostos. Nos banheiros coletivos, por sua vez, buscou-se observar as condições em que se encontravam, sobretudo após terem sido utilizados pelos hóspedes.

Quando os hóspedes se ausentavam do hostel, era possível tanto dialogar por mais tempo com os anfitriões, além de observar a postura e rotina deles frente à ausência de hóspedes e as suas demandas de trabalho. Estes momentos de calma serviram, ainda, para fazer registros no diário de campo, embora a maioria dessas anotações serem feitas principalmente após o término das observações, quando saía dos hostels.

Tratando-se das entrevistas, vale mencionar dois aspectos basilares, primeiramente cumpriu-se os procedimentos éticos obtendo a prévia aprovação da pesquisa pelo COEP – Comitê de Ética em Pesquisa, assim como do TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e da carta de anuência (APÊNDICES A e B). Tais

instrumentos constavam as informações sobre o referido estudo, bem como a solicitação que os sujeitos assinaram e concordaram em participar voluntariamente da pesquisa.

Em segundo lugar, a fim de compreender a interação dos sujeitos envolvidos no ambiente de hostel, optou-se por entrevistar anfitriões e hóspedes. Cabe dizer que para o último, é inegável a variedade e quantidade de hóspedes que um hostel recebe diariamente. Nesse sentido, a pesquisa não se restringiu à tipologia de hóspede, tais como: faixa etária, origem, motivo da viagem, ocupação, dentre outros. Isto porque empiricamente constatou-se que o público destes espaços se mostrou diversificado, corroborando assim com as colocações da bibliografia da área.

Para a coleta das entrevistas, foi eleito o roteiro de entrevista semiestruturado (APÊNDICE C e D), tal escolha levou em consideração a flexibilidade deste método, pois segundo Flick (2004) é possível que o entrevistador decida quando, como e em qual ordem opta por fazer as perguntas. Esta estratégia possibilita ainda o uso de questões abertas: “[...] é uma característica dessas entrevistas que questões mais ou menos abertas sejam levadas à situação de entrevista na forma de um guia da entrevista” (FLICK, 2004, p.106). Tais características permitiram, desse modo, que o processo de entrevista fosse dinâmico e favorecesse ainda a livre manifestação dos entrevistados.

Nesse panorama, a investigação contou com um total de 24 entrevistas, sendo 18 hóspedes e 6 anfitriões. Para a coleta dos depoimentos, utilizou-se o recurso da gravação, previamente informado e solicitada a autorização. Cada entrevista coletada teve uma variação entre 30 a 60 minutos, duração a qual dependia de cada sujeito entrevistado. Em função do contexto pandêmico parte das entrevistas foram realizadas virtualmente (14) e o restante presencialmente (10). Em ambos os contextos a data e o horário foram estabelecidos pelos entrevistados.

É válido ressaltar que a interação entre pesquisadora e pesquisados foi facilitada pelas ferramentas *WhatsApp* e *Instagram*, tanto para a marcação de entrevistas quanto para a realização delas. Parte das entrevistas virtuais ocorreram por meio de chamadas no *WhatsApp*, plataforma de maior facilidade para os depoentes. No entanto, a ferramenta *Zoom* também foi utilizada ainda que em menor grau, devido às eventualidades que impediam os entrevistados de utilizarem tal dispositivo ou similares (ausência de um computador e/ou pouca memória no celular para a instalação do aplicativo).

Salienta-se que parte das entrevistas foram angariadas durante as visitas de campo, quando era possível interagir com os sujeitos informalmente, conhecendo-os e posterior a isso, convidá-los para participar como voluntários da pesquisa. Além disso, o papel de

anfitriões e proprietários dos espaços foi decisivo no processo, especialmente para se obter os contatos de hóspedes para a realização das entrevistas, principalmente aquelas realizadas em ambiente virtual.

Ao final desta coleta, os dados foram transcritos na íntegra e visando manter a fidelidade dos relatos, os vícios de linguagem e o modo de falar dos sujeitos foram respeitados. A identidade tanto dos entrevistados quanto dos espaços, foi mantida em sigilo, visando a garantia do anonimato e da integridade dos mesmos. Para isso, criou-se um sistema de codificação conforme expresso a seguir:

Quadro 2 – Sistema de codificação

Tipo	Codinome	Informações gerais
Hostels	HB 1	HB 1, centro-sul-BH, 2014
	HB 2	HB 2, centro-sul-BH, 2014
	HB 3	HB 3, centro-sul-BH, 2017
Anfitriões	Antenado	mineiro, 29, HB 1, anfitrião
	Buscadora	mineira, 31, HB 1, anfitriã
	Ubuntu	mineira, 34, HB 2, anfitriã
	CABJ	argentina, 29, HB 2, anfitriã
	Sonhador	mineiro, 29, HB 3, anfitrião
	Gentil	mineira, 33, HB 3, anfitriã
Hóspedes	Ipê-roxo	alemã, 22, HB 1
	Ipê-branco	paulista, 58, HB 1
	Ipê-amarelo	baiano, 53, HB 1
	Ipê-azul	cearense, 33, HB1
	Ipê-verde	mineiro, 30, HB 1
	Ipê-bicolor-damasco	mineira, 36, HB 2
	Ipê-amarelo-do-cerrado	mineira, 40, HB 2
	Ipê-tabaco	carioca, 24, HB 2
	Ipê-rosa	goianiense, 30, HB 2
	Ipê-amarelo-da-casca-lisa	paulista, 28, HB 2
	Ipê-mirim	carioca, 25, HB 2
	Ipê-amarelo-do-brejo	mato-grossense, 33, HB 2
	Ipê-púrpura	paulista, 22, HB 3
	Ipê-felpudo	catarinense, 32, HB 3
	Ipê-roxo-da-mata	mineira, 33, HB 3
	Ipê-pardo	mineira, 33, HB 3
	Ipê-preto	mineiro, 33, HB 3
Ipê-roxo-bola	potiguar, 41, HB 3	

Fonte: Elaboração própria.

No tocante à denominação dos sujeitos da pesquisa, para os anfitriões optou-se por codinomes relacionados a algum aspecto ou característica do depoente que se sobressaiu durante a entrevista, já em relação aos hóspedes utilizou-se uma nomenclatura representativa da cidade de Belo Horizonte. Ambos serão detalhados no capítulo de análise intitulado: O movimento hoteleiro em Belo Horizonte - MG.

Observando o quadro 2, o item informações gerais foi elaborado para referenciar os espaços e sujeitos investigados no decorrer da pesquisa em questão. Para os hostels, por exemplo, considerou-se a localização na cidade de Belo Horizonte e a data de abertura, já para os entrevistados, elegeu-se a cidade de origem, a idade e o hostel em que se hospedaram. Para além da referida codificação, outra regra fora estabelecida: manutenção dos relatos dos depoentes em itálico, com vistas a diferenciar das demais citações presentes ao longo desta investigação.

Ainda sobre os relatos, ressaltam-se dois aspectos: a) aqueles trechos em que os sujeitos citam o próprio nome ou de outros entrevistados da pesquisa, foram substituídos pelos codinomes elaborados; e, b) com vistas a facilitar o entendimento para os leitores, explicações foram incorporadas em alguns relatos, estando entre colchetes - [] - detalhamentos que foram julgados como necessários de serem pontuados.

Em se tratando da sistematização e análise dos dados da pesquisa, foi feita por meio da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011, p.15) para a autora consiste em um “[...] conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos extremamente diversificados”. Nesse sentido, adotou-se os três critérios propostos por Bardin (2011) no que refere a este método:

1) pré-análise: consistiu na organização e seleção material que compôs o corpus da pesquisa.

Esta fase segundo Bardin (2011, p.125): “Corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise”. Nesse panorama, adotou-se a sugestão da autora de executar a atividade denominada “leitura flutuante” processo o qual estabeleceu-se um contato com o material da pesquisa, em especial as entrevistas transcritas, onde foi possível analisar e “conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações” (BARDIN, 2011, p. 126).

Conforme a autora salienta nesta fase pode-se ainda recorrer ao computador para auxiliar no agrupamento dos dados da pesquisa, selecionando um programa flexível, ou seja “[...] que permita a introdução de novos procedimentos no decurso da análise”, caso seja necessário (BARDIN, 2011, p.125). Para isso, contou-se com o auxílio do software Nvivo (versão 11), este programa segundo Alves (*et al.* 2015) contribui para a análise e sistematização de informações, uma vez que ele organiza e facilita o processo de categorização de dados:

O NVivo é um software que ajuda o investigador a organizar e analisar facilmente as informações não estruturadas. Seja qual for o material ou tipo de fonte com que se trabalhe, o NVivo fornece uma área de trabalho que ajuda o investigador em cada etapa do projeto – Desde a organização dos dados até a análise e depois na partilha e na criação de relatórios¹⁰.

De maneira geral, portanto, esta ferramenta auxilia na organização de materiais como entrevistas, textos, imagens, vídeos dentre outros recursos, possibilitando, dessa forma, examinar as informações coletadas (ALVES *et al.* 2015).

2) exploração do material: compreendeu a definição de categorias da pesquisa, considerando a classificação e codificação dos dados coletados.

Para Bardin (2011, p.131) esta etapa: “[...] consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração”. Na visão da autora a codificação - processo primordial desta fase -, equivale a uma transformação: “[...] dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da expressão; suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto” (BARDIN, 2011, p.133).

Em face disso, neste processo de operacionalização do corpus investigado, o auxílio do Nvivo foi fundamental para codificar os dados da pesquisa. O quadro 3 expresso a seguir apresenta as categorias da pesquisa bem como as respectivas abordagens analíticas, ambas ancoradas aos objetivos da proposta aqui contemplada.

Quadro 3 – Sistema de categorização da pesquisa

Categorias de pesquisa	Abordagens analíticas
Check-in	➤ Contato preambular entre anfitriões e hóspedes – o início da concessão da hospitalidade em hostel.
Estadia	➤ Dinâmica social da hospedagem em hostel – o cotidiano e o convívio entre os sujeitos.
Check-out	➤ O desfecho da hospedagem em hostel.

Fonte: Elaboração própria.

¹⁰ MARTINS, Luís. Curso Completo de NVivo 10. Timberlake: Estatística, matemática e econometria. s. d.

3) tratamento dos resultados e interpretações: destinou-se a inferência, interpretação e análise crítico-reflexiva das informações coletadas, identificando assim, as semelhanças e os distanciamentos, as ausências e presenças no material da pesquisa.

De acordo com Bardin (2011, p. 131) nesta etapa: “Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (“falantes”) e válidos”. A partir disso, segundo a autora, o pesquisador propõe interpretações e inferências alicerçadas aos objetivos previamente estipulados e ainda as possíveis descobertas inesperadas do processo de pesquisa.

As operações realizadas neste ponto: “[...] permitem estabelecer quadro de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise” (BARDIN, 2011, p.131). Nesse sentido, o Nvivo subsidiou a elaboração de modelos os quais condensavam os dados da pesquisa.

Dentre os variados recursos para tal, disponibilizados pela ferramenta, - além de utilizá-lo para a sistematização e agrupamento das informações -, selecionou-se o recurso ‘frequência de palavras’, no qual foi feita uma consulta e a partir disso o software produziu nuvens contendo uma padronização de 30 palavras mais recorrentes do material da investigação (entrevistas transcritas) adicionado a plataforma.

Explicitada a metodologia da presente investigação, parte-se para o próximo capítulo, que foi dedicado à produção teórica sobre o complexo fenômeno da hospitalidade.

3 CAMINHANDO PARA A HOSPITALIDADE

Pauta mundial de debates e diálogos, especialmente no contexto acadêmico, revelou o caráter transversal da hospitalidade, por vezes ambíguo e paradoxal. Traduzida, então de forma múltipla, em cenários variados, ela abrange áreas e pesquisadores distintos que se dedicam a compreendê-la a partir de diversos lócus de estudo. O fenômeno da hospitalidade, dessa forma, detém em seu cerne uma polissemia latente.

Nas últimas décadas, muito se tem pensado e escrito sobre o que venha a ser hospitalidade e colaborações sobre como construir um conceito que reúna sentido, amplitude e consistência têm sido dadas por um já vasto conjunto de pesquisadores do mundo todo, vinculados a diferentes áreas do conhecimento e com formações diversificadas e posturas teórico-metodológicas também diversas. (SPOLON, 2015, p.1).

De maneira síncrona a esta pluralidade, tem-se a base que sustenta senão toda, grande parte das discussões teóricas sobre a hospitalidade: a “Teoria da Dádiva”. Contida na obra intitulada “Ensaio sobre a Dádiva” datada de 1923-24, desenvolvida pelo sociólogo e antropólogo francês Marcel Mauss considerado o pai da antropologia francesa. Ao conceber a tríade da dádiva dar-receber-retribuir, Mauss garantiu a base para se compreender a dinâmica da hospitalidade. Embora a obra do autor não aborde diretamente a hospitalidade, as reflexões primárias e basilares podem ser nela encontradas (GOTMAN, 2004). “É a partir, portanto, das diferentes interpretações e enfoques que se dão sobre o Ensaio sobre a Dádiva que todas as discussões teóricas sobre a hospitalidade vão tomar corpo e caminhos diversos (MURGEL, 2018, p. 3).

Considerando os múltiplos direcionamentos das pesquisas em hospitalidade, o sociólogo brasileiro Luiz Octávio de Lima Camargo (2007), constata a existência de correntes dotadas de particularidades ao analisar as perspectivas desenvolvidas por estudiosos da área. Muito embora os contributos não se esgotem nas linhas apresentadas pelo autor, elas são categorizadas sob três frentes conforme será exposto a seguir.

A começar pela linha francesa (ou Francófona) sustentada, especialmente, nas contribuições de Marcel Mauss. Nesse sentido, a Teoria da Dádiva postulada pela tríplice maussiana dar-receber-retribuir direciona a base desta linha. Processo evolutivo dos seres humanos, formação da sociedade e a não abrangência direta da recepção turística comercial, são algumas das discussões que permeiam esta categoria. Camargo (2007) afirma a existência de três grupos distintos de estudiosos pertencentes a essa corrente.

O primeiro, conduzido pelo sociólogo e economista francês Alain Callé, busca: “[...] recolocar o paradigma maussiano no centro da análise sociológica, abrindo estudos sobre a hospitalidade” (CAMARGO, 2007, p. 27). O segundo grupo composto pelo filósofo e literário francês Alain Montandon, centralizando seus estudos nas interações hospitalares, especialmente no contexto da literatura. Já o terceiro, de acordo com o autor, é sustentado pela antropóloga francesa Anne Gotman, a autora versa sobre a hospitalidade na contemporaneidade a partir de diferentes dimensões do tecido social.

Além de tal corpus de autores franceses que se dedicaram a estudar a hospitalidade sob nuances distintas, não se pode deixar de mencionar o filósofo franco-magrebino Jacques Derrida (1997, 2003), autor de referência nos estudos da hospitalidade sob o enfoque filosófico, tendo sido influenciado dentre outros, especialmente pela filosofia

levinasiana¹¹. Incondicionalidade, direitos e deveres como condicionantes, indissociabilidade, questão do estrangeiro e transposição do direito da hospitalidade para além da ética, são alguns dos vocábulos e reflexões predominantes nas pesquisas encabeçadas por Derrida no que diz respeito à hospitalidade.

Concernente à segunda frente, a Americana (ou América Anglófona), centraliza os estudos na hotelaria e gestão de meios de hospedagem, assim como nos demais serviços ligados ao lazer e ao turismo, fundamentando-se no contrato e na troca hospitaleira em âmbito comercial. As discussões desta linha valorizam a utilização da hospitalidade como sinônimo de hotelaria (CAMARGO, 2007). Focalizando, desta maneira, na “boa acolhida”, sem, contudo, abranger: “[...] as turbulências que a noção mais profunda de hospitalidade implica” (MONTANDON, 2003, p.142).

Assim sendo, a mercantilização da hospitalidade nas “instâncias do turismo moderno” figura como uma das características marcantes desta corrente, característica amplamente discutida na obra “Hospitalidade: conceitos e aplicações”, de 2003, dos autores Kye-Sung (Kaye) Chon e Raymond Sparrowe, os quais são considerados referência nessa abordagem. O vocábulo “indústria da hospitalidade” centraliza as discussões por eles empreendidas, objetivando conceituá-lo através de atualizações, reflexões e expansão do termo em: “[...] sua atual versão comercial, baseada no contrato e na troca estabelecidos por agências operadoras, transportadoras e de viagens e por hotéis e restaurantes” (CAMARGO, 2007, p.9).

Considerada uma ponte entre as linhas anteriores, a corrente Inglesa (ou Reino Unido) por sua vez, além de integrar a tríade maussiana dar-receber-retribuir, fundamenta os estudos especialmente nas áreas do turismo e da hotelaria. Conrad Lashley e Alisson Morrison, por meio da obra intitulada: “Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado”, de 2004, são considerados os pioneiros na análise do turismo sob a égide da hospitalidade, trazendo assim, novas possibilidades para o entendimento do fenômeno turístico. “Esses pesquisadores dispuseram-se a tentar refletir sobre as implicações do uso do termo hospitalidade, como ferramenta heurística capaz de suscitar novas abordagens do campo do turismo” (CAMARGO, 2007, p. 10).

Vale acrescentar que apesar da não especificação de uma corrente da hospitalidade no Brasil pela bibliografia da área, Luiz Octávio de Lima Camargo é um autor de destaque

¹¹ Emmanuel Lévinas foi um filósofo francês, que “dedicou-se ao estudo da fenomenologia, da metafísica, da ética, relacionando estes temas à questão da alteridade” (TUROZI DE OLIVEIRA, 2005, p.45).

quando se fala do fenômeno no país. Pesquisas brasileiras seguem na esteira deste autor, especialmente, devido à elaboração de um “esquema descritivo” da hospitalidade por ele formulado, com vistas a compreendê-la em suas infindáveis possibilidades (CAMARGO, 2015).

Embora as contribuições das correntes supracitadas sejam relevantes, a realidade cotidiana da hospitalidade se concretiza de maneira complexa nos mais distintos contextos, dado o dinamismo e peculiaridade de cada território sociocultural. Nesse sentido, há possibilidades tanto de extrapolar as características sublinhadas nestas correntes, como verificar intercruzamentos. Além disso, novas práticas, tramas e tessituras podem emergir da manifestação da hospitalidade em diferentes realidades.

No ano de 2003, em seus primeiros escritos Camargo apresenta um capítulo sobre os domínios da hospitalidade em “Hospitalidade: cenários e oportunidades”. Para em 2004 aprofundar as discussões em sua obra intitulada: “Hospitalidade”, tornando-se referência nos estudos da hospitalidade no Brasil. Dentre os variados estudiosos da área no país, de acordo com as pesquisas de Oliveira e Santos (2010, p.1-2) alguns acreditam que a hospitalidade está presente: “[...] em todas as circunstâncias do fazer humano relacionado ao ato de acolher pessoas”. As autoras prosseguem com tal afirmação: “No Brasil, a hospitalidade vem sendo abordada sob essa perspectiva, por autores como Luiz Octávio de Lima Camargo (2003, 2004, 2005, 2007), Ada de Freitas Maneti Dencker (2004, 2005), Celia Maria de Moraes Dias (2002), Lucio Grinover (2007, 2008)” (OLIVEIRA; SANTOS, 2010, p.1-2).

A hospitalidade, com efeito, tornou-se pauta de diversos estudiosos que dedicaram pesquisas objetivando compreendê-la. Aproximações e diálogos com a filosofia, sociologia, antropologia e psicologia fizeram com que sua base fosse constituída por autores como: Derrida, 1997, 1999; Dumazedier, 1994; Bourdieu, 1996; Mauss, 1923/24, 1974; Duvignaud, 1973; Cox, 1974, entre outros, são alguns exemplos dos numerosos pesquisadores, áreas e possibilidades de debates e interlocuções que perpassam o fenômeno da hospitalidade e influenciaram os estudos no Brasil.

No cerne deste emaranhado e fértil campo do *savoir-faire* (saber-fazer) da hospitalidade, encontra-se o fio condutor já apontado por Camargo (2015) como o componente basilar da cena hospitaleira: a relação interpessoal. Onde a hospitalidade tem o potencial “[...] de costurar, sedimentar e vivificar o tecido social” alimentando de maneira processual o vínculo humano (CAMARGO, 2004, p. 24). A partir dessa

característica latente, a hospitalidade se manifesta sob distintas formas nos mais diversos contextos e espaços da vida humana conforme será visto no item a seguir.

3.1 As facetas da hospitalidade

Dotada de entendimentos, modelos, comportamentos e valores, o caráter polissêmico da hospitalidade sinaliza manifestações complexas em cada contexto ao longo da história da vida humana. Dada essa característica múltipla e cambiante ela se estabelece em tempos e espaços variados. Ancorado em um pressuposto heurístico, Lashley (2004) lança um capítulo preambular da obra citada anteriormente, dedicando-o ao entendimento teórico e interpretativo do fenômeno da hospitalidade, estratificado em três domínios: social, doméstico ou privado e comercial.

No domínio social, a hospitalidade é vista a partir dos impactos transcorridos nos diversos cenários sociais; o âmbito privado diz respeito ao lar, abarcando as interrelações entre anfitriões e hóspedes no contexto doméstico; e, por fim, o comercial se referindo à hospitalidade sob o viés econômico, englobando tanto as atividades do setor privado quanto do setor público. Para o autor, estes domínios têm como característica a interdependência, pois, manifestam-se concomitantemente de maneira independente assim como em justaposição.

O contributo de Camargo (2004) se insere de maneira similar a referida perspectiva, propondo novas possibilidades. As reflexões do autor o levaram a formular os denominados “tempos e espaços da hospitalidade”, os tempos são regidos por um eixo cultural composto pelas ações de receber, hospedar, alimentar e entreter. Tempos estes protagonizados pelos anfitriões em relação aos hóspedes durante a trama hospitaleira; e, um eixo social envolvendo os espaços categorizados em: doméstico, comercial, público e virtual.

O exercício cênico da hospitalidade se manifesta em cada um destes espaços, e estes por sua vez são compostos pelos atos de receber, hospedar, alimentar e entreter, com ressalvas para o contexto virtual. Intercruzados, os tempos e espaços abriram um leque de possibilidades para os objetos de estudos na área conforme afirma Camargo (2015, p. 2): “Meu objetivo foi mostrar toda a extensão do campo de estudo da hospitalidade”.

Cabe ressaltar que o presente diálogo deste item, iniciou-se ancorado nos referidos autores, devido ao fato das teorias por eles desenvolvidas constituírem-se enquanto “modelos” de referência para a práxis da hospitalidade: “[...] ambos os ‘modelos’ passam

a ser adotados como referências para o exercício de categorizar a hospitalidade enquanto prática social, figurando no corpo teórico de um sem número de estudos aplicados aos mais variados objetos de pesquisa” (SPOLON, 2015, p. 3). Nesse sentido, pesquisas e estudos seguem na esteira dos constructos destes autores que impactaram (e ainda impactam) sobremaneira no direcionamento dos estudos da hospitalidade:

A partir da disseminação desses modelos – cada um em sua respectiva área de influência, considerando alcance linguístico e vinculação institucional – nascem centenas de estudos aplicados nos quais a hospitalidade figura como tema principal e é estudada a partir de associações temáticas com áreas de conhecimento diversas, ganhando uma dimensão efetivamente multidisciplinar. (SPOLON, 2015, p. 3).

Frente a este caráter multidisciplinar, corrobora-se com Spolon (2015, p.1) o fato de ser cada vez mais desafiador e complexo “[...] pensar em hospitalidade no sentido de uma ética universal (...), ou no sentido de um comportamento altruísta e solidário, que vá além de atitudes padrão baseadas em um código moral particular ou parcial e, portanto, discutível” (SPOLON, 2015, p. 1). Como resultado desta complexidade, uma simultaneidade, um tanto quanto paradoxal pode ser notada quando se pensa em hospitalidade.

Por um lado, seu caráter aparentemente livre, desinteressado, voluntário e gratuito (GRASSI, 2004). Dotado de uma incondicionalidade latente como revelaram os estudos de Derrida (1997) garantindo a ausência de imposições e obrigações, culminando na dita hospitalidade genuína ou absoluta. Por outro, concomitantemente, o interesse, a obrigatoriedade, a imposição de limites, leis e regras que conforme apontado por Bastos *et al.* (2016) podem resultar na perda do seu caráter incondicional. Independentemente destas características paradoxais, a hospitalidade pode ser compreendida como uma virtude:

[...] que se espera quando nos defrontamos com o estranho (e todo estranho é também um estrangeiro), alguém que ainda não é, mas *deve* ser reconhecido como o outro. Tudo se passa como se o sentido mais importante da noção seja perguntar-se se esse encontro resultou em estreitamento ou esgarçamento do vínculo social de início buscado. (CAMARGO, 2015, p.3).

Ao defrontar-se com estranhos, um sistema de rituais, regras, virtudes, comportamentos e atitudes, são esperados a serem cumpridos pelos sujeitos que compõem a trama hospitaleira independente do contexto no qual ela se constitui. É neste momento que as trocas simbólicas entre anfitriões e hóspedes acontecem e ganham sentido: “[...]”

trocam-se bens de consumo, festas, ritos, danças, generosidades, simbolismos de uma forma geral” (MURGEL, 2018, p. 3).

Para a autora, a hospitalidade favorece a criação ou a consolidação de relacionamentos e afinidades com estranhos. Incitando desta maneira, uma noção de alteridade, sugerindo que durante o processo relacional o outro seja compreendido “a partir de suas diferenças”. A hospitalidade sob esse viés determina “[...] os limites aos quais essa relação deve se circunscrever, mas que podem ser ultrapassados a qualquer momento” (MURGEL, 2018, p. 3).

Na considerada pela literatura da área a matriz da hospitalidade, aquela ocorrida em ambiente doméstico, manifestam-se incontáveis dessas trocas e relações entre anfitriões e hóspedes, as quais são reguladas por um sistema de leis escritas e não escritas, a saber: “Há leis escritas para regular o contato que se estabelece entre os donos da casa e os visitantes. A inviolabilidade do lar, próprio ou alugado, (e, por extensão, os quartos de hotéis) é consagrada em todos os países” (CAMARGO, 2007, p. 5).

Para o autor, as leis escritas podem ser solucionadas em âmbito judicial. Já as não escritas ou também conhecidas como regras ancestrais, além de não possuírem um ambiente legalizado para serem deliberadas, são em maior número quando comparadas às primeiras: “Todas essas leis escritas, contudo, são na verdade poucas se comparadas à infinidade de leis não escritas que regulam esse contato” (CAMARGO, 2007, p. 5).

Com vistas a sustentar esta perspectiva o autor reporta a teoria maussiana (dar-receber-retribuir), pois em se tratando, notadamente das leis não escritas, estas são regidas pela dádiva, ou seja, por doações, recebimentos e retribuições, que por sua vez conduzem as relações constituídas em ambiente doméstico, assim como nos demais domínios/espacos da hospitalidade já citados. Nesse sentido, os sujeitos além de assumirem papéis por vezes específicos, desempenham inúmeras tarefas e obrigações, durante a manifestação da hospitalidade. Para ilustrar este cenário, Camargo (2007) em seu estudo descreve os deveres a serem cumpridos pelos envolvidos balizados pelos tempos da hospitalidade (receber, hospedar, alimentar e entreter) e fundamentados na tríade dar-receber-retribuir:

O dono da casa *deve* colocar os visitantes que ele aceitou (seus hóspedes, portanto) com urbanidade, o que significa cumprir um sem número de rituais que regulam o acolher (“faça de conta que está em casa”), o alimentar (nem que seja a oferta de um copo de água), o entreter, o tornar a cena lúdica para o hóspede (nem que seja a execução de uma música, o contar uma piada). O hóspede por sua vez *deve* retribuir o acolhimento com presentes, respeitando o

primado dos donos da casa no direito de estabelecer regras para a convivência e aceitando o espaço e as dádivas que lhe são feitas. (CAMARGO, 2007, p. 5).

Mesmo com atribuições previamente definidas, a oscilação contínua de papéis se manifesta na trama hospitaleira: “O hóspede numa cena converte-se em anfitrião, numa segunda cena, e essa inversão de papéis prossegue sem fim. Neste sentido, a hospitalidade é o ritual básico do vínculo humano, aquele que o perpetua nessa alternância de papéis” (CAMARGO, 2007, p. 6).

Alicerçado aos tempos da hospitalidade, acrescenta-se ainda o papel representativo que este fornecimento de hospedagem, bebidas e alimentos possuem, constituindo-se enquanto: “um ato de amizade: cria laços simbólicos, conectando pessoas que estabelecem vínculos, comprometendo os envolvidos com o compartilhamento da hospitalidade” (LASHLEY, 2015, p.11).

A partir deste pressuposto, o encontro entre anfitriões e hóspedes pode igualmente ser marcado por desencontros, quando ocorre a desobediência das regras (leis escritas e não escritas) por parte dos sujeitos, nos diversos cenários em que se constituem as relações humanas. Culminando no processo que Camargo (2021) chama de inospitalidade e podendo caminhar para a hostilidade, a depender das circunstâncias ocorridas durante as interações entre os sujeitos. Todo este processo de encontro inospitaleiro por sua vez se origina de uma interação mal sucedida. Para exemplificar tais colocações, ancora-se no esquema apresentado a seguir:

Figura 1 – O processo da hospitalidade



Fonte: Camargo, 2021, p.5.

A referida hospitalidade “neutra” é caracterizada, pelo autor, como aquela ocorrida no cotidiano da vida humana, constituída pelos encontros dos sujeitos no dia a dia, seja nas ruas, nos comércios, meios de transporte dentre outros incontáveis espaços, sem que haja trocas efetivas de olhares, gestuais e verbais. Basicamente: “Olhar sem ver,

falar sem dizer nada, perguntar e responder mecanicamente dão o tom de relações até mesmo impossíveis. [...] A hospitalidade neutra marca o indivíduo isolado na multidão” (CAMARGO, 2021, p.5-6).

No entanto, o autor garante que quando há o estabelecimento de uma relação entre os indivíduos, essa interação se qualifica como bem e mal sucedida conforme evidenciado na Figura 1. Quando mal sucedida, a inospitalidade e a hostilidade entram em cena. A primeira diz respeito ao não reconhecimento do interlocutor, seja quem recebe ou quem é recebido, ou seja, este interlocutor é ignorado, e assim sendo, manifesta-se o não desejo de se estabelecer um contato com outrem. No entanto, o autor assevera que ignorar o outro não configura como um ato de violência propriamente dito, mas sim, de inamistuosidade. Por outro lado, a hostilidade contempla as formas de violência desta interação mal sucedida, na medida em que consiste no:

resultado de ações agressivas que levam ao esgarçamento das relações humanas. A hostilidade não é resultado apenas do descumprimento das leis da hospitalidade. Ela tem inúmeras fontes. Mas não há dúvidas de que as mazelas registradas nos encontros interpessoais constituem grande parte do universo da hostilidade humana. (CAMARGO, 2021, p. 6).

Quando ocorre a interação bem sucedida na trama da hospitalidade ela se desemboca em duas: urbanidade e hospitabilidade. A primeira consiste no encontro entre pessoas que tenha gerado a impressão agradável de um serviço profissional eficiente. É a denominada hospitalidade encenada, tônica que prevalece tanto em âmbito comercial assim como em todos os ambientes voltados para o atendimento ao público, seja presencial ou virtual (GOTMAN, 2008, 2009; CAMARGO, 2021). Tendo em vista que a sociedade moderna cada vez mais acelera o contato entre desconhecidos e estranhos, este processo acaba por alterar:

instituições basilares da sociedade como casa, vizinhança, família, trabalho. A garantia de ser bem recebido em todos os lugares para onde vamos torna-se uma necessidade. A urbanidade, o tratamento polido, mas impessoal não é mais suficiente. Crescem as reivindicações por uma hospitalidade mais carregada de calor humano. (CAMARGO, 2021, p. 1).

Em face disso, parte-se para o segundo tipo de interação bem-sucedida, a hospitabilidade, aquela hospitalidade mais dotada de calor humano, a denominada hospitalidade genuína. Segundo o autor, ela é a chancela que marca os encontros cotidianos: “entre pessoas que sabem e gostam de receber e de serem recebidas, que

conhecem e praticam instintivamente ou por aprendizado as leis da hospitalidade” (CAMARGO, 2021, p. 6).

Não se quer aqui definir o perfil da pessoa com a habilidade hospitaleira. Mais propriamente do que dizer que uma pessoa é hospitaleira, vale dizer que seus contatos tendem a ser hospitaleiros. A hospitalidade é dividida em cenas, como num teatro, muitas vezes estanques. Podemos agir com hospitabilidade numa cena em que recebemos ou somos recebidos e na cena seguinte sermos *hostis*. (CAMARGO, 2021, p. 6).

Ancorado em Guimarães (2019), Camargo (2021) afirma que a hospitabilidade é basicamente motivada intrínseca e extrinsecamente pelo gosto de encontrar pessoas. Sob este viés, ainda que o autor mencione o fato de não desejar definir um perfil padrão de pessoas com habilidades hospitaleiras, a vocação, o gosto por servir e o traço de personalidade hospitaleiro são algumas das características dos conhecidos como “dotados de hospitabilidade”, os quais: “são como aqueles personagens bastante representados na ficção que, ao serem confrontados entre o protocolo, a atitude mais cômoda, e essência de suas missões, optam por este caminho mais difícil e arriscado” (CAMARGO, 2021, p. 6).

Similarmente para Lashley (2015), este perfil de pessoas tende a ofertar uma hospitalidade, para além do ganho pessoal, voltada para gerar alegria e prazer para os indivíduos acolhidos. Em face disso, o autor defende:

A hospitalidade pode ser entendida como uma característica fundamental, onipresente na vida humana e a hospitabilidade, em si, indicaria a disposição das pessoas de serem genuinamente hospitaleiras, sem qualquer expectativa de recompensa ou de reciprocidade. (LASHLEY, 2015, p.3).

Movendo-se para outro *locus* de discussão, chama-se a atenção para a perspectiva comercial da hospitalidade motivada por dois aspectos. O primeiro porque de acordo com Lashley (2015) grande parte das pesquisas acadêmicas sobre hospitalidade dedicam-se a estudá-la sob o viés comercial.

Mediante a isso, entra-se no segundo aspecto, as limitações de estudos acadêmicos voltados para os demais domínios, sendo o doméstico um deles, e, sobretudo, o impacto deste sobre o comercial. Já que: “fundamentalmente, as experiências concretas de hospitalidade, em qualquer que seja o contexto, apresentam-se como o resultado da influência de cada um desses domínios” (LASHLEY, 2015, p.10). Em face disso, respaldado nas pesquisas da década de 90 de Bitner, Booms e Tetreault (1990), e de Telfer

(1996), o autor tece contribuições necessárias para se olhar para a relação destes domínios na atualidade.

O domínio doméstico ajuda na consideração de algumas das questões relacionadas ao significado da hospitalidade, da hospedagem e da ‘hospitabilidade’. A hospitabilidade envolve o suprimento de alimentos, bebidas e hospedagem a pessoas que não sejam membros da casa. Embora boa parte da pesquisa recente e do material publicado sobre o assunto concentre-se exclusivamente na troca comercial entre o beneficiário e o fornecedor da hospitalidade, o contexto doméstico é revelador, porque as partes interessadas estão desempenhando papéis que se estendem para além dos relacionamentos de mercado estreitos dados nas ocasiões de prestação de serviço. (LASHLEY, 2015, p.11).

Em meados de 2006, Camargo similarmente comenta a ocorrência desta hospitalidade em âmbito comercial após a parte contratual, “sendo que esse após deve ser entendido como para além do” ou “tudo que se faz além do” contrato (CAMARGO, 2006, p.23). Para o autor, não se pode ignorar a manifestação das distintas formas de sociabilidade da trama hospitaleira.

O estudo moderno da hospitalidade não pode ignorar esse campo do comércio turístico. Se na sociabilidade primária da hospitalidade doméstica, feita de intimidade, de aconchego, o tríplice dar–receber–retribuir acontece ainda, devemos perguntar como as coisas se passam nas situações regidas por todo tipo de sociabilidade secundária, baseada em crachás (você é o prestador do serviço, eu sou cliente), seja ou não esse vínculo permeado por uma retribuição financeira. (CAMARGO, 2006, p.24).

Sob essa égide, para além de uma característica empresarial, a hospitalidade primeiramente diz respeito a um atributo de espaços e pessoas, em face disso, sugere-se compreendê-la para além da troca monetária de um serviço, pois é neste além do contrato que a hospitalidade se faz presente (CAMARGO, 2006). Por outro ângulo, Gotman (2009) em suas pesquisas questiona a manifestação da hospitalidade em um contexto comercial, para ela, a dádiva e o comércio caminham em oposição constante, sendo esferas antinômicas. Nesse sentido, a autora coloca em evidência a denominada encenação da hospitalidade nestes espaços, voltada para a prestação de um determinado serviço:

Se a hospitalidade pode penetrar na relação comercial, é unicamente pela introdução de uma margem de improvisação permitindo, se for o caso, uma relação pessoal mas não personalizada – entre o hoteleiro e o cliente. Isso implica escutar o indivíduo que se esconde através do “comercial” cuja postura para ser adequada não deve ser necessariamente polida, reservada ou mesmo contida. (GOTMAN, 2009, p.17-18).

Essencialmente miméticas são as relações estabelecidas entre a hospitalidade (como dádiva gratuita) e a comercial, na opinião da autora. Há uma sobreposição da monetização sobre a hospitalidade enquanto uma dádiva, em que as relações entre os indivíduos são mediadas pela tônica comercial.

Hospedar-se num hotel dispensa todo esforço de sociabilidade e autoriza um retrato saudável da vida social. Mas esta hospedagem também pode ser depreciada pelas mesmas razões, quando não se interessa em oferecer abertura à vida e aos recursos comerciais. [...] Da dádiva à relação comercial, o devido substitui a dádiva. A atenção e o serviço são contratuais e não objetos de dádiva e o cliente é qualificado pelas “exigências” relacionadas à regra do preço justo que mediatiza as relações sociais. As relações não são imediatas e os conflitos, mediatizados, não opõem diretamente os protagonistas, fazendo intervir um terceiro abstrato – espécie de “contrato” - que serve ao mesmo tempo como regulador mas também como escapatória. (GOTMAN, 2009, p.5-7).

No entanto, apesar da hospitalidade comercial envolver transações financeiras para balizar sua efetivação, ela pode guardar em si possibilidades, seja a de encenação ou se tratar de uma hospitalidade genuína: “se vender hospitalidade é um problema, há pessoas que investem em negócios que envolvem a verdadeira hospitalidade” (CAMARGO, 2021, p. 5). Nesse sentido, são complexas as relações hospitaleiras em contextos comerciais, bem como as relações constituídas com os demais domínios.

Dito isso, Lashley (2015) chamou a atenção sobre os estudos destes domínios, os quais para o autor em parte contribuem para compreender de forma mais aprofundada “a amplitude e a importância das atividades relacionadas à hospitalidade, para que seja possível entender melhor sua prática em contextos comerciais” (LASHLEY, 2015, p.13). As colocações empreendidas neste capítulo, portanto, evidenciam o paradoxo da hospitalidade:

A hospitalidade sempre escondeu um paradoxo. É gratuita, ou seja, despida de interesse que não o de bem receber/ser bem recebido. Não exige, mas supõe a retribuição e a compensação da parte do outro. Ou seja: é livre e obrigatória ao mesmo tempo. Ou seja, ainda: você é livre para obedecer, mas caso não obedeça será punido com a hostilidade. (CAMARGO, 2021, p. 7).

Assim sendo, a hospitalidade é aqui compreendida a partir dessas distintas possibilidades e formas de se manifestar em contextos variados, onde as experiências de hospitalidade estão circunscritas nas relações humanas.

A hospitalidade designa então, o ritual de visitar e receber amigos em casa, confraternizar com conhecidos (e mesmo desconhecidos) nas ruas, nas empresas (ligadas ou não a serviços de hospitalidade propriamente ditos) e

mesmo às formas virtuais de contato humano. É quase como se este termo acompanhasse as mais diferentes ações do nosso cotidiano, numa aparente totalidade que assusta e confunde. (CAMARGO, 2015, p. 5).

O fenômeno carrega a tônica dos relacionamentos humanos em seu cerne: “a relação interpessoal é o componente básico da cena hospitaleira” (CAMARGO, 2015, p. 7). Mediante a isso, portanto, a partilha da hospitalidade envolve os sentimentos das pessoas, as hostilidades humanas, a criação de laços simbólicos, a busca dos indivíduos pelo diferente, a sociabilidade humana e suas incontáveis possibilidades.

3.2 Algumas considerações

Conceder um espaço, abrigar pessoas, acolher estranhos, são características notadamente presentes quando se fala em hospitalidade. Desde os primórdios dos tempos, os seres humanos desenvolveram formas para sua concretização, que na atualidade são materializadas entre outros espaços, pelos meios de hospedagem. A variedade e o desenvolvimento destes ambientes, ao longo dos tempos, atingiram patamares inimagináveis, acompanhando sobretudo as mudanças socioculturais humanas.

Desde locais luxuosos a simplórios, a hospitalidade se faz presente nestes locais, já que o seu cerne, antes de tudo, tem-se o já citado encontro relacional entre pessoas e espaços antes mesmo de se falar em empresas, comércios e negócios. O dinamismo que permeia a história dos meios de hospedagem pode ser exemplificado pela diversificada tipologia que pode ser encontrada nos dias de hoje, revelando características específicas bem como similaridades.

Para evidenciar essas semelhanças e diferenciações reporta-se ao antigo Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem¹², criado em 2010, pelo Ministério do Turismo – MTur (Figura 2). Vale lembrar que atualmente este sistema se encontra desativado no país, seguindo um processo de reformulação e atualização, conforme detalhado no excerto a seguir:

¹² “Uma ferramenta de comunicação entre o setor hoteleiro e os turistas, com o objetivo de orientá-los em suas escolhas de maneira clara e objetiva, a classificação de meios de hospedagem é largamente utilizada por países líderes no turismo.” Disponível: <http://antigo.turismo.gov.br/acesso-a-informacao/63-aco-es-e-programas/5021-sistema-brasileiro-de-classificacao-de-meios-de-hospedagem-sbclass>. Acesso em: 17 jan. 2022.

O SBClass não está mais vigorando no Brasil, devido a uma rigorosa burocracia para a obtenção da classificação hoteleira de estrelas, junto aos empreendimentos hoteleiros no país. É importante ressaltar que o Sistema Brasileiro de Classificação dos Meios de Hospedagem (SBClass) ainda está em fase de reestruturação para se adaptar a atual realidade do setor hoteleiro do Brasil, estabelecendo dessa forma, uma comunicação direta pelas plataformas digitais e que principalmente se adeque à realidade dos empreendimentos encontrados nesse país, quanto a infraestrutura, recurso humano, serviços e sustentabilidade. (AGUIAR, BRITO, PERINOTTO, 2020, p.3).

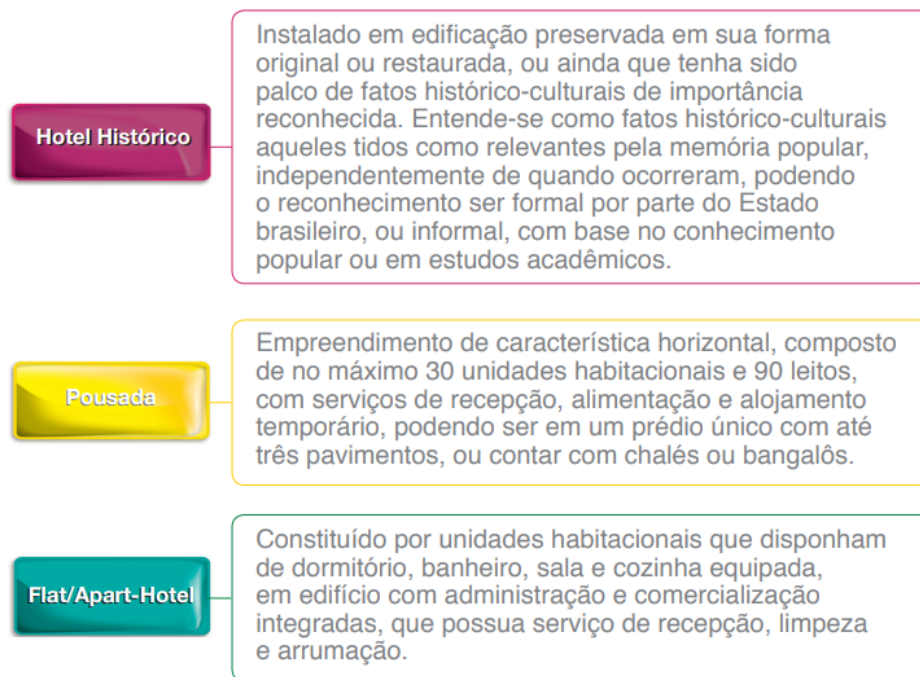
Nesse sentido, a ideia de reestruturação do referido SBClass pauta-se na adequação do sistema considerando as distintas realidades dos meios de hospedagem existentes no país, como forma de acompanhar o dinamismo destes empreendimentos.

Como é possível notar na categorização representada na figura 2, há aproximações e distanciamentos entre os meios de hospedagem. Embora mudanças possam ter ocorrido desde a formulação deste sistema, a base contida nestas categorias prevalece: a) infraestrutura, especialmente no que se refere à oferta de unidades habitacionais para cada indivíduo; e, b) serviços, tais como: recepção, limpeza, alimentação e lazer.

No entanto, faz-se necessária a reestruturação do SBClass, para se adaptar à realidade dos diferentes tipos de meios de hospedagem no Brasil, que igualmente não foram contemplados neste sistema. Sendo o hostel, objeto de estudo da presente investigação, um deles, espaço que será retratado no capítulo seguinte.

Figura 2 – Categorias do Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem





Fonte: Ministério do Turismo, 2010.

4 HOSTEL: UM CAMPO DE TRAVESSIAS MÚLTIPLAS

“Um hostel precisa ser visto não como um fenômeno residual, mas como um fenômeno consistente e global.”

(Susana Raquel Granito Cró).

Este capítulo dedica-se a traçar um percurso histórico e teórico-conceitual do hostel, até a sua manifestação na contemporaneidade. Busca-se compreender as possibilidades e os limites que o cerceiam, bem como as nuances que o compõem, com vistas a estreitar os diálogos, as visões e interpretações para o entendimento do fenômeno.

4.1 Gênese hosteleira: Uma jornada tríplice

Hostel, um meio de hospedagem constituído por resquícios históricos sociais perpetuados na contemporaneidade pela bibliografia da área, na busca pela compreensão da trajetória desse tipo de alojamento. Temas variados e pesquisas empíricas preocupam-se em historicizar, conceituar e caracterizá-lo, na busca pelo entendimento e dinâmica

inerente. Diversos autores se debruçaram sobre o tema, elaborando pesquisas que contribuíram para avançar nos estudos da área.

Um exemplo disso, refere-se às investigações identificadas a partir do levantamento das palavras chave realizado entre 2015 a 2019. Este levantamento foi realizado em plataformas de referência no Brasil no que diz respeito a produções científicas. Assim sendo, utilizou-se o portal de periódicos da CAPES, a Biblioteca digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, como complementação uma varredura foi feita no site de buscas *Google Scholar* (Google Acadêmico Brasil) conforme expressas no quadro a seguir.

Quadro 4 – Panorama de pesquisas stricto sensu de hostel no Brasil (2015/2019)

TÍTULO	DESCRIÇÃO	NÍVEL REFLEXIVO
O mundo não é tão grande: uma etnografia entre viajantes “independentes” de longa duração	Igor Monteiro Silva, 2015, Tese, Sociologia, Brasil, Universidade Federal do Ceará - Programa de Pós-Graduação em Sociologia.	Foco nos sujeitos “viajantes independentes” caracterizados como peças essenciais de hostels; destaque para o processo das relações dos sujeitos em viagem e suas nuances; interlocução com o cenário internacional.
Hostel: proposta conceitual, análise sócio espacial e do panorama atual em Florianópolis	Álvaro Augusto Dealcides Silveira Moutinho Bahls, 2015, Dissertação, Turismo e Hotelaria, Brasil, Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) – Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria (PPGTH).	Ênfase na compreensão histórica de hostel; proposição conceitual pautada na chamada gênese alberguista; atenção aos proprietários de hostels; interlocução com o cenário internacional.
Atributos motivacionais na escolha de hostels como meios de hospedagem	Alexandra Nhara Martins Mané, 2017, Dissertação, Turismo, Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Programa de Pós-Graduação em Turismo.	Destaque para o perfil e motivação do “consumidor de hostel”; apontamento para um novo tipo de hóspede a partir de atributos identificados.
O design de interiores em hostels: manifestações da individualidade em quartos compartilhados de hostel	Patrícia de Moura e Silva Toledo, 2017, Dissertação, Ambiente Construído, Brasil, Universidade Federal de Juiz de Fora - Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído.	Prevalhecimento da relação da individualidade em um hostel; análise espacial do fenômeno; Identificação de elementos representativos da individualidade em hostel.
Modelo de Radar para avaliação da qualidade de hostels	Daniela de Moura Pavão Farias Macedo, 2018, Dissertação, Administração, Brasil, Universidade Federal Rural de Pernambuco - Programa de Pós-Graduação em Administração e Desenvolvimento Rural.	Identificação de atributos representativos da qualidade de hostels; Formulação de um modelo de pesquisa com proprietários e/ou gerentes destes espaços.

Hostel: território de hospedagem marcado pela trama turístico-comunicacional	Mara Regina Thomazi, 2019, Dissertação, Turismo e Hospitalidade, Brasil, Universidade de Caxias do Sul - Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade.	Identificação de sinalizadores das relações em um hostel; Caracterização do hostel como território; Foco nos proprietários e hóspedes dos hostels; Interlocução com o cenário internacional.
--	--	--

Fonte: Elaboração própria.

Pode-se afirmar, que o ano de 2015 foi um divisor de águas para os estudos do hostel no Brasil, devido à conclusão da primeira dissertação sobre o tema com viés histórico-conceitual. Intitulada: “Hostel: proposta conceitual, análise sócio espacial e do panorama atual em Florianópolis”; Bahls (2015) avançou em quatro sentidos expressos a seguir, os quais são fatores cruciais para o entendimento sobre hostel:

a) Elaboração da primeira dissertação brasileira sobre este meio de hospedagem em um cenário permeado por artigos e trabalhos de conclusão de curso, tal como constataram as pesquisas de Bahls e Pereira (2017a). Tal fator demonstra a necessidade de sistematização de pesquisas, uma vez que se verificou a incipiência de investigações sobre a temática de hostels no contexto brasileiro (PEREIRA, GOMES, 2021; THOMAZI, 2019; BAHLS, PEREIRA, 2017a; SILVA, KÖHLER, 2015; OLIVEIRA, FALCÃO, 2014).

b) Análise de uma realidade hoteleira no Brasil para além do eixo Rio-São Paulo¹³, regiões constatadas na pesquisa do autor que além de contemplarem uma quantidade significativa de hostels, predominam a maior parte das publicações brasileiras da área em relação aos demais estados brasileiros.

Fatores como negligência do poder público e segmento de mercado relativamente atual, apontados pelo autor são alguns dos possíveis motivos que levam a perceber a discrepância teórico-prática do fenômeno de hostel na realidade brasileira. Cenário também percebido por Thomazi (2019, p.47): “[...] o mercado é relativamente novo no Brasil, o que pode explicar o baixo número, ainda, de estabelecimentos, o conhecimento restrito ou errôneo da população sobre esse meio e o fato de ser pouco explorado em pesquisas acadêmicas”.

¹³ Rio de Janeiro e São Paulo contemplam em seu histórico o pioneirismo na implantação de meios de hospedagem desde o período “colonial” brasileiro, ancorado nos autores Sandra Trabucco Valenzuela e Luiz Gonzaga Godoi Trigo, Bahls (2015, 2018) apresenta um panorama de inserção dos primeiros estabelecimentos hoteleiros no Brasil, o primeiro em 1838 no Rio de Janeiro e 10 anos mais tarde em São Paulo. Similarmente no contexto hoteleiro, foram os primeiros estados a inaugurarem os hostels no país na década de 60 (GIARETTA, 2003; BAHLS, 2015; SILVA, KOHLER, 2015). Isso pode ser um dos motivos do predomínio das publicações da área se fazerem presentes nestas regiões.

c) Pesquisa com os sujeitos pertencentes a estes espaços, já que até o ano de 2015, os estudos brasileiros tinham como foco aspectos relacionados à gestão, mercado, marketing, enfocando e relacionando, por vezes, o turismo sob tais perspectivas. Afinal, como frisa Camargo (2006) em suas investigações, faz-se cada vez mais urgente repensar o turismo para além da gestão do negócio, pensá-lo como uma busca dos sujeitos por um eu e um outro diferente, em “espaços cambiantes”. Já no cenário europeu, a arquitetura¹⁴ se destaca, em detrimento de uma abordagem do papel dos indivíduos, os protagonistas destes ambientes como forma de compreender a dinâmica e o que emerge da convivência em hostels.

d) Proposta de uma discussão histórica e teórica conceitual do fenômeno, a partir da denominada “gênese alberguista”¹⁵, devido à incipiência de pesquisas que conduzissem à compreensão teórica e ainda sob um viés qualitativo, tal como constatada na pesquisa do autor e, corroborada anos mais tarde na pesquisa de Thomazi (2019, p.14): “Existem poucas produções científicas, no Brasil, diretamente ligadas ao assunto, especialmente com abordagem qualitativa – o que pôde ser percebido através do levantamento bibliográfico”.

Sob esse cenário, optou-se por iniciar a presente discussão a partir da “gênese alberguista” ou aqui chamada de gênese hosteleira, a qual foi selecionada por representar a trajetória deste meio de hospedagem, além de ser a centralidade da obra que marcou o aprofundamento dos estudos de hostel no Brasil.

Nesse sentido, a partir da pesquisa de Bahls associada às demais produções da área foi possível verificar três aspectos sobre o tema, a saber: a) Idealização; b) Interação; e, c) Ideais, cada qual será destrinchado respectivamente a seguir. Cabe dizer que tais elementos se sobressaem na bibliografia da área, estão imbricados e contribuem para o

¹⁴ As produções sobre a temática na área da arquitetura, especialmente no cenário europeu, têm como foco a reabilitação arquitetônica, onde as investigações utilizam o hostel como proposta para dar uma nova função a prédios antigos ou em desuso, sendo apontado como uma solução ímpar para a resignificação desses espaços. “Os albergues acabam dando novo significado sociocultural ao patrimônio, favorecendo sua conservação. Uma antiga forma passa a ter novas funções” (BAHLS, PEREIRA, TRICÁRICO, 2016, p. 6). “São diversas as publicações da Arquitetura, figurando-a como a área dominante” (PEREIRA; GOMES, 2021, p.13).

¹⁵ A pesquisa sustentou-se considerando quatro pilares: “o primeiro é a distinção entre as palavras hostel e albergue da juventude; o segundo é a análise do público-alvo desse meio de hospedagem; o terceiro é o trinômio hostels/hospitalidade/espaço; e, finalmente, a matriz classificatória das áreas físicas” (BAHLS, 2015, p.109).

seu entendimento, logo, é a partir da sinergia dessa tríade que o hostel será aqui caracterizado.

Registros acerca da idealização do hostel são detectados na obra de Abrantes (2016) por meio de variadas possibilidades desde os primórdios dos tempos, com destaque para cinco aspectos: a) o período da mesopotâmica em 1800 a. C. relacionado à hospitalidade; b) motivações religiosas ligadas às peregrinações da Babilônia (480 d.C.), Jerusalém (1070) e Espanha (1499); c) razões médicas associados aos “hospícios” e sociais referente a espaços destinados a pessoas em situação de rua especialmente no início do século XIX; d) as organizações e associações voluntárias europeias voltadas para a “ocupação do tempo livre” de jovens estudantes (1884); e) razões educacionais representada pela construção da universidade de Bolonha/Itália, a qual estimulou a implantação de residências universitárias (1088).

Dentre tais aspectos, questões problemáticas podem ser percebidas, levando-se a refletir sobre por onde andam os registros históricos da idealização dos hostels para além do contexto europeu e seu entorno, sobre o possível apagamento destes registros, bem como o processo de idealização de hostels em regiões como África, Ásia e América Latina.

Acredita-se que a visão eurocêntrica que perpetua a constituição destes espaços pode não ser adequada para representar as regiões para além do eixo eurocentrista, dada as incontáveis possibilidades desta criação em realidades distintas do hemisfério Norte. A profusão das referidas razões no cenário europeu e entorno, por exemplo, são como pistas, que descortinam a imanente pluralidade que de igual maneira, pode ter ocorrido no processo de implantação dos hostels nos demais territórios.

Apesar do panorama apresentado, sinalizar possibilidades para se compreender a construção dos hostels, ele diz de um cenário comum, o qual historicamente influenciou a constituição dos meios de hospedagem de maneira geral. Afinal, existem diversos tipos de alojamentos na contemporaneidade, sendo os hostels um deles. Embora os processos históricos supracitados possam ter influenciado sobremaneira na criação do hostel, tal espaço com a proposta e características expressas na literatura da área são alicerçadas ao seu inventor.

É a imagem do alemão Richard Schirrmann como sendo o **Idealizador** dos hostels que se faz perene no discurso da bibliografia da área. A figura de Schirrmann se faz emblemática, sendo exaltada e difundida nos mais variados estudos. Neste sentido, é

necessário conhecer o precursor desse tipo de hospedagem, uma vez que sua trajetória está diretamente ligada ao percurso do hostel.

Ativista social e professor de história natural, Richard Schirrmann propunha em seu plano de aula trabalhos de campo e visitas técnicas para os alunos por meio de viagens pelo interior da Alemanha. O objetivo dessas expedições era propiciar o contato dos discentes com o ambiente externo, especialmente com a natureza, pois Schirrmann acreditava que: “[...] um professor não podia ensinar apenas de pé na frente de seus alunos, usando apenas palavras e palavras e examinando-os posteriormente para descobrir o que haviam aprendido, ele queria que seus alunos realmente aprendessem, sentissem, entendessem e explorassem o mundo” (SIMPSON, 2015, p. 2).

De acordo com o autor, Schirrmann acreditava que as crianças aprendiam melhor fora do ambiente de sala e poderiam potencializar o aprendizado adquirido em livros por meio da observação, análise e da aprendizagem em grupo durante o contato com a natureza. O professor enxergava a viagem como um elemento crucial para compor o método de ensino, e com isso, integrava nas aulas um programa diversificado de viagens pelos territórios alemães (SIMPSON, 2015; BAHLS, 2015).

Satyro e Pinheiro (2006) expressam que por meio dessas viagens de campo difundiu-se a ideologia dos hostels como espaços de sociabilidade. Uma vez que Schirrmamm: “se dedicava a criar programas de convivência com seus alunos, organizando grupos de jovens para realizar pequenas viagens de estudos. Por isso, a filosofia deste meio de hospedagem ficou conhecida como uma forma de interação, de fazer novas amizades” (SATYRO; PINHEIRO, 2006, p. 33).

Alicerçado ao precursor, tem-se como segundo aspecto a **Interação** a qual era estimulada pelas vivências proporcionadas por Schirrmann, onde os discentes podiam interagir entre si, com outros professores e ainda com as paisagens e a cultura local durante as viagens. Tal como mencionado anteriormente, é devido ao panorama exposto que um hostel é considerado até os dias de hoje um espaço de socialização por meio das interações ocorridas dentro e fora do estabelecimento. Com isso, a interação é considerada a essência desse ambiente, sendo uma tônica recorrente que marca as produções da área¹⁶ como outrora citado.

¹⁶ GIARETTA, 2003; MCCULLOCH, 1992; HETCH, MARTIN, 2006; SATYRO, PINHEIRO, 2006; O'REGAN, 2010; VOLANTE, 2011; SARAIVA, 2013; OLIVEIRA, FALCÃO, 2013; FISCHMANN, ANDRADE, KIM, 2014; BAHLS, 2015, 2018; SILVA, KÖHLER, 2015; SEBRAE, 2015; SIMPSON, 2015; SILVA, 2015, 2018; ABRANTES, 2016; BAHLS, PEREIRA, TRICÁRICO, 2016; CANAN, FERREIRA, CASAGRANDA, 2017; BAHLS, PEREIRA, 2017a; MANÉ, 2017; CRÓ, 2018; THOMAZI,

Uma eventualidade recorrente na bibliografia conta que em uma das expedições escolares foi preciso que o professor e os alunos se alojassem em uma escola da região a fim de aguardar o término de uma tempestade. Acredita-se que este episódio estimulou o professor a refletir acerca da ideia de criar uma rede de hospedagem para alojar os estudantes durante as viagens (MCCULLOCH, 1992; GIARETTA, 2003). Ratificando tal recorrência nas produções da área, registros na obra de Simpson (2015) por exemplo, apontam essa história como sendo parte da “mitologia dos albergues da juventude”, a qual comumente é perpetuada nos mais diversos estudos.

O autor comenta ainda o momento reflexivo do professor durante o referido episódio: “Ele sonhava com uma cadeia de lugares simples, espalhados pelo campo, onde os jovens poderiam ficar. Viajando entre esses albergues da juventude, as crianças ficavam ao ar livre. Eles andavam, se exercitavam e estiravam os membros”¹⁷ (SIMPSON, 2015, p.2). Segundo o autor, Schirrmann acreditava que a viagem e o contato com a natureza conduziriam os alunos a um processo de transformação humana estimulando-os a serem indivíduos melhores

Tal cenário levou Schirrmann a instituir a Associação Alemã de Albergues da Juventude – *Deutsches Jugendherbergswerk*, no ano de 1909, a iniciativa propunha utilizar as escolas da região, especialmente durante os finais de semana e férias, para abrigar os alunos durante as excursões. Salas de aula eram utilizadas para separar os grupos por gênero, cada qual era composto por um adulto que tinha o papel de anfitrião, - materializado na figura de um recepcionista nos hostels contemporâneos -, e responsável por determinado grupo. Além disso, cada estudante era responsável pela limpeza e organização do próprio ambiente de dormir (THOMAZI, 2019; BAHLS, 2015).

Basicamente, o objetivo do professor era oferecer um alojamento para que os alunos pudessem interagir e conviver, bem como experienciar as cidades, a cultura e as paisagens de cada lugar visitado (MCCULLOCH, 1992). Então, foi por meio de donativos e apoio de alguns pais e professores que Schirrmann deu continuidade ao projeto de alojamento nas escolas durante 3 anos, mesmo com a baixa aceitação de parte dos professores:

Apesar do grande público apoiar este movimento, este não teve grande apoio por parte da classe de professores, que talvez não apreciassem a ideia de rapazes e raparigas dormirem no mesmo edifício, mesmo sob supervisão dos

2019; PEREIRA, 2019; PEREIRA, GOMES, 2020; PEREIRA, GOMES, 2021a; PEREIRA, GOMES, 2021b.

¹⁷ Tradução livre.

acompanhantes, ou talvez tenha sido a ideia dos professores a confraternizar com os estudantes que os desagradou. (VOLANTE, 2011, p. 23).

De acordo com o autor, transpor os muros das escolas era o que professor almejava, e assim o fez por meio da: “[...] criação de um sistema de alojamento permanentemente aberto a grupos de viajantes utilizando para esse fim edifícios vazios sem qualquer utilização – tais como, Castelos Medievais” (VOLANTE, 2011, p. 23).

Dito isso, em parceria com o governo alemão, parte do Castelo de Altena foi doado para tal finalidade, onde o primeiro hostel para estudantes foi inaugurado em 1912. O castelo constituía-se de um bem tombado, porém inutilizado, tendo sido restaurado e ressignificado adquirindo uma nova forma de uso: hostel. Por isso, tais espaços, na contemporaneidade, são associados à preservação de edificações históricas, pois:

[...] desde sua gênese, esse meio de hospedagem favorece a conservação desses locais de interesse histórico e conseqüentemente possuem, em sua essência, o potencial de constituírem um meio de promover a conservação do patrimônio histórico edificado, a hospitalidade urbana e, conseqüentemente, o turismo sustentável. (BAHLS, 2015, p. 124).

Além disso, o autor aponta que o castelo era próximo da escola onde o professor lecionava facilitando o acesso dos alunos. Cabe frisar que o castelo existe até os dias de hoje sendo considerado o hostel mais antigo do mundo (BAHLS, 2015). O autor comenta que além de convicções próprias, o método de ensino adotado pelo professor (que culminou na materialização de um espaço para acomodar estudantes), inspira-se em raízes mais profundas de caráter filosófico. Isso é devido à eclosão de diversos movimentos ideológicos na sociedade alemã em função do avanço tecnológico o qual ocasionou em desigualdades sociais preocupantes no cenário urbano germânico, Richard Schirrmann:

[...] lamentou as condições nas quais os seus alunos estavam a viver e a aprender e começou a levar pessoalmente os seus alunos para o campo aos fins de semana, sabendo que estes não tinham qualquer outra oportunidade de deixar a cidade insalubre e repleta de gente. (VOLANTE, 2011, p.22).

A partir da colocação acima é possível iniciar o diálogo com o terceiro e último aspecto, os **Ideais** que estimularam o professor na implantação do hostel. Foi inspirado nos valores filosóficos do movimento estudantil *wandervogel* que tal processo se fez presente.

Para compreender melhor os motivos de Schirrmann deve-se procurar entender os aspectos socioespaciais de sua época. As condições de vida da juventude

alemã pós revolução industrial (que eclodiram em uma série de movimentos sociais, dos quais o Wandervogel é o primeiro e mais representativos deles) influenciaram diretamente Schirrmann na criação dos Jugendherbergen. (BAHLS, 2015, p.64).

A busca por uma “vida simples” regia o movimento o qual era: “[...] altamente idealista e romântico, que lutava contra algumas normas da sociedade germânica e buscava um retorno a um modo mais simples de vida, uma aproximação com a natureza, através do folclore e das artes” (COBURN, 1950; HEATH, 1962 apud BAHLS, 2015, p.66). Além da reintegração social dos jovens, como forma de se sentirem parte da sociedade eram alguns dos desejos preconizados pelo movimento. Com isso, o professor fundamentou a ideia de espaços onde os jovens pudessem se reconectar com lugares, pessoas e consigo mesmo, por meio de experiências de viagens, com o foco na busca pela natureza e pela “vida simples” (BAHLS, PEREIRA, 2018).

Tal busca refere-se ao momento socioeconômico e tecnológico que a Alemanha vivia entre os séculos XIX e XX, por meio do processo de industrialização, que culminou em disparidades sociais conforme outrora citado. Bahls e Pereira (2018, p. 297), ancorados em Engles (2009), sublinham a mazela social vivida no país, os jovens alemães eram acometidos pela vulnerabilidade social, sendo “usurpados pelos novos meios de produção e suas condições de vida beiravam o desumano”. O excerto a seguir apresenta detalhadamente o referido contexto:

Sobre a época precursora ao movimento juvenil alemão, que inspirou a criação dos albergues da juventude, é importante saber que grande parte da Europa havia vivenciado um avanço econômico e tecnológico sem precedentes, entre os anos de 1860 e 1900, em decorrência da Segunda Revolução Industrial. Durante essa época, o país europeu que ocupou a liderança, foi a Alemanha. No entanto, nem todas as classes sociais experimentaram os mesmos padrões de vida e benefícios oferecidos por essa nova revolução industrial, gerando grandes tensões sociais. [...] a precariedade desse panorama socioespacial, somam-se as péssimas condições de higiene, saúde, alimentação e segurança dos trabalhadores nas novas cidades recém industrializadas. As condições de vida eram tão desmoralizantes que o trabalhador era rebaixado a um estado sub-humano de existência, em prol do desenvolvimento e bem-estar de poucos. (BAHLS, 2015, p. 60-61).

Diante deste cenário, o movimento consistia em uma forma de lutar pela reintegração em uma sociedade cada vez mais industrializada e opressora, onde a população estava à margem da “condução do seu próprio desenvolvimento”. Propondo assim uma “volta à natureza, as quais eram tentativas de fugir de uma civilização materialista” tendo como foco a busca pela “vida simples” e pela libertação das restrições impostas pela Revolução Industrial (BAHLS, 2015).

O movimento enxergava o novo sistema político como opressor e alienante dificultando a integração da “parte crítica da sociedade” rumo a melhores condições de vida. Fuga de uma civilização materialista e transformação das relações humanas por meio do romantismo¹⁸ eram algumas das principais finalidades dos *Wandervogels* (BAHLS; PEREIRA, 2018).

Mediante a isso, Schirrmann ao instituir o primeiro hostel, intitulado de albergue da juventude, entre seus principais objetivos estavam o de: “proporcionar o entendimento entre as pessoas, o ato de viajar a jovens estudantes e amenizar as mazelas criadas pelo cotidiano da vida em cidades pós-industriais da Alemanha, no início do séc. XX, com base na filosofia dos *Wandervogels*”¹⁹. Nesse quadro:

Richard Schirrmann, integrou os ideais originais dos *Wandervogels* a um novo meio de hospedagem, buscando aliviar a opressão e a miséria sentidas pelas crianças das grandes cidades, por meio de viagens acadêmicas e lúdicas ao interior do país. Ele percebeu que essas viagens poderiam lhes oferecer, além do conhecimento científico, um retorno a uma vida mais simples, em que reinasse o entendimento entre as pessoas. (BAHLS, PEREIRA, 2018, p. 4).

Neste sentido, fundamenta-se nas contribuições de Gomes (2014), autora que enfatiza a necessidade de contextualização de um dado fenômeno. Assim sendo, ao olhar para os ideais da constituição hosteleira, permite conhecer o hostel de maneira contextualizada, situando-o historicamente e ainda ancorar-se na dinamicidade que lhe é inerente, contribuindo desse modo, para compreender o caminho percorrido por este meio de hospedagem. Ao se falar em dinamismo, a expansão do hostel tanto no contexto nacional quanto internacional foi permeada por mudanças, especialmente devido a sua interlocução com o campo do turismo.

Nos estudos de Giaretta (2003), por exemplo, constata-se que a partir da incorporação do hostel às políticas de turismo da Alemanha no ano de 1912, algumas transformações começam a ocorrer. Transformações estas denominadas por Abrantes (2016) como “motivações turísticas” as quais influenciaram nas adaptações dos hostels contemporâneos.

Sendo assim, não apenas estudantes passam a frequentar estes espaços, tal como idealizado inicialmente, mas também turistas começam a se hospedar. Mediante a isso,

¹⁸ O romantismo a que se referem diz respeito ao retorno e contato com a natureza, e ainda a redescoberta de canções da cultura popular e folclórica alemã. (BAHLS; PEREIRA, 2018).

¹⁹ BAHLS, 2015, p.57-58.

tem-se um vertiginoso crescimento de hostels pela Alemanha, sobretudo após a temática ter sido apresentada na Conferência de “Turismo da Juventude”²⁰, e ainda, os espaços terem sido publicados no primeiro guia de Turismo de Juventude Alemão. Giaretta (2003, p.83) comenta a propagação nos anos seguintes: “Em 1913, já existia na Alemanha 301 albergues da juventude, passando para 535 unidades em 1914”.

Devido ao fato de vivenciar dois períodos de guerras mundiais (1^a 1914-1918; 2^a 1939-1945) esse meio de hospedagem foi acometido por períodos de declínios e ascensão ao longo de sua trajetória. A expansão desses espaços pelo restante da Europa se deu no final dos anos 20 e primórdios da década de 30, especialmente ocasionada pela criação da *Hostelling International* - Federação Internacional de Albergues da Juventude no ano de 1932²¹.

A literatura da área comenta que destinos como Estados Unidos em 1934 e Canadá no ano de 1938, foram os primeiros países da América do Norte a instalarem os hostels para além do continente europeu, e anos mais tarde na América Latina os pioneiros foram a Argentina e o Uruguai.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os hostels entraram em um período de estagnação, tendo sido vários deles destruídos, no entanto, após tal episódio houve um avanço significativo em diversos países. Destaca-se o período pós-guerra entre a década de 50 e 60 considerado o auge deste meio de hospedagem, devido ao alcance em nível mundial, especialmente por acompanhar o crescimento do turismo no cenário global (SILVA, KOHLER, 2015). O excerto a seguir contempla os esforços direcionados para a recuperação do movimento hosteleiro schirrmanniano:

É nesse momento que Monroe Smith, fundador do primeiro *Youth Hostel* estadunidense, que já nessa época havia se tornado amigo confiante de Schirrmann vem socorrer o movimento alberguista alemão. Após 15 meses do término da guerra, os dois amigos embarcaram numa turnê tentando ressuscitar o movimento alberguista alemão. Schirrmann com os discursos, Smith com os recursos e lentamente os *youth hostels* começam a recuperar seu vigor e entusiasmo, sua jovialidade, seu romantismo e idealismo. Na última conferência da qual participou, pouco antes de sua morte em 1961, Schirrmann define os albergues como uma casa na qual todos os “andarilhos” podem se

²⁰ “Turismo praticado por um grupo homogêneo de jovens, com as características marcadas por período etário, estilo de vida e estado de espírito, que desencadeia uma série de subsegmentos divididos em vários tipos de turismo, entre eles, educativo (estudantil, intercâmbios, cursos no exterior); associativo fomentado por associações como albergues da Juventude, Clube dos Escoteiros, Associação de Cristã de Moços e de Moças; turismo social, promovido por organizações que facilitam o acesso de jovens que ficariam excluídos da prática do turismo convencional; e turismo de natureza (ecoturismo, aventura, esportes radicais, turismo alternativo).” (GIARETTA, 2003, p.8).

²¹ GIARETTA, 2003; SATYRO, PINHEIRO, 2006; SILVA, KOHLER 2015; THOMAZI, 2019.

encontrar, onde todos têm os mesmos direitos e deveres e todos pertencem à nação da juventude. (HEATH, 1962, p. 60 *apud* BAHLS, 2015 p. 80-81).

Nesse sentido, países como Portugal por exemplo, tem os primeiros hostels inaugurados na década de 50, denominados “pousadas da juventude”, eram espaços utilizados como colônias de férias para acomodar a juventude portuguesa (SARAIVA 2013). Com o decorrer dos anos a ideia ampliou-se e os anos de 1980 marcam a expansão dos hostels portugueses devido a recém instaurada Associação Portuguesa de Pousadas da Juventude, criada em 1987, a partir desta iniciativa este tipo de alojamento passou a ser integrado: “no conjunto de entidades autorizadas a realizar viagens turísticas coletivas, com base no Decreto-Lei n.º 250/87, de 24 de Junho, facilitando o intercâmbio juvenil de interesse para os jovens portugueses” (SARAIVA, 2013, p. 97).

Pensando na conjuntura brasileira²² foi em meados da década de 1960 que ocorre a implantação do primeiro hostel conhecido como Residência Ramos, localizado no Rio de Janeiro. Giaretta (2003) relata serem os municípios do Rio de Janeiro e São Paulo, os palcos para a inauguração dos demais hostels brasileiros. Segundo a autora, a iniciativa partiu do casal precursor dos hostels no Brasil, os professores Joaquim e Yone Trotta, após conhecerem o movimento alberguista europeu, decidem instaurar a ideia adaptando-a no país.

Em fins de 57 levamos um grupo de 32 participantes em uma excursão cultural à Europa. [...] lamentávamos ainda que outros estudantes ou professores não tivessem condições financeiras para tal empreendimento, pois a hospedagem tinha sido em hotéis. [...] pensamos em organizar uma nova excursão, desta vez utilizando-nos daqueles albergues [e] em adaptá-los no Brasil. Para tudo isso seria necessário melhor conhecê-los. (TROTТА, 1978, p. 20 *apud* BAHLS, 2015, p. 102).

Em face deste cenário, Bahls (2015, p.108) aponta que o movimento hostelero do Brasil apresenta uma semelhança filosófica conceitual com os hostels europeus “[...] principalmente os alemães, com mais veemência até o final da década de 1980”.

Em se tratando do desenvolvimento e consolidação do hostel no país, Giaretta (2003) demonstra nas pesquisas realizadas, duas datas emblemáticas que favoreceram o crescimento socioespacial da hostelaria brasileira, o ano de 1971 por meio da criação da

²² Ao olhar para o berço da história do hostel há uma diferença de 51 anos da implantação na Alemanha (1909) e no Brasil (1960). Um dos países europeus que apresenta aproximações com o Brasil é Portugal, o país teve o seu primeiro hostel inaugurado 10 anos antes da realidade brasileira. A consolidação e o desenvolvimento dos hostels no cenário português se deu por meio de iniciativas de institucionalização a partir da década de 80, já no Brasil a efetivação ocorre na década de 70.

Federação Brasileira dos Albergues da Juventude, e oito anos mais tarde em 1979, a inclusão dos hostels na pauta de discussão do “turismo social”²³, pelo então presidente da Empresa Brasileira de Turismo, conhecida atualmente como Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo – EMBRATUR.

Embora o campo de hostel brasileiro tenha presenciado avanços, as iniciativas foram de caráter pontual e mediante a isso o fenômeno é visto como embrionário nos mais diversos estudos da área²⁴. No cenário nacional e internacional há indícios no que se refere à legitimação e deslegitimação do hostel, influenciando deste modo, no desenvolvimento deste meio de hospedagem no território. Segundo Bahls e Pereira (2017b) internacionalmente os hostels fazem parte de um “fenômeno social” legitimados por parte do governo, já, nacionalmente são negligenciados pelo poder público:

Internacionalmente, os hostels estão bem difundidos e até mesmo conceituados por leis em alguns países, principalmente no continente europeu e América do Norte. Nesses locais, suas características singulares estão bem definidas, são tidos como parte de um fenômeno social e estão ligados diretamente à hospitalidade do local visitado, como é o exemplo da França, que possui um selo de qualidade aceito pelas autoridades nacionais como padrão (THE EUROPEAN CONSUMER CENTRES’ NETWORK, 2009). No entanto, em âmbito nacional, esse segmento de mercado, por ser relativamente recente, encontra-se em estado de abandono por parte do Ministério do Turismo - MTur. (BAHLS; PEREIRA, 2017b, p.3). (Grifos da autora).

Pesquisas apontam que o aumento do mercado de hostels brasileiro se fazia incipiente até os anos 2000, com iniciativas isoladas pelo território, com exceção do Rio de Janeiro. “No Brasil, pode-se dizer que é um conceito que se expandiu e que a demanda pela acomodação aumentou somente depois do ano 2000” (THOMAZI, 2019, p. 47).

De igual maneira, há ainda a ausência dos hostels em pesquisas e documentos governamentais brasileiras. Um exemplo disso, refere-se ao já mencionado antigo Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem²⁵, , criado pelo Ministério

²³ O “turismo social” pode ser compreendido como: “um meio de democratizar o acesso às viagens e ao lazer, promovendo a igualdade social e a sociabilidade das classes menos favorecidas econômica e socialmente” (FINO; SILVA, 2012, p. 9).

²⁴ PEREIRA, GOMES, 2021; THOMAZI, 2019; CRÓ, 2018; SILVA, 2018; MANÉ, 2017; ABRANTES, 2016; BAHLS, 2015.

²⁵ Disponível em: <http://antigo.turismo.gov.br/acesso-a-informacao/63-acoes-e-programas/5021-sistema-brasileiro-de-classificacao-de-meios-de-hospedagem-sbclass.html>. Acesso em: 05 set. 2021.

de Turismo – MTur, o qual não apresenta o hostel como um tipo de hospedagem, estando à margem dessa classificação (SEBRAE, 2014; BAHLS, 2015).

Bahls e Pereira (2017b, p. 3) comentam que segundo o MTur, o: “novo sistema serão sete matrizes, para os tipos de hospedagem: Hotel, Resort, Cama & Café, Hotel Fazenda, Hotel Histórico, Pousada e Flat/Apart-Hotel. Nesse primeiro momento, os albergues não entraram na classificação”. Desse modo, a incipiência da modalidade de hostel nas políticas, pesquisas e ações governamentais, é uma realidade marcante, tal como exemplificado, podendo impactar, sobremaneira, no fomento desse meio de acomodação.

Como exemplo da situação exposta, igualmente embrionária, a presença dos hostels nas pesquisas divulgadas pelo Observatório de Turismo de Minas Gerais no período de 2012 até o ano de 2016 em parceria com a Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte – Belotur²⁶. Em tais documentos não constam os registros da taxa de ocupação dos hostels existentes na cidade, somente do setor hoteleiro. Entretanto, nota-se uma mudança nesse cenário, pois a pesquisa de 2017, contempla a categoria hostel junto à de hotel como meio de hospedagem utilizado pelos turistas durante a estadia em BH, conforme a tabela 1.

Frente a isso, o ano de 2017 foi um divisor de águas no sentido de contemplar os hostels nas pesquisas desenvolvidas pelos referidos órgãos. Isto porque os relatórios de pesquisa de demanda turística posteriores publicados nos anos de 2018 e 2019²⁷, similarmente contemplam a inserção deste tipo de hospedagem. Além disso, apresentam ainda um avanço quando comparado ao documento de 2017, pois a categoria hostel encontra-se separada da tipologia hotel.

²⁶ Observatório de Turismo – Publicação da Belotur sobre indicadores do Turismo de Belo Horizonte (Caderno de Dados de 2012 a 2017). Ressalta-se que 2017 foi o último ano em que foi publicado pesquisas nesse sentido no seguinte site governamental, desde então não foram detectadas novas publicações. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/belotur/observatorio-do-turismo/caderno-de-dados>. Acesso em: 15 jan. 2022.

²⁷ Relatório Pesquisa de Demanda Turística. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/belotur/observatorio-do-turismo/demanda-turistica#:~:text=A%20pesquisa%20de%20demanda%20tur%C3%ADstica,das%20atividades%20tur%C3%ADsticas%20no%20munic%C3%ADpio>. Acesso em: 15 mar. 2022.

Tabela 1 – “Avaliação de demanda turística em Belo Horizonte (2017)”

GÊNERO	FEMININO 44,7%	MASCULINO 55,3%
INSTRUÇÃO	SUPERIOR COMPLETO 26,30%	MÉDIO COMPLETO 42,8%
ORIGEM	MG 59,4%	SP 11,6%
RENDA FAMILIAR	R\$ 937,01 a R\$ 2.811,00 29,1%	DE R\$ 2.811,01 a R\$ 4.685,00 23,1%
HOSPEDAGEM	CASA DE PARENTES E AMIGOS 43,8%	HOTEL/HOSTELS 20,3%
FAIXA ETÁRIA	Média de 35,0 anos	
MOTIVO DA VIAGEM	NEGÓCIOS 17,8%	VISITA A PARENTES E AMIGOS 31,9%
PERMANÊNCIA MÉDIA	5,2 dias	
GASTO MÉDIO POR DIA	132,00	

Fonte: BELOTUR, 2017, p.13.

O panorama apresentado, permitiu assim questionar os motivos pelos quais os hostels não constam nessas pesquisas e, quando constam, aparecem de maneira tímida e pouco detalhada, levando a se pensar quais as possíveis implicações disso para o movimento hostelero de Belo Horizonte.

Similarmente, a produção científica nacional sobre a temática, iniciou-se nos anos 2000, por meio dos estudos sobre a hospitalidade, difundidos especialmente pelos cursos de Hospitalidade ofertado pela Universidade Anhembi-Morumbi/São Paulo e de Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí/Santa Catarina (BAHLS; PEREIRA, 2017b). Sendo assim, estudos sinalizam a incipiência de produções bibliográficas sobre hostel no contexto brasileiro²⁸.

Panorama corroborado a partir da pesquisa elaborada por Pereira e Bahls (2017b), intitulada: “Hostel: o estado da arte e considerações para futuras pesquisas”, a qual contempla um levantamento do estado da arte nacional e internacional da temática considerando um recorte temporal de 25 anos, sendo 2014, o último ano da coleta.

²⁸ OLIVEIRA, FALCÃO, 2014; SILVA, KÖHLER, 2015; BAHLS, PEREIRA, 2017a; THOMAZI, 2019.

Os autores identificaram um total de 66 referências científicas (nacionais e internacionais), desse montante 16 contemplam o hostel como foco principal, 5 são trabalhos de conclusão de curso, 3 dizem respeito às dissertações que abordam diretamente sobre o tema, tratando especialmente do “turismo de juventude”²⁹. Em relação às 8 publicações restantes são dissertações se referindo ao “turismo *backpacker*” ou mochileiro³⁰ em meios de hospedagem alternativos.

A pesquisa constatou ainda dois cenários válidos de serem mencionados: os artigos científicos predominando as publicações da área e a inexistência de teses sobre o fenômeno até o último ano da coleta de dados. A partir desse contexto, “a carência de estudos sobre esse tema em nível nacional é preocupante e fora do eixo Rio-São Paulo é mais carente ainda. Portanto, os destinos hosteleiros brasileiros marginalizados clamam por pesquisas científicas sobre o tema” (BAHLS, 2018, p.7). Anos mais tarde similarmente, conforme observado na pesquisa de Pereira e Gomes (2021), a embrionária produção científica sobre a temática ainda se faz presente.

Nesse sentido, apesar dos esforços da bibliografia em se debruçar sobre o tema, o panorama incipiente se revela preocupante, podendo reverberar nas compreensões do fenômeno. Assim, o tópico a seguir propõe apresentar os entendimentos e aproximações e ênfases diferentes que permeiam os estudos de hostel.

4.2 Tessitura hosteleira: Mas, afinal, como o hostel é compreendido?

Na busca pelas compreensões de hostel, averiguou-se certa incipiência teórico-conceitual acerca do fenômeno, em especial no cenário nacional. Nos debates bibliográficos existentes, vê-se uma tendência em aliá-lo sob as mais distintas perspectivas. Dessa maneira, o tema se faz complexo e multifacetado, acometido por interpretações, visões e subjetivações perpassando tempos, espaços e práticas.

Para compreendê-lo, alguns autores o reduzem a um segmento do *low-cost*³¹, ou seja, de baixo custo, praticando preços reduzidos quando comparado a um meio de

²⁹ “Turismo praticado por um grupo homogêneo de jovens, com as características marcadas por período etário, estilo de vida e estado de espírito.” (GIARETTA, 2003, p. 8).

³⁰ Tradução livre: Turismo Mochileiro. Conforme constatou a pesquisa de Falcão (2016, p.11): “Mochileiro é um viajante. Com diferentes graus de intensidade, esses sujeitos se conectam com um quadro de referência do “ser mochileiro”, por uma questão de filosofia, de identidade, de sentimento de pertença ou sentimentos de valores comuns como: liberdade, aventura, desejo de ir além, experiência de alteridade, etc”.

³¹ VOLANTE, 2011; ABRANTES 2016; VALLS, 2016; TAVARES, 2018; TAVARES, BREA, 2017.

hospedagem tradicional. Para Tavares e Brea (2017, p.3) por exemplo, basicamente: “os hostels surgiram dentro do movimento modernista do segmento da indústria hoteleira *low-cost*”. Diante disso, muitas vezes, o fenômeno é visto como um tipo de alojamento de baixo custo, sendo constantemente associado a essa expressão.

Esta conjuntura abre espaço para o entendimento dessa acomodação como uma opção mais “barata”³² em relação a outros meios de hospedagem. Embora afinidades com o *low-cost* possam ser observadas, diversos autores não se apropriam dessa terminologia. Com isso é comum se ver a utilização de termos correlatos como “econômicos”, “baratos” ou “acessíveis”. O que praticamente carrega o mesmo sentido, porém, a mudança versa na nomenclatura eleita por cada pesquisador a ser utilizada nas investigações.

Cabe frisar que o fato de associar o hostel às terminologias citadas, pode atrelar-se ao que Silva (2015) em sua obra: “O mundo não é tão grande: uma etnografia entre viajantes “independentes” de longa duração”, pontua acerca da fragmentação do quarto ser uma característica inerente à redução de tarifas. Isso quer dizer que os preços baixos praticados nestes espaços, associam-se ao processo de transformação dos quartos em dormitórios coletivizados. Culminando assim, em precificações mais baixas se comparado a outros sistemas de hospedagem:

No *hostel*, a unidade básica com a qual se trabalha é a cama, ela é o objeto de consumo primário que se situa, por seu turno, em um ambiente (quarto ou dormitório) dentre outras tantas, que serão ocupadas por distintos hóspedes. **“Fragmentar” o quarto, transformá-lo em dormitório coletivo, portanto, é o princípio que rege a redução das tarifas de pernoite.** Quanto mais camas existirem em um dormitório, ou seja, quanto mais “fragmentado” for o espaço, menor será o preço cobrado por cada noite de estadia. Nesse sentido, é que se encontram variações, por vezes, significativas nas tarifas dentro de um mesmo albergue: elas dependem do número de camas e, igualmente, dos serviços (como banheiros internos) presentes no dormitório. (SILVA, 2015, p. 184). (Grifo da autora).

Entretanto, o autor alerta ser preciso levar em consideração a variação que as tarifas podem sofrer em cada empreendimento, por meio da incorporação de elementos, que proporcionam liberdade ao proprietário de aumentar os valores, e, assim, obterem uma rentabilidade para além da unidade-cama ofertada. Banheiro dentro do dormitório, luzes de leitura, ar-condicionado, frigobar e toalhas extras são apenas alguns dos inúmeros itens que podem figurar na cobrança de tarifas mais elevadas.

³² SWIFT, 2002; DUBIN, 2003; DALLEN, TEYE, 2009; RASHID-RADHA, 2015; TOLEDO, 2017; GALLON, HELLMANN, 2019.

Sendo assim, várias singularidades e regularidades – considerando o preço variável em relação aos itens ofertados –, foram percebidas pelo autor nos hostels investigados. Logo, este quadro demonstra a problemática de associá-lo ao *low-cost*, dado o dinamismo e diferenciação dos valores de cada empreendimento. Uma vez que há possibilidade de extrapolar as tarifas de baixo custo. Ressalta-se que independente das terminologias adotadas (“*low-cost*”; “baratos”; “econômicos”; “acessíveis”; “tarifas reduzidas”), tais pontos de vista, contemplam raízes mais profundas, com destaque para duas a serem apresentadas a seguir.

Uma das raízes, conforme visto em momentos anteriores neste estudo, está relacionada aos jovens estudantes, os frequentadores primários de hostels no momento em que foram constituídos por Schirrmann. Nesse sentido, aliam-se às raízes estudantis devido ao fato de terem sido concebidos para atender (sem custo e/ou custo reduzido) estudantes durante as excursões e trabalhos de campo escolares desenvolvidas pelo professor.

Outra perspectiva válida de ser mencionada refere-se às raízes mochileiras, autores como Tavares e Brea (2017, p.3) inspirados em Timothy e Teye (2009), irão associar os viajantes conhecidos como “mochileiros”³³ ou *backpackers*, aos “valores baratos” praticados pelos hostels: “[...] associados ao turismo de jovens mochileiros ou *backpackers* e a alguns turistas internacionais independentes que viajam com um orçamento restrito e procuram um alojamento mais barato”. De igual maneira Volante (2011, p.15) afirma que a denominação *backpacker* é utilizada em nível mundial “[...] para descrever os turistas que viajam de maneira independente, flexível e econômica”.

Há quem diga ainda que os hostels promoveram e estimularam os mochileiros a frequentarem tais espaços como defendido por Nash *et al.* (2006) em seus estudos. Já Macedo (2018) ancorada nos estudos de Pearce (1990) e Keeley (2001) acredita que esta

³³ Estudos têm problematizado os vocábulos mochileiro ou *backpacker*, superando o discurso reducionista que tais termos carregam, dada a pluralidade motivacional e da práxis destes sujeitos. O material etnográfico do estudo de Silva (2018) demonstra evidências que sugere a adoção de uma nova terminologia: “viajantes hedonistas”, é a proposta do autor, com vistas a caminhar para a superação do discurso reducionista: “[...] assumi a adoção da expressão “viagens ‘independentes’ de longa duração” em substituição à categoria *backpacker* ou mochileiro, apontando o reducionismo que tais constructos carregavam diante, sobretudo, da pluralidade de motivações para se empreender longas jornadas, agora – efetuada esta investigação – proponho uma alteração nesta mesma expressão que resolvi adotar sob inspiração de O’Reilly (2006): em vez de viagens “independentes”, acredito ser mais condizente com a prática viática estudada o uso de “viagens ‘hedonistas’ de longa duração”. Como procurei pontuar, a noção de “independência” traz consigo um sentido ambíguo, sendo “hedonismo” – na simples acepção de busca por prazer, realização pessoal e fruição de desejos – o elemento mais recorrente na experiência de meus interlocutores” (SILVA, 2018, p. 285).

acomodação está diretamente relacionada ao perfil de hóspede (mochileiro), que por sua vez caracteriza este meio de hospedagem. Para a autora, este tipo de turista é conhecido por ser geralmente jovem e permanecer por um período maior no destino visitado. Além disso, carrega tendências como viajar para outras localidades na mesma destinação, utilizar transporte público e serviços locais, impactando sobremaneira no turismo e na economia local.

Dito isso, comumente encontram-se pesquisas associando os hostels aos mochileiros devido ao fato de ser o público majoritário nestes ambientes (NASH *et al.* 2006; VOLANTE, 2011; ABRANTES 2016; CRÓ 2018). Dessa maneira, grande parte das compreensões de hostel sustentam-se nesta sinergia, conforme descrito no excerto a seguir:

Num contexto mais científico, são vários os autores que deram contributos positivos para a definição de hostel, muitos deles, associados à definição de turismo jovem ou backpacker (onde esta temática tem vindo a ser trabalhada com muito mais profundidade de investigação que o conceito de hostel. (ABRANTES, 2016, p. 184).

Nessa lógica, pontua-se uma questão problemática, o fato do termo *backpacker* ou mochileiro estar constantemente associado ao hostel: encontram-se em maior quantidade a sistematização e aprofundamento de estudos sobre mochileiros, quando comparado à produção bibliográfica de hostel. Isso ratifica a vasta literatura *backpacker*, encontrada no levantamento sobre as publicações na área de hostel nos últimos 25 anos. (PEREIRA; BAHLS, 2017a). Apesar dessa produção, em certa medida, ter contribuído para o impulsionamento das publicações hosteleiras, dificilmente encontram-se compreensões de hostel descoladas do vocábulo *backpacker* e suas nuances. O que por um lado este tipo de construto pode gerar reducionismos e entraves ao campo de hostel.

No entanto, mais do que olhar para os debates acerca de “quem associa-se a quem” ou “quem caracteriza quem”, na relação existente entre hostel e *backpacker*, este envolvimento descortina uma questão central: a simbiose hostels/mochileiros, dada a retroalimentação constantemente. Diante disso, ancora-se em Falcão (2015, p.2), pois ao se falar em mochileiros fala-se de sujeitos e práticas próprias as quais mobilizam um “incalculável número de representações simbólicas”. Tais representações, por sua vez, desenrolam-se nos mais distintos contextos sendo um deles os hostels, os quais proporcionam espaços facilitadores para manifestar as incontáveis práticas desses viajantes.

Apesar dos melindres (entraves, subalternização, reducionismo, avanços limitados e confusão terminológico-conceitual) que a simbiose hostel e *backpacker* pode causar, essa justaposição se faz perene no discurso de múltiplos estudos da área, pois é comum ver autores afirmando serem os hostels: “[...] a parte mais visível, material e simbólica da cultura mochileira” (SILVA; KOHLER, 2015, p.5).

E, a partir dessa conjuntura, práticas peculiares oriundas desses sujeitos são notadas, como, por exemplo, quando Falcão (2015) discorre sobre o espírito singular de coletividade que perpassa os mochileiros durante o processo de convivência em um hostel. Isso é devido ao fato de ser um público que, comumente, gosta de conviver e interagir com outras pessoas durante a estadia nestes ambientes, estabelecendo vínculos de amizade e intercâmbio cultural, discurso este amplamente desenvolvido em variados trabalhos da área.

Em pesquisas empreendidas no contexto hosteleiro, Falcão (2015, p.9), por exemplo, detectou algumas das características provenientes dos mochileiros, como: intensa necessidade de trocar informações; desejo pela convivência por grande parte desses sujeitos; compartilhamento da vida e da história pessoal; e, partilha de sentimentos que figuram na formação de elos mesmo que temporários e/ou efêmeros. Dessa forma, conclui-se que: “[...] os mochileiros escolhem os hostels para se hospedarem justamente pela possibilidade de sociabilidade que o espaço proporciona. É a motivação em conhecer pessoas, em trocar ideias e informações, em conseguir companhia para algum roteiro” (FALCÃO, 2015, p. 9).

As características da cultura mochileira, portanto, coloca o hostel como um meio de hospedagem de: “[...] ambiente descontraído, propício a encontrar pessoas para formar amizades por todo o mundo e conhecer o máximo com o mínimo de gasto” (GIARETTA, 2003, p. 78). Práticas que ainda se mantêm na contemporaneidade, mas que já haviam sido observadas nos primórdios da década de 2000 nos estudos de Maria José Giaretta.

Embora seja comum encontrar na bibliografia da área os mochileiros como sendo majoritários em hostels conforme já citado. Pesquisas já constataram um público cada vez mais abrangente e diversificado nestes espaços³⁴, para além do perfil *backpacker*. Em especial, após a incorporação destes espaços ao turismo, perspectiva amplamente

³⁴ THOMAZI, 2019; MACEDO, 2018; SILVA, KOHLER, 2015; BAHLS, 2015; SARAIVA, 2013; NASH *et al.* 2006.

defendida por Giaretta na obra “Turismo da Juventude” do ano de 2003, a qual marcou os estudos de hostel brasileiro neste sentido.

Na referida obra, a autora relata que o meio de hospedagem nesta categoria ao ser apropriado pelo “turismo da juventude” mais especificamente, culminou em um aumento no fluxo de viajantes a se hospedarem nestes espaços. Sinalizando dessa maneira, aspectos relacionados à democratização das hospedagens, protagonizada pelos especialmente pelos hostels. Tendo em vista que os meios de hospedagem convencionais eram acessados por pessoas mais abastadas, enquanto aquelas de baixa renda, muitas vezes, não tinham a mesma oportunidade. Então, é habitual encontrar em obras do campo do turismo, expressões como “estudantes e pessoas de baixa renda” (BENI, 1998), “estudantes com orçamento apertado” (MANCINI, 2005), entre outras, associadas ao hostel, posicionando-o enquanto um ambiente acessível.

Nesse sentido, os hostels serviram e ainda servem como uma forma de facilitar o acesso das pessoas, pelo fato de ser um meio de hospedagem: “[...] associativo que forma a maior rede econômica do mundo, associado à marca *Hostelling International*” (GIARETTA, 2003, p. 78). Embora a acessibilidade para pessoas de “baixa renda” seja percebida, é notável em grande parte da literatura da área a presença de diferentes perfis de sujeitos no que se refere à classe social, escolaridade, faixa etária, dentre outros, frequentando um hostel.

Com isso, o público alvo de hostel não apresenta uma categoria específica, como asseveram Nash *et al.* (2006). Sendo assim, o público deste meio de hospedagem se mostra de difícil categorização, dado o pluralismo inerente. Entretanto, mesmo caracterizado pela diversidade pulsante, estudos revelam serem os jovens ainda a maior parte dos frequentadores destes espaços:

Mais do que rótulos, os turistas mais jovens procuram experiências, convívio, novas amizades e integração em novas sociedades, onde os hostels têm uma presença importante, tendo em atenção à sua maior propensão enquanto estabelecimento de alojamento coletivo e a sua maior identificação com essas necessidades. (ABRANTES, 2016, p.178).

No entanto, ainda assim no campo de hostel prevalece a tônica: “todos são bem-vindos e pessoas de todas as esferas da vida podem se misturar livremente” (SIMPSON, 2015, p.1). Sob essa linha, Abrantes (2016) reforça a perceptível ampliação e diversidade do público de hostel por meio de duas tendências detectadas: o adiamento do casamento

e constituição familiar e aumento da renda, a qual conduz os sujeitos a estarem mais propensos a vivenciar experiências socioculturais. Tal processo acaba por lançar luz à questão da intergeracionalidade hostelera, devido à discrepância socioeconômica e cultural entre gerações mais jovens e antigas circundando e convivendo no mesmo ambiente.

Não há mais, portanto, limite de idade para se hospedar em um albergue como em outrora. Isso gerou uma passagem interessante em termos de ampliação de mercado, obviamente, mas também em termos de novas constituições de experiência referentes a estes lugares de alojamento: se antes culturas de diferentes matrizes se cruzavam, costumes distintos entravam em contato, agora um dado intergeracional é posto em cena. (SILVA, 2015, p. 183).

Como último enfoque defendido por parte da literatura da área, o hostel enquadra-se como segmento de hotel, autores como Campos (2005) acredita que os hostels foram criados pelos hotéis e mediante a isso, são considerados uma extensão dos mesmos, porém em um formato mais barato, modesto e rudimentar. No entanto, o autor assevera que os meios de hospedagem, basicamente, contemplam características distintas para atender os mais diversos perfis de hóspedes. Com isso variam em relação às questões estruturais, precificação, serviços, localização, produtos, dentre outros. Exemplificando assim, a tipologia e a ampla oferta de alojamentos existentes no Brasil e em outros países do mundo.

Embora haja estudos – como, por exemplo, dos autores Oliveira-Brochado e Gameiro (2013) e Bunda (2014), entre outros – que realcem as diferenciações estruturais, de serviços e de experiências entre hotel e hostel. Pesquisas desenvolvidas por Bahls e Pereira no ano de 2017, revelaram certa “deturpação conceitual” dos hostels por parte da literatura tradicional de meios de hospedagem³⁵.

Além de considerá-lo uma derivação de hotel, essa produção o considera: “apenas uma opção simplória e econômica aos hotéis convencionais, oferecendo acomodações com um mínimo de conforto, higiene e segurança a pessoas em viagens com baixo orçamento financeiro” (BAHLS; PEREIRA 2017b, p.13).

Pensando o fenômeno sob tal panorama, ao ser incorporado na lógica de hotel, observa-se uma questão problemática: a subalternização do hostel. Onde se coloca os

³⁵ DEUS, DELVIZIO, NASCIMENTO, 2016; BRAGA, 2003; GARCIA, 2004; VIEIRA, CÂNDIDO, 2003; FERRI, RUSCHMANN, 2000; FERREIRA, 1975.

hotéis em uma posição de superioridade e os hostels de inferioridade. Nesse sentido, faz-se uma alusão aos estudos de Quijano (2007)³⁶ referente ao poder hegemônico.

Isto porque, vê-se os hostels sendo negados e invisibilizados pela bibliografia tradicional de meios de hospedagem, ao serem considerados meras extensões de hotéis na versão “simplória” e “rudimentarizada”. Ponto de vista este que acaba fortalecendo um discurso hegemônico e reforçando a subalternização hostelera, uma vez que desmerece o legado histórico e a essência desse tipo de alojamento, bem como a dinâmica própria e contexto concebido, afinal:

Os hostels foram idealizados e difundidos como um meio de hospedagem que refletisse a casa e a sala de aula dos jovens de sua época. Visavam, muito além de proporcionar acomodação a baixo custo, colocar as pessoas em contato com a cultura das grandes cidades e com a natureza, propondo um modo mais simples de vida, buscando o entendimento entre as pessoas de diferentes heranças culturais. (BAHLS, 2015, p. 299).

Nesse sentido, ao olhar as razões por trás do nascimento do hostel, vê-se uma tendência em não seguir padrões impostos pela indústria hoteleira³⁷, por isso, arrisca-se até mesmo dizer que o hostel pode ser considerado um movimento que subsiste e resiste à lógica imposta pela hotelaria. Entretanto, paradoxalmente, observam-se adaptações, bem como a incorporação de elementos da indústria hoteleira para se “sustentarem” no mercado.

Um exemplo disso, refere-se quando Bahls e Pereira (2017b) perceberam o fato dos hostels estarem longe de proporcionar apenas uma acomodação de baixo custo, devido à existência de hostels de luxo. Denominados hostels boutiques, estes espaços oferecem serviços considerados de alto padrão de qualidade, requinte, refinamento e ainda contam com uma estrutura física similar aos hotéis de luxo.

Embora o antagonismo permeie o fenômeno de hostel, independentemente da referida associação com a hotelaria, carrega uma questão central que o difere de um hotel:

³⁶ Aníbal Quijano foi um sociólogo peruano que deixou como legado estudos pautados: “na trajetória do padrão de poder hegemônico de origem europeia e na forma como este foi imposto à população mundial, Quijano oferece ferramentas importantes para a compreensão da política global. Destacando a partir de uma perspectiva latino-americana um elemento central, excluído por grande parte das análises em Relações Internacionais: a colonialidade” (BARBOSA; MASO, 2018, p.1).

³⁷ Silva (2015) pondera questões relativas à padronização, formalidade e formação de “bolhas”, como alguns dos aspectos que permeiam a indústria hoteleira: “[...]a formalidade de um hotel; a ausência de incorporação à paisagem local que se dá na experiência de consumo da cidade por meio de um ônibus turístico associa-se, pelo menos de certo modo, à inserção do viajante numa espécie de “bolha” quando se hospeda em qualquer exemplar de uma cadeia internacional de hotéis, onde a padronização assenta-se como regra” (SILVA, 2015, p.181).

a interação humana. Isto não quer dizer que um hotel não apresente a característica de interagir, porém, os hostels utilizam-na como componente basilar da experiência de hospedagem. O que postula um interagir que, por vezes, extrapola formalidades e papéis, constituindo-se pelo aprofundamento de laços sociais, característica *sine qua non* destes espaços, que buscam facilitar e estimular as interações humanas.

E, por sê-lo, consiste em uma carga valorativa amplamente difundida em pesquisas, tendo sido constatada por inúmeros estudiosos da área, nos mais distintos cenários investigados, tanto em nível nacional quanto internacional. Sendo assim, o hostel acaba sendo considerado: “um meio de hospedagem social e alternativo, que promove, acima de tudo, a interação, o entendimento e união entre as pessoas de diversas culturas” (BAHLS 2015, p.8), reportando, deste modo, à gênese schirrmanniana.

Nessa lógica, tal perspectiva abre portas para as incontáveis possibilidades para além de uma derivação de hotel. Pois nessa teia relacional humana, há um entrelaçamento de práticas emergidas pela interação entre hóspedes, anfitriões e cultural local. Tornando-o um tipo de hospedagem como defendem Bahls e Pereira (2017b, p.13) com uma “gênese totalmente única e diferenciada e, portanto, com raízes filosóficas diferentes dos hotéis”:

Pois, na verdade, é sabido que os *hostels* foram criados em um local/espço dotado de contextos histórico, social e econômico únicos e isso faz com que, atualmente, os *hostels* adquirissem filosofia, características físicas e serviços, também totalmente singulares, voltadas ao acolhimento do ser visitante e sua imersão com o povo e o local visitado. (BAHLS; PEREIRA, 2018, p.6).

Dito isso, a investigação aqui proposta defende o princípio que é chegado o momento de superar a compreensão do hostel que o reduz a termos como “barato”, “econômico”, “*low-cost*”, “*backpacker*” e “extensão de hotel”, pois acabam por limitar o entendimento do tema. Silva (2015) por exemplo já questiona, como referido em momento anterior, a utilização de *backpackers* ou mochileiros como termos reducionistas para descrever os próprios viajantes incorporados nessa terminologia.

Para o referido autor, além desses vocábulos não pertencerem unicamente ao universo de sujeitos jovens, constatou serem utilizados de maneira exógena, ou seja, mais usados pelos atores envolvidos no mercado turístico e agentes públicos, do que pelos próprios viajantes denominados assim:

(...) no que tange à minha opinião, a utilização de termos ou conceitos como mochileiros ou backpackers é demasiadamente reducionista para o tratamento desse tipo de viajante. Assim como nem todos os que se hospedam em albergues são jovens, nem todos que viajam de forma alargada carregam

mochilas. Essa é uma interpelação do campo, uma afronta ao clichê reproduzido em brochuras, *blogs* ou filmes. (SILVA, 2015, p. 183-184).

De igual maneira, questiona-se a utilização dos termos mochileiros ou *backpackers*, assim como os demais supracitados, usados para compreender e descrever este meio de hospedagem. Deste modo, interpela-se aos estudos de hostel a lançar luz a esta perspectiva, pois questionar os diversos posicionamentos e constructos se faz cada vez mais necessário. Afinal, um dos caminhos para aprofundar os debates para além das associações que lhes são atribuídas, é por meio de problematizações e estreitamento de diálogos.

Mesmo que discussões sob tais ângulos, possam ter contribuído para sistematizar os estudos sobre hostel. Faz-se urgente olhar para o fenômeno de hostel a partir das diversas possibilidades e limites que o cerceiam. Seja tensionando as terminologias que de alguma forma possam ser reducionistas, seja problematizando a carga valorativa desvelando um aspecto idealista. O que sugere, deste modo, enxergá-lo em suas incontáveis formas de manifestar, significar e gerar sentido nos mais distintos contextos.

Dito isso, faz-se uso das palavras de Goulart (2005, p.2) a diversidade e riqueza de estudos de determinada área: “[...] tende a contribuir para o debate sobre o tema, possibilitando a abertura de novas frentes na busca de um conhecimento aprimorado para a abordagem do problema mediante a formação de novos paradigmas”.

Em face deste cenário, as discussões empreendidas até aqui, pautam-se em revelar as distintas compreensões sobre o tema, e não sobrepor uma visão sobre a outra, ou mesmo desqualificá-las naquilo que lhe é característico, e sim enfatizar diferenças, problematizar características, tensionar as visões bibliográficas, tudo isso para colocar em evidência o caráter polissêmico do hostel, passível de uma multiplicidade de olhares.

O próximo tópico dedica-se às contribuições dos estudos em relação a uma característica basilar destes espaços: as interações humanas.

4.2.1 Interações humanas no contexto hostelero

Postulado como um fenômeno regido pelas interações humanas, o hostel carrega em si aspectos como: socialização, diversidade, troca subjetiva, desenvolvimento humano, entendimento entre os sujeitos, contato com a cidade visitada, mescla de pessoas, culturas e histórias de vidas. Infinitas são as práticas que podem emergir desse emaranhado de noções que juntos formam um “caldeirão polissêmico”:

São pessoas de línguas, idades, opções [sic] sexuais e ideologias diferentes, procurando conversar e estabelecer vínculos. Dividindo gostos, compartilhando culturas, mediando diferenças e semelhanças. Esses vínculos, muitas vezes fugazes e efêmeros, que se realizam pela motivação do encontro com o Outro, pelo desejo em conhecer o diferente, pela experiência da alteridade, fazem a circulação de ideias e sentimentos, propiciando aprendizagens. (FALCÃO, 2015, p.10).

Similarmente, a tendência para conhecer outros viajantes é para Abrantes (2016) umas das características inerentes a este tipo de hospedagem. E, para conseguir proporcionar essa interação, contam com uma estrutura voltada para o compartilhamento. Nesse sentido, os hostels contemplam quartos coletivos, salas e os espaços de convivência para que os sujeitos tenham um convívio diário durante a permanência no local. Embora singularidades e regularidades possam ser percebidas em distintos hostels (SILVA, 2015).

Normalmente, este empreendimento oferece: “[...] mais e melhores oportunidades para os hóspedes socializarem e conhecerem pessoas de diferentes culturas, dada a existência de áreas comuns e dormitórios” (CRÓ, 2018, p. 42). Diversas são as facilidades oferecidas pelos hostels e parte delas consistem no convívio e partilha constante, como detalhado no excerto a seguir:

Os hostels são uma forma de alojamento temporário, onde backpackers e outros viajantes podem alugar uma cama (normalmente em beliche), num quarto com outros hóspedes. Além da cama, **todas as outras facilidades são partilhadas entre os hóspedes**, incluindo a casa de banho e a cozinha. Outras facilidades incluem, normalmente, computadores partilhados, acesso *wi-fi*, troca de livros e cadeados (lockers), assim como, piscina, bar/restaurante (ou zona de refeições), aluguel de bicicletas e zona de reserva de viagens. (ABRANTES, 2016, p.189). (Grifo da autora).

Para além da questão estrutural compartilhada, cinco são os aspectos tidos como básicos que um hostel deve oferecer aos hóspedes: a) segurança; b) higiene; c) conforto; d) hospitalidade; e, e) bom preço (FALCÃO, 2015). Embora já existam outros, tais pontos segundo a autora, são determinantes para um espaço ser considerado ou não um hostel, porém, a autora garante que nem sempre estes itens são cumpridos pelo meio de hospedagem com rigor. Mediante a isso, transtornos podem surgir durante a estadia quando o espaço não propicia com eficiência tais elementos.

Além dos aspectos básicos, há ainda aqueles conhecidos como essenciais, presentes na “matriz classificatória de áreas físicas” de hostels, proposta por Bahls no ano de 2015. Pautada em pesquisas realizadas em nível nacional e internacional, o autor detectou os itens essenciais, básicos e opcionais que este tipo de alojamento deve contemplar. Dito isso, uma exemplificação será citada para aqueles considerados

essenciais, a saber: 1) área social externa; 2) banheiro para cada dormitório; 3) cozinha comunitária; 4) dormitório; 5) guarda-volumes; 6) lavanderia; e, 7) sala de estar.

Por tais razões, alguns autores sinalizam a perspectiva do hostel como espaço híbrido no que diz respeito à estrutura e à oferta diversificada de serviços e produtos³⁸.

Falcão (2015), assim como Bahls e Pereira (2017b), notaram que diversos empreendimentos, especialmente os nacionais, não se adaptam a tais características tidas como essenciais para o cenário hosteleiro internacional, “[...] devido à sua formação socioespacial e conceitos de hospitalidade diferenciados” (BAHLS, PEREIRA, 2017b, p.2). Demonstrando assim, as diferenças existentes nos hostels em cada contexto no qual é inserido:

Algumas áreas físicas consideradas como essenciais no exterior, são negligenciadas por grande parte dos empreendimentos nacionais. Apenas 03 itens (área social externa; dormitório; sala de estar) considerados como essenciais, estão presentes em todos os estabelecimentos analisados, significando que apenas 40% dos requisitos essenciais estão sendo preenchidos pelos estabelecimentos. (BAHLS, 2015, p.156).

Satisfeitas as características básicas e essenciais ainda que parcialmente, um ambiente propício se forma, e com isso relações são construídas e práticas vivenciadas, o que possibilita a equiparação a uma casa. Tal como alguns autores defendem: “uma casa longe de casa para o ser acolhido e, em alguns casos é, realmente, a casa do ser acolhedor, cujos seus integrantes compõem uma grande família, família essa que era o intuito do criador dos hostels (Richard Schirrmann)” (BAHLS, 2015, p.302).

Igualmente para Toledo (2017), um hostel é uma casa, no entanto, está além das paredes, ou seja, é feita pelos sujeitos que a compõem e se apropriam do espaço e dão sentido a ela por meio das práticas e relações estabelecidas. A casa representa o “nosso canto no mundo”, o hostel enquanto casa torna-se o local de referência dos sujeitos ainda que temporariamente. É o local onde possibilita o viajante sentir-se seguro e acolhido durante a viagem pelo destino escolhido, podendo até mesmo ser chamado de lar.

Ser caracterizado como casa, então, incide na filosofia que remonta à gênese hosteleira, conforme afirma Bahls (2015), ideologia a qual perdura até os dias de hoje, especialmente no que se refere à hospitalidade destes ambientes. A qual está relacionada a forma de receber e hospedar os hóspedes por parte dos anfitriões. Onde a proximidade estabelecida entre o ser acolhedor e o ser acolhido se desenrola, muitas vezes, de forma tão íntima que amizades surgem dessa interação.

³⁸ DOUGLASS, 2013; BROCHADO et al. 2015; ABRANTES, 2016; MANÉ, 2017; CRÓ, 2018.

Sob essa lógica, Thomazi e Baptista (2018) constataram em suas pesquisas certa emergência nos sujeitos em vivenciar nos hostels uma hospitalidade denominada “real”, a qual para a autora nada mais é do que uma troca significativa de cultura regida pela prática da amorosidade nas relações estabelecidas com o outro. Ou seja, relações voltadas para a valorização da ética relacional humana, regida pelo amor:

[...] o amor é o reconhecimento do outro como legítimo outro na convivência. Essa é a concepção que sustenta também os neologismos ecoamoroso e socioamoroso. Significa, portanto, voltar-se para a sociedade, em sua ambiência ecossistêmica, marcada por relações éticas, de acolhimento mútuo e de estabelecimento de confiança plena. (THOMAZI; BAPTISTA, 2018, p.2).

Nesse sentido, sustentadas nos estudos de Humberto Maturana (1998), as autoras pontuam ser o amor, o laço que constitui as relações dentro destes espaços. Para elas, um hostel é uma espécie de mutação do modelo de hospedagem convencional, pois: “entrelaça demandas por relações comprometidas com a cooperação, em detrimento da lógica competitiva presente no modelo tradicional de hospedagem” (THOMAZI; BAPTISTA, 2018, p.1).

Confiança, então, é um vocábulo recorrente na obra de Thomazi (2019), pois demarca as relações sociais no contexto de um hostel, onde é preciso que os sujeitos confiem nos desconhecidos - uns nos outros, que dividem os mesmos ambientes.

Desse modo, por serem espaços sociais desde sua constituição, conforme evidencia sua trajetória histórica, é comum no discurso da literatura a caracterização dos hostels enquanto locais propícios onde os sujeitos podem se expressar, dialogar, debater, expor opiniões e ideias, socializar, partilhar, associar-se, fazer amizades e estabelecer vínculos. Processo que pode culminar na construção do conhecimento e aprendizado, postulando os hostels: “[...] como agentes de construções sociais por promoverem a interação entre seus hóspedes, possibilitando uma convivência com pessoas de diferentes culturas e regiões do mundo e, além do mais, contribuir com seu desenvolvimento pessoal” (MANÉ, 2017, p. 66).

Não se pode deixar de mencionar, contudo, que o convívio com pessoas distintas pode igualmente contribuir para que seja um processo desafiador. Isto porque, observou-se no estudo de Bahls (2015), o desafio de grande parte dos anfitriões em relação ao acolhimento de três tipos de hóspedes: a) desconhecem as características de um hostel; b) focados no preço “acessível” da hospedagem e, c) aqueles com a crença de tudo ser liberado em um hostel.

O estudo demonstra certa necessidade do anfitrião em “educar” os hóspedes, especialmente os sujeitos que desconhecem o funcionamento e a dinâmica cotidiana de um hostel. Porém, mesmo “educando-os” e “impondo regras”, sejam elas visíveis ou invisíveis, o desafio para os anfitriões, está centrado em como alcançar o cumprimento delas com rigor, se o perfil dos sujeitos são diversos culturalmente, sobretudo, no que se referem a hábitos e costumes.

Outro aspecto amplamente veiculado pela bibliografia da área, diz respeito ao contato com a cultura local constituir-se como um discurso perene nos estudos de hostel. Isso é devido ao potencial deste espaço de estimular os visitantes a dialogarem com o destino visitado.

Tal estímulo acaba por reverberar tanto no lazer quanto no turismo do local onde o hostel se encontra, impactando-os profundamente. Estudos³⁹ referente ao perfil dos turistas desses ambientes, revelam a movimentação nas esferas econômicas, culturais, sociais e ambientais durante as práticas de lazer e turismo nas cidades visitadas. Tais práticas, além de serem veiculadas pelo perfil ativo desses hóspedes, são também estimuladas pelos anfitriões, o que ratifica dessa maneira, a estreita relação entre hóspedes, hostel e território.

Tal perspectiva fundamenta-se, frequentemente, nos ideais difundidos por Richard Schirrmann no processo de constituição dos hostels alemães. Já que uma das principais motivações do professor era o contato externo por meio de excursões e passeios escolares proporcionados aos estudantes. Basicamente conforme visto em momentos anteriores, a proposta do professor era promover o contato com a cultura das cidades e com a natureza, além da convivência entre pessoas com diferenças socioculturais (BAHLS; PEREIRA, 2018).

Com vistas a facilitar o contato extra hosteleiro de ir e vir dos grupos, nota-se na literatura da área, diversos hostels situando-se em locais estratégicos, ou seja, próximos aos lugares propícios para a realização dos trabalhos de campos e excursões escolares propostas pelo professor. A herança intrínseca entre hostel e cultura local, percorreu os séculos e se manifesta de forma continuada nos hostels contemporâneos, cada qual à sua maneira com características ímpares. A partir das contribuições bibliográficas, observa-se que a interação com a cidade local é ativada então, por dois agentes propulsores desse movimento, pelo hostel (representado pela figura do anfitrião) e pelo próprio hóspede.

³⁹ GIARETTA, 2003; NASH, THYNE, DAVIES, 2006; OMT, 2010.

Tratando-se do meio de hospedagem, por exemplo, variados hostels disponibilizam práticas de lazer aos hóspedes tanto internamente quanto externas ao ambiente hosteleiro. Isso contempla as três tipologias exemplificadas nos estudos de Oliveira-Brochado e Gameiro (2013); hostels familiares: oferecem tarifas reduzidas e quartos limpos e confortáveis, com vistas a atrair famílias que buscam férias mais baratas no destino, hostels de atividades: disponibilizam uma ampla oferta de práticas aos hóspedes tais como: surf, esqui, caminhadas, ciclismo, mergulho, entre outras possibilidades; hostels festivos: organizam festas, eventos e atividades noturnas internas e externas, voltados em especial, para os viajantes em busca de festas e de experimentar a vida noturna na cidade.

Cabe dizer que os festivos, geralmente, possuem bar interno, vendem bebidas e petiscos e ainda oferecem o *pub crawl* ou “tour etílico” uma atividade onde os hóspedes são guiados pelo anfitrião para conhecer os bares da cidade. Nesse viés, acabam por desempenhar um papel crucial no sentido de estimular práticas internas e externas ao meio de hospedagem.

Além disso, muitas vezes o anfitrião representa o contato inicial e mais direto do visitante com a cidade, devido ao fato de auxiliar os hóspedes nas mais variadas demandas acerca do destino. Logo ali é possível que o hóspede associe a forma de receber daquele hostel com a hospitalidade do destino e sobretudo do próprio alojamento.

Tal cenário vai ao encontro do posicionamento Bahls (2015), ao acreditar na estreita relação entre hostel e território reverberando na hospitalidade entre os sujeitos envolvidos. Basicamente, é estabelecida “[...] uma relação exclusiva com o território turístico que ocupa, que é traduzida em uma relação estreita entre ser acolhedor e ser acolhido. Essa relação, que tem seus serviços e infraestruturas representados na hospitalidade, aproxima hóspede e anfitrião” (BAHLS, 2015, p.8).

A partir desse panorama, identificou-se no estudo de Pereira (2019), práticas de lazer oferecidas por alguns hostels das cidades de Belo Horizonte e Lisboa. Constatando ser o lazer uma prática recorrente encontrada na realidade hosteleira de ambos cenários investigados pela autora. A pesquisa detectou práticas internas (em especial aquelas voltadas para promover a integração entre os hóspedes) similares aquelas expressas na referida categoria ‘hostels festivos’. Além disso, observou-se o prevaletimento de práticas de lazer externas promovidas pelos hostels, indo ao encontro da tipologia ‘hostels de atividades’.

Agrupadas nas categorias cultural, natural e vida noturna, a autora constatou diferenças nos hostels belo-horizontinos investigados, um ofertando atividades de aventura (trilhas, escaladas, travessias, passeios de *bike* e corridas) e o outro com o foco em atividades internas (shows, festivais, feiras, festas e bares); sinalizando um enfoque específico de práticas em cada um deles.

Já no contexto europeu, a autora verificou uma mescla de práticas internas (encontros para degustar a culinária local, festas de integração para hóspedes e noites de jantares) e externas tais como: surf, *city tour*, *tour* noturno de bares, *walking tour* e *bike tour* (PEREIRA, 2019). Igualmente Bahls e Pereira (2017b) averiguaram nos hostels de Florianópolis, uma oferta variada de atividades, e grande parte delas realizadas externas aos estabelecimentos tais como: surf, trilhas e jogos nas praias.

Nesse sentido, tais estudos ratificam o papel desempenhado por estes espaços de estimular o contato com a cultura local viabilizando práticas de lazer. Segundo Pereira (2019), a oferta de atividades por parte dos hostels tem o potencial de proporcionar ao hóspede formas de interação com o destino, bem como vivenciar novas experiências durante a viagem.

Perspectiva que dialoga com Mané (2017), ao constatar, em sua pesquisa, a importância da escolha por parte dos hóspedes de um ambiente onde seja possível vivenciar experiências memoráveis, para além de um local com a finalidade de satisfazer necessidades como: banho, repouso e alimentação. Afinal, estes sujeitos “[...] estão muito mais preocupados com a satisfação de suas viagens e hospedagem quando se pode ter e vivenciar experiências jamais vividas anteriormente” (MANÉ, 2017, p.71).

Em se tratando do hóspede, então, a literatura é taxativa em afirmar a predominância de um público em busca de conexão com pessoas e lugares. Embora categorizar este público seja desafiador, dada a essência pluralista, conforme discutido em momentos anteriores. Esta tendência “buscadora”, postula os hóspedes desse meio de hospedagem com um perfil que se aproxima ao aventureiro.

Nesse ângulo, remete-se aos **Ideais**, um dos componentes da tríplice gênese hoteleira, já mencionados. Ideais estes, inspirados na ideologia *wandervogel* que em essência carregava o espírito aventureiro. No entanto, não se classifica aqui o público de hostel sob tal enfoque, longe de categorizá-lo, propõe-se lançar pistas a fim de compreender as variadas facetas que o constitui. Dito isso, há ainda outra associação possível para identificar pistas referente a este perfil de hóspedes, retomando as características dos perfis de turistas.

Para isso ancora-se no perfil do turista consagrado no campo do turismo por Erik Coeh na década de 1970 por meio da sociologia do turismo, contribuições ainda perpetuadas em diversos estudos na contemporaneidade. Cró (2018, p. 43), por exemplo, retoma esses perfis, os quais se subdividem em: “(i) os turistas institucionalizados, que agrupa os turistas de massa organizados e os turistas de massa individual⁴⁰, e (ii) os turistas não institucionalizados, que incorpora os turistas classificados na categoria de explorador e andarilho”.

Embora o público de hostel seja diversificado e abrangente, sendo difícil aferir com exatidão o perfil⁴¹ conforme citado em momentos anteriores. Nota-se nos mais variados estudos a tendência de um protagonismo orientado para os “exploradores e andarilhos”. Devido especialmente, às características da essência hosteleira, oriundo dos ideais *wandervogel* de espírito aventureiro, serem similares a tais perfis:

O explorador prefere uma mistura confortável de familiaridade e novidade. Ele tende a afastar-se dos percursos habituais e tende a **explorar a cultura local**, mas apenas a uma distância segura do ambiente familiar de ‘redoma’. O último tipo, o andarilho representa o extremo oposto do espectro do turista de massa organizado. Para eles, a novidade é um prêmio, pelo que evitam a rota turística regular, preferindo viagens sem itinerário fixo que **proporcionem uma imersão na cultura local e uma integração com a comunidade residente**. As despesas são realizadas em estabelecimentos locais e determinadas pelas necessidades que surgem. (CRÓ, 2018, p.43-44, grifos da autora).

Movidos então por aspectos sociais e consciência cultural, esses sujeitos têm predisposição para imergir no destino visitado, para além do turismo convencional. O que revela ao denominado “novo consumidor” de hostel constatado por Mané (2017) a qual identificou 7 categorias para sua escolha: 1) Preço; 2) Possibilidade de trocas culturais; 3) Possibilidade de interação com outros hóspedes; 4) Possibilidade de ficar mais tempo hospedado; 5) Possibilidade de fazer a própria refeição; 6) Ambiente; 7) Experiência.

À guisa de conclusão, respondendo à pergunta que inaugura a presente seção: Mas, afinal, como um hostel é compreendido? Pluralizado, difuso e complexo, o fenômeno de hostel, nesse sentido, é concatenado por múltiplas visões e interpretações.

⁴⁰ “[...] o turista de massa organizado revela uma preferência elevada por familiaridade e tende a viajar num ambiente familiar de ‘redoma’ proporcionado pelo pacote turístico adquirido nas agências de viagem. O turista de massa individual apesar de também valorizar a questão da familiaridade gosta de viajar de forma independente, apesar de seguir as rotas turísticas regulares incorpora mais flexibilidade, permitindo alguma personalização mediante as opções disponíveis, em função da especificidade e unicidade da experiência turística procurada.” (CRÓ, 2018, p.43).

⁴¹ ABRANTES, 2016; CRÓ, 2018; PEREIRA, BAHLS, 2018.

As compreensões incorrem sob as mais distintas possibilidades, relacionadas: 1) a estrutura física e mobiliária (quartos e demais áreas compartilhadas e ambiente informal e descontraído); 2) a precificação (*low-cost*, tarifas reduzidas, preço acessível, baixo custo, opção mais barata e/ou econômica, baixo orçamento financeiro); 3) um segmento de hotel (opção rudimentarizada de hotéis, derivação de hotel, um hotel mais barato e modesto); 4) ao perfil do público (*backpackers*/mochileiros, jovens, estudantes, turistas da juventude, diversificado e abrangente); 5) as interações humanas (relações entre os hóspedes e destes com os anfitriões, meio alternativo, social e propício a formação de amizades e vínculos); e, 6) as interações externas (contato com a comunidade e cultura local regido pela tríplice hostel/hóspede/território, provedor de experiências de lazer e turísticas).

Dotadas de um legado histórico, tais características, como visto, regem as acepções de hostel e reverberam na dinâmica do espaço. Evidenciando ser um fenômeno híbrido e perene, circunscrito às relações humanas, colocando o hostel, portanto, como um termo polissêmico, dotado de múltiplas facetas.

Logo, objetivando concluir o direcionamento discursivo exposto até aqui, parafraseando as palavras do filósofo francês Pêcheux (1969) reproduzidas por Rocha e Deusdará (2005, p.12) e adaptando-as ao contexto de hostel: não se tratou de dicotomizar visões tidas como centrais ou periféricas, “e menos ainda de estabelecer a primazia” de uma sobre a outra, pretendeu-se lançar luz à essas questões com vistas a ser um convite para (re) olhar “a natureza das relações” do fenômeno de hostel com as infindáveis possibilidades que o cerceiam.

No capítulo a seguir, portanto, serão tecidas as análises no contexto dos hostels investigados na cidade de Belo Horizonte, revelando a dinâmica destes espaços junto aos sujeitos envolvidos.

5 O MOVIMENTO HOSTELEIRO EM BELO HORIZONTE - MG

“Passar a entender o turismo, além do negócio e da gestão do negócio, como busca de indivíduos por um eu-diferente e de um outro-diferente em espaços cambiantes. [...] e de que maneira um espaço e a vida que nele habita aceitam dividir-se com estranhos.”

(Luiz Octávio de Lima Camargo)

O fragmento acima se caracteriza como uma exposição sumária do caminho percorrido no presente capítulo. Desvelando as incontáveis buscas dos sujeitos por um eu e outro diferente, em um contexto como o hostel, um espaço cambiante, complexificado pelas buscas humanas, pelas interações humanas. Afinal, recôndito nestas buscas encontra-se o interagir, o desejo de interagir dos indivíduos, seja com pessoas, lugares e práticas. Um interagir que se faz presente e demarca o dinamismo do contexto hostelero.

Como se estabelecem as interações entre anfitriões e hóspedes nos hostels? O que emerge de possibilidades e desafios das interações humanas nestes espaços? Como os hóspedes e anfitriões percebem este tipo de hospedagem? Quais as motivações desses sujeitos? De que maneira as práticas manifestadas nestes ambientes podem assumir feições de lazer?

A partir dessas indagações, o capítulo em questão propõe debruçar-se sobre as narrativas dos sujeitos entrevistados e sobre as observações realizadas durante as incursões de campo. Ser um convite para olhar e (re) olhar os sujeitos dentro deste contexto é o que se dedica neste momento, com vistas a trazer à tona a dinâmica relacional humana do fenômeno de hostel.

5.1 Apresentação do campo de pesquisa

Composto por 3 subitens, este tópico contém uma explanação referente aos sujeitos da pesquisa (anfitriões e hóspedes) entrevistados, no que diz respeito ao perfil, considerando alguns dados como: idade, procedência/nacionalidade, profissão, escolaridade e demais aspectos considerados necessários. Subsequentemente, serão apresentadas as características dos espaços investigados no que concerne à estrutura, perfil, ano de criação, localização entre outras características tidas como pertinentes. E, por último, uma atenção será dada à complexidade que permeia os atos de receber e hospedar, constatada na empiria, para posteriormente dar seguimento à proposta do capítulo em questão.

5.1.1 Sobre os sujeitos da pesquisa: caracterização do perfil

Anfitriões

Para a escolha dos codinomes dos anfitriões, optou-se por denominá-los considerando aspectos ou características marcantes que se sobressaíram durante a

entrevista. Assim sendo, o codinome dos depoentes se refere ora a alguma característica pessoal, aos gostos, ao perfil ou estilo de vida, conforme será detalhada a seguir.

Antenado: tem 29 anos, é estudante de turismo, nascido e criado em Belo Horizonte, atua há 3 meses no hostel HB1. Adapta-se facilmente nos ambientes que transita, sendo o hostel um deles. Gosta de conversar e conhecer pessoas e sempre procura prestar o melhor serviço que puder *“da forma mais eficiente e a forma mais eficaz e com o prazer”*. O codinome escolhido diz respeito a um aspecto marcante expressado pelo depoente ao longo da entrevista, a necessidade de ser vigilante durante o tempo de trabalho no hostel: *“fico muito atento, porque eu tenho que ver como é que tá todo o andamento da casa como que estão os hóspedes (...) então eu fico com uma casa com todo um patrimônio na minha responsabilidade. Então eu tenho que zelar por ele da melhor forma possível”*.

Buscadora: tem 31 anos, é formada no curso técnico de meio ambiente, natural de Belo Horizonte, atuou como anfitriã do HB1 por 2 anos. No início de sua atuação no hostel ficou surpresa pelo fato de existir um trabalho que permitia o contato tão próximo e ainda com pessoas de diversos lugares do mundo: *“eu não me imaginava trabalhando com essa proximidade com as pessoas ali, e me envolver com pessoas de outros países, e até mesmo ter uma convivência”*. O codinome escolhido se refere a situação de vida atual em que a entrevistada se encontra, ela afirma que no momento está em busca de si mesma, tanto no âmbito profissional quanto na vida pessoal.

CABJ: é argentina, tem 29 anos, ensino médio completo, é do interior da cidade de Córdoba. Morou em vários lugares do Brasil até que acabou na “vida de hostel” como ela mesma diz. Mora em Belo Horizonte há 2 anos no hostel HB2, onde trabalhou a maior parte como voluntária e posterior a isso como gerente. É uma pessoa ligada aos diálogos *“eu gosto muito de conversar com todo mundo, até com cachorro, passa cachorro na rua eu converso com o cachorro”*. O codinome eleito refere-se ao time de futebol que a entrevistada torce, ela mesma afirma ser *“doente do Boca Juniors”*, carregando o futebol como uma de suas paixões na vida.

Ubuntu: tem 34 anos, é turismóloga, nascida no município mineiro Abre Campo, veio para Belo Horizonte aos 3 anos de idade. Atua como gerente do hostel HB2 há 1 ano. O que mais gosta de fazer na vida é conhecer pessoas e culturas diferentes. Acredita que se encontrou trabalhando em um hostel: *“Eu me sinto muito feliz de trabalhar em hostel”*

porque assim eu acho que me encontrei”, salienta Ubuntu. O codinome Ubuntu⁴² é um vocábulo de origem africana e significa “Eu sou, porque nós somos”. Para a entrevistada, tal significado representa o lema e estilo de vida que adota, aplicando-o inclusive no próprio hostel em que atua.

Gentil: tem 33 anos, estudante de turismo, nascida em Belo Horizonte e criada em Araçuaí-MG. Mora em Belo Horizonte desde 2012. Atuou no HB1 antes de encerrar as atividades devido a pandemia. Atualmente trabalha na recepção do hostel HB3 há 3 meses. Ela se vê como uma pessoa bastante expansiva e aberta aos diálogos mesmo sendo tímida: *“não parece, mas eu sou muito tímida, eu converso muito, muito de boa, eu sou muito expansiva, eu gosto de conversar, de conhecer gente nova”*. O codinome diz respeito a característica gentil que carrega, exaltada inclusive pelos hóspedes e companheiros de trabalho do hostel.

Sonhador: tem 29 anos, ensino médio completo, nascido no município de Jequeri-MG. Mora em Belo Horizonte há 10 anos. Sua primeira experiência de trabalho em hostel foi em um de Belo Horizonte onde trabalhou inicialmente como voluntário e logo sendo contratado para o serviço de coordenador de recepção. Tendo morado no local por dois anos. Atualmente trabalha como recepcionista no hostel HB3 há 2 anos. É uma pessoa que está em busca de ser feliz de forma simples, dando valor às pequenas coisas. É amante de diálogos, de conhecer pessoas e mais ainda por viagens, por isso ele precisa constantemente matar *“essa vontade de mundo que eu tenho”*. O codinome está associado a autodenominação que o entrevistado faz quando se refere a quem e como ele é: *“um bobo sonhador, que procura sempre ver o lado positivo das coisas, mas que nem sempre consegue, mas pelo menos tenta e tem a consciência de que esse é o caminho que eu tenho pra seguir”*.

Hóspedes

⁴² “Considerando-se que a sociedade contemporânea é marcada, dentre outras coisas, por um individualismo e egocentrismo excessivos além de uma valorização da matéria em detrimento do humano. A filosofia *Ubuntu*, que se traduz em “Eu sou, porque nós somos”, possui um potencial ético capaz de fortalecer um convívio social, no qual valores como a solidariedade, a confiança, o respeito, a generosidade, são assumidos como fundamentais” (VASCONCELOS, 2017, p.100). Portanto, para Nelson Mandela: “O Ubuntu não significa que uma pessoa não se preocupe com o seu progresso pessoal. A questão é: o meu progresso pessoal está ao serviço do progresso da minha comunidade? Isso é o mais importante na vida. E se uma pessoa conseguir viver assim, terá atingido algo muito importante e admirável”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1_N7B4cwmiE. Acesso em: 28 out. 2021.

Em relação aos hóspedes entrevistados utilizou-se a palavra Ipê⁴³, considerando a representação imagética da cidade. Anualmente Belo Horizonte é acometida pelo florescimento da Tabebuia, árvore popularmente conhecida como Ipê, esta espécie⁴⁴ de tonalidades variadas que dão cor e vida para a cidade. E, por isso, tornou-se um ícone representativo do município, entretanto, mais do que vida e cor, escolheu-se pela simbologia recôndita.

É um tipo de árvore originária do cerrado brasileiro, que há anos sofre com os efeitos da devastação e exploração, tendo grande parte de sua fauna e flora extintas. No entanto, tem resistido ano após ano. Além disso, é uma espécie que apesar do período de seca trazido pela estação de inverno, cresce, floresce e se desenvolve. Sendo um “símbolo que traduz a potência do existir e resistir em tempos áridos” (WACHS *et al.* 2019, p.6), e por que foi escolhido para representar os sujeitos-hóspedes da pesquisa em questão?

Assim como cada ipê possui características inerentes, uma alusão é feita em relação aos hóspedes entrevistados. Cada qual com particularidades próprias, comportamentos, cultura, experiências, visão de mundo e histórias de vida. Ao mesmo tempo contribuindo para o enriquecimento da pesquisa e demonstrando por meio de quem são, as formas que encontraram e ainda encontram para lidar com a vida, apesar dos desafios que o meio impõe.

Uma das formas encontradas por esses sujeitos é materializada nos atos de interagir, conhecer, conviver e até mesmo aprender com novas pessoas, paisagens e lugares conforme será visto no decorrer desta pesquisa. Práticas as quais são oportunizadas pelos hostels, e por vezes figuram como uma das maneiras que esses sujeitos encontram para crescer e florescer por meio da experiência neste tipo de hospedagem. Sendo assim, tal terminologia foi adotada para representar os sujeitos da pesquisa nos seus mais variados perfis e motivações conforme o detalhamento seguinte.

Ipê-roxo: é alemã, mora na cidade de Berlim, tem 22 anos, é intercambista e está cursando Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP), reside na cidade de São Paulo. Estudou português com uma professora brasileira por dois anos antes de vir para o Brasil, inspirada por essa professora escolheu as terras brasileiras para estudar. Por

⁴³ Embora a nomenclatura considerada oficial seja tabebuia, optou-se por manter o vocábulo ‘ipê’, nome popularmente conhecido e difundido.

⁴⁴ Cabe ressaltar a existência de mais de 100 espécies de ipês, tendo sido aleatória a escolha de cada tipo para representar os sujeitos hóspedes da pesquisa.

indicações de amigos decidiu viajar para BH motivada a lazer. O planejamento inicial era ficar 4 dias na cidade, no entanto, acabou estendendo para 6 dias a hospedagem no hostel HB1: *“porque vi que tinha muito o que conhecer”*. Foi sua primeira viagem sozinha no Brasil, e isso a ajudou a sentir mais confiança em viajar sozinha, pois gosta de se *“desafiar também, e me meter em situações novas”*. Conhecer outras formas de viver e de entender o mundo é o que a move sua vida e acreditar ser *“fundamental questionar a própria posição na sociedade, a própria posição no mundo”*.

Ipê-branco: tem 58 anos, nascida e criada na cidade de São Paulo, é aposentada pelo Tribunal Regional do Trabalho – TRT 2º, atua como missionária. Viajou sozinha, motivada a lazer, permanecendo em Belo Horizonte durante 4 dias no hostel HB1. É a quinta vez que viaja para a cidade. Estava retornando de uma missão em Cabo Verde, e decidiu aproveitar para visitar BH. Para a depoente esse tipo de hospedagem conhecido como hostel de maneira geral possui um fator emocional, pois ela e a mãe ao viajarem se hospedavam em hostel. Tendo sido o último local em que se hospedaram antes do falecimento de sua mãe: *“antes quando eu tinha minha mãe nós viajávamos juntas, na nossa última viagem juntas ela tinha 74 anos e ficamos em hostel”*. E acrescenta, sobre os como os lugares visitados e experiências em BH fazem lembrar a mãe: *“Poxa, se ela [mãe] estivesse aqui ela ia gostar muito disso, então isso é bem forte em mim sabe”*.

Ipê-amarelo: tem 53 anos, nascido na Bahia, reside em Feira de Santana-BA, é professor de matemática na rede estadual, formado em Ciências Contábeis. Permaneceu em Belo Horizonte durante 10 dias hospedado no HB1. Viajou sozinho e motivado a lazer. Foi sua segunda vez na cidade e no mesmo alojamento, o depoente relembra: *“O HB1 foi o primeiro hostel, eu não fazia ideia de como era. (...), Mas aí eu vi que era uma experiência fantástica que você conhece pessoas do mundo inteiro”*. Para ele um hostel é como um *“quarto com asas”* de onde ele viaja a diversos lugares diferentes apenas com as falas e sotaques dos companheiros de quarto.

Ipê-azul: tem 33 anos, nascido em Fortaleza-CE, onde viveu até os 7 anos de idade, a família mudou-se para São Paulo em Guarulhos, onde mora desde então. É formado em Geografia e em Marketing. Há 6 anos atua como professor de geografia concursado na rede estadual. Hospedou-se no hostel HB1 pela 9ª vez, viajou sozinho para Belo Horizonte, motivado a passar o carnaval de 2020 na cidade, com o mesmo grupo de amigos que conheceu no hostel durante o carnaval do ano anterior. Para ele o HB1 é

componente de parte de sua história de vida: *“Olha, o HB1 faz parte um pouco da minha história recente, porque eu vivi muitos momentos legais lá, e ele passou a fazer parte, e ele passou a fazer parte da minha história desde a primeira vez que fui lá”*, afirma.

Ipê-verde: tem 30 anos, nascido em Três Marias-MG, morava com a família em Nova Serrana-MG e atualmente mora em Belo Horizonte. Todo final de semana viajava para BH em busca de festas, bares e boates. Quando ficou incomodado em constantemente se hospedar na casa de amigos decidiu procurar um meio de hospedagem encontrando o HB1: *“O primeiro hostel que eu fui foi o HB1”*. As hospedagens frequentes semanais (sexta a domingo) contribuíram para estabelecer uma relação que extrapolava até mesmo formalidades: *“Tinha hora que eu nem precisava fazer check-in, nem precisava ligar, eu já chegava lá e já tinha lugar, o pessoal já sabia que eu ia, porque eu ia todo final de semana, sabe”*.

Ipê-bicolor-damasco: tem 36 anos, é de Divinópolis-MG, formada em Odontologia, tem uma filha de 19 anos. Viajava constantemente para Belo Horizonte a trabalho e foi assim que conheceu o hostel HB2, sua primeira experiência neste tipo de hospedagem. Hospedava-se em torno de 15 dias a cada mês. Ela acredita não ter sido por acaso que se hospedou neste espaço: *“Eu acho que nada foi por acaso, absolutamente não foi por acaso, porque eu caí no HB2, dois meses antes da pior fase da minha vida, que foi uma separação”*. E prossegue: *“eles [anfitriões] trouxeram a leveza pra mim no momento de desespero mesmo”*. Com frequência levava a filha para o HB2, e atualmente, a filha ao viajar está se hospedando em hostel por influência da mãe.

Ipê-amarelo-do-cerrado: tem 40 anos, nascida e criada na cidade de Viçosa-MG, é psicóloga. Viajar é uma das paixões de sua vida. Por ter um espírito nômade acredita que o que o meio de hospedagem do tipo hostel *“é uma solução que eu encontrei pro meu espírito sossegar num lugar (...) Porque eu gosto dessa rotatividade de pessoas sabe, o lugar nunca é o mesmo (...)”*, relata. Sua *“vida de hostel”* começou em 2015, e, vários hostels belo-horizontinos já fizeram parte dessa trajetória, inclusive sua mãe de 91 anos a acompanhou em alguns deles. Entre os derradeiros meses do ano de 2020 e meados de 2021, durante a pandemia, chegou a se hospedar 4 vezes no HB2. Ficando em torno de 4 a 5 dias.

Ipê-tabaco: carioca, tem 24 anos, é publicitária, trabalha com marketing político. Atua também em um projeto social o qual é a idealizadora: *“tô sempre lutando pra mostrar*

que a vida é muito mais do que só grana capitalismo, normalmente as pessoas querem a vida fácil e aí a gente sempre escolhe o difícil, eu, eu sempre vou pelo lado mais difícil porque realmente é a lado que vale a pena”, salienta. Desde cedo era aberta ao diálogo, e sempre se considerou uma pessoa “*rebelde de alma*”, tanto que decidiu viajar por 15 dias e já se encontra há 4 meses na estrada: “*eu saí de casa pra 15 dias com 400 conto e uma mochila*”. Hospedou-se em 4 hostels belo-horizontinos, sendo hóspede por 11 dias no HB2 e voluntária nos demais.

Ipê-rosa: tem 30 anos, natural de Formoso-GO, vive há 20 anos em Brasília-DF, é fotógrafa, formada em Recursos Humanos e trabalha na mesma empresa há 10 anos. O pai faleceu quando tinha 9 anos de idade e o irmão 6 anos, para ela sua vida foi marcada por luta e superação, “*a vida inteira minha mãe batalhou pra criar a gente, trabalhando em casa de família*”, lembra. Hospedou-se duas vezes no HB2, uma a trabalho e a última a lazer, tendo sido sua primeira experiência neste meio de hospedagem. Estava em processo de tratamento de depressão em função de uma separação quando se hospedou no hostel: “*[...] e o HB2 me deu essa segunda oportunidade que eu tava buscando mesmo, é um lugar que eu me encontrei*”. Para ela a conexão com o local e com as amizades feitas contribuíram para se sentir mais viva.

Ipê-amarelo-da-casca-lisa: paulista, tem 28 anos, formada em Psicologia, viajou sozinha a lazer para Belo Horizonte, foi sua primeira vez na cidade tendo decidido conhecê-la por indicação de amigos. Hospedou-se por 4 dias no HB2 durante o feriado em novembro de 2020. Ela se considera “*velha de guerra*” pois se hospeda em hostel há 5 anos. Dentre as conversas estabelecidas no espaço além de ter aprendido a ouvir mais e falar menos, também a levaram a refletir sobre a própria vida: “*[...] uma das conversas que eu tive que eu falei caraca preciso viver mais, foi uma das pessoas daí do hostel do HB2*”. Para ela facilidade e interação é a dupla que tanto procurava e encontrou neste tipo de hospedagem.

Ipê-mirim: carioca, 25 anos, é pedagoga e trabalha como coordenadora de comunicação e produção. Viajou sozinha motivada a lazer para Belo Horizonte, foi sua primeira experiência na cidade. Escolheu o HB2 para se hospedar por indicação de uma amiga que havia se hospedado no local. Já que gosta de viajar sozinha, o hostel tornou-se um meio de hospedagem de sua preferência, pela “*facilidade de fazer amigos e o preço também acessível*”. Ela acredita que a convivência no hostel de forma íntima com pessoas

desconhecidas que viajam sozinhas a fizeram se sentir mais segura em viajar também sozinha e ajudou a adquirir mais confiança em si mesma.

Ipê-amarelo-do-brejo: tem 33 anos, é natural de Cuiabá-MT, tem ensino médio completo, trabalha com construção e *food truck*, atualmente está morando em Belo Horizonte no Bairro de Lourdes. Viajou a BH sozinho para trabalhar, ele se hospedou duas vezes (antes e após a quarentena da pandemia de COVID-19). Ficou hospedado por 10 dias no HB2 “*quase virei um morador lá*” salienta. O HB2 foi sua primeira experiência em hostel e o que mais gosta é a possibilidade de interagir com pessoas. Mesmo morando em BH, toda semana frequenta o local usando a lavanderia: “*Eu fiz amizade com todo mundo lá, até final de semana eu vou lá pra caramba, eu vou lá durante o final de semana, vejo o pessoal e aproveito pra lavar minha roupa lá, eu pago um valor e lavo lá*”, afirma.

Ipê-púrpura: tem 22 anos, natural de São Paulo, formado em Gastronomia e trabalha na área, em um restaurante. Viajou sozinho a Belo Horizonte motivado a tentar “*se encontrar, pra eu poder me entender*” foi sua primeira viagem sozinho. Ficou 10 dias hospedado no HB3, tendo sido a primeira experiência em hostel. Descobriu o que era um hostel no momento em que chegou no local e teve contato com a anfitriã Gentil: “[...] *ela falou vamo pro quarto conhecer o restante do pessoal, aí eu falei: pessoal? Num era um quarto só individual? Ai ela: não, é um hostel. Ai eu: o quê que é um hostel? Aí ela me explicou*”. Para ele, a experiência no HB3 foi uma das mais gratificantes de sua vida, desde as amizades até a conexão criada com a anfitriã: “*Eu e a Gentil parecia que era amigo há muito tempo, parecia que a gente se conhecia há muito tempo*”.

Ipê-felpudo: nascido em Florianópolis – SC, tem 32 anos, formado em Administração, é servidor público na área de educação especial, viajou acompanhado de um amigo, foi a primeira vez na cidade, veio para conhecer Belo Horizonte e as cidades históricas mineiras. Ele se hospedou por 6 dias no HB3. É um amante de viagens. Autodenomina-se um mochileiro e trabalha para poder viajar “*o que eu ganho hoje é pra viajar*”, e acrescenta: “*Eu não como fora, eu não tenho gastos extras, eu tenho tudo planilhado pra eu poder viajar*”. Quando viaja o seu intuito: “[...] *é conhecer o máximo de pessoas possíveis*”, para ele o hostel tem o potencial de poder viajar sozinho, mas nunca estar realmente sozinho.

Ipê-roxo-da-mata: tem 33 anos, é mineira, nascida na cidade de Pouso Alegre, formada em Administração, hospedou-se 4 vezes no HB3 por motivos médicos, tendo ficado

hospedada por uma semana, ainda não viajou a Belo Horizonte para lazer e turismo. Quando foi demitida do emprego em 2015 decidiu começar a viajar, fazendo sua primeira viagem sozinha de volta ao mundo visitando 14 países. Desde então as viagens não pararam mais, até o momento conhece 38 países e já se hospedou em 150 hostels. Gosta de aproveitar as oportunidades para viajar: “[...] *sempre que tem oportunidade eu viajo*”, ser mochileira é seu estilo de vida. Carrega no sangue uma característica de ser livre: “[...] *aqui em casa é todo mundo desprendido, então todo mundo tem esse espírito meio solto*”, relata.

Ipê-pardo: natural de Belo Horizonte-MG, tem 33 anos, é formada em Designer Gráfico, trabalha há 11 anos em uma agência de publicidade. Como atualmente o seu trabalho é *home-office* hoje pode “*viajar e trabalhar de qualquer lugar*”. Está há 3 meses hospedada no HB3. Ela e um amigo decidiram morar temporariamente no hostel para evitar um contrato de aluguel de 1 ano, já que estavam com passagem marcada para a Europa, tendo sido impedidos de viajar em função da pandemia de COVID-19. Gosta de sair da zona de conforto, por isso decidiu morar em um hostel. Gosta de conversar e conhecer pessoas novas: “[...] *ter a experiência de tá aqui, trocar ideia e conhecer pessoas de outros lugares e tudo mais é muito enriquecedor*”, afirma.

Ipê-preto: tem 33 anos, é de Belo Horizonte-MG, é ator, youtuber e projetista de telecomunicações, mora no HB3 há 3 meses com sua amiga Ipê-pardo. “*O momento agora como a gente tá preso sem poder viajar eu acho que seria interessante conhecer um pouco dessa realidade (...) eu gosto do ambiente do hostel*”. Aberto aos diálogos e a lidar com pessoas diferentes, para ele conversar “*qualquer hora é hora, qualquer hora eu quero conversar com o povo*”. Ama viajar e não gosta de ficar em um local em que se sinta preso, por isso escolheu um hostel para passar o período necessário até o dia da viagem para a Europa, pois é um espaço que garante uma liberdade.

Ipê-roxo-bola: é do Rio Grande do Norte, do município de Natal, tem 41 anos, é jornalista, trabalha como guia de turismo e tem uma agência de viagem. Viajou pela segunda vez a Belo Horizonte. Hospedou-se com um amigo no HB3 por 2 dias. O motivo da viagem foi para uma gravação sobre o hostel como opção de hospedagem em BH. Viajante desde os 15 anos de idade associando lazer e trabalho em suas viagens: “[...] *eu viajo tanto para conhecer novos destinos quanto pra criar conteúdo pra rede social e*

site, então viajo pra experimentar também e conhecer os locais, destinos e tudo mais” salienta. Prefere se hospedar em hostel para evitar o sentimento de solidão.

5.1.2 Sobre os hostels investigados: caracterização e dimensionamento

Os hostels⁴⁵ HB1, HB2 e HB3 estão localizados na região Centro-Sul de Belo Horizonte, respectivamente dois foram inaugurados no ano de 2014 (HB1 e HB2) e um em 2017 (HB3). 42, 45 e 50 é a quantidade de leitos contemplados respectivamente em cada um deles. Os espaços são regidos no primeiro por cônjuges, no segundo por dois amigos e no terceiro por três amigos.

Com vistas a apresentar o perfil estrutural dos hostels investigados, recorreu-se à “Matriz classificatória para as áreas físicas de hostels” proposta por Bahls (2018), dada a inexistência desta no país. Tendo em vista que aquela tida como oficial proposta pelo Ministério do Turismo não contempla este tipo de acomodação como uma das matrizes, conforme apresentado no capítulo anterior.

Dito isso, ao considerar aquela estipulada por Bahls, verificou-se presenças e ausências de itens essenciais, básicos e opcionais. Sendo assim, propõe-se apresentar semelhanças e especificidades estruturais dos espaços investigados, conforme expresso no quadro 5.

Quadro 5 – Áreas físicas dos hostels belo-horizontinos investigados

ITENS	NOMENCLATURA	HOSTEL HB1	HOSTEL HB2	HOSTEL HB3
ESSENCIAIS	Área social externa	✓	✓	✓
	Banheiro para cada dormitório	✓	✓	✓
	Cozinha comunitária	✓	✓	✓
	Dormitório	✓	✓	✓
	Guarda-volumes	✓	✓	✓
	Lavanderia	Parcialmente	✓	Parcialmente
	Sala de estar	✓	✓	✓
BÁSICOS	Beliche no dormitório	✓	✓	✓
	Recepção	✓	✓	✓
	Sala de internet	Parcialmente	Parcialmente	Parcialmente
	Sala de leitura	Parcialmente	Parcialmente	Parcialmente
OPCIONAIS	Bar	-	-	Parcialmente
	Restaurante	-	-	-

⁴⁵ Em função da pandemia COVID-19, conforme supracitado na metodologia, os hostels HB1 e HB2 encerraram as atividades, porém, optou-se pela manutenção dos mesmos como objetos de análise tendo em vista que a pesquisa in loco foi iniciada em dezembro de 2019 antes do anúncio da quarentena no Brasil a qual iniciou-se em meados de março de 2020.

	Sala de jogos	Parcialmente	Parcialmente	Parcialmente
	Quarto privado com banheiro	✓	✓	✓

Fonte: Elaboração própria.

Das áreas estipuladas na matriz classificatória, nota-se que os hostels investigados apresentam aproximações e distanciamentos. No entanto, 6 itens merecem destaque:

a) lavanderia: ainda que o hostel HB1 não contemple uma lavanderia, o espaço conta com uma área de tanque a qual pode ser utilizada pelos hóspedes em casos de necessidade. Já o HB3 este item é parcial, pois apesar de não contemplar uma lavanderia em suas dependências, oferecem a terceirização deste serviço, bastando aos hóspedes entregarem as roupas na recepção;

b) sala de internet, leitura e jogos: embora os hostels belo-horizontinos pesquisados, não contemplem um ambiente fechado específico para tal finalidade, - como geralmente ocorre no contexto europeu (BAHLS, 2015, 2018) -, contam com um espaço (geralmente na sala de estar) no qual é disponibilizado um computador com internet para livre acesso dos hóspedes. O mesmo vale para a sala de leitura e sala de jogos, nos três há espaços disponíveis a serem utilizados para tais práticas, atendendo, desse modo, parcialmente aos critérios da referida matriz;

c) bar e restaurante: no que concerne ao item bar, o HB1 contemplava um bar no início das atividades tendo sido encerrado no ano de 2017. Já o HB2 a princípio abrangia um restaurante localizado na garagem, porém, foi migrado para outro local nas proximidades do hostel. No HB3, apesar de não contemplar um bar específico, como realizam eventos com certa frequência acabam montando um bar durante a realização destes.

Logo, considerando o panorama da estrutura das áreas físicas dos espaços investigados alicerçados aos sujeitos, observou-se, durante as incursões de campo, os aspectos que se sobressaíram durante o processo de receber e hospedar destes hostels. A começar pelas considerações iniciais descritas a seguir.

5.1.3 Considerações precípuas do receber e hospedar hosteleiro

Em relação aos atos de receber e hospedar, foi possível constatar no momento da pesquisa empírica, a manifestação sinérgica de ambos, ratificando assim, a dificuldade de se encontrar tais terminologias sendo analisadas separadamente. Com efeito, são termos que na empiria vê-se um constantemente associado ao outro, podendo ser considerados

unívocos e ambos sinônimos da hospitalidade, tal como é tratado pela literatura desta área do conhecimento.

Dito isso, dificilmente encontram-se estudos em que tais vocábulos aparecem descolados um do outro e dos entendimentos da hospitalidade, de igual maneira, no próprio dicionário da língua portuguesa, um aparece como significado do outro. Isso postula tanto bibliograficamente quanto empiricamente o imbricamento dos atos de receber e hospedar.

Diante desse cenário, é fulcral recorrer à etimologia do vocábulo hospitalidade. De acordo com pesquisas empreendidas por Ferreira (2004) no dicionário de língua portuguesa, a palavra vem do latim *hospitalitate*, a qual se refere ao ato de hospedar ou acolhimento afetuoso. Similarmente, Lewis (2010) ao analisar os dicionários elementar de latim e o novo dicionário de latim (*Elementary Latin Dictionary, New Latin Dictionary*) a hospitalidade origina do latim *hospes*, remetendo aos termos hospedar e ainda anfitrião e convidado.

Na pesquisa *in loco*, notou-se uma alternância entre os termos receber e hospedar no convívio diário dos hostels. Ou seja, embora cada um deles seja permeado por práticas por vezes bem delineadas, há uma constante associação. Isso quer dizer que o ato de hospedar demonstra um contínuo processo de receber.

Para exemplificar esse cenário, notou-se frequentemente que quando o anfitrião era demandado pelos hóspedes durante o hospedar, havia ali uma forma de receber aquela demanda seja ela qual fosse, com vistas a solucioná-la. Nesse sentido, é constante o “ir e vir” do receber/hospedar durante a estadia, onde o anfitrião está continuamente recebendo determinada demanda, - durante o ato de hospedar do hóspede -, e suprindo-as. Nota-se desta maneira, uma oscilação constante entre as esferas do receber e hospedar.

A sobreposição desses termos no plano prático se mostra tão profunda que empiricamente ratificou-se a complexidade de analisá-los isoladamente. Dito isso, o principal questionamento reside se de fato são termos para serem vistos separadamente ou associados dada a alternância constante. Para isso, tecer algumas particularidades observadas em cada um deles se faz necessário.

No ato de receber, no modo hosteleiro, por exemplo, averiguou-se por parte do anfitrião uma espécie de “como” isso acontece, ou seja, a forma de receber aquele sujeito, este como, está envolto a manifestações de atenção, zelo, afeto e cuidado, características as quais podem ser traduzidas como “calor humano”. Este calor humano é direcionado ao hóspede no momento da chegada ao hostel, iniciado logo na recepção. Em linhas gerais,

remete puramente a uma introdução do sujeito naquele universo, onde há contato e diálogo inicial de caráter presencial, informações referentes às regras do espaço são disponibilizadas, e por último, a apresentação do ambiente e do local de dormir.

Já em se tratando do hospedar, verificou-se uma ligação prévia com os atributos necessários para proporcionar uma hospedagem tida como satisfatória. Para exemplificar esse cenário recorre-se aos itens determinantes para a caracterização dos hostels, contidos na “matriz classificatória de áreas físicas de hostels” concebida por Bahls (2015), conforme citado anteriormente. Nesse sentido, o hospedar vincula-se em primazia ao ambiente, ou seja, na estrutura propícia para trazer um conforto físico ao sujeito, facilitando desse modo, o suprir das necessidades básicas e fisiológicas. É neste momento que o sujeito se apropria do seu universo temporário: cama e quarto de dormir, característica *sine qua non* do processo da hospitalidade como já afirmou Gotman (2019) em suas pesquisas.

E, a posteriori atrelado às demandas, com vistas a trazer um conforto sob o viés emocional, pois durante o hospedar, diversas são as situações em que o hóspede ao levar dúvidas, informações, solicitações, problemas e questões tanto em relação ao espaço quanto de outros hóspedes; O anfitrião ao receber tais demandas, necessita expressar novamente o “calor humano”, tal como manifestado no primeiro momento do ato de receber.

Tal processo tem, como finalidade precípua, sanar ocorrências e garantir a manutenção do conforto físico e emocional, que por vezes é reivindicado pelos sujeitos durante o ato de hospedar. Esse hospedar, portanto, fundamenta-se no convívio e nas relações estabelecidas cotidianamente. É a partir do quadro exposto que se sustenta a correlação entre os atos de receber e hospedar, dada a confluência e divergência oscilante na dinâmica dos hostels.

Diante de tal cenário, ora associados, ora apartados, a análise a seguir demonstrará as nuances desse receber e hospedar hostelheiro e suas implicações dentre outros aspectos que emergem dentro deste processo. Embora as análises se deem sinergicamente, será possível atinar para as demarcadas peculiaridades de cada, com vistas a demonstrar o entroncamento dicotomizado que lhes é inerente. Isto posto, mais do que pensar em tais terminologias entrelaçadas ou distantes, é preciso problematizá-las nas mais distintas formas de manifestação, a fim de compreender a complexa dinâmica dos atos de receber e hospedar da teia hostelheira.

5.2 O CHECK-IN: “aquela alma de receber as pessoas”

“*Propensão em servir*”; “*alma de receber pessoas*”; “*ser completamente educado*”, “*o foco é no hóspede*”, “*ser o mais agradável possível*”, “*se colocar no lugar do hóspede*”. Tais palavras ecoaram no discurso dos anfitriões entrevistados, quando foram convidados a discorrer sobre o processo de recebimento dos hóspedes. Palavras que, no convívio diário, materializaram-se em ações, gestos e posturas que demonstravam, por vezes, um sacrifício de si mesmo na busca pelo servir ao outro constantemente.

Eram recorrentes as situações em que o anfitrião interrompia a refeição que estava preparando ou ingerindo, abandonava pela metade a água que estava tomando, tardava a vontade de ir ao banheiro, cessava as suas pausas de trabalho de forma repentina, saía apressadamente do banheiro, e tantas outras ocasiões, para atender as necessidades dos hóspedes. O ato de receber o hóspede nos hostels pesquisados, por parte do anfitrião, coloca em realce uma disposição de ser genuinamente hospitaleiro (CAMARGO, 2021; LASHLEY, 2015), sugerindo um constante despir-se de si mesmo para cobrir o outro, como é possível constatar nos relatos a seguir.

Se eu tô ali naquela recepção e eu posso estar mal humorado, de saco cheio, comendo, doido pra ir ao banheiro. Se a pessoa vira e me pede, vamos dizer assim, um copo d'água, eu tenho que largar tudo aquilo que eu tô fazendo para resolver aquilo. Enquanto eu não resolvo aquilo eu não posso servir a mim mesmo, eu tenho que servir aquela pessoa. (Antenado, mineiro, 29, HB1).

Quando alguém me pergunta ou solicita qualquer coisa, eu paro na hora o que eu estiver fazendo pra poder atender aquela pessoa da melhor forma possível. Então eu acho que quando você tem aquela alma de receber pessoas tudo fica mais fácil aqui. (Ubuntu, mineira, 34, HB2).

No contexto profissional investigado, mesmo que servir signifique renunciar às próprias necessidades, até mesmo fisiológicas, como relata Antenado, demonstra no hostel uma incondicionalidade deste ato. O que, por vezes, pode se tornar um processo exaustivo. Conforme exemplificado por Buscadora, “[...] *você não tinha tempo pra fazer hora de almoço, você tinha que ficar por conta do hostel o tempo todo, então eu achei bem cansativo*” (Buscadora, mineira, 31, HB1). Esta disposição integral, muitas vezes, é notável nestes espaços, evidenciando um servir dotado de raízes profundas que atravessam tempos e espaços, manifestando-se nos hostels contemporâneos.

Um exemplo disso refere-se à carga religiosa por trás dos atos de receber e hospedar o outro, pois, historicamente existe o chamado “elo sagrado” da hospitalidade (NOGUERO, 2019; CASTELLI, 2005). Vale lembrar os tempos longínquos da Grécia, onde o hóspede era considerado maior que Deus, devendo ser tratado com profunda diligência pelo anfitrião. “A hospitalidade deve prevalecer sobre a oração e sobrepujar a presença de Deus: é preferível fazer Deus esperar do que deixar de receber ao hóspede com diligência” (Talmud – Livro sagrado dos judeus). Mesmo com o passar dos tempos, esta característica (seja em maior ou menor grau) está enraizada no imaginário social da dinâmica hoteleira. Ela se manifesta, cotidianamente, por meio de práticas orientadas sob tal perspectiva no momento de acolher os hóspedes.

Segundo Castelli (2005, p.7), embora o elo sagrado tenha sido “testemunhado ao longo da história da humanidade”, não podendo “ser menosprezado para quem exercer, na modernidade, o comércio da hospitalidade”, esse cenário reforça a preocupação do autor em não confundir a comercialização da hospitalidade com servilismo, tendo em vista a errônea utilização do segundo termo, especialmente na prática, como sinônimo de hospitalidade.

Nesse sentido, no contexto dos hostels investigados, observa-se como é tênue a linha existente entre o ato de acolher e o servilismo na prática de receber os hóspedes, como se notou no discurso dos entrevistados. Isso sinaliza os cuidados por parte do anfitrião ao desempenhar essa função sem, contudo, perder a dignidade, rebaixando-se durante a acolhida. Pois, em caso da atuação de forma subserviente para atender as necessidades dos hóspedes, figuraria como uma relação de servilismo.

Na contramão deste panorama, Castelli (2005) chama a atenção para a importância da sociedade moderna entender os sentidos e significados da hospitalidade para os seres humanos desde os primórdios dos tempos. Pois para o autor: “[...] isso certamente trará valiosos subsídios para uma melhor compreensão do exercício das atividades nos meios de hospedagem atuais” (p.7).

A ideia está centrada na perspectiva de estimular os profissionais da área a compreenderem a “grandeza” por trás do ato de receber uma pessoa. Estas pessoas, para o referido autor, são os protagonistas da trama da hospitalidade. “Grandeza” esta que pode ser notada nas palavras dos anfitriões entrevistados na pesquisa devido à importância dada no tratamento direcionado ao hóspede no início da acolhida. Nas entrevistas, foi colocado em evidência o bem receber como um diferencial da competitividade na área comercial.

A recepção, o momento que os hóspedes chegam, eu tenho que prestar um bom atendimento que eu acredito que não seja mais do que minha obrigação ser completamente educado e fazer já no primeiro momento com que a pessoa se sinta minimamente em casa, me movem assim sabe? (Sonhador, mineiro, 29, HB3). (Grifos da autora).

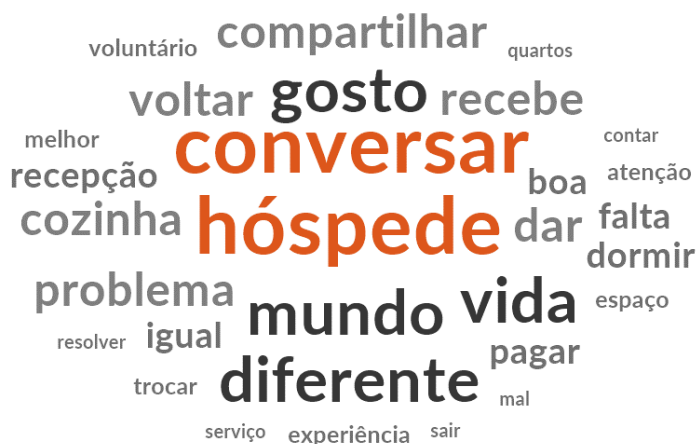
[...]eu sou assim [gentil] porque eu acho que a melhor coisa que tem é você ser bem tratado, eu acho que faz uma diferença imensa em qualquer experiência que você vai ter. Então logo na recepção eu trato a pessoa do jeito que eu gostaria de ser tratada. [...] é essa coisa de receber bem, de ser gentil, de colocar o hóspede não diria em primeiro lugar, mas o foco é no hóspede. (Gentil, mineira, 33, HB3). (Grifos da autora).

Nestes relatos, observa-se a preocupação dos anfitriões em tratar os hóspedes da melhor maneira possível. Bom atendimento, gentileza e sentir-se em casa são algumas das características expressas pelos anfitriões, que regem o processo de receber os visitantes, sem, contudo, requerer destes uma atitude recíproca frente ao tratamento prestado. Este pressuposto remete à ideia de acolher um desconhecido de forma genuína, como já disse Derrida (2003) em suas pesquisas: “que eu o deixe vir, que o deixe chegar, e ter um lugar no lugar que ofereço a ele, sem exigir dele nem reciprocidade” (DERRIDA, 2003, p. 23-25).

Este cenário pode ser exemplificado na Figura 3, que agrupa os principais resultados da pesquisa no que concerne ao processo de receber, segundo o ponto de vista dos anfitriões. Nota-se que a palavra “hóspede” está no cerne da figura, evidenciando a importância do mesmo para o anfitrião. Há um destaque, também, para as palavras “gosto” e “conversar” associadas aos hóspedes e, ainda que em menor grau, cabe mencionar alguns vocábulos como: “dar”, “receber”, “atenção”, “melhor”, “recepção” e “resolver”.

Tais palavras podem ser resumidas na fala da entrevistada Buscadora, para quem o tratamento direcionado aos hóspedes desde o início têm como finalidade “*fazer o hóspede se sentir em casa, se sentir querido*”. Ratificando assim, esta sensação por parte dos anfitriões de ofertar uma ‘cena agradável’ para os hóspedes durante a acolhida (CAMARGO, 2021). Afinal, é neste processo de abertura para o desconhecido, de si próprio e da própria casa, como diria Derrida (2003), que o ato da hospitalidade se faz poético, se faz genuíno.

Figura 3 – Nuvem de palavras – Processo de receber hóspedes na visão dos anfitriões



Fonte: Nvivo – Dados da pesquisa.

Tal como frisado por Camargo (2021), a hospitalidade genuína faz parte de um processo em que os encontros hospitaleiros geraram uma interação bem-sucedida entre os sujeitos, interação esta que o autor subdivide, conforme mencionado anteriormente, em urbanidade (exercício profissional eficiente) e hospitabilidade (hospitalidade genuína). Nesse sentido, a partir da visão dos entrevistados, nota-se a manifestação de ambos os tipos de interação humana. Os anfitriões, por exemplo, demonstram saber e, especialmente, gostar de receber os hóspedes. Seja ou não instintivamente, eles praticam a hospitabilidade.

Quando as pessoas chegam aqui e recebem esse tratamento[hospitaleiro] não só meu, mas de toda a equipe, desde da hora que chega é orientada a ter esse tratamento, e se não conseguir ter acaba não dando certo aqui, porque isso é um dos pilares aqui do hostel.[...] no momento da recepção, nesse momento de seja bem-vindo, manter as coisas organizadas, alguém me pedir e eu ir lá e resolver é o que me faz vestir a camisa literalmente e vir pra cá todos os dias, e aí eu já deixei avisado pro pessoal aqui também que o dia que eu perder esse brilho no olho eu pego as minhas coisas e vou embora. (Sonhador, mineiro, 29, HB3). (Grifos da autora).

Os resultados obtidos na pesquisa permitem inferir dois aspectos, o primeiro diz respeito à urbanidade, ou seja, a orientação dada para prestar um serviço hospitaleiro eficiente por parte da equipe. Esta constatação coloca em evidência a hospitalidade como um pilar do hostel: “Então, não só da minha parte, eu vejo que é um esforço coletivo que a gente tem. E sempre que a gente faz reunião, sempre que a gente conversa, a gente fala sobre isso, que é essa coisa de receber bem, de ser gentil” (Gentil, mineira, 33, HB3).

Mediante a isso, a não concretização de um atendimento hospitaleiro, ou seja, o tratamento calcado na urbanidade, pode culminar em demissão, tal como apontado no relato de Sonhador. Como exemplo deste cenário as palavras “serviço”, “diferente” e “experiência” podem ser visualizadas na Figura 3, como algumas das características da prestação do serviço nestes espaços.

Ainda que o foco deste estudo não seja o de definição de um perfil de anfitrião com habilidades hospitaleiras, um segundo aspecto a ser mencionado relaciona-se com a ideia de que esse sujeito precisa demonstrar um “[...] carácter intimista e familiar que possuem desde sua gênese” (BAHLS, 2015, p.164). Frente a isso, o profissional anfitrião no contexto dos hostels investigados se mostra imprescindível para que o encontro com cada hóspede seja bem-sucedido. Como lembra Camargo (2021, p. 6), “[...] nunca é demais reforçar a existência de um aspecto essencial da personalidade do indivíduo que gosta de ser hospitaleiro, a prevalência do gosto de servir”. O autor prossegue afirmando: “Se, em regra, as pessoas gostam de ser servidas, há – supõe-se, caso de minoria – pessoas que, ao contrário, gostam de servir” (p.6).

No processo de receber os hóspedes nos hostels analisados constata-se, portanto, uma junção da hospitabilidade e da urbanidade. Por um lado, manifesta-se o exercício profissional da hospitalidade que, por vezes, pode ser encenado como já disse Gotman (2008, 2019) em suas pesquisas. Por outro lado, transbordando a encenação, tem-se a hospitabilidade enquanto “[...] fruto de uma motivação intrínseca e extrínseca para o gosto de encontrar pessoas. Nesta categoria, as pessoas definem o gesto de servir como a sua vocação e um aspecto importante da sua personalidade” (CAMARGO, 2021, p.6). Estes aspectos podem ser constatados nas seguintes narrativas:

Eu não sei, acho que tá faltando hospitalidade, não é que eu tenho demais, é que tá faltando. Não sei, talvez o mínimo de cuidado, esse olhar no olho igual eu te falei, essa boa vontade em prestar um serviço, em me pedir uma estrela e eu tentar pegar uma estrela e... você quer um pedacinho da lua também? Então eu acho que isso tá faltando lá fora. Não sei se as pessoas são maltratadas lá fora, o que eu fico muito satisfeito na hora que eu tiro a conclusão pra mim, sonhador como pessoa, é que eu não tenho que pensar pra ser assim, entendeu? Parece que isso é meio que já tá em mim. (Sonhador, mineiro, 29, HB3). (Grifos da autora).

[...] se você já tem aquela alma de receber as pessoas... eu acho que nisso eu sou boa, sabe, de contactar com as pessoas, de fazer as pessoas se conectarem umas com as outras, eu gosto muito disso, de ser esse elo(...), sabe? (Ubuntu, mineira, 34, HB2). (Grifos da autora).

O fato do entrevistado mencionar a falta de hospitalidade, ecoa no que Carmago (2015) menciona de o ambiente social constituir-se cada vez mais de forma inóspita e hostil. Diante disso, a hospitalidade seria uma forma de resgate da relação interpessoal, regida pela troca de calor humano, revelando-se enquanto uma das possibilidades: “que restam no mundo contemporâneo, de manifestação ou de recriação dos vínculos sociais” (p.45).

Observando novamente a Figura 3, cabe um destaque para a palavra “pagar”, uma vez que esta remete à relação comercial, à prestação de serviço no hostel. Ainda que a acolhida neste contexto envolva a monetização, os resultados da pesquisa evidenciaram que há o predomínio da citada poética no ato de receber e hospedar por parte dos anfitriões. Conforme enfatiza o entrevistado Sonhador: “[...] *por mais que a pessoa esteja pagando, eu falo: venha, é sua casa, tô aqui, conta comigo no que você precisar durante sua estadia aqui*” (Sonhador, mineiro, 29, HB3).

Nesse sentido, há uma oferta de lugar àquele desconhecido, há uma abertura íntima quando o anfitrião se mostra disposto a atender as necessidades de um hóspede que transcende a troca monetária. O que reitera a oferta de uma hospitalidade por parte dos anfitriões, para além de ganhos monetários, direcionada para gerar satisfação, alegria e prazer aos hóspedes acolhidos (LASHLEY, 2015), características observadas no contexto dos hostels estudados.

No entanto, vale chamar a atenção para os meandros da hospitalidade quando associada à lógica do mercado, que tende a reforçar a ideia de servir incondicionalmente os clientes de forma mimética, uma vez que a hospitalidade se mostra encenada tanto nos negócios comerciais, como na prestação de serviços turísticos (GOTMAN, 2009). Faz-se um paralelo com o bordão “o cliente tem sempre razão”. Esta máxima demonstra que mesmo com o passar dos anos, tal perspectiva se faz presente. Ainda que, por vezes, questionável, o prevailecimento deste princípio pode ser notado nos variados serviços e comércios turísticos.

Segundo Garcia e Araújo (2013), por exemplo, tal prática é consolidada no cenário brasileiro, sendo assim, na realidade dos hostels investigados, isto não seria diferente. Sobre este aspecto, Gentil afirma que o foco do hostel é o hóspede e, por sê-lo: “*sempre que tiver que pender pra algum lado, tem que pender pro lado do hóspede*” (Gentil, mineira, 33, HB3). Este contexto acaba reforçando a priorização do hóspede em relação ao anfitrião. Isto porque tanto no fenômeno turístico de maneira geral, quanto nos meios de hospedagem pagos: “interferem na assimetria da hospitalidade, o pagamento,

conferindo àquele que é recebido uma posição de superioridade diante daquele que recebe” (CAMARGO, 2015, p.18).

A relação comercial, desta maneira, para Gotman (2009, p.8) acaba de alguma forma: “liberando os anfitriões face aos hóspedes, desliga-os de toda obrigação de dádiva”. A autora acrescenta, ainda, o fato de que o cliente não deve obrigações ao devedor: “daí o tratamento cerimonioso e a fórmula do ‘cliente-rei’ da linguagem comercial” (GOTMAN, 2009, p. 8).

Há ainda uma característica comum nos hostels investigados a ser pontuada na presente discussão: a atuação desacompanhada. Ou seja, atuar individualmente na recepção é uma particularidade recorrente nestes espaços se comparado a hotéis, sobretudo as redes hoteleiras que normalmente - a depender do porte -, contemplam dois ou mais funcionários trabalhando na recepção.

Os hostels, geralmente, são empreendimentos de pequeno porte, onde a sobreposição de tarefas é perpetuada, assim como a necessidade constante de disposição incondicional por parte dos membros da equipe. Este traço acaba por reforçar o processo de abster-se de si mesmo e os sacrifícios provenientes do ato de servir ao receber os hóspedes nestes espaços.

Isso remete à tônica da inexistência da hospitalidade caso não haja sacrifício, como defende Camargo (2006). Então, dificilmente haverá a manifestação da hospitalidade sem que o sacrifício seja posto em cena, seja ele, espaço ou pessoa, tangível ou intangível, desvelando que a hospitalidade, ou seja, o ato de receber no contexto hostelero investigado, portanto, faz-se pelo e para o sacrifício.

Tendo feito tais explicações passa-se agora para as nuances do ambiente primário do processo de receber os hóspedes.

5.2.1 O ambiente preambular de receber pessoas e suas implicações

“Mas a hospitalidade sempre foi atributo de pessoas e de espaços, e não de empresas.”

(Luiz Octávio de Lima Camargo).

Ao se falar em receber em um hostel, pensa-se, então, no local propício onde se inicia tal processo: a recepção. A recepção, de um hostel é palco para as mais variadas formas de sociabilidade entre os sujeitos, figurando-se como a manifestação primária

presencial⁴⁶ do ato de recebimento do hóspede. A própria menção desta palavra na Figura 3, apresentada anteriormente, evidencia a tamanha relevância deste ambiente para os anfitriões. Atenção para a proximidade dos termos “melhor” e “conversar” da palavra recepção, o que sugere o posicionamento dos anfitriões em prestarem o melhor tratamento aos hóspedes logo na recepção, sendo este sinalizado como o diferencial de um hostel:

Eu acredito que o diferencial de um hostel seja no tratamento com o cliente, tudo o que se refere a um tratamento com os hóspedes e o que você tem ali pra oferecer para eles de uma experiência que ele não vai encontrar em outro hostel, ele pode até encontrar, mas não vai ser a mesma que um determinado hostel pode oferecer. (Buscadora, mineira, 31, HB1).

É na recepção, durante o check-in, que se desencadeia a interação entre anfitrião e hóspede, hostel e hóspede. Muitas vezes as percepções e estímulos adquiridos neste ambiente comandarão a forma de agir do anfitrião com o hóspede desde a chegada até a saída. É neste momento que identificam o perfil daquele hóspede, se expansivo ou reticente, como é possível notar nos relatos expressos a seguir:

Às vezes você chega toda expansiva né pra alguém: nossa seja bem-vindo e tal, e a pessoa é uma pessoa mais contida. E aí você já tem que dar uma diminuída ali no seu entusiasmo. Às vezes a pessoa só está cansada porque acabou de chegar de viagem, mas às vezes é o jeito dela. (Ubuntu, mineira, 34, HB2).

Eu me baseio na pessoa, igual por exemplo se eu percebo que a pessoa é fechada não tem como, você tem que ser extremamente formal, quando é uma pessoa mais extrovertida a gente brinca, eu brinco com a pessoa, a pessoa chega pra fazer o check-in eu falo tá chegando de onde? Às vezes a pessoa tem sotaque eu falo: uai você nem parece que é de tal lugar, o sotaque nem engana né? Nem entrega né? Tem que ter uma postura diferente pra cada tipo de pessoa. (Antenado, mineiro, 29, HB1).

Diálogos são iniciados, perguntas relativas à viagem, as origens, bem como comentários descontraídos e corriqueiros, são percebidos durante o recebimento, sinalizando uma forma encontrada pelos anfitriões para “quebrar o gelo”, conforme detalha o estudante de turismo:

Aí você quebra aquele gelo, aí às vezes a pessoa está precisando perguntar alguma coisa e já vai e pergunta: eu tava pensando em tal coisa, eu tava querendo ir em tal lugar, eu cheguei aqui e não conheço nada, você tem algum

⁴⁶ Uma ênfase é dada no termo presencial, pois muitas vezes o primeiro contato do hóspede com o hostel inicia remotamente através de ligações telefônicas, redes sociais e/ou e-mail. Sendo assim, grande parte dos hóspedes ao chegarem ao local já havia feito algum tipo de contato prévio com a recepção do hostel (anfitrião) antes mesmo do contato presencial. Por isso a escolha por demarcar o contato primário presencialmente, já que virtualmente esse contato poderia ter ocorrido.

lugar pra me indicar? Tem alguma coisa boa pra fazer na cidade? Ou então por exemplo chega final de semana: eu não sei o que que eu faço hoje, aí você fala com a pessoa vai na feira hippie, no mercado central, ou então tem isso, tem aquilo, então a gente sempre tenta interagir com a pessoa, porque quando a gente quebra esse gelo, a pessoa já se sente mais à vontade. (Antenado, mineiro, 29, HB1).

Notou-se também, a recepção enquanto um espaço simbólico, no sentido de proporcionar aos sujeitos, viajar sem se deslocar, ou seja, viajar através das pessoas, de suas histórias e lugares de origem:

E tem dias que é: hoje você está conversando com um português, aí do nada chega um francês, e um americano e nisso você viajando o mundo sem sair da sua cadeira sem sair de dentro da recepção. [...] Eu viajo sentada nessa cadeira aqui, aqui nessa cadeira que estou sentada eu consigo falar com gente do mundo inteiro. (Ubuntu, mineira, 34, HB2).

Da recepção do hostel eu posso conhecer pessoas do mundo inteiro sem necessidade de viajar pra outros lugares entendeu? Porque aqui acolhe pessoas do mundo inteiro entendeu? (CABJ, argentina, 29, HB 2).

Ademais, durante a pesquisa de campo, observou-se a recepção revelando três aspectos que chamaram a atenção: a segurança, as normas, e a tipologia de hóspede. Em se tratando da segurança, além de sugestões e informações gerais sobre a cidade serem demandas dos hóspedes tanto no momento do check-in quanto durante a hospedagem; angariar informações relativas à segurança, seja da cidade, do bairro e do próprio meio de hospedagem se mostra uma questão preocupante para os hóspedes, especialmente aqueles recém-chegados ao local. A saber:

Da recepção era possível ouvir alguns hóspedes perguntando sobre a segurança da cidade, do bairro e até mesmo do hostel. Embora os três hostels investigados apresentem essa característica, percebi essa questão da segurança com maior frequência no hostel HB1. Eram perguntas das mais variadas como: “Aqui é perigoso?” / “É de boa andar aqui de noite?” / “Como que é a cidade? É perigosa?” / “Esse bairro é bom?” / “Que lugar aqui é mais perigoso?” / “Aqui tem muito assalto?” / “Quero ir nesse lugar lá é perigoso?” / “O que você acha melhor voltar a pé ou de Uber nesse horário?” / “É muito perigoso aqui o hostel?” / “Tem como eu trancar a porta do meu quarto de noite?” / “Não corre o risco de ninguém roubar minhas coisas no quarto não né? (Nota de campo, 15 dez. de 2019).

Estes e tantos outros questionamentos observados em campo, colocam a segurança como a palavra de ordem que reside por trás das constantes indagações dos hóspedes no ato da recepção e se desenrolam durante o hospedar. Cabe frisar, que tal preocupação em se sentir seguro, se faz presente sob três aspectos em especial: o primeiro

contato da pessoa com a cidade; a primeira vez se hospedando em hostel e, por último, o principal interlocutor dessas perguntas, as mulheres. O público feminino majoritariamente tende a questionar acerca da segurança da cidade visitada e do próprio meio de hospedagem.

Isso vai ao encontro dos estudos da portuguesa Susana Raquel Granito Cró (2018), ao constatar em sua pesquisa o impacto da segurança no índice de preço das diárias dos hostels. Onde as mulheres se mostram mais dispostas em investir um valor maior naqueles espaços que apresentem um nível de segurança mais elevado, sobretudo em países considerados mais “inseguros”:

[...] os hóspedes do sexo feminino e os ‘menos jovens’ mostram disponibilidade para pagar um preço absoluto e/ou um prémio em termos de preço superior, **por um nível mais elevado de segurança no hostel**, nos países mais inseguros e/ou não respeitadores dos direitos humanos comparativamente aos países seguros e respeitadores dos direitos humanos. Dado que nos países com maior insegurança e/ou violação dos direitos humanos, a percepção do risco e a probabilidade objetiva de vitimização das mulheres e dos ‘menos jovens’ é muito superior à encontrada nos países seguros e /ou respeitadores dos direitos humanos. (CRÓ, 2018, p. 139-140). (Grifo da autora).

Concernente às normas, entra-se em um paradoxo da hospitalidade, como visto no momento de receber e hospedar os hóspedes, os anfitriões demonstram uma postura voltada para a hospitabilidade, quando os sujeitos se doam e adotam, um caráter aparentemente gratuito, livre, desinteressado e permeado pela incondicionalidade (GRASSI, 2004). No entanto, em um primeiro momento, para que a hospitalidade ocorra de tal forma se faz necessário a ausência de imposições e obrigações para o ser acolhido, uma vez que a obrigatoriedade, o interesse e a imposição de regras, limites e leis podem culminar na perda do aspecto incondicional da hospitalidade (DERRIDA, 1997, 2003; BASTOS *et al.* 2016).

Tal panorama, sugere refletir sobre a possibilidade ou não da manifestação da hospitalidade sob tal molde (incondicional) em um contexto comercial. Pois logo na recepção, o hóspede é acometido por informações referente às regras do alojamento, onde a relação contratual entre hostel e hóspede é firmada por meio de um contrato temporário de hospedagem concordando em estar ciente das regras do espaço e respeitá-las. Este contrato se faz simbólico, uma vez que serve como um regulador das relações estabelecidas entre cliente e serviço (GOTMAN, 2009).

Isto posto, é válido assinalar a raridade dos momentos percebidos em que o hóspede realmente havia lido a lauda de normas. O que demonstra o desafio de anfitriões

na tentativa de fazer com que os hóspedes cumpram com rigor as “normas impostas”, é neste momento que o anfitrião acaba por desempenhar o papel de educar o hóspede (BAHLS, 2015). “A gente faz esse procedimento no check-in explica tudo, é... e no check-in geralmente eu sempre pergunto: você já hospedou com a gente? Não. Já hospedou em hostel? Quando a pessoa responde que não, a gente dá uma explicada” (Gentil, mineira, 33, HB3, anfitriã). Acredita-se que, em função disso, incansavelmente os anfitriões, a cada *check-in*, reiteravam algumas das regras tidas como principais, conforme exemplificadas a seguir.

Quadro 6 –Tipos de regras reforçadas no check-in

TIPOLOGIA	DETALHAMENTO	HOSTEL HB1	HOSTEL HB2	HOSTEL HB3
LIMPEZA E ORGANIZAÇÃO	Limpeza e organização dos utensílios utilizados na cozinha comunitária	✓	✓	✓
	Responsabilidade em lavar louça do café da manhã	-	✓	-
	Entrega para o hóspede da roupa de cama no check-in e arrumação da própria cama	✓	✓	-
	Devolução da roupa de cama no check-out	✓	✓	-
	Devolução de toalha e cobertor no check-out	✓	✓	✓
CHAVE	Devolução de chave do armário ou do cadeado no check-out	✓	✓	✓
	Devolução da chave/cartão do quarto coletivo no check-out	✓	-	-
HORÁRIOS	Horário de funcionamento da recepção	✓	✓	✓
	Horário do café da manhã do hostel	✓	✓	✓
	Horário do check-in e do check-out	✓	✓	✓

Fonte: Elaboração própria.

A ideia pautava na tentativa de minimizar o burlar das regras, seja pelo esquecimento ou desconhecimento e até mesmo pela não leitura do acordo contratual previamente apresentado. Portanto, tais características se fazem marcantes no contexto investigado, e remetem ainda ao lócus da gênese hostelira schirrmanniana, onde era

regra os estudantes se responsabilizarem pela limpeza e organização do dormitório e demais espaços coletivos dos hostels da época (THOMAZI, 2019; BAHLS, 2015).

E, por último, referente à tipologia dos hóspedes, os depoentes enfatizam a importância de tratá-los como iguais, ainda que definam uma forma de tratamento considerada mais “adequada” para cada tipo de sujeito como visto anteriormente (hóspede expansivo ou reticente). No conjunto das entrevistas analisadas, pode-se notar a palavra “igual” na Figura 3, bem como “diferente” e “mundo”, o que exemplifica tais colocações, uma vez que reforça esse tratar como igual os diferentes perfis de visitante oriundos de diversas partes do mundo. Colocando em evidência a diversidade do público de hostel:

Mistura, mistura de tudo que é tipo de gente, de tudo que é tipo de lugar, de tudo que é jeito, de tudo que é tipo, de tudo que é por exemplo preferência sexual. É gente de nacionalidade diferente, então é muito misturado. [...] dá a sensação que é a casa da mãe joana né, aqui rola de tudo e mais um pouco. Não sei se tem uma imagem da casa da mãe joana, mas a sensação que dá é isso, você fala com as pessoas e as pessoas realmente acham que é um lugar que realmente vale tudo. (Antenado, mineiro, 29, HB 1).

A partir do cruzamento das narrativas dos entrevistados foi possível identificar a existência de três categorias de hóspedes, classificados em: conhecedores, desconhecedores e problemáticos⁴⁷. Os depoentes apontam que muitas vezes as características destes hóspedes se sobressaem no ato de receber, logo na recepção e impactam no convívio diário do hostel.

De acordo com os anfitriões, embora o **conhecedor** seja um público considerado de fácil convivência, em contrapartida alegam a facilidade deles em extrapolar as regras devido a distorção que carregam no tocante a “liberdade” existente no espaço: “eles pensam que em um hostel tudo pode e aí acham que vão ter a liberdade pra fazer o que quiser e não é bem assim” (Ubuntu, mineira, 34, HB2). Paralelamente, tem-se ainda outras características que compõem este perfil na opinião dos entrevistados:

Eu tenho a impressão que é um pessoal que tá um pouco mais à frente no sentido assim de viajar, de ter uma cabeça aberta, de realmente estar viajando. (Sonhador, mineiro, 29, HB3).

⁴⁷ A partir da análise das narrativas detectou-se similitudes que conduziram à escolha e definição destes três vocábulos por parte da pesquisadora.

São muito abertas, a novas culturas, as formas de pensar e estão aí mesmo participando dessa mudança, de então vamos entender essa diversidade, porque eu acho que é isso mesmo que as pessoas procuram né, quando vem pra um hostel, a diversidade. (Ubuntu, mineira, 34, HB2).

Eu percebi que é um pessoal que já vem com um propósito maior de interagir, são mais abertos pra conversar e tal o pessoal chega bem aberto. (Gentil, mineira, 33, HB3, anfitriã).

A grande maioria era dessas pessoas que sabiam que era hostel e queriam fazer amizade, eram turistas mesmo. (Buscadora, mineira, 31, HB1).

Já os **desconhecedores**, verifica-se certa necessidade de serem “educados” pelos anfitriões a fim de compreenderem o funcionamento e a dinâmica do hostel, tal como constatado no estudo de Bahls (2015). Este tipo de hóspede muitas vezes carrega a crença de ser um “hotel mais barato”, acreditando assim, que irão encontrar serviços e produtos geralmente vistos em um hotel (ar condicionado, televisão no quarto, frigobar, serviço de quarto diariamente, etc.), mas que nem sempre são encontrados em um meio de hospedagem no formato de hostel⁴⁸. Além disso, os desconhecedores acabam sendo considerados o tipo de hóspede de maior incidência de descumprimento das regras e não entendimento das características do espaço.

*Igual quinta-feira eu atendi uma pessoa que ligou pra cá: **Oi tudo bem? eu quero um quarto privativo, o quarto tem ar condicionado, frigobar e televisão? Não. Aí a pessoa fica bem assim: nossa que lugar ruim não tem nada. Ai a gente tem que explicar que a televisão é uma pra casa inteira, ar condicionado não temos, temos ventiladores, e o quarto ele não tem de frigobar, que o frigobar basicamente é a geladeira que fica na recepção pra pessoa comprar alguma coisa, e a geladeira que fica na cozinha de uso comum, que os hóspedes podem comprar o que eles quiserem na rua e guardar nela.** (Antenado, mineiro, 29, HB1). (Grifo da autora).*

***Os maiores exemplos de deslizos são as pessoas que chegam sem saber o que que é hostel. Vem só pelo preço. E quando chegam aqui elas chegam dizendo: mas eu vou ter que dormir com outras pessoas? Sim, é um hostel.** (Ubuntu, mineira, 34, HB2). (Grifo da autora).*

*[...] sempre aparece alguém que acha que é hotel. **E as vezes vem pessoas achando que é hotel mesmo**, esses dias eu recebi uma hóspede: nossa, mas como que funciona, aí eu fui explicar tudo pra ela, e ela ‘a tá’. E não fazia a menor ideia. (Gentil, mineira, 33, HB3, anfitriã). (Grifo da autora).*

⁴⁸ Nos hostels investigados, por exemplo, não havia ar condicionado e sim ventilador, os quartos não contemplavam o aparelho de TV, e sim uma televisão de uso coletivo localizada na sala, não havia frigobar nos quartos coletivos e embora os quartos fossem higienizados diariamente, o serviço não abrangia a arrumação diária de cama dos hóspedes durante a permanência no local, tal como ocorre em meios de hospedagem tradicionais.

Tal prisma remete aos estigmas que o hostel carrega e são facilmente naturalizadas no imaginário social. Sendo caracterizados como já descrito em momentos anteriores, como uma opção mais “barata”, “econômica” e “derivação simplória de hotel”, prevalecendo a deturpação conceitual desse tipo de hospedagem (BAHLS, PEREIRA, 2017a). Perspectiva que acaba por reforçar a subalternização hoteleira, onde os hotéis ocupam uma posição de superioridade e os de hostels inferioridade afirmação a qual reside na alusão feita em momento anterior.

Dito isso, é preocupante a invisibilização dos hostels frente aos meios de hospedagem tradicionais, uma vez que a hierarquização de alojamentos relega lugares pré-definidos a serem ocupados por cada tipo de hospedagem, estereotipando-os. E, reverbera ainda na construção e fortalecimento de padrões e imaginários que reforçam a postura dos sujeitos frente a isso quando em contato com este tipo de acomodação.

Por último, os ‘**problemáticos**’, geralmente são aqueles hóspedes que costumam trazer algum inconveniente para o alojamento e pessoas envolvidas, tais como: roubo de pertences dos hostels e/ou dos hóspedes, inadimplência do não pagamento das diárias da hospedagem e transtornos diversos durante o hospedar. Nesta categoria também é inserido aquele hóspede que costuma migrar de um hostel a outro, localizados na mesma cidade ou estado, causando infortúnios variados aos empreendimentos e aos atores envolvidos.

Para minimizar o recebimento desse perfil de hóspede no espaço, o estudante de turismo comenta sobre a existência de um grupo de *WhatsApp* onde diversos hostels de Minas Gerais fazem parte e frequentemente partilham informações referente aos hóspedes que trouxeram algum inconveniente ao hostel. Esta comunicação permite que outros hostels possam se resguardar, além de evitar o recebimento desse perfil de hóspede:

Os hostels se comunicam entre si via WhatsApp, então é muito bom porque alguém manda as informações do hóspede que deu problema e aí a gente se previne e nem recebe. (Antenado, mineiro, 29, HB1).

O que eu acho mais bacana pelo menos o que eu vejo em BH, de vocês, é que vocês se conhecem todos né, a galera os donos de hostel, vocês trocam as informações. (Ipê-amarelo-do-cerrado, mineira, 40, HB 2).

Por meio das narrativas expressas a seguir, verifica-se o detalhamento em relação aos hóspedes ‘problemáticos’, os quais por vezes nada mais são do que conhecedores e desconhecedores que podem vir a se tornarem problemáticos.

Quem entende o que é hostel a dificuldade talvez é da liberdade que eles esperam ter em um hostel e a gente, às vezes não permite, por exemplo, a gente deixa receber visitantes, mas os visitantes não podem entrar nos quartos, porque quando você escolhe uma cama num quarto de nove camas você está dizendo que você aceita dividir o quarto com mais oito pessoas, não com mais nove. [...] A dificuldade que a gente tem muito da pessoa não saber o que é um hostel, e vem pelo preço. (Ubuntu, mineira, 34, HB2). (Grifos da autora).

A gente recebe muito aquele tipo de cliente do Ibis que quer um mês de hospedagem num hotel barato, mas não quer perder aqueles luxos que se tem num quarto de hotel, principalmente os brasileiros. Eu tenho pra mim que esse é um dos maiores problemas do hóspede brasileiro ele não entender o conceito de hostel, ele não entender qual é a essência desse espaço né e só fica querendo regalias, ele só fica achando que é um hotel mais barato. [...] tem um tipo de hóspede que é hóspede problema, que dá problema num hostel aí vem para cá, dá problema aqui e aí vai pra outro, é o tipo de hóspede que fica migrandosabe? Teve um que já tinha dado problema no HB 2 e aí veio para cá no sábado e ele já tava bloqueado aqui, e aí toda hora ele ia pra um. E pra cada um ele contava uma parte diferente da história dele do que que ele tava fazendo aqui. E aí o dono do hostel começou a levantar os dados dele, passaporte e tals, e viu que ele responde a vários processos e é perigoso. (Antenado, mineiro, 29, HB1). (Grifos da autora).

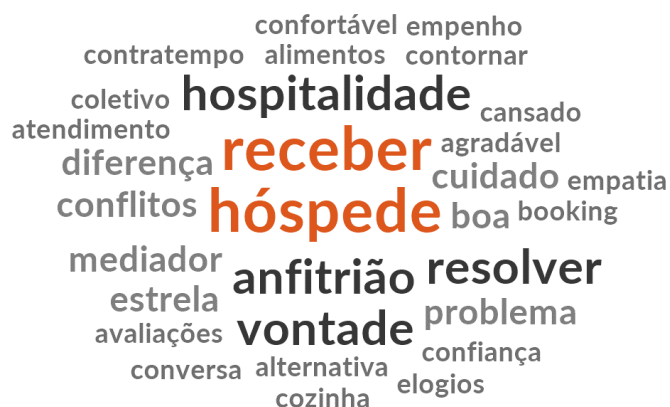
Dito disso, em linhas gerais, para os interlocutores, os desconhecedores se mostram como os hóspedes mais desafiadores, tendo em vista o desconhecimento da dinâmica hosteleira. Já os conhecedores, para Ubuntu, muitas vezes acabam por burlar as regras mesmo cientes delas, trazendo dessa forma, desafios durante o convívio e os denominados “hóspede problema” para Antenado, são vistos como os mais problemáticos pois figuram como uma ameaça para os hostels de modo geral como citado. No entanto esse cenário, especialmente no que se referem ao problemáticos, são tidos como exceções pelos anfitriões, pois:

Geralmente os hóspedes respeitam o espaço, tem hóspedes e hóspedes né, tem quem ‘tá’ viajando e vem pra curtir a cidade e conhecer e tem pessoas que vem a trabalho. Que aí geralmente quem vem a trabalho é uma pessoa que não procura muito conversar com todo mundo...assim de trocar ideia, uma troca cultural. Mas a maioria das pessoas são legais e gostam de conversar, tomar uma cerveja na varanda, procuram ter um contato uma conversa pelo menos, até pra falar onde que tem um lugar na cidade que eu vou pra almoçar, pra isso, pra aquilo, como chegar num lugar ou outro, acaba que você dá essas dicas vai... vai entrando mais confiança com a pessoa e aí gera isso entendeu? Como que fala, uma conversa bacana, legal, gosta de você, gosta do hostel. (CABJ, argentina, 29, HB 2).

[Os hóspedes] respeitam muito pra mais do que pra menos, hóspedes famosos com coisas negativas são poucos, por coisas positivas são inúmeras, as vezes a gente lembra mais do negativos porque acaba virando piada, os que passam vira história pra contar, mas os bons não são esquecidos também. (Sonhador, mineiro, 29, HB3).

Para finalizar este item, encerra-se com o agrupamento dos trechos das falas dos entrevistados no que se refere a hospitalidade em hostel para os anfitriões. A partir da Figura 4, nota-se o “receber” seguido de “hóspede” sendo qualificado como os termos de maior incidência para os anfitriões quando se trata de hospitalidade. Concatenado a isso, tem-se uma variedade de vocábulos expressos na nuvem que esconde em si características interligadas à trama hospitaleira. A figura 4 sintetiza o panorama exposto, reafirmando o lugar do hóspede como central, e o anfitrião como garantidor de todo processo ritualístico requerido na trama hospitaleira.

Figura 4 – Nuvem de palavras – Hospitalidade em hostel para os anfitriões



Fonte: Nvivo – Dados da pesquisa.

Vontade, atendimento, diferença, empenho, cuidado, empatia, confiança, elogios e todo esse conjunto de palavras representadas na nuvem, envolvem os atributos e características necessárias à hospitalidade em hostel na perspectiva de anfitriões. Já as palavras confortável e agradável sugerem a oferta de uma hospedagem que beira a ideia de casa, sustentada na icônica frase “faça de conta que está em casa” (CAMARGO, 2007).

Alicerçado a isso, para o cumprimento deste processo se faz necessário, por parte dos anfitriões, entender e atender as necessidades e demandas do hóspede, bem como solucionar possíveis eventualidades durante a estadia. Tal contexto pode ser exemplificado pelos seguintes termos contidos na nuvem: contornar, contratempo, resolver, problema, mediador, conflitos.

Não se pode deixar de mencionar os vocábulos *Booking*, estrela e avaliações, o que coloca em evidência a importância e preocupação, por parte dos anfitriões, de serem avaliados pelos hóspedes positivamente no ambiente virtual. Isso é visto por eles como

uma forma de ratificar, pós-estadia, o tratamento hospitaleiro prestado, ou seja, o calor humano outrora ofertado:

[A hospitalidade] é... uma coisa que é muito recorrente aqui pra gente, que a gente fica extremamente feliz, é quando a gente vai fazer o check-out o pessoal fica: nossa brigado, eu fui muito bem recebido, nossa vocês são gente boa demais. A gente fica ligado o tempo todo no Booking, nas avaliações, é um hábito que a gente tem. E direto aparece nosso nome lá, e sempre é: o staff é ótimo. (Gentil, mineira, 33, HB3, anfitriã).

Além de contemplarem a percepção dos anfitriões em relação a hospitalidade em hostel, os relatos a seguir sintetizam e reiteram características da manifestação da cena hospitaleira nesses espaços, colocando em evidência aspectos como o tratamento direcionado aos hóspedes e a consolidação do sentimento de casa, enquanto atributos necessários, na visão dos anfitriões entrevistados, para a concretização da hospitalidade nos hostels investigados. Processo que revela serem: “as pessoas que lá trabalham os verdadeiros anfitriões. Estes trazem a chamada cor local, na postura, nos gestos, nas palavras etc” (CAMARGO, 2019, p.4).

Pra mim hospitalidade em hostel é aquilo que já falei é tratar bem, é se colocar no lugar dele, é saber que ele chegou cansado, chegou cheio de expectativas em relação a aquele lugar, qual a necessidade daquele hóspede e tentar ajudá-lo e se não conseguir dizer que vai tentar, isso daí faz uma diferença muito grande por outro porque ele vê o seu empenho, em poder ajudá-lo, então hospitalidade é isso pra mim. (Buscadora, mineira, 31, HB1).

Eu vejo que a hospitalidade é a parte principal. Boa parte dos hóspedes faz a reserva virtual, conhecem o quarto pela internet. O que vai impactar para eles de bom ou ruim é no momento que chegam aqui e veem o atendimento. O como o quão bem vão ser recebidos, o quão bem vão ser tratados, então eu como anfitrião, eu vejo isso como uma das coisas mais importante, eu tento de todas as formas auxiliar. (Antenado, mineiro, 29, HB1)

Após um ano eu acredito que o hostel né, se garante como um hostel hospitaleiro, quando ele consegue fazer com que o hóspede dele se sinta em casa, pelo menos o HB2, porque essa é a experiência que a gente proporciona. Eu acredito que seja isso. (Ubuntu, mineira, 34, HB2).

[...] aqui pra mim é minha casa, mesmo eu não sendo a dona eu sinto que esse espaço também é minha casa, então eu cuido, respeito e tento que seja o mais agradável possível, quando eu interajo com um hóspede eu tento que ele sinta a mesma coisa, entendeu? (CABJ, argentina, 29, HB 2).

Chama-se a atenção ainda, para a fala de Sonhador, que sugere a obrigação de ser hospitaleiro: “*Pra mim o que faz o coração bater é a hospitalidade, é poder proporcionar isso, abrir os braços [...] inclusive isso me faz pensar muito porque eu acho que isso é uma obrigação minha*” (Sonhador, mineiro, 29, HB3). (Grifo da autora). Nota-se, portanto, a valorização de um tratamento dotado de calor humano, em detrimento do tom

de impessoalidade (CAMARGO, 2021). Contudo, essa ideia da obrigatoriedade em ser hospitaleiro é um tema controverso e que tem sido objeto de debates e conflitos para os sistemas morais dos seres humanos, em nível mundial, em todos os tempos (LASHLEY, 2015).

A hospitalidade nos contextos investigados, portanto, é vista pelos anfitriões para além de uma troca de serviço em âmbito comercial. Em face deste cenário, a hospitalidade entra em cena manifestando-se de forma incondicional, ou seja, genuína (DERRIDA, 1997). Neste viés, ela pode ser percebida como um atributo entre sujeitos e espaços, e não apenas de negócios, e sim para: “o que as pessoas e os espaços proporcionam além do contrato estabelecido” (CAMARGO, 2006, p.24). Em face disso, neste campo para além do viés contratual, a hospitalidade em contexto de hostel permanece viva.

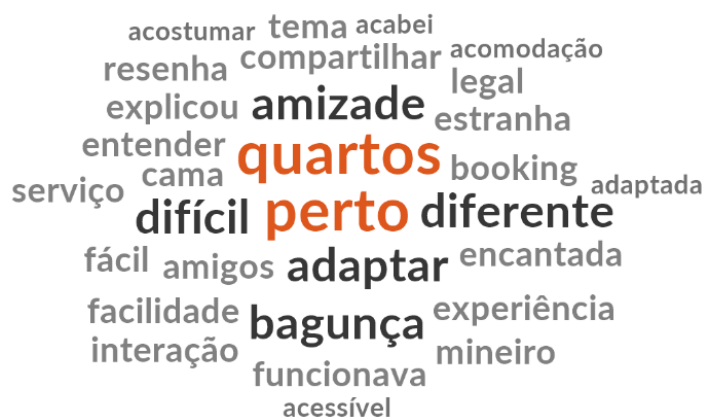
O tópico a seguir abrange o processo de estadia no contexto de hostel trazendo a dinâmica social cotidiana neste espaço, bem como as experiências estabelecidas entre os sujeitos.

5.3 A ESTADIA: a dinâmica social do hostel e as infindáveis experiências humanas hosteleiras

5.3.1 Percepções e motivações dos sujeitos em hostel e suas nuances

Inicia-se este tópico com o agrupamento das falas das entrevistas dos hóspedes em relação à chegada e familiarização no hostel, para isso, faz-se uma alusão aos escritos derridianos para dar nome à nuvem expressa a seguir e na sequência os referidos detalhamentos analíticos.

Figura 5 – Nuvem de palavras - “A chegada do que chega”: do espanto à familiarização do hóspede



Fonte: Nvivo – Dados da pesquisa.

Chegar ao hostel é qualificado pelos hóspedes entrevistados por um conjunto de percepções iniciais variadas, especialmente em se tratando da primeira vez que se hospeda neste tipo de hospedagem. A começar pelo espanto, vocábulo que ilustra essa chegada dos hóspedes aos hostels, espanto quando descobrem o que é um hostel, espanto quando se vêem lidando com os mais variados tipos de pessoas que não esperavam, bem como situações e experiências distintas.

Na Figura 5, é possível notar palavras como: compartilhar, estranha, diferente, bagunça, funcionava, serviço, difícil, entender, explicou. Estes termos sinalizam as situações e sensações que tendem a perpassar parte dos hóspedes no primeiro momento da chegada ao hostel. Emoções carregadas por uma inquietude indefinida ao entrar em um lugar desconhecido (DERRIDA, 2003).

Compartilhar quartos com gente estranha, o desconhecimento sobre o serviço, a dificuldade em compreender a proposta do local, a necessidade de o anfitrião explicar sobre o funcionamento, e ao escutar as explicações considerar diferente ou uma bagunça iminente, são algumas das percepções iniciais que podem ser exemplificadas em alguns relatos como:

Não sabia o que era um hostel, quando eu cheguei lá me explicaram o que era, me mostraram como funcionava, no início eu assustei um pouco, ela [Buscadora] falou assim: você vai compartilhar o quarto com mais 5 ou 6 pessoas, aí eu pensei nossa eu já sou difícil, ainda vou compartilhar o quarto mais 5 ou 6 pessoas. Aí eu falei agora já era. Mas foi bem diferente do que eu achava. Eu achava que seria uma bagunça, achava que não tinha regras, achava, nossa gente vou passar mal, não vai dar certo e tal. Eu tinha dificuldades porque se tinha pessoas que se hospedam com a gente no quarto pensei: nossa, vai ser uma bagunça. Pensava que seria uma bagunça igual república. Mas aí quando eu cheguei lá todo mundo com sua cama, com seu armário, com sua chave, são pessoas educadas, são de muitos lugares. (Ipê-verde, mineiro, 30, HB 1). (Grifos da autora).

O HB1 foi o primeiro hostel, eu não fazia ideia de como era, achava que ia ter só gente estranha no quarto. Mas aí eu vi que era uma experiência fantástica que você conhece pessoas do mundo inteiro. (Ipê-amarelo, baiano, 53, HB 1). (Grifo da autora).

E aí ela [uma das anfitriãs do hostel] foi falando: tem tal local, e eu, engraçado: mas, é uma pousada? Não, tem vários quartos que você fica junto de outras pessoas. Aí eu falei assim: mas os outros [quartos] são como se fosse uma pousada? Aí ela foi tentando explicar e eu não tava conseguindo entender o conceito da coisa [...] eu fiquei naquela dúvida de como que era aquele local. (Ipê-azul, cearense, 33, HB1). (Grifo da autora).

Aí conheci a Gentil [anfitriã], ela que me atendeu, ela que me explicou o que era hostel. [...] Aí ela falou vamo pro quarto conhecer o restante do pessoal, aí eu falei: pessoal? num era um quarto só? individual? Aí ela, não, é um

hostel. Ai eu: o quê que é um hostel? Ai ela me explicou, falei diferente, mas beleza. Ai já mostrou minha cama, mostrou como funcionava. (Ipê-púrpura, paulista, 22, HB 3). (Grifo da autora).

Porque na época eu não tinha conhecido um hostel tão limpo, tão organizado como o HB3, a referência que eu tinha de albergue o quarto compartilhado era algo sujo, mal organizado. (Ipê-roxo-bola, potiguar, 41, HB 3). (Grifo da autora).

Essa estranheza percebida nas falas se mostra como sendo uma situação comum neste contexto, pois aqueles que desconhecem ou se hospedam pela primeira vez em hostel, estranham o fato da divisão de um quarto com pessoas tidas como estranhas. Isto revela o típico primeiro momento de contato da hospitalidade ilustrado por Derrida (2003, p.31-33), da chegada do estranho a um lugar estranho. E nesta “chegada do que chega”, ele chega “sem saber. Sem sabê-lo, o saber do lugar, e o saber do nome do lugar: onde está, aonde vai”.

Tal processo, no contexto dos hostels investigados, acaba provocando um susto quando os indivíduos se descobrem diante de uma situação em que precisarão conviver com um outro, a priori desconhecido, conforme verificado especialmente nas palavras de Ipê-verde. O que gera esse espanto mesclado a uma angústia, para logo na sequência o sujeito entrar um processo de familiarização com o desconhecido (DERRIDA, 2003).

Quando entramos num lugar desconhecido, a emoção sentida é quase sempre a de uma indefinível inquietude. Depois começa o lento trabalho de familiarização com o desconhecido, e pouco a pouco o mal-estar se interrompe. Uma nova familiaridade se segue ao susto provocado em nós pela irrupção de “um outro”. Se o corpo é tomado por reações instintivas as mais arcaicas pelo encontro com o que ele não reconhece imediatamente no real, como o pensamento poderia realmente apreender, sem espanto, “um outro”? Ora, o pensamento é, por essência, um potencial de domínio. Ele nunca deixa de encaminhar o desconhecido ao conhecido, de fatiar o mistério para fazê-lo seu, para clareá-lo. Nomeá-lo. (DERRIDA, 2003, p.28-30).

Este processo de inquietude seguido da familiaridade do ato de hospedar pode ser notado nas palavras apresentadas anteriormente, em especial de Ipê-verde e Ipê-amarelo, por exemplo, quando conhecem o desconhecido, e assim o espanto começa a perder a potência que outrora possuía dando espaço para a familiarização.

Paralelamente, essa familiaridade ganha força se constituindo no dia a dia, na apreensão cotidiana do hóspede com aquele lugar e com as pessoas envolvidas. A interação ganha a cena e com isso o caldeirão polissêmico endossado por Falcão (2015), fervilha uma magia que provoca descobertas, troca e sensações, onde esse processo de interagir em primeira instância é captado pelo campo dos sentidos:

Quando tô hospedado em hostel sinto que é uma porta do mundo que está se abrindo, porque é como se você passasse por um portal mágico, e você fosse trabalhar seus sentidos, a audição, a visão pra ver como se vestem, mas a audição pra mim é realmente algo que me instiga, que fico instigado, até que a curiosidade vai além e aí a gente pergunta de onde é que a pessoa é. (Ipê-amarelo, baiano, 53, HB 1).

Eu costumo ficar muito atenta e aberta para tudo, pra ouvir as histórias, conhecer as pessoas, porque para mim hostel é um intercâmbio, é uma troca, é conhecer gente diferente e... isso tudo é muito mágico pra mim. (Ipê-roxo, alemã, 22, HB 1).

Este processo pode ser observado nos termos contidos na Figura 5 como: quartos, perto, amizade, acostumar, acomodação, legal, adaptar, adaptada, encantada, experiência, acessível, interação, facilidade, fácil, amigos. Cabe ressaltar que a palavra perto destacada na nuvem se refere ao convívio próximo com as pessoas do quarto, de estarem perto um do outro nos quartos compartilhados.

A partir da convivência, a percepção dos hóspedes tanto daqueles que se hospedaram pela primeira vez, quanto os frequentes, ganha uma amplitude sobre o entendimento e a experiência neste tipo de acomodação, tecendo novas possibilidades durante o hospedar. A começar pela percepção de casa, partindo primeiramente dos anfitriões.

Instigante chegar ao local de pesquisa [HB2] e me deparar com a anfitriã [Ubuntu] de pés descalços, roupas confortáveis, daquelas que se usam em casa, caminhando pelo hostel de forma relaxada, tranquila, entregue eu diria. Essa postura me passava uma constante sensação dela estar se sentindo em casa, se sentindo extremamente à vontade, me perguntei se de fato era este o sentimento dela. (Nota de campo, 21 dez. de 2019, HB2).

No momento que iniciamos a entrevista a anfitriã ficou com os pés descalços e logo fui libertando meus pés também. Nos sentamos confortavelmente num sofá ao lado externo da casa a famosa varanda ou para os íntimos a sacadinha. Parecia que estávamos batendo papo na casa uma da outra como amigas. É incrível ser pesquisadora e ter esse privilégio. Incrível o poder que um sujeito da pesquisa tem de trazer tamanha leveza para a pesquisa de campo me fazendo me sentir à vontade de tal maneira como se eu estivesse em casa. (Nota de campo, 14 jan. de 2020, HB2).

O questionamento expresso na referida nota de campo pode ser corroborado na Figura 6, que demonstra o anfitrião se sentindo em casa nestes espaços, representado especialmente pelos vocábulos: casa e sente. Este sentir-se em casa, como dito, inicia-se pelo próprio sentimento de anfitriões em relação ao ambiente de hostel, conforme exemplificado nos trechos a seguir:

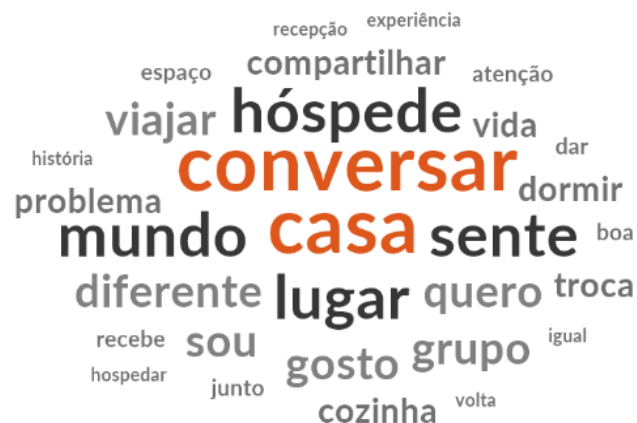
Casa, porque é a minha casa. Tem muitos anos que eu já moro em hostel, desde 2014, vai se fazer 7 anos né, que eu moro em hostel, então tipo assim, hoje em dia eu penso na casa da minha mãe e aí é isso, é a casa da minha mãe, minha casa hoje é aqui o hostel. [...] Você se sente o... não falo o dono, mas você se sente parte daquilo entendeu? Você vai cuidando do espaço e vai querer que ele seja um espaço agradável, entendeu? E é isso, por isso eu acho que casa é o mais parecido com o hostel que eu tenho. Primeira palavra que eu associo. Tanto é que às vezes eu 'tô' lá fora e falo: eu vou pra casa. Pro hostel? [as pessoas perguntam]. É, vou pra casa, pra minha casa. (CABJ, argentina, 29, HB 2).

Eu sou apaixonada com essa casa, eu sou apaixonada com o hostel, eu sou apaixonada com o que os hostels podem proporcionar [...] e estando aqui, eu costumo dizer que eu tenho duas casas em Belo Horizonte [...] considerando que o hostel é minha casa, hoje eu estou sentada aqui e entram pessoas que eu nunca vi na minha vida, e que vão compartilhar a minha casa comigo. (Ubuntu, mineira, 34, HB 2).

Pessoas que já trabalhavam lá há muito tempo, me receberam muito bem e aí me fizeram eu me sentir em casa. (Buscadora, mineira, 31, HB1).

O sentir-se em casa associado à noção de hospitalidade se faz marcante nos espaços investigados, pois o ser acolhedor acaba desempenhando uma forma de tratamento desde o início da concessão de hospitalidade como visto no item anterior. E nele consiste o direcionamento do calor humano a outrem e na garantia de que as necessidades sejam atendidas, na tentativa de fazer com que o hóspede igualmente se sinta em casa (Figura 7). A noção de casa, dessa forma, adquire uma potência no contexto de hostel, estando circunscrita nas narrativas dos sujeitos sejam eles hóspedes ou anfitriões.

Figura 6 – Nuvem de palavras – Percepção de casa - anfitriões



Fonte: Nvivo – Dados da pesquisa.

Figura 7 – Nuvem de palavras – Percepção de casa - hóspedes



Fonte: Nvivo – Dados da pesquisa.

E, no desenrolar entre chegadas e convivabilidade, sinais do cumprimento dessa premissa podem ser contrastada aos discursos de parcela significativa de hóspedes, que por sua vez atribuem parte dessa sensação de estar em casa a forma de tratamento dos anfitriões:

Muito divertido ficar no hostel conhecer o pessoal de lá, o tratamento foi incrível do HB2 sabe? A simpatia, a Ubuntu é uma querida, uma graça, e eu gostei muito, me senti em casa [...] hostel pra mim sempre é casa. (Ipê-amarelo-do-cerrado, mineira, 40, HB 2).

A gente ficou bem próximo [anfitriões] e isso fez eu me sentir muito à vontade, muito leve, como se eu estivesse em casa. (Ipê-roxo, alemã, 22, HB 1).

São muito gente boa o pessoal da recepção, eles te ajudam com tudo, qualquer dúvida, qualquer problema, isso faz aqui parecer uma casa, é uma casa na verdade né? (Ipê-amarelo, baiano, 53, HB 1).

Muito calor humano, eu senti muito isso no HB2, as pessoas muito acolhedoras. [...] tem essa informalidade, sabe? é uma casa, é a sua casa, vira sua casa. (Ipê-bicolor-damasco, mineira, 36, HB 2).

Ela [Gentil] foi até lá na cozinha coletiva, se apresentou e falou comigo Ipê-branco fui eu quem fez a sua reserva, se você precisar de alguma coisa eu tô aqui a sua disposição. Então esse gesto não é comum, não que as pessoas não sejam educadas, mas eu achei esse gesto dela um diferencial da parte dela. E isso torna menos frio o ambiente né, essa manifestação de carinho é bem bacana. (Ipê-branco, paulista, 58, HB 1).

Eu achei o HB3 bem organizado, a receptividade, todos bem disponíveis pra te atender, eu achei bem positivo esse tratamento igualitário dos recepcionistas, a sensação de casa que te passam [...] quando eu conheci a Gentil achei ela muito legal, muito prestativa, já nos abrimos contando as histórias, já rimos muito, eu também não pago pra falar né. (Ipê-felpudo, catarinense, 32, HB 3).

[...] eu me sentia muito em casa, muito em casa, até mesmo porque no início eu fiquei muito na minha, não conhecia ninguém, nas primeiras idas minha eu fiquei muito preso, mas depois eu indo sempre o pessoal, todo mundo já me conhecia, já tinha pessoas que iam direto também e me conheciam também, aí eu já me sentia em casa. (Ipê-verde, mineiro, 30, HB 1).

[...] é como se fosse a extensão de uma casa de família né. (Ipê-azul, cearense, 33, HB1).

[...] eu me sentia muito à vontade de estar hospedada lá, praticamente eu me sentia muito em casa de tá hospedada lá. (Ipê-rosa, goianiense, 30, HB 2).

Eu vejo aqui como um lar [...] é como se fosse a minha casa, o mesmo cuidado que eu tenho né aqui ou o cuidado que eu teria na minha casa, principalmente com as coisas coletivas né, então eu vejo como meu lar. (Ipê-pardo, mineira, 33, HB 3).

Não é a casa da gente lógico, mas a gente faz por onde pra fazer com que seja a casa da gente. E lógico tá muito longe daquela liberdade que a gente tem em casa. (Ipê-preto, mineiro, 33, HB 3).

Estes relatos colocam em evidência o fato do hostel simbolizar, ainda que temporariamente, a casa dos sujeitos em viagem. E, por sê-lo, o espaço acaba por tornar-se o local de referência para os hóspedes entrevistados, sinalizando o que Toledo (2017) chama de canto no mundo para os viajantes, canto este representado pelos hostels. Esta característica remete, ainda, à gênese hosteleira, uma vez que Richard Schirrmann, ao idealizar os hostels, tinha como desejo que estes espaços fossem acolhedores a ponto de serem a representação de uma casa para os seus integrantes tanto hóspedes quanto anfitriões. E juntos estes sujeitos formariam uma família (BAHLS, 2015).

Nesse sentido, a partir das narrativas dos sujeitos e incursões de campo, detectou-se tal essência manifestando-se nos dias de hoje nos locais investigados. Onde foi possível notar os hostels traduzindo-se enquanto espaços de referência para os sujeitos quando distantes do seu lugar de origem, sendo até mesmo chamado de lar.

Este sentimento constitui-se no cotidiano, ou seja, desenrola no processo de hospedar, sendo facilitado pelo tratamento recebido pelos anfitriões como visto. E, também pela estrutura do local, uma vez que os sujeitos se apropriam dos diversos ambientes coletivos (quarto, sala, cozinha e áreas sociais). Portanto, a associação de casa atribui-se às relações estabelecidas entre os sujeitos e destes com os ambientes do hostel, bem como pela própria dinâmica que se desenha nesses espaços.

É a questão de tudo ser dividido, de tudo ser compartilhado e de tudo ser organizado para todo mundo que tá ali dentro por isso que a sensação de você estar em casa, em todos os hostels que a gente chega a primeira placa que tem

é sinta-se na sua casa né alguma coisa parecida com isso. Porque é você que pega o copo de água, é você que lava o copo de água, é você que tem que dar conta das suas coisas né, é você que tem que lembrar que tem outro coleguinha né que vai vir depois e vai usar aquele prato, então eu me sinto em casa nesse sentido. (Ipê-amarelo-do-cerrado, mineira, 40, HB 2).

Há ainda um aspecto que favorece esta percepção de casa e constitui-se como a base das interações humanas em hostel: o ato de conversar, outro termo de maior recorrência nas nuvens apresentadas (Figuras 6 e 7). Então para os hóspedes, por exemplo, a facilidade em interagir com outras pessoas se insere como uma motivação principal quando procuram um hostel como uma opção de hospedagem.

As pessoas que geralmente viajam sozinhas querem estar junto de outras pessoas. Quando eu viajo sozinha eu não quero ficar sozinha, e eu escolhi um hostel por isso, porque você tem a oportunidade de conversar e conhecer pessoas de diferentes lugares, com diferentes culturas, é um ambiente mais aberto, mais diverso. (Ipê-roxo, alemã, 22, HB 1).

Eu acho que o hostel tem o relacionamento. As pessoas cumprimentam, as pessoas perguntam a origem, falam de que país são né, então isso já é um contato. Foi isso que me atraiu a primeira vez que eu vim pra um hostel e isso que faz eu vir todas as vezes. (Ipê-branco, paulista, 58, HB 1).

Já me hospedava anteriormente em hostel e como eu gosto de viajar sozinha eu acho uma facilidade de fazer amigos. (Ipê-mirim, carioca, 25, HB 2).

Tipo assim me traz felicidade ficar em hostel, sabe? Por causa da convivência, conversar com as pessoas, descobrir novas histórias, novas experiências de vida. (Ipê-roxo-da-mata, mineira, 33, HB 3).

De maneira semelhante, os anfitriões ressaltam essa característica dos hostels de serem espaços voltados para os diálogos:

Você é obrigado a conversar com os outros que eu tenho afinidade e com os que não tenho também eu sou obrigado, a gente conversa, mas eu sou obrigado a conversar com os outros e trocar experiência, e ficar nessa 'falazada' que você já deu pra ver que eu gosto. (Sonhador, mineiro, 29, HB3).

Um hostel se ele não vende a sua experiência ele não é um hostel é um albergue. Se ele não proporciona experiências para os seus hóspedes ele é um albergue só pra dormir e ir embora. Mas a partir do momento que ele se propõe a compartilhar, partilhar, a ter interação né, a dar motivos para os seus hóspedes interagirem, aí sim começa a nascer um hostel. (Ubuntu, mineira, 34, HB2).

É mais um espaço pra essa questão de diversão e se conhecer do que pra outro propósito. (Buscadora, mineira, 31, HB1).

Conjugado a isso, observou-se ainda que durante o hospedar, o anfitrião parece sentir bastante responsável pela socialização entre os hóspedes, estimulando-os a

conversarem e interagirem. Termos presentes nesta categoria da pesquisa como: quero troca, grupo, (Figura 6) podem exemplificar esta questão. Tal fator remonta à própria gênese hosteleira, em que os anfitriões eram responsáveis por estabelecer as conexões entre as pessoas do grupo sob sua responsabilidade (BAHLS, 2015). Herança histórica que se faz presente na atualidade considerando as investidas feitas por eles na convivência diária dos espaços investigados.

Comumente escutava-se e era visto, nas incursões de campo, os anfitriões apresentando hóspedes uns aos outros, convidando para sentarem junto aos grupos formados, capitaneando a interação entre aqueles com programação definida com aqueles à procura de companhia e lazer, tornando-se assim, ponte para as interações entre os indivíduos. Prática percebida não apenas para a realização de atividades externas, mas especialmente para aquelas ocorridas dentro do empreendimento hosteleiro, durante a convivência:

Eu gosto muito de convidar, eu não gosto de ver as pessoas pelos cantos, se estamos aqui em grupo chega alguém e senta naquela cadeira ali ao lado, eu sou muito de chamar, vem senta aqui com a gente, ou então quando a gente tá fazendo alguma coisa né, ou tá cozinhando alguma coisa, você quer participar? ou se tá fazendo um churrasco, você quiser participar? Por que eu acho que na verdade esse é o papel de quem trabalha aqui né, é o papel de nós anfitriões né, os anfitriões de hostel que é justamente deixar o nosso hóspede à vontade, e proporcionar isso, esse que é o objetivo de um hostel de compartilhar as experiências. (Ubuntu, mineira, 34, HB2).

[...] eu geralmente procuro [os hóspedes]: ou senta aí, chega aí, quando a pessoa tá lá embaixo, ou: tô lá em cima conversando com o pessoal se quiser chega lá. (Gentil, mineira, 33, HB 3).

Além desse estímulo, os anfitriões acabavam criando laços com os hóspedes também através desses diálogos estabelecidos. Às vezes as conexões são tão profundas, a proximidade entre o ser acolhido e o ser acolhedor se faz de forma tão íntima que amizades brotam dessa interação (BAHLS, 2015).

Eu nunca tinha conversado em um hostel como eu conversei com a Gentil, ficar conversando e ela ficar querendo saber, e eu pensei nossa eu nunca tinha ficado conversando tanto em um hostel com alguém. A pessoa dá atenção para o que eu pergunto e tal. Mas aqui a gente ficou tagarelando né. (Ipê-branco, paulista, 58, HB 1).

Depois que eu fiquei lá a primeira vez eu me apaixonei por lá, fiz amizade lá, fiz amizade com a Ubuntu, que inclusive é uma amiga pessoal minha, e eu acho que desde então, eu vou pra lá todo ano, acho que já me hospedei umas três, quatro vezes eu já devo ter me hospedado lá. (Ipê-rosa, goianiense, 30, HB 2).

A Ubuntu se tornou uma grande irmã pra mim, a gente ficou muito amiga, isso foi mais ou menos em junho de 2019, que eu hospedei lá pela primeira vez, e aí em agosto de 2019 eu separei né do meu casamento, a Ubuntu foi um grande apoio pra mim, ela veio pra Divinópolis me ajudar a resolver várias coisas, e na época eu tava indo muito a BH, assim antes da pandemia né, então eu ficava metade do mês em Belo Horizonte, e metade do mês em Divinópolis, então o hostel por causa desse momento de transição, solidão, loucura que a minha vida virou, o hostel é minha segunda casa mesmo, eu vivi experiências que eu vou levar pro resto da minha vida. (Ipê-bicolor-damasco, mineira, 36, HB 2).

O HB1 me trouxe muitas amizades, sempre converso com a Buscadora um amor de pessoa, converso muito com a Buscadora, com as outras amizades que fui de outras vezes, e em especial com as pessoas das duas vezes que eu fui no carnaval. (Ipê-azul, cearense, 33, HB1).

Eu e a Gentil parecia que era amigo há muito tempo, parecia que a gente se conhecia há muito tempo. [...] pra você ter uma ideia era eu a [Gentil] e mais duas meninas que tinha lá... mais um rapaz lá [...] Aí a gente ficava lá horas, papo rolando [...] Meu eu fiz tanta amizade lá que a gente ficava até 3 da manhã [...]Mano eu tô só esperando ela [Gentil] me falar se vai ter festa no aniversário dela que eu vou vir. Quando ela falar vai ter festa, eu: reserva aí pra mim. A gente tava conversando esses dias ela falou: ai amigo você já tá fazendo falta já, eu também tô morrendo de saudades de vocês, cê não tem noção, eu tô sonhando com a gente até hoje. (Ipê-púrpura, paulista, 22, HB 3).

Fiz amizades, fiz amizades que permanecem até hoje, eram pessoas que tinham alguma afinidade comigo mesmo, tinha algo que eu identificava na pessoa e a gente acabou virando amigo. (Buscadora, mineira, 31, HB1).

Estes laços constituídos através das conversas e do convívio diário entre os sujeitos fazem com que o hostel vá além de um meio de hospedagem se tornando um espaço de acolhimento emocional e afetivo. Onde se faz possível a prática da amorosidade, confiança mútua, e a própria valorização da ética relacional humana ganham destaque, evidenciando, desse modo, “relações sociais de acolhimento mútuo, no qual as diferenças convivem com respeito e confiança” (THOMAZI; BAPTISTA, 2018, p.1).

Manifestando assim, uma hospitalidade que gera sentimentos de pertencimento, propicia para que os sujeitos possam se expressar, sendo possível inclusive acolher as dores e os desafios pessoais que estiverem enfrentando, sejam eles anfitriões ou hóspedes:

Pra mim particularmente foi a primeira vez que eu fiquei [no HB2] tava assim saindo de um casamento, eu tava em tratamento de depressão e tomando medicamento, e assim ir pra lá e ter conhecido duas pessoas foi muito bom porque a gente saiu, antes da pandemia né, porque foi na primeira vez que eu fui. A gente saiu à noite, eu tô até me arrepiando de falar, porque foi assim uma conexão muito grande com o local e as meninas, elas me chamaram pra sair, e aí eu consegui ver que eu ainda tava viva, que tinha muita coisa ainda pra viver pela frente, tinha muita gente pra conhecer, e o HB2 me deu essa segunda oportunidade que eu tava buscando mesmo, é um lugar que eu me encontrei. (Ipê-rosa, goianiense, 30, HB 2).

Eu via pessoas no hostel que são de Belo Horizonte, e que preferiam estar no hostel, às vezes tava passando por um problema familiar, às vezes por não ter uma convivência boa com a mãe, às vezes por não ter esse acolhimento em casa, que o HB2 tem. Eu sentia isso quando era casada, eu era muito mais acolhida no hostel, quando eu ia embora pra minha casa eu ia embora chorando, porque eu não tinha mais esse pertencimento na minha casa que eu tinha no HB2, entendeu? (Ipê-bicolor-damasco, mineira, 36, HB 2).

Eu falo que desde que eu entrei lá [1º hostel belo-horizontino em que trabalhou e morou] a minha vida começou... Tipo assim eu entrei lá eu tinha acabado de rasgar uma carta suicida, que na minha cabeça já tava tudo pronto e foi assim né, eu rasguei eu desisti. [...] então a própria fé da [anfitriã proprietária do hostel], que nunca impôs a religião dela pra gente que morava lá, mas assim ver a fé dela me fez buscar uma outra fé, não quis a religião dela né, eu acho que a gente tem livre arbítrio para escolher a religião que a gente quer também. Mas o fato da gente ver uma pessoa com uma fé tão grande independente da religião me incentivou também a procurar a minha, e aí eu tava meio que recorrendo a tudo nessa época, espiritualidade, meditação, yoga, acupuntura, psicóloga, psiquiatra, tava tomando remédio. [...] Tava assim fudido de depressão e ansiedade mas pelo menos já tava no processo, já tava subindo assim, toda essa questão do lado profissional, de ta sendo reconhecido pelos hóspedes, pela própria dona e pelo gerente lá, por ter me tornado o braço, eu falou o braço esquerdo porque ela já tinha um braço direito, de ter me tornado o braço esquerdo dela em tão pouco tempo. Já me fez subir assim, então por isso eu sempre falo que desde que eu fui pra lá [1º hostel belo-horizontino em que trabalhou e morou], a vida começou, a roda gigante começou a me levar pro alto de novo assim. Eu comecei a entender que vai rodar de novo, uma hora cê vai tá em cima, outra hora cê vai tá embaixo, mas eu tava subindo de novo assim. [...] Então assim a [proprietária do hostel] apareceu na minha vida quando nem meus pais tavam assim, eles tavam putos e enfim quem me estendeu a mão foi uma desconhecida assim, que apesar de eu tá prestando um serviço ela poderia ter feito o básico e tava ótimo assim. Então eu só tô aqui [no HB3] porque eu comecei lá. (Sonhador, mineiro, 29, HB3).

Além disso, o ato de conversar associa-se também ao perfil dos entrevistados dos espaços investigados, uma vez que tanto hóspedes quanto anfitriões se mostram adeptos aos diálogos. Vocábulos como: vida, história e troca, próximos a palavra conversar (Figuras 6 e 7) sinalizam a disposição dos sujeitos em dialogarem sobre a vida, sobre a história pessoal materializando-se nessa troca intersubjetiva. Mesmo aqueles que se colocam como pessoas tímidas e/ou mais fechadas em algum momento se abrem para conversar nos hostels:

Eu gosto de conversar, eu gosto muito de conversar, [...] então eu sempre fui comunicativa, sempre gostei de fazer amizades, encontrar com pessoas diferentes, trocar ideias, e o hostel é um espaço que te fornece todo esse tipo de coisa. Ideias, pessoas, culturas diferentes né. (CABJ, argentina, 29, HB 2).

Eu sou uma pessoa mais expansiva eu gosto de conversar, é... não parece mas eu sou muito tímida, eu converso muito, muito de boa, eu sou muito expansiva, eu gosto de conversar, de conhecer gente nova, mas ao mesmo tempo eu sou muito tímida [...]eu percebi que o pessoal já vem com um propósito maior de

interagir, são mais abertos pra conversar e tal o pessoal chega bem aberto. (Gentil, mineira, 33, HB 3).

Então o público do hostel tem muito isso de você perceber que são pessoas que defendem muito mais principalmente a questão das minorias. (Ipê-pardo, mineira, 33, HB 3).

Eu tenho a impressão que é um pessoal que tá um pouco mais à frente no sentido assim de viajar, de ter uma cabeça aberta, de realmente estar viajando. [...] A oportunidade aqui de hóspede, de você conversar sobre coisas mais profundas ou, a galera já tá mais desconstruída assim sabe. (Sonhador, mineiro, 29, HB3).

[...] as pessoas são inteligentes, como que eu posso falar, são pessoas que gostam de estudar, que tem uma cabeça aberta, tem um diálogo, sabe de política, de momentos históricos. Não tem aqueles assuntos fúteis, os assuntos são mais... parece que eu to numa faculdade, de arqueologia, uma faculdade de jornalismo... [...] parece que o público do hostel parece... eu acho que o hostel foi criado para pessoas mais educadas, mais receptivas, mais carismáticas, coisas que a gente não vê em outros lugares. (Ipê-verde, mineiro, 30, HB 1).

Eu aprendi o que é hóspede de hostel, a gente que é mulher na maioria das vezes se sente muito vulnerável, por exemplo quando eu compartilhei quarto com os meninos que estava no [quarto temático do hostel] né, tinha uns meninos de Brasília, tinha gente do Rio, e eu ficava um pouco incomodada de como eu vou levantar de pijama? Ninguém olha procê de pijama, ninguém tá vendo se você tá de short, se você tá de vestido, no começo eu ficava um pouco com receio né, [...] o perfil da pessoa que hospeda em hostel, ela já tá acostumada com aquilo ali, aquilo ali pra ela não ta fazendo muita diferença da forma como você tá vestida entendeu? (Ipê-bicolor-damasco, mineira, 36, HB 2).

Apesar de grande parte dos entrevistados serem adeptos aos diálogos, foram percebidas exceções nos espaços investigados. A começar por aqueles sujeitos que alegam não serem comunicativos e em função disso enquanto para um foi necessário readaptar seu perfil, para outro, a interação tardou em acontecer:

Eu naturalmente sou mais fechado, eu naturalmente gosto mais de ouvir do que falar. [...] então tipo assim tive que fazer toda a readaptação da forma de conversar. (Antenado, mineiro, 29, HB 1).

Eu demorei mais pra entrosar porque eu não sou muito de ficar conversando. (Ipê-amarelo-do-brejo, mato-grossense, 33, HB 2).

Há também o caso daqueles hóspedes que acabam se isolando dos demais, sentindo incômodos e deslocados durante a hospedagem, antes mesmo de se sentirem em casa, como é caso do entrevistado a seguir:

Na primeira semana, no segundo dia, eu não sabia o que fazer, eu ficava mais isolado né, eu ia lá [no HB1] só pra poder ir em balada, então esperava meus amigos chegarem, passavam lá na porta do hostel e a gente ia pra balada e tal. Então, eu só usava o hostel como um local para dormir. Aí teve um dia que eles atrasaram [amigos], atrasaram bastante, atrasaram quase 3 horas,

eu fiquei isolado lá no meu canto. Aí a menina da recepção a Buscadora, me chamou, conversou, me abriu muito com ela, então depois disso, ficamos bons amigos, bons amigos mesmo. (Ipê-verde, mineiro, 30, HB 1). (Grifos da autora).

Nota-se no referido fragmento que o entrevistado possuía outra motivação em relação ao hostel, sendo utilizado como um meio de hospedagem para pernoitar, não tendo sido considerada em um primeiro momento a interação, a qual fora iniciada a partir da atitude da anfitriã em conversar com o hóspede. Apesar dos esforços dos anfitriões em interagir e proporcionar a interação entre os hóspedes, sinais de constrangimento e sentimentos de exclusão são percebidos, como quando a entrevistada a seguir relata os incômodos sentidos durante o hospedar:

*Eu sou bem mais velha, eu tenho 58 anos né, sou bem mais velha que a média, e assim... às vezes... **o que eu observo assim... um certo constrangimento, sabe? Tipo eu percebo que as pessoas às vezes ficam pouco à vontade com a minha presença, tipo aiii... ela é bem mais velha... e aí eu fico bem na minha, eu cumprimento, o que perguntarem pra mim, eu respondo atentamente. [...] eu tô sempre sozinha, e assim eu não sou de ficar procurando pessoas pra conversar, eu não tenho esse hábito assim e me aproximar, puxar conversa, eu não me sinto muito à vontade fazendo isso, mas por exemplo quando você tá num dormitório você cumprimenta e tal. [...] Isso é muito forte pra mim, sabe? Então assim, eu chego para o café bem acanhada geralmente, eu não participo de nenhum grupo assim, rodinhas, sabe. [...] por exemplo, eu nunca vi uma pessoa tão idosa como a minha mãe em hostel né e pelo fato dela já estava com bastante limitações, eu tinha que ter bastante cuidado com ela. Eu percebia assim, uns olhares. Tanto é que na primeira vez que nós viajamos juntas, e fomos a um hostel, eu falei olha ela é idosa, tem problema? Pode, pode, sem problemas, aí eu falo não é só pra jovem? Não, aqui dá de tudo. Começou mais assim, mais pra jovem, depois foi ampliando. (Ipê-branco, paulista, 58, HB 1). (Grifos da autora).***

Há que se destacar também que a referida entrevistada não manifestou a sensação de casa tal como os demais entrevistados, mesmo tendo estabelecido uma relação de proximidade com a anfitriã Gentil. E, ainda que cumprimentos corriqueiros ocorram no dormitório conforme a referida entrevistada sinaliza, parece não serem suficientes para minimizar a percepção sentida por ela. Nas suas palavras o fator idade consiste em um dos aspectos principais causadores do sentimento de exclusão. Dado que acaba por retomar o perfil do público de hostels amplamente difundido nos mais variados estudos: os jovens. Desde os primórdios da idealização destes espaços, eram os jovens o público inicial.

No entanto, não se pode deixar de mencionar que com a dinâmica do tempo, e a inserção destes meios de hospedagem na atividade turística, a diversidade e a abrangência dos frequentadores vêm ganhando cada vez mais presença nesses espaços (THOMAZI,

2019; MACEDO, 2018; SILVA, KOHLER, 2015; BAHLS, 2015; SARAIVA, 2013; NASH *et al.* 2006).

No referido trecho pode-se notar a preocupação por parte da entrevistada em relação ao fator idade, colocando em evidência as marcas da gênese hosteleira no que se refere à predominância do público jovem que ainda perpetua na atualidade e no imaginário dos indivíduos. E, logo na sequência do relato verifica-se a ampliação desse perfil a partir da própria explicação do anfitrião. De maneira similar, outra entrevistada enfatiza: “*A gente tem muito a sensação de que hostel é coisa de jovens né, e geralmente é jovem na faixa de 20 alguma coisa, parece que passou de trinta tá meio velho pra hostel, o que é meio mentira né, porque a gente encontra gente de todas idades*” (Ipê-roxo-da-mata, mineira, 33, HB 3).

Assim sendo, essa diversificação em termos de público, descortina ainda o elemento da intergeracionalidade, característica hosteleira que ao induzir sujeitos de gerações distintas (jovens e antigas), partilharem os mesmos ambientes, desafios intergeracionais podem ocorrer durante o convívio (SILVA, 2015), como, por exemplo, a própria situação relatada por Ipê-branco. Então, para além da complexidade da convivência entre culturas e costumes diferentes em um hostel, o aspecto intergeracional tende a entrar em cena e trazer consigo conflitos inerentes (SILVA, 2015).

Sob este ângulo, por vezes, os hóspedes direcionam-se para interagir com aquelas pessoas que acreditam terem mais afinidade, e com isso o fator idade mais uma vez entra em cena. No excerto seguinte, por exemplo, é possível observar a relação tríplice feita pelo entrevistado, no que diz respeito à interação dos hóspedes durante o hospedar, considerando o tipo de dormitório escolhido, a faixa etária e a afinidade:

Eu acho muito comum aqui as pessoas serem muito fechadas, eu não acho pelo menos aqui no HB1, o tipo de hóspede que a gente recebe são muito fechados, são poucos realmente que interagem uns com os outros [...] as pessoas que vem pra quartos privativos geralmente só conversa entre eles. Quarto coletivo, se vem um grupo de duas, três pessoas, só conversam entre eles. Caso aconteça de ter uma pessoa no quarto que combine com a faixa etária ou algum tipo de afinidade que combine com eles em alguma coisa aí sim normalmente eles interagem ‘né’ falam: vamos sair e beber? chama pra beber e desce juntos às vezes. A gente tá indo em tal lugar jantar, quer ir? e normalmente são pessoas jovens. Os jovens interagem mais que os mais velhos. (Antenado, mineiro, 29, HB 1).

A partir do contexto apresentado observou-se então uma questão paradoxal. Se por um lado a maioria dos sujeitos se sentem em casa nos espaços investigados e tendem a ser abertos aos diálogos interagindo com os demais. Por outro, há sujeitos que revelaram

sentimentos de exclusão, incômodos, não demonstração de sentir-se em casa e desafios em relação à interação. Onde “conversar” e “casa”, apesar de serem palavras em destaque nas nuvens 6 e 7 não são unânimes na percepção dos sujeitos entrevistados.

Nesse sentido, pontua-se que tanto a percepção de casa quanto essa busca por conversar nem sempre se faz presente, seja tanto por parte de anfitriões quanto de hóspedes. A empiria igualmente confirma este cenário de desafio no que se refere à interação conforme o excerto a seguir:

Sentada na sala de convivência de ouvidos atentos à recepção e de olhos atentos na sala, notei dois hóspedes, uma mulher jantando virada para a televisão, e um homem que se sentou próximo a mim para assistir à televisão. Ambos me cumprimentaram, porém ficamos somente no cumprimento, como ambos estavam muito calados em seus próprios mundos sem interagir e as tentativas da minha parte de conversar não surtiram efeito, optei por ficar em meu mundo apenas sentindo a energia do lugar e observando o local. (Nota de campo, 5 dez. de 2019, HB1).

Exemplos como o trecho supracitado eram notados nos espaços investigados ainda que de maneira sutil, verificou-se situações em que hóspedes não interagiam com outros hóspedes e tampouco com os anfitriões. Notando-se também a própria ausência de cumprimentos. Hóspedes isolados em seus quartos e camas, e em espaços que pudessem afastar-se de onde os grupos formados estivessem interagindo foi percebido nas incursões de campo nos três locais investigados.

Mesmo com a tentativa de anfitriões em fazê-los socializarem, a preferência destes sujeitos era de recolher-se em si mesmo, tendo sido notado um respeito por parte de demais hóspedes e anfitriões direcionados àqueles que não desejam interagir ou estejam realizando alguma atividade individual:

Respeitar, apesar de ser um espaço coletivo, respeitar o espaço do outro, às vezes tem uma pessoa que tá assistindo TV na sala e você tá conversando, vai pra outro lugar, porque você tem que respeitar o espaço dela ali porque ela tá assistindo alguma coisa. (Ipê-pardo, mineira, 33, HB 3).

Em conversas informais com anfitriões verificou-se que geralmente este perfil de hóspede estava associado à motivação da viagem. Por vezes, o motivo da viagem de hóspedes considerados reclusos tende a ser a: trabalho, estudo, concursos e/ou tratamentos médicos. No entanto, isso não quer dizer que este público não interaja e tampouco aqueles motivados a lazer sejam abertos a interação constantemente, o que

coloca em evidência variações no que diz respeito ao comportamento e perfil de pessoas manifestando-se nestes espaços.

Por último, cabe acrescentar outro fator relacionado aos desafios na interação, a possível não sensação de casa e ao isolamento de hóspede, o qual não está interligado somente à motivação ou comportamento do público. A pesquisa de campo evidenciou outro aspecto associado à já citada atuação desacompanhada na recepção dos hostels.

Isto porque, notou-se especialmente nos dias de maior movimento nos locais estudados, os anfitriões por vezes não conseguiam dar a mesma atenção a todos os hóspedes recebidos por mais que se esforçassem. Já que o volume de trabalho, a quantidade de check-in diário e demandas provenientes dessa intensa movimentação no hostel, diminuía as oportunidades deste anfitrião em dialogar e acolher os sujeitos da forma que considerem calorosa e a mais hospitaleira possível. Gentil relata como é desafiadora essa questão:

Assim os desafios que as vezes eu tenho aqui maiores são geralmente nos dias que tá muito cheio. Porque fica uma loucura, eu subo e desço escada um milhão de vezes, e tem que ficar de olho pra lançar as coisas no sistema e uma pessoa quer uma coisa outra quer outra e tal, então às vezes você não consegue dar a mesma atenção pra todo mundo que você daria quando tá vazio, então o desafio maior talvez seja esse, talvez uma pessoa não se sinta tão acolhida porque eu não tive tempo de dar atenção pra ela. (Gentil, mineira, 33, HB 3).

Tendo em vista que o ato de conversar com os hóspedes consiste em uma das formas primordiais dos anfitriões de tornar a cena hospitaleira para eles. Esta característica associa-se a um dos tempos da hospitalidade, o entreter, como forma de tornar o ambiente lúdico para o hóspede (CAMARGO, 2007). Nesse sentido, por meio das conversações estabelecidas especialmente entre anfitriões e hóspedes figura como sendo uma das maneiras de concretizar a trama hospitaleira nestes espaços. Sendo assim, os possíveis sentimentos de exclusão, isolamento, incômodos e a baixa interação sentidos por alguns hóspedes, em alguma medida, pode se associar ao papel do anfitrião quando este por sua vez não consegue tornar a cena lúdica para o ser acolhido.

Conforme visto, a percepção e motivação dos sujeitos descortinou similaridades e diferenças tanto na forma como interação quanto como se sentem nos ambientes investigados desde sua chegada até a familiarização. Tendo em vista que os hostels são considerados espaços onde os sujeitos podem expressar-se sócio e culturalmente (SILVA, 2015), verificou-se especialmente por parte dos anfitriões a tentativa de concretizar uma das premissas desses espaços: a garantia do entendimento entre as pessoas de diferentes

perfis e heranças culturais (BAHLS, 2015; HOSTELLING INTERNATIONAL, 2014; COSTA, FRANCO, HOFFMANN, 2013; UNWTO, 2010; PEARCE, FOSTER, 2007; NASH, THYNE, DAVIES, 2006; GIARETTA, 2003; TROTTA, 1978; HEATH, 1962).

Em face disso, observou-se que o inter-relacionamento entre esses distintos sujeitos, sejam eles anfitriões e hóspedes, no contexto hosteleiro, mobiliza um sistema de práticas socioculturais, sendo a prática do lazer um deles, conforme será visto a seguir.

5.3.2 Práticas de Lazer em hostel

O lazer assume incontáveis possibilidades e experiências, estando presente no cotidiano da vida humana, nos mais variados contextos e manifestando-se sob as mais diversas formas. Sendo aqui compreendido como uma necessidade humana e dimensão da cultura (GOMES, 2014).

O lazer, então, pode ser satisfeito de múltiplas formas, considerando as diversas predileções e os valores dos indivíduos em cada contexto sociocultural e histórico que está inserido (GOMES, 2014). Abrange ainda, incontáveis possibilidades e tais como: as conversações, as festas e celebrações, as músicas, os jogos, dentre outras formas de experiências e sociabilidades humanas. As quais podem assumir a feição de lazer e serem sentidas e vivenciadas ludicamente pelos sujeitos cada qual a sua maneira (GOMES, 2014).

A partir das apreciações da maioria dos entrevistados, foi possível notar que as conversações, ou seja, o ato de conversar configura-se como a prática de lazer de maior destaque nos hostels investigados. E, por sê-la, constitui-se como a base para a fruição do lazer dos sujeitos da pesquisa, sendo representada na nuvem especialmente pela palavra “conversando”, contida na Figura 8.

Associadas às conversas, nos contextos de hostels aqui investigados, observou-se o lazer ganhando sentido nos mais variados ambientes, tendo a pesquisa revelado a cozinha como um local de destaque especialmente sob dois aspectos, o primeiro porque: “[...] os hostels possuem uma cozinha de uso coletivo, possibilitando que o hóspede faça suas compras e realize suas refeições com custos mais baixos” (FALCÃO, 2015, p.9).

Em segundo lugar, ao dedicarem um tempo de preparo das próprias refeições, os sujeitos acabam por permanecer mais tempo na cozinha, com isso tende a ser um dos ambientes mais frequentados diariamente pelos sujeitos durante a estadia. O que permite

aos sujeitos que conversas iniciem, grupos se formem e amizades sejam criadas (THOMAZI, 2019).

Sob esse enfoque, a partir das incursões de campo, a cozinha se revelou como sendo o coração do hostel. Constituído-se enquanto um dos principais espaços facilitadores para a interação entre os sujeitos e manifestação de práticas de lazer. A Figura 8 evidencia esse cenário, onde é possível notar o predomínio da palavra “cozinha” no cerne da nuvem denotando sua importância nos contextos investigados.

Figura 8 – Nuvem de palavras – Práticas de lazer em hostel



Fonte: Nvivo – Dados da pesquisa.

Recuando no tempo, historicamente, a cozinha, é um espaço existente desde a gênese hoteleira considerado essencial para a existência de um hostel. Bahls e Pereira (2017b) confirmam essa perspectiva ao constatarem a unanimidade deste ambiente na amostra pesquisada, evidenciando uma atenção dada pelos locais investigados em relação à oferta da cozinha comunitária aos hóspedes. Aspecto igualmente ratificado na empiria da investigação aqui analisada. No entanto, cabe acrescentar que apesar de ser um dos itens essenciais presente na matriz classificatória para as áreas físicas de hostels (BAHLS, 2018), nem sempre este local é ofertado em empreendimentos desta natureza.

Com efeito, a essencialidade da cozinha guarda em si aspectos relacionados às experiências e formas de sociabilidades humanas, tendo em vista que é através da: “[...] cozinha e pelas maneiras à mesa que se produzem as aprendizagens sociais mais fundamentais e que uma sociedade transmite e permite a interiorização de seus valores. A alimentação é uma das formas de se tecer e manter os vínculos sociais” (POULAIN, 2013, p. 182). Sob esse lócus de discussão, os vocábulos “conversando”, “interação”,

“pessoas” e “comer” ocorridos na cozinha (Figura 8), evidenciam o cenário exposto até o momento, e, pode ser detalhado no conjunto das falas a seguir:

[...] a maior quantidade de assunto é na cozinha, porque às vezes você chega lá a pessoa tá preparando alguma coisa né [...] na cozinha eu já percebi isso que às vezes tem uma pessoa lá, você não tá no celular, você tá preparando alguma coisa, então é mais comum de você conversar, de se abrir, de ter um primeiro contato ali que seja agradável e que você consegue conhecer um pouco mais sobre a pessoa. (Ipê-pardo, mineira, 33, HB 3).

[...]acho que a cozinha é um ponto bem importante, quando tem a cozinha e a pessoa tem fome, ela pode fazer a própria comida. (Ipê-mirim, carioca, 25, HB 2).

Quando o hostel oferece café da manhã eu tomo, quando não, eu compro um café, leite em pó, pão e tal e preparo. Então eu nunca tomo café da manhã fora. O lanche também faço em hostel. Então a cozinha coletiva pra mim é muito importante. Eu já vi hostel que não tinha e eu pensei aí fica difícil ter que comer escondida no quarto. (Ipê-branco, paulista, 58, HB 1).

[...] um oferece um pouco da comida pro outro, e o comer junto... o que envolve comida é feliz né? Então a gente comer junto é uma experiência muito boa, e você ter a oportunidade de comer junto com pessoas de outros países, e até de cozinhar com elas. (Ipê-rosa, goianiense, 30, HB 2).

[...]aquela mesinha ao lado da cozinha, sempre tinha alguém ali reunido, quando tinha alguém fazendo café, ou comida, aí geral ia pra lá, ou se todo mundo ia comer ficava lá conversando. (Ipê-tabaco, carioca, 24, HB 2).

[...] nós fazíamos as refeições na cozinha comunitária do hostel, bebíamos e também interagíamos lá. (Ipê-azul, cearense, 33, HB1).

[...] no hostel como é tudo coletivo você tá em contato com as pessoas por mais tempo né, então você vai fazer um lanche tem alguém na cozinha, você troca uma meia dúzia de palavras e aí você já conhece alguma coisa, aí de noite você volta pra fazer um jantar a pessoa tá lá de novo, aí te oferece um negócio e aí você conversa mais meia hora. (Ipê-amarelo-do-cerrado, mineira, 40, HB 2).

[...]você sentar numa mesa pra compartilhar uma refeição, e às vezes você tá lá cozinhando e a pessoa tá contando como que a mãe fazia aquela comida, isso é muito rico pra gente, porque a gente quer sentar na mesa da cozinha pra comer e bater papo né. (Ipê-bicolor-damasco, mineira, 36, HB 2).

Os referidos relatos destacam a importância significativa da cozinha para grande parte dos entrevistados, não apenas para economizar dinheiro, mas também para manifestarem o ato de se alimentar, de cozinhar, de interagir com os demais ou ainda unir esta tríade de possibilidades, sendo deste modo, um ponto de encontro para os sujeitos.

As observações de campo também colocaram em evidência o papel singular da cozinha para os anfitriões. Pois era possível tanto guardar, quanto cozinhar a própria comida, evitando gastos com alimentação fora do empreendimento hostelero. E, além disso, ainda estabeleciam contatos e vínculos com os demais companheiros de trabalho e hóspedes, já que em diversas situações foram percebidas parcerias, seja para cozinhar ou comer juntos.

A cozinha revela, então, uma das características singulares do lazer dos sujeitos pesquisados: as interações sociais, sendo estas concretizadas a partir do entroncamento de pessoas e as conversações estabelecidas nesse ambiente. Em face disso, este local apenas reforça umas das características inerentes a este tipo de hospedagem que consiste em conhecer pessoas (ABRANTES, 2016). Conforme visto no tópico anterior, essa peculiaridade se concretiza principalmente através do ato de conversar dos indivíduos.

Sendo assim, é um local simbólico, onde os sujeitos ficam conversando, contando histórias e casos pessoais, relacionando-os por vezes a modos de cozinhar aprendido com familiares ou ligados à cultura de origem. A cozinha se revela também como um lugar de trocas culturais e gastronômicas. Onde os sujeitos podem tanto conhecer quanto experimentar culinárias de distintos países (MANÉ, 2017).

[...]Eu lembro, de uma vez que eu fiquei no hostel no ano novo e tinha várias pessoas de vários lugares e tinha um chinês, e esse chinês ele fez questão de cozinhar pra nós, ele tinha o costume de no último dia do ano comer um arroz com pato que pra ele na tradição dele na cultura dele é sinônimo de sorte né fazer esse prato no último dia do ano para amigos familiares para pessoas que ele gostava de conviver. Pois bem e ele fez, comprou os ingredientes de manhã né, por volta do meio dia começou a fazer e ficou a tarde toda cozinhando... cozinhando... esse arroz, cozinhando... esse pato e o prato acabou sendo servido na janta. E foi uma coisa bastante interessante né, porque assim eu percebi que faz parte da cultura dele, daquilo que ele carrega né de família de tradição do país dele no caso a China né, eu achei isso muito bacana, as trocas culturais, que eu presenciei que eu vivenciei no [HB1] foram muito bacanas sabe, foram muitos conhecimentos mesmo sabe, que eu guardo na minha memória e vou levar por muitos e muitos anos. (Ipê-azul, cearense, 33, HB1).

O ato de cozinhar para o outro, de interagir na cozinha e comer junto acabam tecendo laços sociais e aprofundando a relação entre os sujeitos, e gera ainda sensações de satisfação e bem-estar. Sentimentos ocasionados pela troca cultural por trás do processo alimentar, como foi possível notar nas referidas palavras do professor de geografia. Além disso, sinais de gratuidade, demonstração de afeto e colaboração, relacionados à comida podem igualmente ser percebidos conforme os trechos a seguir:

A cozinha... **a situação de comer é sempre uma coisa que agrega né**, teve uma vez que eu me ofereci pra comer porque tinha uma comida linda em cima da mesa eu falei gente o que que tá acontecendo aqui? [...] **foi o próprio pessoal do hostel que trabalhava lá**, o [um dos anfitriões do HB2], não sei se era todos os dias, **mas o dia que ele tava inspirado ele fazia um almoço né**, lindo e aí quem quisesse comer dividia o que ele gastou né, sei lá acertava com ele, 10 ou 12 reais variava assim, mas ficava lá, não era uma coisa assim, ele fazia e saia oferecendo sabe? Isso que eu achava legal, não era uma coisa assim vou ganhar dinheiro com isso, não, tá aqui. **Então nisso aí, na alimentação sempre rola uma interação, porque a gente leva alguma coisa pra fazer, chega um, chega outro, no final você ia fazer só um arroz e uma salada e vira um almoço, porque um chega com uma carne, outro chega com feijão, outro chega com outro negócio e aí a gente fala: pô vamos juntar tudo né, comer todo mundo junto**. Eu acho que isso é muito legal em hostel, isso me diverte, me encanta muito. (Ipê-amarelo-do-cerrado, mineira, 40, HB 2). (Grifos da autora).

Antes de um pessoal ir embora eu tinha feito uma pizza, **eu falei gente vamos fazer uma pizza? Eu faço**. Lá por ser um bairro muito tipo, um... como posso dizer, de classe alta, o valor da pizza lá é muito caro. E a gente mais meio simples que nem eu, e muita gente que ia lá, foi de boa só pra poder se divertir, aí pagar 60 reais numa pizza num dava. **Aí eu falei o que vocês acham da gente gastar 60 reais em ingredientes que vai render duas pizzas**. Aí todo mundo ouviu pensou e falou: não beleza, vai dar quanto pra cada. Aí a gente dividiu o valor, fomos no mercado mais próximo que tinha lá e fiz a pizza de calabresa e pepperoni. A [Gentil] me ajudou a fazer a pizza, **ficamos cozinhando e zuando juntos na cozinha. Tinha um casal lá que falou assim: mano, tão fazendo até pizza! Eu falei: eu que tô fazendo, vamos comer? Não, obrigado nem participei, eu: não que isso, pode ficar tranquilo, se você quiser comer a pizza vai tá aí, pode comer**. (Ipê-púrpura, paulista, 22, HB 3). (Grifos da autora).

[...] o pessoal gosta muito de dar uma compartilhada ali naquilo que eles estão cozinhando, **ah eu vou fazer uma comidinha você está afim e tal? E isso na verdade um vai alimentando o outro**, às vezes as pessoas estão lá na cozinha, cozinhando aí chega um e fala: ah vou fazer alguma coisa também, aí fica ali na cozinha e **do nada eles estão aqui comendo o que eles cozinharam, conversa vai, conversa vem e vai aumentando e vira uma festa, e aí a gente [Anfitriões] entra no meio**. (Ubuntu, mineira, 34, HB 2). (Grifos da autora).

Sempre que alguém faz uma coisa nova já faz pra todo mundo pra experimentar, se você tá fazendo uma coisa nova todo mundo já fica de olho assim, o que você tá fazendo? Porque você colocou isso? **O cheirinho da cozinha cheira na casa toda, você pode tá no quarto tomando banho que você vai sentir o cheirinho da cozinha, você já desce pra perguntar: o que cê tá cozinhando?** [...] sempre que tá cozinhando você tá olhando o que tá fazendo o outro. **Aí quando você vê que tá jogando algum trem estranho dentro da panela aí você pergunta, porque você jogou isso? Ou o que é isso que você tá fazendo aí? Entendeu? Quando vê uma coisa que não tá muito certa na sua cabeça, aí você já vai e pergunta, [e a pessoa responde]: não... é que minha avó cozinha isso, a não por que eu sou da roça, a não por eu sou daqui ou de lá**. (CABJ, argentina, 29, HB 2). (Grifos da autora).

[...] porque acaba que fica mais barato fazer a comida e tal, eu sinceramente não gosto muito de cozinhar não, então toda vez que precisa cozinhar eu não cozinho, **mas se tiver um pessoal lá querendo cozinhar eu participo, lavo a**

louça depois, mas eu não sou do tipo que gosta muito de cozinhar não, mas eu acho importante ter cozinha pra você ter alguma coisa assim, a ter um Danone, ter um pão, que você coloca e serve rápido, aí eu acho importante a cozinha. (Ipê-roxo-da-mata, mineira, 33, HB 3). (Grifo da autora).

Dando prosseguimento, tais relatos colocam em evidência a potencialidade ímpar da cozinha de reforçar aspectos relacionados ao espírito de coletividade, e de cooperação entre os sujeitos. Valores ditos como necessários para garantir a convivência em ambientes compartilhados de um hostel (MANÉ, 2017).

Comumente, observava-se que os hóspedes ao cozinharem para si, acabavam por cozinhar para o outro, e dessa forma, a partilha de comida acontecia tanto para os demais hóspedes quanto para os anfitriões, tornando-se cíclico esse processo de repartir a comida. Durante as incursões de campo, observou-se um misto de regozijo, espontaneidade e orgulho que os hóspedes demonstravam sentir ao cozinharem para as pessoas presentes no hostel especialmente para os anfitriões, como se desejassem retribuir o acolhimento outrora recebido.

Isto posto, a cozinha dos hostels aqui analisados torna-se palco para os sujeitos interagirem e a comida associada aos atos de comer e cozinhar junto consiste na protagonista deste campo de relações humanas. Garantindo essa cooperação e coletividade através do ato de alimentar, pois: “[...] comer é realizado pelo indivíduo em seu interesse mais pessoal; comer acompanhado, porém, coloca necessariamente o indivíduo diante do grupo, usando-se o ato de comer como veículo para relacionamentos sociais [...]” (MOREIRA, 2010, p. 24).

Tal processo, o qual as relações sociais são potencializadas pela culinária é denominado de comensalidade, que consiste em uma forma de sociabilidade, por vezes associada ao fenômeno da hospitalidade, cujo termo deriva do vocábulo latino “mensa”, tendo como significado: “[...] conviver à mesa, envolvendo não só o alimento que vai ser digerido como também com quem está sendo feita a refeição” (YASOSHIMA, 2012, p.306).

A comensalidade dessa forma lança um olhar transformador para as relações existentes entre os seres humanos e a comida, pois este elo transpõe as necessidades biológicas, revelando simbologias recônditas. Afinal, comer consiste em um ato simbólico, dotado de memórias, desejos, valores culturais, significados, sentidos, ritualidades, sendo a comida uma tradução de um determinado povo, nação, grupo étnico, família, enfim, dos sujeitos sociais (LODY, 2001).

A percebida disposição em cozinhar para o outro, por parte dos sujeitos nos hostels, demonstra toda uma simbologia por trás desse processo, aludindo à citada comensalidade. Exemplo disso é a própria partilha do alimento que tende a remeter a cultura, origem e ao ambiente familiar, e na partilha de alimentos, processo em que o sujeito acaba partilhando um pouco de si e de sua história com outras pessoas conforme visto em relatos anteriores.

Este processo de cozinhar para o outro observado nos hostels, revela ainda outra característica da comensalidade. A tentativa de ser aceito pelo grupo social, como forma de gerar identificação com o outro através da comida, bem como um sentimento de pertencimento no contexto em que está inserido (LÉVI-STRAUSS, 2004). Por trás deste ato simbólico de cozinhar, encontra-se a necessidade primitiva dos seres humanos de se sentirem seguros no momento de partilhar o alimento e a casa com pessoas de fora (LÉVI-STRAUSS, 2004).

Alicerçado a isso, quando os indivíduos estão distantes do seu lugar de residência, cozinhar também consiste em uma das formas que encontram para se sentirem em casa (ABDALA, 1997). O que acaba por reforçar o sentimento de casa, no que diz respeito aos hostels, aspecto amplamente verbalizado pelos entrevistados como já discutido em momentos anteriores deste trabalho. A prática de cozinhar, então, contribui para fortalecer essa sensação de casa que perpetua o imaginário da maioria dos entrevistados. Sendo assim, afirma-se:

A comensalidade no âmbito familiar é um dos fatores mais presentes na vida social. Ela pode carregar, consigo, uma multiplicidade de significados, além de aludir a um dos principais elementos que congrega um grupo familiar: a casa. Ela constitui, portanto, um espaço compartilhado e que possui um forte caráter simbólico e ritualístico ao relacionar-se com o outro — mais explicitamente, quando existe o convite ao outro que vem de fora do grupo familiar, para se juntar ao compartilhamento do alimento, indo além das necessidades nutricionais. (GOMES *et al.* 2021, p.43-44).

Esse convite para alimentar pessoas, então, consiste em um processo que está além de alimentar “corpos biológicos”, e sim de alimentar “corpos sociais”, ou seja, alimentar as relações sociais, pois o que: “[...] está em jogo é o princípio da reciprocidade e da comensalidade. A presença da comida é, contudo, central, reconstruindo-se necessidades biológicas em necessidades sociais” (WOORTMANN, 1985, p. 3). Este processo da comida enquanto um veículo para alimentar as relações humanas, pode ser exemplificado na experiência vivenciada na cozinha do HB1:

Ao final de uma entrevista no hostel HB1, acontece a tão mencionada - pelos sujeitos da pesquisa - magia do hostel. Acreditava que faria apenas uma entrevista previamente marcada com Ipê-amarelo, mas no fim acabei sendo surpreendida pela magia do hostel. A pessoa que estava no hostel hoje como anfitriã não sabia inglês e me pediu ajuda. Ele era indiano, estava com dificuldade para acender o fogão e logo fui ajudando-o. E, foi desse gesto que ele me pediu um favor. Ele estava em viagem pela primeira vez na América Latina, faltavam ainda 03 meses de viagem e seu celular quebrou. O conserto no Brasil ficaria em torno de R\$ 1.300,00. Então ele preferiu comprar outro celular aqui e não conseguiu resolver devido à barreira linguística. Liguei para algumas lojas, fiz alguns orçamentos. Tentamos verificar se daria tempo de chegar antes dele partir para o próximo país, se fosse uma compra online. E nada. Não tivemos sucesso. Por fim, ele optou por comprar um celular novo no lugar que haviam avaliado o conserto do celular dele. Ele me agradeceu pela ajuda, pelo tempo que fiquei tentando resolver a situação e por eu ter feito os orçamentos, ligando para os locais do meu próprio celular. Então ele queria de todo jeito retribuir, e eu dizendo que estava tudo bem, que não precisava se preocupar. Mas não adiantou, ele insistiu em retribuir, pois bem, assim o fez, ele estava fazendo o seu almoço e fez questão de me convidar para almoçar com ele, aceitei o convite e lá ficamos na cozinha conversando enquanto ele cozinhava. Em seguida, um amigo dele de Belo Horizonte, que se conheceram em um hostel em São Paulo, chegou ao hostel e foi uma interação que não acabava mais, eram belo-horizontinos e indiano juntos! Era uma junção de turista, morador local, pesquisadora e a anfitriã do hostel tentando se comunicar, era uma verdadeira mistura de pessoas, como já havia dito o entrevistado Antenado. Sentamos a mesa comemos, conversamos assuntos variados sobre a cultura de cada país, sobre viagem, sobre política, sobre a vida de cada um. Também falamos sobre essa magia do hostel de unir pessoas desconhecidas para conversarem, saber sobre o outro e sua vida, seu mundo e sua cultura. O hostel te permite viajar o mundo para lugares sem sequer se mover do lugar. Apenas sentada em uma cadeira ouvindo, observando, conversando e interagindo... E todo esse processo foi protagonizado pelo quê? Comida! Era o que ele poderia partilhar como agradecimento. Partilhou o próprio alimento comigo e com os outros. [...] Nunca em minha vida, até aquele momento, um prato de arroz com feijão (feito por aquele indiano) teve tanto significado, tanta história, tanta cultura e tanto aprendizado. E não poderia deixar de mencionar detalhes sobre essa comida, o arroz ficou colorido, meio avermelhado eu diria, o feijão extremamente saboroso, era um sabor completamente diferente do que estou acostumada a comer aqui na minha cidade, no meu país, acredito que a diferença de sabor foi por ter sido preparado com temperos do país dele, ele mesmo enquanto estava fazendo a comida mencionava que gosta de viajar com seus temperos para quando for cozinhar ter um pedacinho da sua cultura aonde quer que ele vá. (Nota de campo, 16 jan. de 2020, HB1).

O desfrute do alimento revelou um simbolismo por trás da citada experiência, pois: “o próprio movimento de ingestão revela uma intimidade na medida em que o alimento é aceito, ingerido e absorvido pelo corpo, tornando-se mais próximo do corpo-outro, do receber o outro de fora” (GOMES *et al.* 2021, p.44). Nesse sentido:

Qualquer que seja a posição do alimento, é sempre acentuada a sua importância como fulcro de sociabilidade – não apenas do que se organiza em torno dele (sistemas de trabalho, distribuição, etc) mas daquelas em que

ele aparece como expressão tangível dos atos e das intenções. (CÂNDIDO, 1982, p. 30).

Além dos alimentos tecendo as interações humanas em hostel, as bebidas, especialmente alcoólicas, também marcaram presença nos espaços investigados. Sendo a cerveja aquela com maior destaque sinalizada pelos sujeitos conforme expresso na Figura 8 e igualmente observada em campo. Sua presença era tão marcante, que por vezes notava-se especialmente no hostel HB1, anfitriões desfrutando da bebida, durante o horário de trabalho. De fato, a cerveja consistia em um dos ícones do cotidiano em hostel protagonizando diversas práticas de lazer:

Assim acontece muito da gente fazer festa, eu acho isso bem bacana, lá no HB2 eles tinham essa alternativa [...] eles tinham uma churrasqueira lá e que ficava liberada pros hóspedes, então podia cada um levar suas coisas e fazer ali um churrasquinho e isso acaba também integrando todo mundo sabe. Eu acho muito divertido porque às vezes eu tava lá assim na hora do almoço, aí alguém fala vou fazer um churrasco, aí eu: se eu trazer uma carne e duas latas de cerveja eu posso participar? Porque eu não tenho nada pra almoçar, sabe? Eu não fiz nada, então eu vou ali no mercado, compro um negócio e ponho aí na sua brasa. Tá feito. E aí pronto. E aí vão chegando as pessoas e cada um doa um pouco e a gente vai fortalecendo essa amizade que a gente cria ali sabe, é muito divertido. (Ipê-amarelo-do-cerrado, mineira, 40, HB 2).

[...] eu tava lá jantando daí um falou assim vamos comprar umas cervejas? Daí compramos e ficamos das 10 da noite até 3, 4 da manhã conversando, a gente tem Instagram até o hoje um do outro. Eu precisava pegar um transporte às 5:00 da manhã no outro dia, mas eu não queria ir dormir, tava tão legal. (Ipê-felpudo, catarinense, 32, HB 3).

Aí a gente ficava lá horas, papo rolando, tomando cerveja. [...] E aí fomos batendo papo até 5 horas da manhã. Era só papo, conversando, jogando conversa fora, bebendo cerveja, era a maior loucura. Muito louco, muito louco[...] Sempre que eu ia conversar com alguém eu pegava e dava ideia da gente tomar uma cerveja. Porque com bebida as pessoas ficam mais comunicativas, então eu fui fazendo isso direto. Vamo beber gente? Vamo. Aí começava mais a conversa, conhecia mais a pessoa e isso que é sensacional [...] ficamos até 3 horas da manhã conversando, conversando só besteira, a gente conversava de tudo, tudo, turismo, cultura, negócios que cada um queria abrir ou se fosse abrir. (Ipê-púrpura, paulista, 22, HB 3).

E teve vez assim deu chegar e pensar nossa vou... às vezes eu tinha trabalhado 14 horas, chegava lá e falava: vou descansar. A hora que o uber parava lá na [a entrevistada fala o endereço do HB2], eu já escutava o pagode, lá de baixo eu já pensava: ferrou, porque eu não vou descansar, então eu já chegava, às vezes eu nem fazia check-in, entrei, nem levava a mala pro quarto, chegava já tava a cerveja, já tava o churrasco sabe. [...] e nunca tinha monotonia porque às vezes você fala eu vou dormir e a pessoa fala vamo comprar carne e cerveja no zé delivery e aí você fala vamo, não tem muita rotina, não tem muito horário, muita mesmice, é essa quebra de rotina é muito legal, cada um faz o seu horário. (Ipê-bicolor-damasco, mineira, 36, HB 2).

[...] as vezes quando a pessoa faz check-in já falo: oh se quiser tomar uma cerveja com a gente lá em cima, vamos lá, e aí o pessoal vai. (Gentil, mineira, 33, HB 3).

Quando eu vou procurar um hostel pra ficar, uma das coisas mais importantes que eu olho é se vende bebida alcoólica, porque isso aí sempre tem interação grande, e aí quando tem bebida geralmente você tem um espaço onde as pessoas ficam né. (Ipê-roxo-da-mata, mineira, 33, HB 3).

A partir dos relatos supracitados e das aproximações com o lugar de pesquisa, observou-se a presença das bebidas alcoólicas sendo desfrutada pelos entrevistados em inúmeras confraternizações, sendo representadas na nuvem pelos vocábulos: participar, eventos e festa (Figura 8). Em se tratando disso, em cada um dos espaços investigados verificou-se a ocorrência de distintos tipos de celebrações, desde aquelas espontâneas até aquelas programadas, seja pelo espaço, pelos anfitriões e hóspedes. No entanto, três delas ganharam destaque, sendo válidas de serem mencionadas.

A começar pelo carnaval, marcando sua presença na Figura 8, sinalizado como o evento mais marcante do HB1. Isto porque este período festivo movimentava um intenso fluxo de hóspedes durante a estadia, e apesar desta festividade ocorrer fora do estabelecimento hosteleiro, ela acaba movimentando práticas de lazer variadas tanto na preparação quanto após. Visto que, os grupos formados especialmente no HB1, se uniam para se arrumarem, bebiam e interagiam dentro do hostel antes de prosseguirem para o carnaval de Belo Horizonte.

Ao retornarem para o hostel, por vezes se reuniam na sala para dar continuidade à festa, onde os sujeitos tocavam violão, cantavam e dançavam juntos. E, paralelamente, a cerveja se insere como uma possibilidade de lazer, sendo desfrutada nestes momentos de celebração, enquanto uma protagonista da noite regando a socialização dos sujeitos. A narrativa a seguir detalha o cenário exposto:

No carnaval de 19 eu fui sozinho, e aí chegando lá, o hostel tava enfeitado, todo aquele clima de carnaval, e aí a gente fez uma turma de amigos e começamos a ir nos blocos, no sábado, domingo, segunda, quando foi no domingo já estávamos melhores amigos, na segunda-feira já tava batendo aquela bad porque na terça tinha que ir embora. Nós ficamos os 4 dias grudados literalmente, e essa amizade perdura até hoje, você não tá entendendo. [...] A interação era maravilhosa principalmente nas duas vezes de carnaval né, nós acordávamos cedo né, tomávamos café da manhã, a gente combinava pelo grupo do WhatsApp, vamos tomar café? E cada um saía do seu quarto e a gente tomava café juntos, então nós voltávamos do café e ia pro quarto pra se arrumar, e essa arrumação pro carnaval era muito engraçada porque era uma arrumação compartilhada. [...] Essa interação era muito bacana, e eu imagino que pra quem trabalhou também devia ser né, porque não era só nós, tinham outras pessoas que também eram animadas, então era uma interação muito boa e no carnaval era surreal isso. Porque quando a gente voltava dos blocos a noite, a festa tava no hostel pra fazer o pós bloco. (Ipê-azul, cearense, 33, HB1).

Tamanha a mobilização e constituição de laços que esta festividade trazia, tanto para o hostel quanto para os sujeitos envolvidos, que os hóspedes acabavam retornando para se hospedarem novamente no hostel como visto no referido relato. O que evidencia a capacidade que o hostel tem de estimular a intenção de revisita dos sujeitos ao meio de hospedagem e conseqüentemente retornar à cidade de Belo Horizonte. Há de mencionar que apesar do momento festivo relatado por Ipê-azul, ainda que em menor grau, a pesquisa constatou incômodos vivenciados durante o período do carnaval por parte do ser acolhedor:

No carnaval a galera ficava muito louca, vou te falar que é um dos piores períodos pra se trabalhar em hostel em dias de carnaval, porque a galera fica ensandecida, e a gente encontra hóspede de tudo que é jeito, muito bêbado, sob efeito de outras substâncias também, e é muito difícil de lidar quando a pessoa tá fora de si, nossa a pior época da minha vida foi durante o carnaval no hostel. (Buscadora, mineira, 31, HB1).

Frente aos relatos de Ipê-azul e de Buscadora, verifica-se um paradoxo. Por um lado, o período de carnaval em hostel se mostra como uma festividade potencializadora de interações sociais, formando vínculos e amizades, e a fidelização de hóspedes ao se hospedarem novamente no meio de hospedagem. Materializando, portanto, incontáveis práticas de lazer entre os sujeitos envolvidos. Por outro, o sacrifício por parte da anfitriã para lidar com os hóspedes durante o carnaval. O que acaba reafirmando o fato do lazer não se isentar de situações de tensionamentos, conflitos e contradições (GOMES, 2014).

A situação exposta por Buscadora possui ainda eco na gênese hosteleira acerca do papel do anfitrião em responsabilizar-se pelos hóspedes. Papel o qual consiste igualmente em educar os hóspedes e impor regras para garantir o funcionamento do espaço (BAHLS, 2015). No entanto, em períodos festivos como aquele mencionado pela entrevistada, desafios são colocados em cena. Evidenciando dificuldades para lidar com hóspedes em situações de ingestão de bebidas alcoólicas e até mesmo aqueles que fizeram uso recreativo de substâncias ilícitas. Mesmo diante deste desafio, faz-se necessário que o anfitrião assegure o bem-estar e a integridade física dos hóspedes:

Teve um dia que eu cheguei muito ruim, numa situação é... crítica. Falei: não vou conseguir subir [para o hostel], aí eu errei a porta [da entrada do hostel] [...] e o HB1 ficava do lado numa portinha, e eu fiquei do lado [na porta da loja ao lado do hostel] lá esperando. E o funcionário da recepção me pegou, me levou pro quarto sabe. Eu não lembro quem que era, mas me levou direto pro quarto, diretamente pra minha cama! Eu achei assim a coisa mais estranha do mundo, sabe, eu falei assim como é que eu cheguei aqui sabe. Aí um rapaz, um hóspede, me contou que um rapaz da recepção me levou pra

dentro do quarto. E ninguém tinha feito nada comigo. (Ipê-verde, mineiro, 30, HB 1).

A segunda celebração, representada pela palavra “festa” contida na nuvem (Figura 8), foi selecionada como forma de demonstrar o universo de possibilidades de lazer dentro de um hostel e as incontáveis interlocuções e mobilizações que foram geradas a partir dela. Refere-se à festa de aniversário da anfitriã Ubuntu que alega: “*A melhor experiência no hostel foi meu aniversário, comemorar meu aniversário no trabalho! e foi um aniversário maravilhoso assim*” (Ubuntu, mineira, 34, HB 2). A colocação a seguir detalha a referida comemoração:

Vivi aniversários né, lá, assim... com festas maravilhosas, até a Ubuntu fez o aniversário dela lá com o tema moçambicano que foi lindo, todo decorado com o tema, com a gastronomia, com figurino, com o quê que é que acontece nos aniversários lá em Moçambique, a forma como é que acontece, ela levou isso pra nós, e aí começou a vir todo mundo, e começou a vir um pessoal que morava na praça da liberdade, todo mundo comendo, quem não tinha o dinheiro pra comer, varria, ou servia carne, ou levava cerveja, outro levava churrasco. Eram vários grupos assim de amigos, todo mundo confraternizando também, então todo mundo tinha o seu espaço de vez lá, de aproveitar e de contribuir de alguma forma né, alguns cozinhando, outros ajudando na vaquinha, outros limpando banheiro, e é isso, é um lugar onde todo mundo pode ser feliz, pelo menos por um momento né. (Ipê-bicolor-damasco, mineira, 36, HB 2).

Observando atentamente as palavras da entrevistada, o aniversário disparou um fluxo de relações no hostel. A começar pelo sistema de troca de serviço para participar da festa, onde a falta de dinheiro não consistia em um impeditivo para que os indivíduos interessados fizessem parte da celebração. Um exemplo disso é a própria possibilidade de utilizar a cerveja como moeda de troca, conforme enunciado na referida explanação.

Outro aspecto expresso na narrativa se refere ao potencial da festa enquanto interlocutora com a dimensão territorial, através da participação de pessoas pertencentes à cidade de Belo Horizonte. Isso sinaliza a potência do hostel em agregar pessoas distintas, uma vez que a exemplo do aniversário de Ubuntu, ocorreu o entrelaçamento de hóspedes, anfitriões, população belo-horizontina, amigos e familiares da aniversariante celebrando e interagindo dentro do mesmo espaço. Situação em que demonstra a prática do lazer dentro destes espaços sendo demarcada pela diversidade de sujeitos, e pelas “identidades distintivas de cada grupo social” (GOMES, 2014, p. 9).

Essa festa então indicou a facilidade que este tipo de hospedagem possui de permitir pessoas diversas acessarem o espaço e de participarem das atividades, ainda que sejam festas privadas e mesmo na eventualidade de não ser um hóspede daquele hostel.

Facilidade igualmente percebida como quando o entrevistado Ipê-púrpura recebeu no HB3 um colega que estava hospedado em um hotel da cidade e se dirigia ao hostel para confraternizarem juntos, e, mais uma vez a cerveja ganha a cena, figurando como o elo desta interação humana:

Vem tomar uma cerveja aqui, cê vai ficar aí sozinho? ele falou: uai se for tomar uma cerveja eu vou aí, eu falei pode vir. Eu perguntei pra Gentil, ele pode entrar? Ela falou pode, pra ele entrar não tem problema, só entrar assim no hostel ele pode sim, ele não pode entrar é nos quartos, mas no hostel ele pode. Na hora, eu peguei e falei pra ele assim: tá on time. A... então falou então. Tô indo aí. Ele chegou e falou: então bora beber, e ficamos até 3 horas da horas da manhã conversando, conversando só besteira, a gente conversava de tudo, tudo, turismo, cultura, negócios que cada um queria abrir ou se fosse abrir. (Ipê-púrpura, paulista, 22, HB 3).

Por último, a festa de Ano Novo de 2020 para 2021, no HB3, válida de ser mencionada devido à repercussão deste evento para a maioria dos entrevistados deste local, um deles salienta com veemência: “*O ano novo foi o auge, o auge, aconteceu de tudo no ano novo, de tudo, sério*” (Ipê-púrpura, paulista, 22, HB 3). O destaque desta celebração também se refere especialmente pela conexão estabelecida entre os sujeitos. Isto porque os anfitriões alegam ter sido a primeira vez que se formou um grupo tão grande, com pessoas tão diversas e de maneira tão espontânea: “*Nunca tinha acontecido aqui de ter um grupo tão grande, com tanta conexão igual foi com esse grupo do ano novo*” (Sonhador, mineiro, 29, HB3).

Cara, o ano novo, o ano novo assim... nesses dias no ano novo tinha uma turma aqui que não era uma turma, mas coincidiu que todas estavam hospedadas aqui, e a gente criou uma ligação assim, que eu o Sonhador, esse pessoal e o pessoal entre si, que a gente não sabe explicar o que que aconteceu, a gente se conectou. A gente tem um grupo no WhatsApp, e não sei foi... um pessoal muito gente boa, muito... sei lá... parecia que a gente se conhecia há anos, era coisa de ficar aqui batendo papo, ai chegava alguém e já ia entrando pra turma ... era umas 8 a 10 pessoas [...] o pessoal ficou aqui até 6 horas da manhã bebendo e conversando, ai... enfim foi um laço que parecia que já existia assim, foi... foi estranho, foi muito diferente e eu sei que não é uma coisa que acontece sempre. Eu já criei laço com pessoas aqui e tal, tem gente que converso até hoje e tal. Mas esse foi... porque foi muita gente diferente ao mesmo tempo, e todo mundo criou esse laço, ninguém sabe como que aconteceu só sabe que aconteceu. Tinha um pessoal de São Paulo, tinha um francês, uma menina lá do norte, tinha uns meninos de Florianópolis também que eu até comentei com você que eles estavam também, é... e assim é um pessoal muito diferente. Uma pessoa do norte, uma pessoa do sul, tinha um de Goiânia, tinha um daqui de perto. E foi isso, todo mundo criou esse laço, todo dia chegava e sentava aqui conversava e tal, escutava música e foi... o francês ia ficar dois dias e acabou ficando 5, 6. Ele só não ficou mais porque ele já tinha outros planejamentos e não dava pra ele ficar mais mesmo. (Gentil, mineira, 33, HB 3). (Grifos da autora).

*[...] varanda hoje à noite! A gente vai fazer algumas preparações lá, eu vou fazer, mas aí no final acabou que eu nem precisei fazer, porque o hostel tipo ele meio que contratou uns salgados lá. [...] Aí a gente fez a sangria bonitinha, fizemos com maçã e frutas vermelhas, aí um pessoal começou a chegar. Só que o pessoal tava meio que um grupinho separado de um lado e mais um grupinho ali. Aí eu falei [nome do amigo] a gente precisa juntar esse povo, aí ele: vamo. Aí começamos. Aí o [amigo] **começou a contar umas histórias deles, eu comecei a contar umas histórias minha também. Aí eu apontava pra alguma pessoa, já aconteceu alguma coisa assim com você? Era tipo brincadeira de eu nunca só que sem bebida. Aí o pessoal todo começou a conversar, todo mundo rachando o bico e tudo.** Aí eu conheci uma menina lá que hoje estou namorando com ela. [...] tinha cerveja, a sangria, a birita que o hostel fazia. Aí chegou um rapaz amigo do dono [do hostel] chegou com um gim, aí lascou. [...] O nosso [grupo] era eu, o amigo, Gentil, Sonhador, o Francês, uma menina do Ceará, a vereadora [apelido que criaram para uma das hóspedes], outro rapaz que também conheci lá no meu quarto. Era umas 9 pessoas. O Sonhador até falou: nunca tinha juntado um grupo tão grande como o de vocês. **A gente criou um elo tão grande lá, que a gente não sabia nem como tinha rolado essa conexão.** O Sonhador até falou: meu, demorou muito pra ter um grupo assim aqui no hostel que nem o de vocês. Eram grupos de 3, 4 pessoas que às vezes formava, não tanto assim né. (Ipê-púrpura, paulista, 22, HB 3). (Grifos da autora).*

Ainda que a referida turma tenha se formado antes do citado evento, os laços se aprofundaram na vigência e após sua ocorrência, e nesse processo um grupo de amigos foi criado, inclusive em um aplicativo e relacionamentos amorosos também saíram desta festa como enfatizado por Ipê-púrpura. Então, através do simples ato de conversar, da contação de casos e histórias de vida, e de degustar cerveja e outras bebidas alcoólicas que esta festividade adquiria um significado ímpar para os sujeitos onde: “[...] são experimentadas as sensações de gratuidade, bem-estar e satisfação” (OLIVEIRA, 2018, p.131). Apesar do regozijo sentido pelos sujeitos durante esta celebração, preocupações no que se refere ao contexto pandêmico vigente também entraram em cena:

Como eu sou mochileiro Joyce as minhas viagens são todas voltadas pra turismo e acabou que pegamos a época de réveillon né, passei na festa que bombou. Passei como antipático na festa, porque eu sou medroso com corona vírus, eu fui com um amigo super preocupado também só que ele tava mais tranquilo. Só que eu quando eu vi as pessoas bebendo, e automaticamente elas vão mudando a percepção, e vão já se abraçando, na hora do ano novo eu realmente queria ter dado um abraço caloroso. Era muita gente, não digo aleatória, mas que procuraram o mesmo intuito né de passar o réveillon diferente. (Ipê-felpudo, catarinense, 32, HB 3).

De maneira geral, ao analisar conjuntamente as narrativas dos sujeitos e a frequência de palavras com o auxílio do software Nvivo, observou-se, deste modo, a amplitude que as interações humanas em hostel ganham através dos atos de comer, cozinhar, beber e conversar durante a estadia. Onde o papel de alimentos e bebidas se

mostram indispensáveis: “em ocasiões de acolhimento, encontro social, festas e momentos de descontração, constituindo um elemento crucial para o reforço dos laços entre os membros de um grupo” (GOMES *et al.* 2021, p.46). Por isso, o ato de comer é o que:

[...] nos sustenta, do nascimento ao túmulo, que faz crescer as delícias do amor e a confiança da amizade, que desarma o ódio, facilita os negócios e nos oferece, na curta trajetória de vida, o único prazer que não se acompanha de fadiga e ainda nos descansa de todos os outros. (BRILLAT-SAVARIN, 1995, p.11).

Com vistas a realçar as diferenças descortinadas pela pesquisa, detectou-se, para além da cozinha, outros ambientes dentro dos hostels que se revelaram de maneira expressiva enquanto espaços para interagir, conhecer pessoas e para a fruição de práticas de lazer. Expressos pelas palavras: varanda, sala e recepção (Figura 8), identificou-se, tanto na pesquisa de campo quanto no conjunto das falas dos entrevistados, como os demais lugares facilitadores de interação.

Sendo, a sala, especialmente do HB1, a qual ao ser conjugada com a cozinha propiciava um ambiente de socialização: “[...] *a parte comunal ali da cozinha do hostel e da sala de TV, então eram os lugares propícios ali pra um bate papo*” (Ipê-azul, cearense, 33, HB1). A varanda de dois hostels HB2 e HB3, e, em unanimidade a recepção dos três espaços investigados, cenário que pode ser detalhado nos fragmentos a seguir. No HB1, por exemplo:

Observando o ir e vir dos ambientes dos *hostels*, notei peculiaridades relacionadas às interações humanas. No HB1 a sala é conjugada com a cozinha, tem aquele chamado conceito aberto. Notei que isso facilitava bastante a interação entre hóspedes e anfitriões. Quem estava sentado na sala por vezes interagia com quem estava na cozinha, seja preparando algum alimento e até mesmo se alimentando. Convites para comer junto e cozinhar junto muitas vezes partiam dali. Mas também notei momentos de silêncio, com pessoas na sala e na cozinha sem manter qualquer interação, especialmente pelo fato de estarem assistindo a televisão. No entanto, em outros momentos a própria televisão era gatilho para estimular os sujeitos a interagirem. Além disso, havia jogos e violão que os hóspedes podiam utilizar à vontade. O que me chamou a atenção da sala foi uma parede de giz, contendo a programação da cidade e informações gerais do hostel, além disso nessa parede os hóspedes podiam escrever recados. Grande parte dessas mensagens eram elogios sobre a hospedagem e tratamento recebido pelos anfitriões durante a estadia. (Nota de campo, 18 jan. de 2021).

Já no contexto do HB2 e do HB3, observou-se o seguinte:

No HB2 era expressiva a movimentação na varanda, na entrada do hostel. Era um ambiente agradável, aconchegante, com sofás convidativos, e lá os grupos se formavam. Era uma espécie de ponto de encontro, inclusive para as saídas que anfitriões e hóspedes programavam. O ato de fumar neste local era expressivo, sendo esta prática um estímulo para alguns sujeitos iniciarem um diálogo. Apesar da cozinha do HB2 também ser movimentada, a varanda ganhava destaque pelo ir e vir constante e pelas diversas apropriações dos sujeitos naquele ambiente. Verificou-se, inclusive, práticas religiosas ocorrendo neste local. Já no HB3, com uma bela vista para o bairro, era uma varanda mista, com clima de bar e simultaneamente dotada de um estilo "praiano". Em dias de eventos realizados pelo hostel, o movimento ali era mais intenso. A energia da varanda era agradável, me contagiava e me deixava à vontade. Notava, ali, a presença de hóspedes, anfitriões e proprietários do hostel junto a seus familiares e amigos; todos juntos interagindo durante os eventos na varanda. Com efeito, a varanda de ambos os hostels sempre estava ocupada: seja pelos anfitriões, hóspedes, proprietários ou por mim. O movimento era intenso seja por grupos, por viajantes solitários que às vezes interagem, outros não. Pessoas trabalhando, estudando, lendo, fazendo uso de celular ou apenas passando o tempo. Nos períodos de baixa temporada, por vezes, notava um fluxo reduzido, e com a pandemia também notei um esvaziamento um tanto quanto assustador. Mas pouco a pouco estes ambientes e outros dos três hostels voltavam a ganhar corpo e movimento, sendo apropriados pelos sujeitos. (Nota de campo, 18 jan. de 2021).

Por último, em relação à recepção, acrescenta-se:

A recepção, em unanimidade, era um ambiente de interação constante nos três hostels, seja em termos profissionais (por ser um local de trabalho para receber os visitantes), seja para conversar e interagir. De fato, era um local de referência para os sujeitos, onde tudo acontecia, desde incontáveis momentos de alegrias, descontração e satisfações, até de desafios e dissabores. Uma simbologia recôndita caracteriza a recepção de um hostel, sendo um espaço para além de si mesmo. Fato é: se a cozinha é o coração do hostel, a recepção, sem dúvidas é o cérebro. (Nota de campo, 18 jan. de 2021).

Curiosamente, os quartos compartilhados não marcaram presença significativa nas entrevistas como um ambiente propício de interação entre os hóspedes. A própria ausência deste ambiente na figura 8, feita com o auxílio do Nvivo evidencia esse cenário. No entanto, nas incursões de campo notou-se, diversas vezes, a formação de grupos e de vínculos iniciados nos quartos por meio de perguntas corriqueiras, tais como: nome, origem e cumprimentos diários. Posteriormente, era ali que muitas vezes aconteciam convites para comer e cozinhar junto, realizar atividades de lazer dentro do quarto e do hostel, ou fora deste meio de hospedagem, e até mesmo amizades brotarem do convívio diário no quarto coletivo.

Um aspecto que se pode acrescentar se refere ao fato do quarto ser um ambiente utilizado preliminarmente para atender as necessidades fisiológicas dos sujeitos. Sob esse viés, constitui-se em um primeiro plano como um local de referência para que os

hóspedes, em viagem, possam manifestar a intimidade e suprir suas necessidades humanas básicas.

Para isso, o quarto de dormir conta com uma estrutura propícia, fazendo do quarto um ambiente *sine qua non* durante a estadia (GOTMAN, 2019). Em conclusão, as interações humanas, nesse sentido, mostram-se acessórias, corroborando assim com a referida ausência dos quartos coletivos nas entrevistas, como lugares propícios para a constituição e aprofundamento de laços entre os sujeitos.

De toda forma, independente do grau de interação humana em cada ambiente do hostel, a oferta desses locais para os sujeitos socializarem reforça a importância da existência destes locais nos hostels para os hóspedes: “*O diferencial, pra mim, é o espaço de lazer que o hostel oferece, realmente esses lugares onde as pessoas têm a oportunidade de poder trocarem*” (Ipê-mirim, carioca, 25, HB 2). Alguns entrevistados do HB3 tecem comparações no que se refere ao processo de interação em alguns ambientes, especialmente em relação à cozinha:

[...] por exemplo, no HB3, aquela parte na varandinha sempre tem interação, a parte que tem televisão é bem própria pra assistir TV, e nas outras experiências que eu tive também sempre foi assim sempre foi é ... uma sala grande onde as pessoas ficam sentadas em puffs, ou então às vezes tinha uma cozinha e a pessoa ia pra cozinha fazer uma comida e fica trocando ideia com as outras pessoas, então eu acho que ter esses espaços coletivos que é importante pra você ter interação. (Ipê-roxo-da-mata, mineira, 33, HB 3).

[...] aqui na varanda é um espaço que a gente tá justamente pra isso, você veio pra um lugar de lazer e você tá aberto ali, às vezes você tá sentado mexendo no celular chega alguém e você conversa, mas por incrível que pareça pelo o que eu já vi que tem a maior quantidade de assunto é na cozinha [...] eu acho que lá [na cozinha] é mais comum você criar um vínculo maior do que aqui [na varanda] quando você está distraído no celular por exemplo então na minha parte assim eu percebi que rola mais conversa [na cozinha]. (Ipê-pardo, mineira, 33, HB 3).

Já no HB2, alguns entrevistados acreditam que a varanda era o local de maior interação, quando comparado à cozinha:

[...] a varanda era a maior [interação], porque era onde todo mundo sai, entra, onde todo mundo para, mais que a cozinha até. [...] aí a gente [anfitriões e hóspedes] sempre sentava na varanda, era nosso ponto de encontro assim, pra trocar ideia, falar sobre a vida, falar sobre qualquer coisa, a galera muito recíproca, sempre te deixa muito a vontade, lá eu super recomendo até. (Ipê-tabaco, carioca, 24, HB 2).

Na varanda com certeza, como tem esses sofazinhos [...] e aí tipo assim, a uma pessoa que fuma, é fato a pessoa fuma vem na varanda, aí não tem isqueiro, já virou pro lado e sempre tem alguém fumando na varanda, e aí pergunta a você é da onde? Como você chama? Aí começa... apareceu mais um sozinho,

coitado, viajando sozinho: ah, posso sentar aqui do lado? Pode, cê fuma? Sim, aqui o isqueiro. É fato, a varanda é um lugar onde tem uma concentração de pessoas, intercâmbio de ideias e de conversas. (CABJ, argentina, 29, HB 2).

[...] a varanda do hostel... com certeza essa varanda aqui o pessoal gosta muito dela, de sentar aqui mesmo e conversar. (Ubuntu, mineira, 34, HB 2).

Como é possível perceber, algumas práticas de lazer manifestam-se nestes espaços e constituem-se como gatilhos para a interação social. Nesse sentido, vale destacar dois deles. A televisão, que apesar dos criadores de hostels no Brasil, o casal Trotta, acreditarem que este aparelho impedia a socialização dos hóspedes, recusando-se deste modo a contemplar este aparelho nos hostels que implantaram no país (TROTТА, 1978). Notou-se, ainda, variados momentos em que a televisão da sala do hostel consistia em um estímulo para iniciarem as interações tanto entre os hóspedes quanto com os anfitriões. Para ilustrar este cenário, o estudante de Turismo enfatiza:

*Normalmente a pessoa vem conversar comigo, aí outra pessoa ouve e entra na conversa. Ou então alguma coisa que eu pergunto aí começa o bate papo, **ou então alguma coisa passa na televisão a pessoa comenta alguma coisa, ou então a pessoa está vendo um filme e comenta alguma coisa aí o assunto vai, aí é a quebra de gelo.** (Antenado, mineiro, 29, HB 1). (Grifo da autora).*

O trecho em questão demonstra duas situações que envolvem a televisão como protagonista para o início da interação entre os sujeitos durante a estadia. Prática comum nos hostels contemporâneos, porém inexistente quando se volta o olhar para a gênese hoteleira. Afinal, a invenção dos televisores ocorreu em meados de 1920, oito anos após a constituição do primeiro hostel idealizado por Schirrmann. Cabe ressaltar que mesmo com a popularização destes aparelhos em caráter mundial, historicamente no contexto hoteleiro:

[...] as TVs não eram parte integrante das atividades sociais [...] acreditava-se que o aparelho causava a alienação e individualização do grupo dentro do estabelecimento. As pessoas que utilizavam a TV acabavam por deixar de participar e/ou interagir em atividades que envolviam todos os hóspedes e/ou atividades exercidas fora do meio de hospedagem, como caminhadas e excursões. (BAHLS, 2015, p.169).

O segundo aspecto a ser destacado se refere ao ato de fumar, enfatizado por alguns entrevistados e também percebido nas incursões de campo como uma prática de lazer que propicia interações humanas: o cigarro, especialmente para aqueles que fazem uso de cigarro. Tal prática era recorrente nas varandas do HB2 e HB3, diferentemente do HB1,

que proibia fumar nas dependências do hostel, especialmente por não contemplar um espaço destinado para tal, sendo necessário que os sujeitos fumassem do lado de fora do empreendimento. Em função disso, notava-se em diversos momentos a presença de hóspedes fumando na porta de entrada do HB1.

Associado ao ato de fumar, também se notou a recorrência de uma prática de lazer considerada ilícita: o uso recreativo da maconha. Geralmente, o uso de drogas ilícitas e até mesmo as lícitas, é uma forma de expressar que: “[...] as pessoas buscam pela liberação dos aspectos restritivos da vida cotidiana” (ROJEK, 2011, p.141).

Nos momentos de tempo livre, muitas vezes os indivíduos têm a oportunidade de experimentar uma maior autonomia. Mediante a isso, eles se veem desprendidos de amarras sociais que regulam os comportamentos humanos, associando-se às práticas de lazer ligadas a quebra de regras e padrões socioculturais, como forma de se liberarem de restrições cotidianas (ROJEK, 2011). Cabe acrescentar, ainda:

No que diz respeito à maconha, as evidências sugerem que já existem altos índices de tolerância na sociedade ao uso da droga como um recurso de gestão emocional. A droga não é mais rotulada como necessariamente viciante, nem como risco à vida. (ROJEK, 2011, p.146).

Apesar da aparente tolerância ao uso da maconha na sociedade, ainda é considerada em muitos lugares uma droga ilícita, e restrições e punições em relação ao seu uso poderão ocorrer. A entrevistada a seguir, por exemplo, relata esse cenário, alegando ter sido expulsa de um hostel de Belo Horizonte por desrespeitar este tipo de regra do local:

Eu já fui expulsa de hostel, mas tranquilo aí, mana, ... por isso que eu friso a responsabilidade, eu já fui expulsa por falta de responsabilidade por fumar maconha, fui expulsa duas vezes. Eu to viajando há 4 meses, um foi no meu segundo mês viajando, era o meu terceiro hostel [...] e o outro foi agora antes de vir pra cá [HB2], no [ela fala o nome do hostel que ficou em BH], trocou, agora é o [fala o nome do proprietário do hostel], ela vendeu o hostel, aí a mãe dele [do proprietário do hostel] ajuda ele e tal, aí já viu né, mãe no meio. Eu acordava pra fazer café e fumava um, falta de responsabilidade, por isso eu frisei isso, aí ele me falou que não ia dar mais pra eu ficar lá e tal. E o primeiro foi porque eu... não é que eu me envolvi fisicamente não, mas uma intimidade pra hóspede virou problema lá e por fumar também. (Ipê-tabaco, carioca, 24, HB 2).

Em síntese, a partir do cenário exposto das práticas de lazer em hostel, foi possível subdividi-las em internas e externas, conforme expresso no esquema a seguir (Figura 9). As práticas de lazer externas estão interligadas a dimensão territorial, associando-se a uma das características que reportam à gênese hosteleira: o contato com a cultura local.

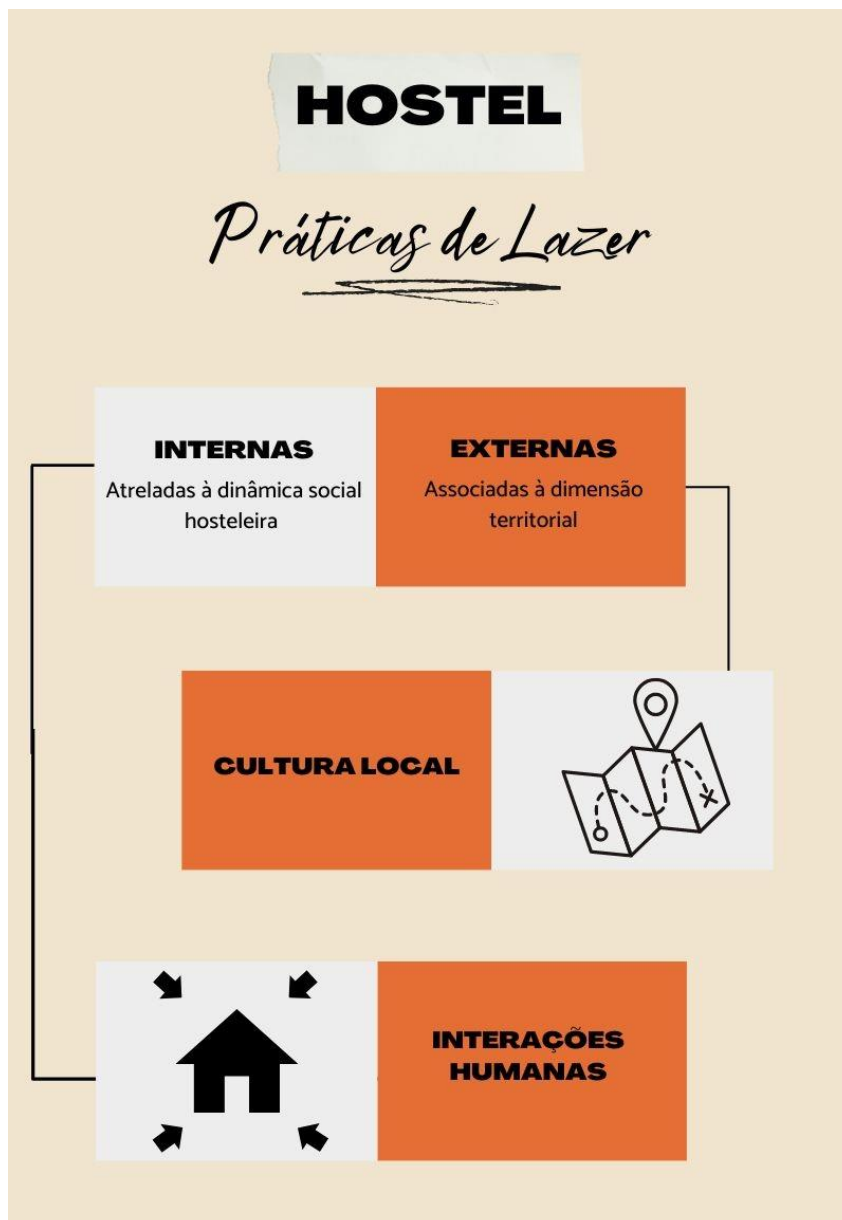
Demarcadas desta forma, pela dinâmica existente no entorno do hostel (bens, serviços e comércio local, etc.) e demais lugares da cidade associados ao lazer e turismo do destino visitado.

Na nuvem de palavras (Figura 8), algumas dessas atividades foram sinalizadas pelos entrevistados por meio das palavras mercado, feira, museu; sair, comprar, passeio e carnaval. Destaca-se que alguns desses vocábulos se referem a pontos turísticos consagrados em Belo Horizonte, como, por exemplo, o Mercado Central, a “feira hippie” e o museu, sendo este último relacionado aos espaços culturais localizados na Praça da Liberdade.

Já as práticas de lazer internas estão circunscritas às relações estabelecidas entre os sujeitos, sejam eles hóspedes ou anfitriões, e destes com o próprio ambiente hosteleiro, desde sua estrutura física até as atividades ocorridas dentro dos locais. Afinal: “o lazer é algo que faz parte do ato de viver, e se associa à busca de sentido, por meio de experiências pessoais e sociais, na maioria das vezes prazerosa, fazendo-se valer da cultura e da ludicidade” (OLIVEIRA, 2018, p.136). Esta categoria, deste modo, diz respeito à toda dinâmica que se desenha a partir deste encontro de subjetividades no contexto de hostel. O que acaba igualmente reportando à gênese hosteleira destes ambientes: a interação humana.

Acrescenta-se que em maior e menor grau, características relacionadas aos tempos e espaços da hospitalidade (CAMARGO, 2004), manifestam-se tanto nas práticas de lazer internas quanto externas. Dado que nos hostels há o prevaecimento de ações de receber, hospedar, alimentar e entreter, como visto, bem como a manifestação de características relacionadas à hospitalidade doméstica, comercial, pública e virtual.

Figura 9 – Categorização das práticas de lazer hosteliras



Fonte: Elaboração própria.

As colocações apresentadas até aqui, demonstram, portanto, que o lazer precisa ser compreendido: “[...] de modo situado em cada território e em cada experiência hospitaleira. É preciso levar em conta suas peculiaridades históricas, culturais, sociais, políticas, éticas e estéticas, entre outras, que expressam diversidades e singularidades locais” (GOMES *et al.* 2021, p.52), aspectos que dada sua complexidade anunciam desafios para o contexto de hostel.

5.3.3 O paradoxo hostelero: entre camas e louças

Inicia-se este tópico com uma analogia às paredes internas de uma casa. São variadas as funções das paredes: sustentar a estrutura de uma casa, vedar, isolar... e possibilitar privacidade. Ao levar isso em consideração, é preciso atentar para o fato dos hostels serem considerados como uma casa sem paredes (BAHLS, 2015), devido, especialmente, à existência de áreas comuns, dormitórios e cozinha compartilhados, facilitando a socialização dos sujeitos (CRÓ, 2018; ABRANTES, 2016).

Isso já evidencia uma das características deste meio de hospedagem: a partilha de privacidade. Nele, pessoas distintas e estranhas umas às outras coabitam os mesmos ambientes. Junto a isso, desafios inerentes que o convívio com o estranho possa implicar, tensionam a individualidade coletivizada. Em face disso, o quarto coletivo foi considerado um dos ambientes mais desafiadores para os sujeitos entrevistados, sendo representado pelas palavras de maior incidência na pesquisa: cama, dormir, pessoas, atenção e respeitar (Figura 10).

Figura 10 – Nuvem de palavras – Desafios hosteleros na percepção de hóspedes e anfitriões



Fonte: Nvivo – Dados da pesquisa.

Com o auxílio do software Nvivo foi possível notar a proximidade do vocábulo “problema” aos termos dormir e pessoas e, ainda que em menor grau, aparecem com destaque diferentes termos associados ao quarto compartilhado: desafios, privacidade, complicado, bagunça, ronca e chulé. Nesta direção, observa-se que o fator central imbricado nesta diversidade de palavras é a questão da privacidade.

Alguns estudiosos do tema, como Dallen e Teye (2009), afirmam que a ausência de privacidade é uma das maiores desvantagens dos hostels, em comparação com os

meios de hospedagem tradicionais. Na pesquisa realizada foi possível constatar a manifestação de uma privacidade nestes espaços. Porém, como esta privacidade é partilhada constantemente no hostel, acaba, em algumas situações, gerando tensões durante o convívio entre hóspedes. Por essa razão, reforça a noção de alojamento desprovido de privacidade e, conseqüentemente, menos vantajoso. De toda maneira, no âmbito dessa coletividade subjetivada, grupos e indivíduos se aglutinam, impactando o cotidiano dos espaços estudados e ressignificando a privacidade.

*Olha privacidade é meio complicado pra quem quer se hospedar em quarto compartilhado, né, se for ainda um feminino com banheiro você se sente mais à vontade, mas quando é aquele compartilhado homem e mulher, **eu acho que privacidade tem que ser uma coisa que a pessoa que se hospeda em hostel não se preocupe**, porque o tempo inteiro, sempre, por exemplo eu não tive problema em tá dormindo e pessoal chegar de madrugada fazendo barulho, até porque o pessoal da recepção deixava bem claro isso. Mas assim a gente tava dormindo e às vezes uma luz acendia, ou um chuveiro era ligado, mas é um custo benefício né, você economiza, mas pode passar por essas coisas também. (Ipê-rosa, goianiense, 30, HB 2). (Grifo da autora).*

[...] na moral é tudo compartilhado, não tem como fugir disso, até a conversa, tudo, tudo. Você pode tá fazendo nada que você vai tá ali com alguém, porque você nunca tá sozinho de tudo. Só se você for pro banheiro e se trancar lá, talvez você fique sozinho. Você tem que estar disposto a compartilhar, você não pode ser apegado, sabe. (Ipê-tabaco, carioca, 24, HB 2). (Grifo da autora).

Os depoimentos citados anteriormente indicam que é paradoxal o hóspede pensar em privacidade quando concorda em acomodar-se em um meio de hospedagem coletivo. Porém, os sujeitos imersos neste contexto não a dispensam. Embora os quartos sejam compartilhados, figuram como o primeiro passo na caminhada pela e para a privacidade - esta se materializa, de fato, no objeto: cama. Na pesquisa, foi verificado que a cama é a protagonista da privacidade dos hóspedes em um hostel. Um exemplo emblemático em relação à busca por privacidade diz respeito às estratégias que os sujeitos encontram para concretizá-la por meio da cama:

Alguns hóspedes usam o próprio virol da cama e amarra, fazendo uma cabaninha na cama, então o hóspede fica ali com aquele quadrado da cama fechado só pra ele. Às vezes, por exemplo, um homem gosta de dormir de cueca aí desse jeito já tem a liberdade de deitar e dormir assim porque está fechado nessa cabana e ninguém vai ver. Ou quando uma pessoa entrar no quarto e acender a luz não vai entrar aquela claridade toda dentro da cabana. Então alguns já tem essa maldade, essa experiência já tão mais acostumado. (Antenado, mineiro, 29, HB 1).

Esta narrativa exemplifica a necessidade inerente aos seres humanos de buscar a intimidade, e de se: “[...] recolher e de se esconder do assédio dos olhares estranhos”

(TOLEDO, 2017, p.51). Assim, os indivíduos buscam um espaço próprio onde seja possível se isolar e exercer a individualidade. Nesse cenário, o quarto, representa:

[...] um ambiente que pode ser cenário de diversas atividades íntimas, além do repouso, como os atos de despir-se e se vestir, é onde ficam guardados os itens mais pessoais de um indivíduo: roupas, objetos de valor sentimental e simbólico, assim como os de valor monetário. (TOLEDO, 2017, p.51).

Na pesquisa de campo foi possível verificar que alguns objetos pessoais eram deixados em cima da cama, este território demarcado e reservado para cada hóspede. Intencionalmente ou não, os objetos deixados na cama sinalizavam que ela pertencia a alguém, ainda que temporariamente, cabendo aos demais hóspedes do quarto compartilhado respeitar aquele espaço. Isso revela a necessidade de os sujeitos imprimirem sua marca pessoal no ambiente, apropriando-se de uma parte dele, a exemplo da cama.

Sendo assim, observou-se a criação de estratégias para que a cama não significasse apenas um lugar para deitar e dormir, representando uma alternativa para suprir a necessidade de privacidade em um quarto compartilhado. Afinal, “muitas pessoas, quando compartilham espaços por tempo prolongado, começam a imprimir questões próprias e pessoais para adaptá-los às suas necessidades individuais e para demarcar de certa forma seu espaço íntimo e pessoal” (TOLEDO, 2017, p.36).

Frente a isso, nos hostels, a cama figura como um dos objetos mais representativos dos quartos compartilhados. Entre idas e vindas, estadas e convivências, notou-se que a cama adquire incontáveis representações e serventias: ela era usada tanto para suprir necessidades fisiológicas como descansar e dormir, como para acolher situações de intimidade, a exemplo da troca de roupa.

A cama tornou-se, por vezes, o epicentro da sociabilização dos hóspedes, reverberando nessa busca dos sujeitos motivados a conversar, criar vínculos e estabelecer trocas culturais com a diversidade de pessoas que se hospedam nos hostels (FALCÃO, 2015; SILVA, 2015). Era nela que muitos hóspedes iniciavam diálogos e conversações, o que frequentemente facilitava a criação de vínculos e amizades. A cama era, ainda, o lugar onde as experiências de alteridade e o desejo de conhecer diferentes pessoas se faziam presentes (FALCÃO, 2017, 2015). Além disso, “apinhados” nas camas uns dos outros, os sujeitos tomam decisões relacionadas a passeios, o que abria a possibilidade de encontrar companhias para as atividades de lazer e turismo no destino visitado.

Além disso, constatou-se que a cama era usada pelos hóspedes para a vivência do lazer, seja para ouvir música, acessar redes sociais, assistir a seriados, ler e ainda programar os passeios do dia seguinte. Especialmente no HB1, a cama também era usada para jogar cartas e para brincar de “eu nunca”, um jogo descontraído que propicia que os participantes se aproximem e se conheçam um pouco mais.

Segundo Pereira (2019, p.47), o: “[...] sentido da presença da brincadeira na vida das pessoas está relacionado à busca de experimentar a realidade por outro ponto de vista”. Por vezes, o nome ou o tipo do jogo acaba não sendo o que mais importa, e sim: “[...] o que ele representa e a que ele nos remete é que vai ter sentido” (p.47). “Quebrar o gelo”, conhecer melhor outras pessoas e até mesmo estabelecer relações amorosas são alguns dos sentidos e significados que levaram os sujeitos a aderirem e se sentirem motivados para jogar o “eu nunca” no decorrer da hospedagem nos hostels investigados.

A cama como extensão da mesa foi outro aspecto observado. Alguns sujeitos a utilizavam para comer, especialmente lanches rápidos que foram preparados na cozinha do hostel, e comidas de *delivery*. Apesar destes hóspedes em sua maioria optarem por comer individualmente em suas camas, também foi possível perceber esta prática de forma coletiva, onde alguns hóspedes sentavam nas camas uns dos outros para partilharem comidas, bebidas e conversações.

Nesta senda, a cama contém um valor simbólico, assemelhando-se ao papel da mesa no processo da comensalidade. Isto porque: “[...] a mesa, antes que um móvel, remete a uma experiência existencial e a um rito. Ela representa o lugar privilegiado da família, da comunhão e da irmandade” (YASOSHIMA, 2012, p. 306). O ato de comer na cama de um hostel, nesse sentido, acaba representando uma possibilidade de aproximação e abertura de um espaço íntimo para proporcionar o encontro com o outro, indo além de um ato biológico. A alimentação representa, assim, uma forma de costurar e de manter os vínculos sociais (POULAIN, 2013).

Nesse sentido, é paradoxal pensar se a cama de um hostel a princípio seria o objeto primário para se manifestar a intimidade, nessa caminhada pela e para a privacidade. Até mesmo este espaço íntimo é acometido pelo compartilhamento, especialmente por algumas práticas de lazer dos sujeitos que acabam ocorrendo neste ambiente. Dessa maneira, a relação tríade entre sujeito/cama/quartos coletivos dos hostels, na pesquisa, revelaram aspectos da dinâmica comportamental humana.

Tratando-se do convívio em quartos compartilhados, identificou-se o imperativo de que os sujeitos respeitem, minimamente, as regras de convivência, tais como

cordialidade e respeito ao espaço de cada um, evitando trazer incômodos e inconvenientes na partilha do mesmo ambiente como se fosse um *fair play* (jogo justo), ou seja, respeitando para ser respeitado (TOLEDO, 2017).

Contexto o qual pode ser representado pelos termos: responsabilidade, aceitar, lidar e aprender, sinalizados pelos sujeitos (Figura 10), como sendo alguns atributos necessários para se conviver durante a estadia em quartos compartilhados. Cabe acrescentar que muitas vezes a referida educação, o bom senso e o jogo justo, dão lugar ao bem estar próprio, ainda que possa causar algum transtorno a outrem, fator que evidencia em algumas situações, o prevalecimento da individualidade sobreposta à noção de coletividade. Dessa maneira, ações individuais reverberam no coletivo, descortinando desafios inerentes à partilha com estranhos.

Sendo assim, o quarto coletivo de dormir contempla essa ambiguidade quando se trata de vivenciar a privacidade. Devido ao fato de os sujeitos necessitarem dos sentidos e das necessidades fisiológicas de forma continuada, e a partilha dessas funções pode ocasionar em constrangimento, pois, “pessoas podem roncar, não tomar banho, ser desorganizadas, desrespeitosas, ou fazer barulho enquanto alguém dorme, entre outras atitudes e comportamentos” (TOLEDO, 2017, p.35-36).

Mesmo que existam casos de pessoas que tendem a não sentir incômodos em relação a isso, há aquelas que manifestam sentimentos de aflição, preocupação e constrangimento. Afinal, cada sujeito segue códigos socioculturais próprios, reagindo de determinada forma. “A experiência de se dividir espaços com tranquilidade e naturalidade está diretamente ligada à cultura de um indivíduo, pois ao se deparar com alguém [...] cujo o senso alheio é falho, saberá reagir buscando seus direitos” (TOLEDO, 2017, p.35-36). Para os sujeitos entrevistados a palavra respeitar, como visto na figura 10, mostra-se representativa, realçando, deste modo, a necessidade de cada hóspede em acatar as delimitações visíveis e invisíveis de cada sujeito envolvido no cotidiano de hostel.

Em face disso, constata-se a preocupação por parte dos anfitriões na tentativa e busca para manter a privacidade ainda que partilhada, pois acreditam na importância disso para os hóspedes, uma vez que: “[...] eles precisam ter aquela segurança de quando eles precisam dormir, eles vão poder dormir sem barulho” (Ubuntu, mineira, 34, HB 2). Para garantir isso, os anfitriões tentam manter certo equilíbrio entre os direitos e deveres individuais e coletivizados com vistas a garantir aos indivíduos satisfação durante a estadia. Sendo a forma de tratamento para lidar com os possíveis desafios dos hóspedes, um dos caminhos para tentar alcançar essa harmonia:

Tem que ter paciência e você tem que aprender a lidar com elas entendeu? E você também não pode chegar querendo brigar com todo mundo: ah tira seu sapato daqui, fala baixo. Não pode, é um espaço comum, então você tem que aprender isso, tem que aprender a tratar as pessoas, lidar com elas entendeu? Falar de um jeito que realmente a pessoa consiga fazer aquilo que você tá pedindo, não chegar e impor. (CABJ, argentina, 29, HB 2).

Flexibilidade, noção, senso, empatia, *feeling*, paciência, coletividade, cooperação são alguns dos atributos necessários apontados pelos anfitriões para garantir uma estadia com menores atritos, facilitando o processo de compartilhamento. A turismóloga salienta: “*Os grandes desafios são quando as pessoas não entendem o propósito de compartilhamento, o propósito de que um hostel não é seu, é nosso né, é todo mundo junto utilizando o mesmo espaço, e tem que ser bom pra todo mundo*” (Ubuntu, mineira, 34, HB 2).

Em decorrência dessa distorção do meu e nosso, é comum o anfitrião receber reclamações variadas em relação a odores corporais, bem como a postura de outros hóspedes no quarto compartilhado, como, por exemplo, no que diz respeito às desordens de objetos pessoais. Essa situação pode ser articulada ao que Camargo já mencionou em seus estudos: “O indivíduo vulgarmente chamado de espaçoso é o que viola os limites do espaço físico instituídos pelo anfitrião” (CAMARGO, 2021, p.11).

Muitas vezes, os incômodos atingem tamanha proporção que solicitações para mudança de quarto costumam acontecer. Os sujeitos, ao perceberem companheiros com o senso de coletividade falho, ou seja, que desrespeitam de alguma forma o uso do espaço e as normas que lhes são inerentes, irão em busca da garantia dos direitos coletivos, sendo necessária a intervenção por parte de anfitriões:

Ontem chegou um argentino que não queria mais fechar a matraca. [...] ele foi tomar banho quando todo mundo já tava dormindo, então eu imaginei, isso deve ser da cultura dele. [...]chegam no quarto [os hóspedes], quer conversar, vai acender luz, ligar ventilador, vai mexer em saco que faz barulho, mas é divertido. [...] aconteceu algo inusitado aqui, eu mudei de quarto, a moça do atendimento fez uma realocação, botou gente que estava trabalhando tudo junto. E quem tava "a lazer" em outro quarto. Acho que ela percebeu que estava gerando um desconfortozinho, ela tem a cabeça muito boa.(Ipê-amarelo, baiano, 53, HB 1). (Grifos da autora).

Ah teve assim... mas são pessoas né, pessoas são difíceis de lidar. Teve uma pessoa que tava fazendo bagunça lá no quarto, falava alto demais, eu falei: nossa, que que é isso, aí chegou num ponto da colega [anfitriã] ir lá e dá uma bronca nele. Então você lida com essas coisas do dia a dia. (Ipê-amarelo-do-brejo, mato-grossense, 33, HB 2). (Grifos da autora).

*E agora pouco tempo atrás também chegou uma pessoa muitoreligiosa e ela acordava 4 horas da manhã e começava a ler a bíblia **gritando dentro do quarto. Tive que falar pra ela: olha, você tem que respeitar as outras pessoas que estão dormindo aqui com você.** E isso não tinha horário, eram 4 horas da manhã, 6 horas da manhã, meio dia, 7 horas, eu acho que era alcorão. Ele era do Brasil [...], eles não reclamavam [os hóspedes no quarto], **mas a gente tirou eles do quarto, mandou pra outros quartos e aí ele ficou sozinho.** Mas a gente conversou com ele e parece que ele entendeu que não podia fazer isso, depois ele fazia no quintal, na varanda, mas no começo ele fazia dentro do quarto, foi... foi **tenso.** (CABJ, argentina, 29, HB 2). (Grifos da autora).*

Sob este lócus de discussão, um agrupamento foi feito considerando os principais desafios relacionados à privacidade, especialmente nos quartos compartilhados. Em relação a isso, foram constatados na pesquisa de campo os seguintes resultados relacionados a seguir.

1) Ruído: associado a sons de qualquer natureza, executados pelos companheiros do quarto coletivo, que de alguma maneira geram inconvenientes para os demais.

*Todo hostel tem quarto compartilhado por exemplo, e é isso você vai tá compartilhando um quarto com um tanto de pessoas que você não conhece, não sabe quais são os hábitos da pessoa. Mas você sabe que aquele lugar as pessoas usam pra descansar. Então, por exemplo, você não tá na sua casa que pode **chegar, entrar no quarto e colocar uma musiquinha [...]** então é isso, **você tem que respeitar o sono dos outros, respeitar os horários, entendeu? Entrar sem fazer barulho à noite,** essas coisas. (CABJ, argentina, 29, HB 2). (Grifos da autora).*

*Teve um hóspede que ficou aqui 5 dias e os 5 dias ficou reclamando que um cara tava **roncando alto.** Todo dia, na hora que eu falava bom dia pra ele, ele falava: bom dia, mas **não dormi bem** essa noite porque tinha alguém **roncando.** E aí só no último dia que ele foi **comprar um protetor auricular.** [...] E aí as pessoas que já estão mais acostumadas já vem com protetor auricular, vem com máscara para dormir, já vem preparado pra esse tipo de coisa. (Antenado, mineiro, 29, HB 1). (Grifos da autora).*

*Eu lembro uma vez que eu passei **raiva com uma pessoa** lá, nossa, **ele roncava tanto!** Teve uma hora que acordei ele, e falei: oh moço, por favor. **Eu não aguentei, eu precisava dormir pro outro dia, precisava acordar cedo pro outro dia.** E eu não consegui porque era época de carnaval e eu precisava dormir, e eu não conseguia dormir de jeito nenhum. **Teve uma hora que eu quase fui pra um hotel [...].** Quase que eu fui parar lá por causa disso, entendeu? **Só que ele pediu desculpas** e tal, era o jeito que ele tava dormindo, aí ele virou de lado e parou de roncar. (Ipê-verde, mineiro, 30, HB 1). (Grifos da autora).*

2) Odor: refere-se aos odores corporais exalados pelo corpo de companheiros do quarto coletivo que podem trazer incômodos aos outros.

*O primeiro dia que eu cheguei em fiquei num quarto compartilhado com um cara, eu ia ficar né, e o cara assim Deus que me perdoa, mas um cara extremamente porco, **com um chulé imenso,** e tava um **cheiro muito ruim no***

quarto[...] e aí eu pedi pra trocar de quarto, fiquei em outro quarto que tava mais arejado lado a lado e ficou tudo bem. (Ipê-amarelo-da-casca-lisa, paulista, 28, HB2). (Grifos da autora).

*Tem que ser uma pessoa limpa, porque **senão seu fedor pode incomodar a pessoa que tá dormindo do lado, entendeu? Não é bom entrar no quarto com chulé não, então é isso entendeu?** (CABJ, argentina, 29, HB 2). (Grifos da autora).*

*[...] ele [um dos companheiros de quarto] tinha um **chulé muito forte**, então eu já imaginei que é da cultura dele esse **cheiro no corpo** [...] então eu imaginei isso, deve ser da cultura dele, **deve ser um hábito**, e aí né, bola pra frente, e a moça [anfitriã] foi tão sensível que ela **colocou aquele bom ar no quarto**. (Ipê-amarelo, baiano, 53, HB 1). (Grifos da autora).*

3) Desordem: concernente a todo tipo de desordem por parte dos hóspedes, que possa ocorrer no processo de compartilhamento de quarto e gera desconfortos a outrem, violando os limites do espaço físico.

*Já aconteceu várias vezes de eu ir pro banheiro e eles [companheiros do quarto coletivo] **deixarem roupa jogada lá, carteira, jogada lá sabe**. Pessoa saía e **deixava jogado**, aí eu ia lá pegava e deixava em cima da cama de cada um. (Ipê-verde, mineiro, 30, HB 1). (Grifos da autora).*

*Eu acho muito bacana essa questão de hostel não ter camareira, não ter faxineira. Tem a faxineira da casa, que vai manter o mínimo de organização, mas não é aquela coisa de que estou aqui me sirvam, façam tudo para mim, entendeu? Isso me incomoda muito porque **se eu tô no quarto eu não tenho que deixar o quarto uma bagunça porque tem outro pra arrumar sabe? Eu posso até deixar uma bagunça, mas que eu arrume ela depois**. (Ipê-amarelo-cerrado, mineira, 40, HB 2). (Grifos da autora).*

*[...] tinha coisa dele **jogada pra todos os lados assim**[companheiro de quarto]. (Ipê-amarelo-da-casca-lisa, paulista, 28, HB2). (Grifo da autora).*

4) Instalação sanitária: diz respeito ao compartilhamento de banheiro de uso coletivo, por vezes, localizado dentro do quarto compartilhado.

***O banheiro é a parte mais complicada**. Porque dividir banheiro é foda, né! Porque sempre tem uns **pinguinhos de xixi** no banheiro, sempre tem uns **cabelinhos no ralo**, então, tipo assim, **essa é a parte que eu não recomendo, mas é necessária porque não tem outro jeito**. E aí é isso, então eu recomendo sempre tomar banho de chinelo, isso é o que eu faço pra tá de boa. (Ipê-tabaco, carioca, 24, HB 2). (Grifos da autora).*

*O banheiro do HB3 às vezes tava **nada higiênico**, pegava o banheiro **tudo molhado...**, mas isso **não me irrita**. (Ipê-felpudo, catarinense, 32, HB 3). (Grifos da autora).*

*Se você estiver em um quarto coletivo você precisa **tomar cuidado com o banheiro, poxa, deixa sempre cuidado**, deixa sempre limpinho, vai vir outra pessoa e vai utilizar. Eu acho que é muito isso a ideia do hostel também, né. Você tem ali a riqueza de conhecer outras pessoas e tudo de bom pra você, mas a gente tem que **se preocupar com o outro também** porque é coletivo.*

*Assim como você quer ser bem recebido, você quer que esteja tudo no jeito pra você, você tem que pensar que vai ter outras pessoas que vão tá utilizando o mesmo espaço e você tem que cuidar um do outro ali, porque senão vira **bagunça**, né. Eu acho que é muito isso a ideia do hostel. Pensar no coletivo, cuidar do espaço coletivo. (Ipê-pardo, mineira, 33, HB 3). (Grifos da autora).*

5) Nudez: referente a situações em que alguma forma de nudez possa ocorrer em quartos compartilhados e/ou demais ambientes dos hostels, o que constrange mulheres e homens hospedados no hostel.

*[...] subindo com ela [levando a hóspede recém-chegada para o quarto do hostel] na hora que eu abri a porta, esse cara tava **dormindo pelado**. Ela virou na hora, ela olhou para mim: aquilo ali é um **homem nu**? **Eu quero outro quarto, aí eu falei pra ela: eu vou te dar outro quarto.** [...]teve um estrangeiro, australiano, muito gente boa, **mas o cara andava de cueca mesmo, saía de cuecão mesmo, rodando pra lá e pra cá de cuecão no hostel. Vinha conversar com a gente de cuecão.** Aí eu tive que virar e falar com ele pra **não andar sem camisa**, pediram pra eu falar sem camisa. A gente fala sem camisa, mas era pra ele entender que **não era pra andar sem calça também**. (Antenado, mineiro, 29, HB 1). (Grifos da autora).*

*[...] eu não fico trocando de roupa no quarto, aí eu sentei um pouco na cama pra descansar. De repente o cara abre a porta, **ele tava só de cuecaeu não esperava**. Oi, tudo bem? Tudo... bem... eu fiquei bastante **constrangida** e pensei: nossa, que **folga**. Mas ele era bacana, o moço, sabe. **Tem uns que são bem folgados, né!** Então pra evitar, eu dou meu jeito pra ficar em quarto feminino. (Ipê-branco, paulista, 58, HB 1). (Grifos da autora).*

*[...] tinha um senhorzinho no meu quarto que **ficava decueca dentro do quarto**, deitado na cama de cueca, uma cuequinha branca. Ai, que **desespero**, eu lembro que eu tive que ir lá na recepção reclamar: olha, vocês podiam ir lá dar um toque nesse senhor, porque **tem um monte de gente no quarto né, tem menina no quarto**. (Ipê-roxo-da-mata, mineira, 33, HB 3). (Grifos da autora).*

*[...] eu entendo que num quarto misto, de vez em quando você vai ver alguém de cueca ou de sutiã. Não sei, as pessoas trocam de roupa achando que as outras pessoas estão dormindo, enfim. Mas, pôxa, ele tava **andando de cueca na minha cozinha**, como sempre na minha cozinha... na cozinha do hostel, e a [diarista do hostel] **ficou escandalizada**, ele **andando de cueca pela casa** [...] e aí eu fui falar com ele: olha, então, eu vou pedir você a gentileza se você for transitar pela casa, você **não transitar de cueca, porqueos outros hóspedes podem se sentir ofendidos**. Eu não vi ele mais de cueca, mas a cara que ele fez pra mim quando eu falei, porque era uma mulher chamando a atenção dele, sabe. (Ubuntu, mineira, 34, HB 2). (Grifos da autora).*

6) Relação sexual: referente às tentativas de hóspedes de relacionar-se sexualmente em quartos compartilhados e, por vezes, chegar à consumação do ato neste espaço coletivo.

*[...] teve uma situação de uma pessoa querendo entrar na cama da outra e deu aquela **confusão toda**. E você tem que chegar pra pessoa e falar: não, tem que ir embora, **as suas atitudes não batem com a filosofia do hostel**, entendeu? Não é muito legal, mas às vezes você tem que fazer isso também. Lógico você vai buscar primeiro outros jeitos, se não deu certo nesse grupo*

de pessoas você vai mandar ele pra outro quarto, vai **separar** eles. (CABJ, argentina, 29, HB 2). (Grifos da autora).

A gente pede pra não dormir na mesma cama, né. Duas pessoas em um quarto compartilhado e tal, e já aconteceu de um casal tentar se relacionar em uma cama num quarto misto, cheio. Que pessoas abertas! E aí desce o outro, a pessoa escandalizada [reclamando]: eles estão fazendo sexo. E eu tenho que subir lá, bater na cama e falar: Gente, eu vou pedir pra vocês dormirem em quartos separados se isso continuar acontecendo. [...] eu até brinco: Gente, é um hostel, não um motel. Não pode, essas coisas não dá[...] O [um dos anfitriões do hostel] me avisou que o carnaval não seria fácil, porque as pessoas iriam querer fazer sexo pela casa inteira, mas o meu carnaval foi super tranquilo, não teve problema. (Ubuntu, mineira, 34, HB 2). (Grifos da autora). (Grifos da autora).

7) Diversidade de pessoas: concernente aos desafios em relação aos distintos perfis de hóspede que um hostel tende a hospedar.

Tem pessoas que são violentas, chega todo tipo de pessoa aqui, pela questão de ser mais econômico que um hotel, e tem pessoas que realmente estão em situação mais vulnerável sabe, pessoas que são mais carentes as vezes, que precisam de mais atenção, já chegou pessoa aqui sentou na recepção só pra trocar uma ideia, pessoa que procura pra conversar, pra desabafar pra ter uma sei lá ideia diferente, olha tá acontecendo um problema na minha casa, eu sai pra ficar uma semana aqui pra ver se eu consigo relaxar e tal, e aí depois sem querer a pessoa vai contando os problemas que tá acontecendo na casa dela, por que que ela veio parar aqui. Ou uma pessoa que saiu pra fazer mochilão: nossa perdi meu avô, que era muito perto de mim e de minha mãe, e aí eu decidi sair, viajar pra entender essa experiência. E aí cada pessoa tem sua experiência, tem sua bagagem diferente, e você tem que tá aberto pra receber ele e tentar fazer com que a experiência seja boa. Mesmo as vezes não dando certo e você ter que expulsar pessoa do hostel. (CABJ, argentina, 29, HB 2). (Grifos da autora).

Porque a gente tá em um hostel e recebe tudo que é tipo de pessoas, então pessoa que normalmente já tem a hospedagem feita previamente por telefone ou alguma coisa, beleza, são pessoas que você já se comunicou, algumas já pagaram certo valor e tal. Aí qualquer problema que ocorre aqui cabe a nós resolver tanto o pessoal que é dono quanto nós que somos anfitriões, tentar contornar da melhor forma possível. O problema é quando chega igual esse cara que chegou com amnésia. (Antenado, mineiro, 29, HB 1). (Grifos da autora).

Uma vez tinha um hóspede que chamava [nome ocultado], ele visivelmente, não sei se era algum distúrbio, não sei qual palavra que eu posso usar, mas você olhava pra ele e via assim, era uma pessoa que tomava remédio, mas era uma pessoa lúcida, mas você via que faltava alguma coisa no [nome ocultado] assim, e eu começava a perceber que só o fato de sentar com ele em algum lugar, e olhar no olho sabe? Que isso fazia bem pra ele. (Sonhador, mineiro, 29, HB3). (Grifos da autora).

Tivemos uma pessoa com esquizofrenia também, as vezes chega pessoas assim, ou também já rolou muitas vezes pessoas que a família não quer ter eles em casa, pagam um hostel, pagam um albergue pra ter essas pessoas

*longe. Geralmente são pessoas assim, são **pessoas carentes** ou são **pessoas com problema** entendeu? Muitos desses com **problemas mentais**, isso aí é um pouco complicado porque a gente **não está preparado** pra receber esse tipo de pessoas entendeu? Mas é isso, aqui é barato, o primeiro lugar que cai é num hostel. E a gente **tenta ser empático** e tal, mas eu acho que os psicólogos têm uma formação pra entender e tratar este tipo de pessoa e a gente tá muito longe disso. (CABJ, argentina, 29, HB 2). (Grifos da autora).*

Para além dos desafios supracitados, ainda que em menor destaque, a cozinha também foi sinalizada como um ambiente receptor de situações conflitantes representadas na Figura 10 pela tríade: negativo, cozinha e bagunça. As palavras “louça” e “deixava”, também marcam presença, cabendo enfatizar a proximidade delas aos vocábulos “pessoas” e “problema”.

Ademais, os seguintes termos foram igualmente associados à cozinha: lavar, complicado e responsabilidade (Figura 10). A cozinha, neste panorama, mostra-se enquanto um local ambíguo, onde simultaneamente se manifesta grande parte das interações humanas em hostel durante a estadia, tal como apresentado no item anterior, e, analogamente se mostra como um ambiente conflituoso.

Observando o ir e vir de uma cozinha para entender a relação dos sujeitos nesse/com espaço, notou-se a figura aparentemente inocente do copo, contribuindo para desencadear todo um processo de transgressão de regras por parte dos sujeitos hóspedes. Basta chegar um hóspede beber água e colocar o copo recém utilizado na pia que mais copos vão se achegando, se acumulando. Copos dos mais variados tipos, tendo sido utilizados para receber diversos líquidos: café, suco, chá, leite, água, entre outros. Junto a eles outros utensílios, tais como vasilhas, panelas, talheres e pratos começam a se avolumar na pia. O anfitrião ao chegar na cozinha e se deparar com aquela cena, repleta de “meliantes” constata com certa tristeza e desânimo, já ser tarde a procura pelos responsáveis daquele atentado. E, ao anfitrião por estar ali para zelar pelo espaço como um todo, nada lhe resta senão limpar e organizar o desrespeito a norma ali deixado, materializado em louças sujas. Houve até momentos tragicômicos dessa relação hóspede-cozinha-anfitrião, onde via-se o anfitrião em sobressalto ir atrás de hóspedes antes de adentrarem para o seu universo chamado cama-quarto, com vistas a “fazer valer as normas”, solicitando-o lavar a louça recém utilizada. Ao receber tal solicitação, as reações eram das mais diversas, desde olhares envergonhados, pedidos de desculpa, e/ou alegando esquecimento, a certos olhares de desdém, alguns desgostosos e até mesmo o não cumprimento do que fora solicitado pelo anfitrião. (Nota de campo, 7 fev. de 2020, HB1).

Enquanto um espaço essencialmente sociável, entre louças, comidas e interações, a dinâmica relacional humana hosteleira ganha outros sentidos. Revelando assim, desafios e tensionamentos tecidos neste palco de ambiguidades, como exemplificado no fragmento anterior. Onde a pia da cozinha torna-se a protagonista. Facilmente nota-se a

cozinha, como sendo um dos locais de transgressões da norma basilar deste ambiente: limpar o que sujar. Isto porque turbulências podem emergir ao se olhar de forma mais aprofundada para os melindres da hospitalidade (MONTANDON, 2003).

Eu acho que os grandes problemas em relação aos hóspedes é essa questão, é a questão de você não deixar a louça suja na pia porque daqui 5 minutos vai vir um hóspede querendo usar o que você usou anteriormente e ela estará suja. Se você já terminou seu uso com ela, mas tá impossibilitando outra pessoa de usar porque você não cuidou, do que não é só seu, daquilo que é de todo mundo. (Ubuntu, mineira, 34, HB2).

Ainda que a cooperação e o espírito de coletividade possam ocorrer na cozinha de um hostel como visto do subitem anterior. O oposto também acontece, mesmo que em menor grau. Alguns cozinheiros solitários preparam a própria comida não oferecem a ninguém, evidenciando não ser uma regra as retribuições, demonstrações de afeto e de gratuidade por meio da partilha de alimento. Há, ainda, aqueles preparadores de comida individuais, que também não limpam e não organizam o que utilizaram, cabendo ao anfitrião intervir quando essa norma é desrespeitada.

Os interlocutores anfitriões garantem que muitas vezes já estão cientes do perfil de hóspede, - ainda que esporádico-, que adota esse tipo de postura: geralmente, são hóspedes que desconhecem a dinâmica de um hostel, como já descrito anteriormente, diz respeito aos **desconhecedores**. Sendo assim, os anfitriões precisam estar atentos para lembrá-los do cumprimento das regras, educando-os frequentemente na vigência da estadia. Para esses sujeitos, nem mesmo as frases como lembrete parecem ser suficientes para respeitarem a regra do ‘sujou lavou’.

Acrescenta-se ainda, que especialmente quando o hostel está com um alto fluxo de visitantes, são incontáveis as vezes em que não é possível flagrar e autuar o infrator, dado o excesso de demandas que recaem sobre os anfitriões. Por vezes, cabe inclusive aos hóspedes estimularem aos demais a seguirem as normas da cozinha, conforme endossado no excerto:

Eu já fico em hostel há mais tempo, eu escuto muito, principalmente em BH, de pessoas que é a primeira vez [em hostel], e foi assim tentado pelo preço, pelo valor e chega lá é descobrem que é outra coisa e aí as pessoas se surpreendem, sabe? De repente se veem conversando com outras pessoas de outros lugares, aí a gente que já conhece né, que sabe como funciona a gente dá um toque: oh tem que lavar o pratinho tá, mas a gente fala de uma forma tranquila sem cobrança porque realmente as pessoas não sabe né, tem muitas pessoas que não...não...sabem que acham que é uma hospedaria que vai ter funcionário ali pra tudo e não é assim, então a gente fala tranquilo, e a pessoa: eu não sabia. Não, não tem problema tá sabendo agora, a partir de

agora você lava seu prato e seu copo. E eu percebo que as pessoas saem diferente, sabe? Elas começam no outro dia já com esses novos hábitos, e aí quando se despedem falam: poxa que experiência interessante né, diferente assim, acho muito legal. (Ipê-amarelo-do-cerrado, mineira, 40, HB 2). (Grifos da autora).

Além dos transgressores solitários, há ainda aqueles atuantes que burlam coletivamente. Grupos formados parecem sentir maior coragem em burlar as normas, expressões como: ‘deixa aí’, seja o copo sujo, o prato sujo ou o que quer que tenha sido utilizado, são acompanhadas por escapadas rápidas, - para refugiar-se seja no quarto ou na rua -, entoadas por gargalhas e troca de olhares após infringir as normas da cozinha coletiva. O que acaba remetendo às formas de lazer consideradas selvagens, que nada mais são do que: “oportunidades baseadas em tipos de quebra de regras. Isto é, são formas esporádicas de crimes associadas com rir ou quebrar as regras por diversão” (ROJEK, 2011, p.144).

Para, além disso, ainda que o burlar não tenha sido encorajado por outrem diretamente, basta um único movimento, de alguém deixar um copo usado, que em poucos minutos a pia está repleta de louças, uma pilha de louças transgressoras, representando cada meliante e ligando-as ao primeiro transgressor.

De maneira geral, portanto, basta um hóspede burlar as regras da cozinha, para vários ou até mesmo os “desavisados” irem atrás. O resultado? Uma pia empilhada de louças sujas. O processo basicamente se desencadeia por meio de um fio condutor, um meliante, um único objeto que iniciou todo esse conflito: o copo. Cabe frisar, todavia, que o contrário também acontece, basta ver um exemplo de cumprimento da norma que os demais sujeitos respeitam instintivamente.

Durante as incursões de campo, também foi possível perceber, hóspedes assumindo a tarefa deixada por outrem, um exemplo disso, refere-se aos momentos em que alguns hóspedes ao lavarem o que foi utilizado, acabam limpando o que já se encontrava na pia, deixado pelos hóspedes infratores.

A gente às vezes recebe aquele hóspede que quando chega aqui não quer lavar seu copo, por exemplo. E é uma coisa que a gente fala no check-in, isso aqui é um hostel a gente pede colaboração pra você limpar a sua sujeira. Se você precisar de ajuda pode nos procurar, porque às vezes é uma coisa grande né, igual, já teve caso de derramar uma garrafa de vinho no meio da cozinha. Eu não ia fazer meu hóspede lavar toda a cozinha. Eu só falei assim fica tranquilo e fui lá e ele me ajudou esse cara foi uma cara muito simpático, não você vai se cortar, eu não tudo bem, juntei tudo, ele me ajudou a limpar e no outro dia a [diarista do hostel] lavou a cozinha inteira, mas tem gente que é incapaz mesmo de tirar a sua xícara, e levar a cozinha e lavar, é uma dificuldade que têm que toda vez tá lembrando, mas sempre com muito bom humor, porque

fica escrito na parede da cozinha inclusive, em várias línguas: lave por favor a sua louça, e aí a gente chega e fala você pode lavar por favor, a [diarista do hostel] só cuida do hostel dos quartos, ela não cuida da louça, tem gente que vai numa boa, fala vou lá, e gente que não, e fecha a cara, mas aí a gente respeita porque não tem muito o que fazer [...] mas aqui no hostel é muito importante, porque se eu não lavo a minha louça e o próximo não lava, depois eu vou ter que lavar a minha louça e a do próximo. E uma hora eu vou cansar de ficar lavando a louça do próximo, entende? E vou parar de lavar a minha, e vai virando uma bola de neve, entende? (Ubuntu, mineira, 34, HB2).

Nesse sentido, foi possível constatar, na presente pesquisa, que a cozinha de um hostel se mostra paradoxal. Pois, se por um lado é um dos espaços onde a interação se vê facilitada, especialmente, pelo ato de alimentar, emergindo atitudes de coletividade e cooperação entre outras como já descrito. Por outro, a quebra de padrões da ordem imposta se faz presente, por meio da transgressão de regras por parte de alguns hóspedes.

Assim, a aproximação com o lugar da pesquisa, demonstrou como é tênue a linha existente entre a liberdade e o desvio, a individualidade e a coletividade, seja na cozinha, seja no quarto, características que estão em constante oscilação, demarcando as interações humanas e tecendo desafios no contexto de hostel:

Olha é muito interessante porque parecem duas palavras antagônicas, mas não são, que é independência e coletividade, cooperação sabe? Ao mesmo tempo que o hostel ele é uma coisa muito independente né, você entra a hora que quiser, sai a hora que quiser, come a hora que quiser, ninguém toma conta de nada né, ninguém te vigia, acho que isso te dá muita liberdade, te dar muita independência, mas é um cooperativismo, porque pra casa andar, pra casa tá legal pra todo mundo, todo mundo tem que cooperar. Então tudo bem você quer comer meia noite? você come, mas você lava tudo porque no outro dia cedo tem café da manhã e não é legal a gente chegar às 6:00 da manhã com aquela pilha de louça né pra arrumar antes de tomar café. Então eu acho que a junção dessas duas coisas, principalmente a coletividade é sensacional, eu acho que as pessoas saem outras assim. (Ipê-amarelo-do-cerrado, mineira, 40, HB 2).

Assim, a imersão no locus da pesquisa demonstrou como é paradoxal e tênue a linha existente entre a liberdade e o desvio, a individualidade e a coletividade, seja no quarto ou em outros espaços do hostel. Esses aspectos tensionam as interações humanas, fazendo com que vários desafios sejam identificados no contexto de hostels.

Tendo em vista que o hostel constitui-se como um espaço em que todos são bem-vindos, pessoas dos mais variados tipos podem se misturar ali, convivendo livremente (SIMPSON, 2015). Essa tônica, apesar de legítima, conforme visto, faz-se necessária para que os hóspedes respeitem as normas e demais companheiros dos ambientes compartilhados, como forma de minimizar possíveis desafios e atritos.

Isso se torna mais notório nos quartos coletivos, uma vez que o convívio com pessoas que possuem hábitos e comportamentos distintos neste espaço pode exacerbar as nuances da privacidade quando esta precisa ser compartilhada. Isto posto, finaliza-se este tópico com o depoimento de um dos anfitriões (Sonhador, mineiro, 29, HB3) acerca do hostel: *“É um espaço que pode aceitar todos, mas também não se deve aceitar tudo. Não é porque eu tô num hostel que eu tenho que aceitar tudo”*.

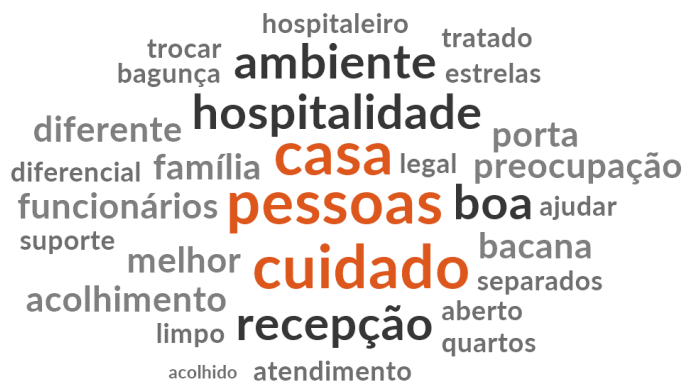
Por fim, objetivando concluir o capítulo em questão, o subitem a ser exposto na sequência contempla a noção de hospitalidade em hostel a partir da perspectiva dos hóspedes entrevistados.

5.3.4 Hostel e Hospitalidade: sinônimo? diferencial?

A partir da análise do material da pesquisa, foi possível verificar que a percepção da hospitalidade em hostel para os hóspedes se mostra simultaneamente como sinônimo e diferencial destes espaços. Isto porque, parcela significativa de hóspedes entrevistados associam a hospitalidade como uma característica inerente ao hostel, e por sê-lo, constitui-se como o diferencial deste espaço. Frente a isso, tal junção atribui diretamente a uma carga valorativa. Isto quer dizer que diversas conotações de viés qualitativo são utilizadas para se referir à hospitalidade em hostels.

Observando atentamente a Figura 11, termos como: ambiente, hospitalidade, casa, pessoas, cuidado e recepção, ganham destaque no centro da nuvem. E em menor escala incontáveis vocábulos são mencionados para qualificar essa citada atribuição aos hostels na percepção dos sujeitos, como por exemplo: hospitaleiro, diferente, diferencial, família, funcionários, suporte, melhor, acolhimento, acolhido, atendimento, tratado, legal, preocupação, boa, ajudar, bacana e aberto.

Figura 11 – Nuvem de palavras – Percepção dos hóspedes em relação a hospitalidade em hostel



Fonte: Nvivo – Dados da pesquisa.

Tal panorama acaba reforçando aspectos descritos em momentos anteriores, sendo importante reiterar alguns deles como: o papel e atuação dos anfitriões na tentativa de tornar a cena hospitaleira para os hóspedes; a constituição e aprofundamento de laços entre os sujeitos; e, a percepção de casa e “família” entre alguns dos entrevistados. Frente a isso, as colocações a seguir ratificam a percepção da hospitalidade como sinônimo e diferencial de um hostel:

O grande diferencial do hostel é a hospitalidade. Resumindo, é família, não é só vínculo de amizade não, é família mesmo, sabe? Igual a Buscadora, que é ex-funcionária deles, foi pelo tratamento dela que nós nos tornamos amigos íntimos, a ponto de saber a intimidade de ambos. Entendeu? Então assim, a hospitalidade é o diferencial. E outra coisa também é o pessoal todos os outros hóspedes de outros quartos se interagirem entre si, pra mim o diferencial é esse. Você não precisa se preocupar com que roupa você vai sair, com que jeito você vai sair do quarto. Todo mundo não olha seu jeito de ser não, parece que já conhece a gente a mais tempo. (Ipê-verde, mineiro, 30, HB 1). (Grifos da autora).

Eu acho que o hostel ele é composto disso né de hospitalidade, essa é a base, porque se ele não tiver hospitalidade ele se torna um hotel. Onde as pessoas entram e saem não tem interação, não conversam, é uma troca mesmo só de prestação de serviço né. Em hostel não, a partir do momento que você tem essa hospitalidade, que tem essa receptividade ele passa a tornar mais uma família né, não uma prestação de serviço unicamente, esse é o diferencial mesmo. (Ipê-amarelo-da-casca-lisa, paulista, 28, HB 2). (Grifos da autora).

[...] cuidado dos donos em tá sempre fazendo pequenas melhorias, então eu vejo isso como hospitalidade porque eles estão querendo bem estar, tão querendo que você se sinta bem no ambiente [...] eles têm um cuidado com os hóspedes, eles têm uma preocupação com seu bem estar, de você estar se sentindo bem em um ambiente que te agrada, em um ambiente que faça bem pra você. E a mesma coisa com os funcionários né, que não são os donos, mas se você mandar uma mensagem de dentro do quarto pro funcionário que tá na recepção pelo WhatsApp ele mesmo resolve, vai lá no seu quarto e te entrega

o que você estiver precisando, eu vejo muito esse cuidado deles. (Ipê-pardo, mineira, 33, HB 3). (Grifos da autora).

A hospitalidade no hostel pra mim seria a junção de dois modelos que eu conheci tanto aquele hostel familiar porque mora uma família lá e também é um hostel, quanto a profissionalização do espaço, então eu acho que a junção dos dois acho que seria o ideal [...] então essa profissionalização ela é importante, e também o calor humano da recepção, do tá ali ajudando é fundamental. (Ipê-azul, cearense, 33, HB1). (Grifos da autora).

[...] e, aí muita gente principalmente em BH que eu vejo mais as pessoas não sabem direito o que que é hostel, acha que é só uma hospedagem mais barata mais simples, é mais simplesinho por isso que é baratinho e ponto. Não, não é assim sabe, é uma ideia de ter um ambiente mais simples, mais acessível pra quem normalmente tá viajando né, então você não vai gastar tanto com a hospedagem, mas não é só isso né [...]eu vejo que o hostel é uma coisa assim você tá fora de casa então pra você se sentir um pouquinho acolhido no lugar que você tá sabe, sentir ali um pouquinho... poder conversar, poder ter trocas, e essa questão do coletivo ela facilita isso né, você divide uma cozinha, divide um banheiro, divide um quarto, facilita porque você tem que conversar com a pessoas né, nem que seja pra pedir licença, e aí... aí que é o bacana, que aí que vem a magia toda da coisa sabe... Porque a gente começa a trocar informações, da onde que é, o que que tá fazendo ali, tem gente que tá só de passagemtem gente que tá viajando, tem gente que tá mochilando, tem gente que tá trabalhando, então é uma troca, tem gente de tudo que é lugar né, a gente conhece até estrangeiros, nessa minha primeira estada no HB2 tinha um alemão inclusive lá, acho que eram dois alemães, mas eu conversei só com um que era mais digamos aberto né. Então assim ele sentou lá com a gente, ele trocou ideia lá com todo mundo e tal e é muito bacana. (Ipê-amarelo-do-cerrado, mineira, 40, HB 2). (Grifos da autora).

O hostel tem interações que em nenhum hotel ou pousada proporciona, então você tá gerando amizades, contatos, é... trocar cartões, sair juntos pra fazer passeio né, com pessoas que cê acabou de conhecer mais que tem objetivos em comum, então acho que esse é um diferencial. Eu já não procuro ficar em pousadas e hotéis, pra não ficar sozinho trancado no quarto. Se eu tiver com alguém, fico em privado, se estiver só, prefiro um hostel pra não sentir solidão durante a viagem. (Ipê-roxo-bola, potiguar, 41, HB 3). (Grifo da autora).

Chama a atenção para o fato dos discursos dos sujeitos, por vezes, mencionarem que o diferencial da hospitalidade em hostel está circunscrito nas interações humanas que este espaço possibilita. E, por vezes, como é possível notar em alguns relatos, este diferencial é colocado inclusive em comparação a meios de hospedagem tradicionais, como, por exemplo: hotéis e pousadas. As narrativas a seguir realçam essa comparabilidade e conseqüentemente essa predileção dos sujeitos em relação hostels em detrimento de outros tipos de alojamento:

[...] eu quero ir lá [Ceará] na minha próxima viagem, mas eu falo: só em hostel, nunca mais eu quero ir num hotel. Se eu for pra hotel eu vou ficar tipo cara, não vou acordar com aquele ânimo. Toda mão agora que eu for viajar a primeira coisa que eu vou fazer é procurar um hostel. (Ipê-púrpura, paulista, 22, HB 3). (Grifo da autora).

[...]a facilidade e a interação que existe entre as pessoas dentro do hostel é um diferencial e aí foi ao encontro com o que eu tava buscando e aí eu gostei muito da experiência e desde então eu nunca mais fiquei em hotel, só em hostel. (Ipê-amarelo-da-casca-lisa, paulista, 28, HB 2). (Grifos da autora).

[...] e o que eu observo em hotel, e pousada também, deve haver suas exceções, mas... é... há um distanciamento muito grande das pessoas. (Ipê-branco, paulista, 58, HB 1). (Grifo da autora).

Hotel é um ambiente muito frio né, eu ficava muito em hotel e ficava sentindo muita solidão, as vezes eu ficava 12 horas dentro de um quarto, esperando o dia nascer sem me comunicar com ninguém, então eu sentia que eu tinha que criar um ambiente um pouco mais familiar, porque eu sabia que eu ia ficar ainda muito tempo nessa atividade. Aí coincidiu de eu acabar indo pro HB2 porque não tinha vaga nos hotéis, e aí uni o útil ao agradável, porque lá eu realmente me socializava... desde então, não voltei mais pra hotel. (Ipê-bicolor-damasco, mineira, 36, HB 2). (Grifos da autora).

Sendo assim, essa preferência de se hospedar em um hostel, por parte dos sujeitos entrevistados reforçam a associação deste meio de hospedagem como sinônimo de hospitalidade, uma vez que no imaginário destes sujeitos perpetua a ideia de que serão acolhidos e reconhecidos nestes ambientes. A troca efetiva de olhares, de gestos e palavras dotadas de calor humano (CAMARGO, 2021) se mostra garantida para eles. E, alicerçado a isso, o estreitamento de vínculos sociais (CAMARGO, 2015), a partir das interações e laços constituídos durante este processo de acolhimento de caráter genuíno.

Essa comparabilidade acaba relegando aos hotéis e outros meios de hospedagem tradicionais um lugar de frieza e distanciamento, perpetua a solidão, a ausência de socialização e o prevailecimento do tom de impessoalidade. O que acaba revelando a manifestação de uma hospitalidade neutra, onde não há essa troca efetiva de olhares, gestuais e verbais (CAMARGO, 2021), na perspectiva dos sujeitos.

Mas chama-se a atenção para o fato de que não é em todo hotel que predomina a neutralidade, e nem em todo hostel que se manifesta o calor humano que remete de alguma forma à hospitalidade genuína, a exemplo da seguinte declaração: “[...] eu já fui também em hostel que era muito mecânico, então você não tinha muita interação na recepção, meio fria a recepção, às vezes tinha problema no quarto, avisava e ninguém ia arrumar ou ajudar, sabe?” (Ipê-azul, cearense, 33, HB1).

Há de se acrescentar, dessa maneira, o que Gotman (2009) nos lembra da teatralização da hospitalidade que acomete as distintas relações comerciais. Segundo ela, o dinheiro cria um equilíbrio entre os sujeitos envolvidos, dispensando-os de estabelecer uma relação pessoal aprofundada bem como um conhecimento mútuo, pois: “a relação,

soldada pelo dinheiro, pela equivalência entre serviço e preço, é anônima” (GOTMAN, 2009, p.5).

De toda forma, como a hospitalidade antes de tudo consiste em um atributo de pessoas e espaços, sugerindo uma troca para além da monetária, ou seja, considerando tudo o que reverbera para além do contrato a sua amplitude em contextos comerciais (CAMARGO, 2006; LASHLEY, 2015). Dito isso, frente aos diversos atributos sinalizados pelos hóspedes no que se refere à hospitalidade em hostel, ou seja, ao tratamento hospitaleiro recebido pelos anfitriões.

Averiguou-se a necessidade de retribuição, por parte do hóspede, em relação ao acolhimento outrora recebido pelo acolhedor. Reportando à teoria maussiana dar-receber-retribuir (MAUSS, 1974), regulando as relações entre anfitriões e hóspedes nos hostels investigados. As retribuições percebidas eram das mais diversas, tais como:

a) comidas: o ato de cozinhar e a partilha da comida, por parte dos hóspedes, se estabelecia como uma forma de retribuir as dádivas recebidas dos anfitriões;

b) presentes: em variados momentos, os anfitriões eram surpreendidos na recepção, ao serem presenteados pelos hóspedes;

c) gestos e atitudes: apoio aos anfitriões em situações diversas. Como, por exemplo, o suporte em tarefas diárias do hostel, especialmente em ocasiões de grande volume de trabalho, e também em momentos de práticas de lazer interno, em que o anfitrião igualmente se fazia presente, ainda que estivesse em horário de trabalho.

E, ainda, foram verificados gestos carinhosos que, por vezes, envolviam trocas afetivas, como abraços e beijos. Tais gestos e atitudes evidenciaram, deste modo, a retribuição entre os sujeitos mediada pela troca simbólica de generosidades (MURGEL, 2018). Cabe destacar que esta retribuição gestual ecoa na chamada alternância de papéis perpetuada na trama da hospitalidade, onde o hóspede converte-se em anfitrião e os anfitriões se convertem em hóspedes durante a cena hospitaleira, em uma oscilação contínua de papéis (CAMARGO, 2007). Os exemplos a seguir associam-se a este panorama:

Eu não sei se você sabe, eu passei mal aqui uma vez que eu tive que ir pro hospital, o dono do hostel veio de casa pra me levar pro hospital, eu tava com uma enxaqueca muito forte, e eu não sabia o quê que era, mais tava com muita dor de cabeça, eles [os hóspedes do hostel] acharam que eu tava tendo um derrame. [...] aí eu comecei a convulsionar, a fazer ânsia de vômito, eu tentava vomitar e não saía nada [...] aí o... [nome do hóspede] que sempre se hospeda com gente, entrou e viu eu quase desmaiando aqui na sala, aí ele começou a mandar mensagem pro dono do hostel falando: oh seu funcionário tá

morrendo aqui na sala [...] aí ele me auxiliou no que ele podia, falou deita aí e tal, aí tocava o interfone ele ia lá e abria, ele me auxiliou no que deu. (Antenado, mineiro, 29, HB 1).

[...] o tempo que eu fiquei lá [HB2], mano, eu parecia voluntária, porque eu ajudava lá, tipo no básico na cozinha e tal, nada de trabalho não, mas sempre com eles [anfitriões], dando um apoio moral. (Ipê-tabaco, carioca, 24, HB 2).

Ainda sob esse quadro, em conversas informais, Ubuntu frequentemente relembra algum fato ou situação vivenciada, - aludindo a retribuições -, com os hóspedes durante os 12 meses de atuação no hostel. Em uma delas relatou inclusive o fato da hóspede e amiga pessoal Ipê-bicolor-damasco apoiar na recepção e dia-a-dia do hostel HB2. Este contexto, revela então, mais um exemplo da alternância continuada de papéis, demarcada por essa hóspede que em uma cena se converte em anfitriã e em outra volta a ser uma hóspede demonstrando assim, a complexidade das interações nestes espaços. No fragmento a seguir é possível observar detalhes característicos dessa relação:

[...] às vezes eu ia ajudar a arrumar os quartos porque tava faltando mão de obra [...] Então às vezes chegava um gringo lá querendo ir pra Ouro Preto, e quem tava na recepção não falava muito bem inglês, e aí as vezes eu oferecia pra ajudar. Eu trabalhava assim... eu ajudava os meninos fazendo café, bolo, pequenas coisas assim, eu não fui incumbida disso, mas às vezes o telefone tocava, ou tinha que abrir o portão de 5 em 5 minutos, apertar o botão pra abrir o interfone. Ou de receber os turistas falar: olha só um minuto porque ela [anfitriã] tá super ocupada, mas pode sentar, o banheiro é ali, a cozinha é ali, pode ficar à vontade, porque eu já sabia como funcionava, tudo. Eu fazia boletim de ocorrência online, porque [...] um dia eu cheguei do trabalho e tinha um turista que tinha acontecido alguma coisa lá, ela perdeu um celular, e aí a Ubuntu tava com um monte de coisa pra resolver aí eu ajudei ela a fazer um boletim online. (Ipê-bicolor-damasco, mineira, 36, HB 2).

Com efeito, atitudes como essas sinalizam a retribuição do calor humano outrora recebido, retornando para o ser acolhedor. Onde esse encontro de subjetividades entre os envolvidos, incita em ações fruto do estreitamento de um vínculo social criado entre anfitrião e hóspede. A hóspede convertia-se em anfitriã em determinadas situações noutras torna-se hóspede novamente, o mesmo vale para os anfitriões.

Quanto às motivações que levam os hóspedes a agirem como anfitriões, quando necessário, nota-se uma crença desse tipo de atitude fazer parte da própria personalidade, como aponta a entrevistada no fragmento a seguir. Isto acaba sugerindo que esta alternância de papéis pode igualmente se referir ao traço de personalidade dos sujeitos envolvidos que, munidos de empatia, desejam agir como tal, ao invés de desprender

puramente a retribuição, - beirando a coercitividade -, que regula o processo ritualístico entre anfitriões e hóspedes na trama hospitaleira.

Então eu sou muito assim proativa de ajudar as pessoas mesmo, porque eu não vou ver ninguém passando perrengue e ficar: ah isso não é comigo. Isso pra mim é pra mim sim. E fazia sem esperar nada, era pra desafogar as pessoas mesmo que estavam lá. (Ipê-bicolor-damasco, mineira, 36, HB 2).

Além disso, nas palavras seguintes, nota-se a preocupação da hóspede em reconhecer o seu papel no hostel, não extrapolando as limitações e regras do seu lugar como hóspede, ainda que estivesse exercendo funções temporárias de anfitriã:

Eu não (...) tinha acesso a dinheiro, eu não tinha acesso ao sistema, eu sempre tomei cuidado com meu lugar também. Por exemplo, a chave de abrir o freezer pra poder pegar cerveja, eu não chegava na recepção e pegava a chave pra abrir o freezer pra pegar cerveja, porque eu era hóspede apesar de tudo. O que eu podia fazer pra ajudar eu ajudava mas eu não ia além, eu esperava o voluntário estar disponível, às vezes a pessoa até me dava a chave, falava: Ipê-bicolor-damasco, pode pegar lá, depois só fala quantas você pegou. Ou então ele ia lá comigo e abria, e eu sabia também dessas regras que precisavam ser atendidas. (Ipê-bicolor-damasco, mineira, 36, HB 2).

Em relação ao gesto emblemático de retribuição ocorrido no hostel HB2, cabe mencionar, por último, que durante a entrevista com Ubuntu, esta anfitriã foi surpreendida por um hóspede, que lhe entregou uma xícara de café recém coado por ele, seguido de um beijo na fronte. A alegria esboçada pela anfitriã foi contagiante e acompanhada por um largo sorriso, uma troca de abraços entre eles é percebida, seguida pela frase: “*Tá vendo como meus hóspedes cuidam de mim? Eles me trazem café, trazem água, cerveja, comida, eles cuidam muito bem de mim*” (Ubuntu, mineira, 34, HB2).

É nessa oscilação constante de atribuições dos sujeitos envolvidos que os atos de receber e hospedar nos contextos investigados vão ganhando novos sentidos e significados. O convívio diário entre anfitriões e hóspedes se vê retroalimentado constantemente pela dinâmica relacional que se desenha nestes espaços.

Este processo percebido em hostel pode, igualmente, sustentar-se na possibilidade da prática da amorosidade (THOMAZI; BAPTISTA, 2018). Isto quer dizer que as relações que os sujeitos estabelecem entre si, dentro de um hostel, também podem ser regidas por atributos pautados na valorização do outro, em relações éticas, com confiança e empatia mútua, onde o amor pode se fazer presente, constituindo-se como um elo das interações humanas em hostels. O tópico a seguir retrata os aspectos finais no que diz respeito ao término da experiência de hospedagem nos hostels investigados.

5.4 O CHECK-OUT: o fim de uma jornada e um novo começo

“Viajar liberta a alma, te ensina coisas que nenhuma sala de aula vai te ensinar. Viajar te transforma na pessoa que você é, mas que a rotina não te permite ser.”⁴⁹

Circunscrita à dimensão relacional humana, a hospitalidade atinge, nos dias de hoje, patamares mais amplos e profundos, como já citado anteriormente. Ora situa-se em seu aspecto genuíno, ou seja, a dádiva, ora é teatralizada, especialmente em âmbitos comerciais, denotando uma relação que, por vezes, é concebida termos antagônicos, como lembra Gotman (2009):

[...] dádiva e comércio são antinômicos, na medida em que o dinheiro estabelece um equilíbrio entre os agentes da troca, fazendo com que fiquem dispensados de toda necessidade de reconhecimento mútuo e de uma relação pessoal. A relação, soldada pelo dinheiro, pela equivalência entre serviço e preço, é anônima. (GOTMAN, 2009, p.5).

Diferentemente de tal compreensão, nos hostels investigados verifica-se uma interseção entre a dádiva e o comércio, o que sugere reflexões sobre a manifestação da dádiva no contexto comercial. Assim, foi constatado um entrelaçamento de ambos no contexto hosteleiro, pois, grande parte das relações estabelecidas entre os sujeitos, sejam eles anfitriões ou hóspedes, em suas infindáveis experiências subjetivas vivenciadas em coletividade, revelaram aspectos que extrapolam as finalidades voltadas especificamente para a tríade: dinheiro, contrato e serviço.

Mediante a isso, é significativa a manifestação da hospitalidade em hostel como um atributo de pessoas e espaços, considerando tudo o que ocorre para além do viés contratual. Esta compreensão vai ao encontro do que foi salientado por autores como Camargo (2021) e Lashley (2015). Os resultados apresentados na figura 12 sintetizam tais colocações que serão discutidas na sequência.

⁴⁹ Tradução livre de: “*Traveling frees your soul, teaches you things that no classroom does. Traveling transforms you into the person you are but routine does not allow you to be*” (PINHO; MONTEIRO; BINHOTE, 2021, p.1).

[...] eu sempre fui muito ciumenta com as minhas coisas. Isso é meu, eu gosto de usar dessa forma. No hostel é tudo muito compartilhado e eu aprendi a compartilhar com o hostel [...]. No hostel a maioria das coisas é de todo mundo, então você tem que... igual essa caneca aqui, eu gosto muito dela, mas eu posso acordar um dia e ter uma pessoa tomando café nessa caneca, e eu simplesmente tenho que estar feliz por isso. Porque é isso né, é isso que a gente está propondo, entendeu? (Ubuntu, mineira, 34, HB 2). (Grifos da autora).

Sai um e voltei outro, quando eu voltei pra cá pra São Paulo, eu voltei outro, tanto que onde eu tô trabalhando a estagiária que trabalha lá falou: nossa Ipê-púrpura cê tá super animado, sua viagem fez bem. E eu pensei meu, é esse seu forte, viajar, conhecer pessoas. Tanto que quando eu voltei, eu voltei com outras ideias de culinárias e de modo de tratamento. Aí minha chefe falou sério? Onde você ficou? Em hostel. Aí ela: o quê que é hostel? Eu falei com ela: meu, é melhor que hotel, pra nós que somos da gastronomia você não sabe o quanto isso é vantajoso pra nós. (Ipê-púrpura, paulista, 22, HB 3). (Grifos da autora).

Eu falo que ao mesmo tempo que eu sou muito anti social, eu sou muito social, eu gosto de ser social porque eu gosto de entender o ser humano. Eu tenho essa tara, eu gosto de ouvir, eu consigo compreender a pessoa por gesto, mas ao mesmo tempo eu sou uma pessoa muito antissocial. E aqui eu aprendo a ser mais social, porque eu tô lidando com pessoa de qualquer tipo, das mais jovens, com crianças e idosos também [...] aqui no hostel eu interajo muito com pessoas que são cariocas, do Rio Grande do Sul, outras que são paulistas e até mesmo os estrangeiros né e os estrangeiros têm os próprios trejeitos deles. (Antenado, mineiro, 29, HB 1). (Grifos da autora).

Tais atributos, para os sujeitos, dizem respeito às interações humanas estabelecidas, nesse ambiente, com pessoas diferentes. Desse modo, eles buscam conhecer as pessoas que estão ali, o que acaba propiciando o estreitamento de vínculos sociais (CAMARGO, 2015, 2006). Nesse sentido, nota-se que as trocas e as histórias de vida, entre outras situações e experiências relatadas e vivenciadas cotidianamente no hostel, permitem aprendizados dos mais diversos:

Em hostel você aprende a compartilhar tudo, nem a comida que você compra no mercado vai acabar sendo sua, porque você acaba se unindo com os outros [...] é uma parceria muito forte, você acaba fazendo almoço juntos, jantando. Banheiro, quarto, você não tem essa privacidade de ficar sozinho, é muito raro em hostel que você fique em quarto individual [...] você aprende a largar o ego, a deixar um pouco de lado, às vezes você passa até um pouco de raiva porque fala mais alto, você quer: é tudo meu, porque assim, a gente já tem pouco, e dividindo parece que vai embora, mas vale muito a pena, porque você sempre tem mais depois, então você nunca não tem, porque quando você precisa sempre tem alguém pra fortalecer, e isso você aprende só fazendo, porque o egoísmo baixa e aí quando você não tem nada e quer dividir, você acaba ganhando mais. Nunca faça questão. [...] toda hora você troca uma ideia, então você fica íntimo de pessoas, você aprende outros tipos de vivência

que você aprende a viver elas porque outra pessoa que já viveu sabe? (Ipê-tabaco, carioca, 24, HB 2). (Grifos da autora).

*Aí você vai tendo esse intercâmbio cultural, você conhece coisas, aprende coisas, coisas que nem na internet tem, entendeu? **Coisas da vida mesmo das pessoas, então eu gosto muito disso de viver uma realidade diferente.*** (CABJ, argentina, 29, HB 2).

*Eu acredito que **essas relações, esses laços que a gente cria aqui transformam a gente, e...** até essa questão que eu falei que **sou mais adaptável por causa das experiências que eu já tive, eu tô aprimorando isso mais ainda.** Então é um crescimento pessoal incrível, e lidar com tanta gente diferente, de tantos lugares diferentes, **eu tô aprendendo muita coisa, muita coisa que eu nem imaginei.** Assim, eu nunca viajei pro exterior, por exemplo, e tem gente aqui, tem uma pessoa que eu conheci que já viajou pra 38 países, que é a Ipê-roxo-da-mata, ela até tem um Instagram de viagens e tal. **E eu fico escutando as histórias, então vai me instigando a conhecer um monte de lugares que eu nem imaginei querer conhecer e hoje eu quero.** [...] Então, eu vou conhecendo a experiência de outras pessoas e isso vai me inspirando a fazer outras coisas. (Gentil, mineira, 33, HB 3). (Grifos da autora).*

*Eu acho que **estar em um hostel sempre te transforma,** principalmente pelo fato de quando você tem a sua casa você tem a sua opinião formada em muitas coisas, mas quando você tá em um local que vem pessoas de diferentes lugares, de diferentes ideias, com pensamentos e com outras vivências, você começa a ver mais, pô eu pensava assim, mas essa pessoa me falou alguma coisa aqui que eu não tinha pensado antes. **A gente aprende justamente que a gente não pode viver dentro de uma bolha e achar que a minha visão é essa e eu vou seguir ela pro resto da vida. Porque quando você conhece pessoas de opinião diferente, de vivência diferente, de culturas diferentes, você começa a entender o porquê das coisas que você tinha uma opinião,** por mais que você não necessariamente vai mudar sua opinião, **mas você vai entender a do outro** [...]. Eu acho que é justamente o fato de já ter o costume de tá em hostel, e ter a convivência com outras pessoas em outros hostels assim, a gente passa por esse aprendizado quando tá no hostel, porque quando você tá na sua casa. você assiste uma TV, uma série, você vê uma notícia num site você tem a sua opinião, quando a mesma notícia vira convívio com as outras pessoas, e as outras pessoas expõem as suas opiniões diferentes, **você vê a quantidade de ideias né, de pensamentos, de aprendizados que você tem ali em relação a isso.** (Ipê-pardo, mineira, 33, HB 3). (Grifos da autora).*

A proximidade da palavra “sou” de “diferente” e ainda de “cabeça” (Figura 12), sugere que este tipo de vivência faz com que o sujeito se sinta uma pessoa diferente, uma vez que percebe alterações em seu modo de ser. Levando dentro de si as experiências que a troca com o outro nestes ambientes proporcionaram, conforme expresso nas narrativas supracitadas. Levam, inclusive, lições relacionadas ao que “não se deve fazer”. Retomando a já citada expulsão de Ipê-Tabaco de um hostel em Belo Horizonte, a entrevistada relata o aprendizado retirado desta situação:

[...] tem isso, sabe, eles têm esse poder, se você não cumprir, tipo o mínimo das responsabilidades você vai rodar. Mas eu amadureci cara, isso é bom pra aprender, eu precisei que fosse duas vezes pra poder aprender a ter responsabilidade com o outro... e com o hostel. (Ipê-tabaco, carioca, 24, HB 2).

Nesse sentido, os impactos dessa hospedagem considerada diferente são percebidos de alguma forma, manifestando-se na vida pessoal dos entrevistados, inclusive por meio de mudanças de comportamento e personalidade após a estadia. Isso acaba instigando, também, a busca dos sujeitos por um eu diferente (CAMARGO, 2006), e por meio dessa busca, os sujeitos percebem modificações de atitudes e formas de pensar tanto sobre si quanto sobre o mundo, conforme expresso a seguir:

- a) alterações comportamentais e de personalidade: possibilitando o desenvolvimento pessoal dos sujeitos.

*Eu tava num momento que tipo era pandemia, e na minha cabeça na minha percepção, eu tava meio que assim, como posso dizer, **meio que numa jornada, tipo assim... pra eu poder me encontrar, pra eu poder me entender.** Aí eu falei vou viajar e vou aproveitar o máximo que eu conseguir [...] **eu viajei pra me encontrar e eu me encontrei no hostel. Eu era tímido, eu tinha uma timidez enorme, tinha uma insegurança comigo mesmo, e eu não sentia que eu conseguia, eu me achava muito imaturo.** Eu não tinha o costume de falar [...] e eu era uma pessoa muito estourada [...] e eu percebi que foi um amadurecimento. Aí eu ia falando as coisas, o pessoal falava, você não é nada disso, muito pelo contrário, você é muito melhor, do que qualquer outra pessoa que eu já conheci por aí. (Ipê-púrpura, paulista, 22, HB 3). (Grifos da autora).*

*Dessa minha experiência com hostel eu levo **mais confiança em mim mesma**, porque era minha primeira viagem sozinha, então a gente leva isso com você, **de que sou capaz, que você pode**, que é uma experiência muito bonita, você vai conhecendo um monte de gente, e... bom levo as amizades também né, que é o mais especial eu acho, muitas lembranças positivas de pessoas, de lugares e de momentos. (Ipê-roxo, alemã, 22, HB 1). (Grifos da autora).*

*Eu acho que **eu me abri mais, eu me expus mais o jeito que eu realmente sou assim, porque eu encontrei um lugar que combina comigo**, o tipo de hospedagem que combina comigo. (Ipê-amarelo-do-cerrado, mineira, 40, HB 2). (Grifos da autora).*

*[...] **ter mais paciência, saber ouvir, entender a necessidade do outro e tentar resolver aquilo, eu acho que foi mais uma prova de paciência pra te falar a verdade [...]. O que mais me marcou no hostel foi perceber o quanto eu pecava nas relações humanas no geral, eu era uma pessoa bem sem paciência.** Então, o hostel me transformou nessa parte da forma de tratar as pessoas, de entender os problemas, e tentar solucionar na minha posição lá, no caso eu estava como funcionária, e **hoje eu percebo assim mais como em ter mais empatia, isso fez uma diferença pra mim.** (Buscadora, mineira, 31, HB1). (Grifos da autora).*

***Passei a ouvir mais e falar menos, ouvir mais a experiência das pessoas, e eu passei a ser uma pessoa mais ousada pra viver minhas experiências, eu tinha muito medo de viajar sozinha, de interagir com as pessoas, enfim.** E depois que eu comecei a ouvir as histórias de outras pessoas que passaram pelo meu caminho, eu cheguei à conclusão de que meu trajeto meu caminho não tava nem na metade perto de outras pessoa. **Então eu consegui enxergar uma possibilidade de viver mais, sabe?** uma das conversas que eu tive que eu falei caraca preciso viver mais, foi uma das pessoas do hostel do HB2. (Ipê-amarelo-da-casca-lisa, paulista, 28, HB2). (Grifos da autora).*

*O hostel me fez ser mais humilde, viu? bem diferente do que eu era antes, meu jeito de chegar era muito de ser esnobe as vezes, não cumprimentava ninguém não dava bom dia, dava bom dia na recepção mais por obrigação e tal. **Aí foram conversando muito comigo e tal [anfitriões e hóspedes], então era mais no convívio do dia a dia com as pessoas lá e tal... eu fui aprendendo a ser mais humilde [...].** Eu tinha um olhar não era de superior não, mas eu julgava muito as pessoas, sei lá, pelo andar, pelo jeito, eu olhava pra pessoa e não procurava saber quem que ela era. E lá [HB1] não, **a gente aprende a ver quem que a pessoa é, independente da vestimenta, independente da classe social, independente de qualquer coisa.** (Ipê-verde, mineiro, 30, HB1). (Grifos da autora).*

- b) convivência com as diferenças: abrindo possibilidades para os sujeitos entrarem em contato com virtudes como o respeito e a tolerância.

*Eu acho que me encontrei aqui, encontrei aquilo que eu gosto de fazer na vida, que é conhecer gente nova, que é conhecer culturas novas, que é conversar com pessoas diferentes de mim, falar sobre coisas que eu penso às vezes muito diferente e no final, **entender que realmente é isso né, é a gente contextualizar as coisas, contextualizar as culturas, na convivência.*** (Ubuntu, mineira, 34, HB 2). (Grifos da autora).

*Num hostel **tu aprende a conviver com diferenças**, com o diferente né, conviver já é difícil, com o diferente então é... é um desafio.* (Ipê-amarelo, baiano, 53, HB 1). (Grifo da autora).

*E outra coisa também que eu tenho aprendido muito é... a questão de... porque assim lá na UFMG a gente meio que vive numa bolha, numa bolha incrível, você é aceito pelo o que você é, não importa, todo mundo te respeita, a cor que você é, orientação sexual, e meus amigos são super abertos pra isso e conversa e é ok sabe? **Eu tive que aprender a lidar com pessoas que pensam diferente, e foi muito estranho sair dessa bolha, eu falei putz o mundo é assim né, então eu tô aprendendo a conviver com isso, que... eu tinha esquecido como que era. Então isso também está sendo importante, eu vou sair mais preparada assim pra encarar o mundo mesmo, não vai ser um choque tão grande.*** (Gentil, mineira, 33, HB3). (Grifos da autora).

- c) mudanças de vida: possibilidades de tomada de decisões pessoais por parte dos sujeitos durante a estadia no hostel.

Andando pelos hostels nos momentos de calma, notava que as paredes do local falavam, eram frases diversas por vezes mensagens políticas, de vida, e de gratidão pela estadia nos hostels. Um dia, nessas andanças pelos cômodos do HB2 me deparei com uma letra: R, na parede de uma área social onde ocorria parte das atividades do hostel. E aquele R me despertou tamanha curiosidade que logo fui procurar a anfitriã para saber o significado. Pois bem, aquela letra marcava o início da jornada de um hóspede que tomou a decisão de mudar o rumo da sua vida enquanto estava hospedado em um hostel e interagindo com as pessoas. Ele desenhou o R (inicial do seu nome) na parede do hostel para representar sua decisão e ao final de sua hospedagem partiu para suas viagens pelo mundo rumo ao desconhecido para se encontrar como pessoa. Foi aí que me dei conta do quão simbólica eram as mensagens contidas nas paredes de um hostel. Quando as paredes de um hostel falam? Sobre o que

elas falam? Quando as paredes de um hostel falam... Elas falam de um passado que se faz presente. Dão voz aos que por ali passaram. São mediadoras de memórias, sonhos e planos dos sujeitos. Falam de um passado que se faz presente e de um futuro à vista. Afinal, a marca sinalizava também uma intenção, o hóspede pretendia retornar para mostrar que finalizou a jornada que ali começou. Será que ele conseguirá retornar ao hostel? Será que ele pretende finalizar o nome e escrever algo mais? Apesar das indagações sem respostas, quando reflito sobre o que um hóspede deixa no hostel é sua marca no local (literalmente) e na memória dos que ali estiveram. Essa foi a marca deixada por esse hóspede. E o que ele levou do hostel? Uma mudança de vida. Recalculou a rota em busca do desconhecido para se encontrar. (Nota de campo, 22 dez. de 2019).

Todo o processo de aprendizado presente nas colocações apresentadas até aqui se vê facilitado pela palavra “casa” (Figura 12), a qual mais uma vez entra em cena, ganhando destaque. Ela sugere que o hostel é compreendido como um ambiente doméstico, sendo percebido, deste modo, como um meio de hospedagem diferente, dado o potencial gerador desse sentimento de sentir-se em casa, diferentemente de meios de hospedagem tidos como tradicionais.

O contexto doméstico, então, mostra-se revelador, no sentido dessa troca subjetiva, ainda que regulada pelo tom comercial, estenda-se para além dos relacionamentos mercadológicos (LASHLEY, 2015): “Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca” (MAUSS, 2003, p.212).

O relato a seguir exemplifica, portanto, esse processo de mistura de pessoas e coisas, da troca e do contrato, essa partilha da hospitalidade que, igualmente, envolve os sentimentos das pessoas, como já disse Camargo (2006), bem como a criação de laços que extrapolam contratos. Essa possibilidade abre espaço “para além do contrato”, uma vez regida por uma hospitalidade doméstica dotada de sentimentos, intimidade, pertencimento, aconchego e pela própria dádiva dar-receber-retribuir.

*Eu acho que nada foi por acaso, absolutamente não foi por acaso, **porque eu caí no HB2, 2 meses antes da pior fase da minha vida que foi uma separação.** Então, imagina se eu estivesse que estar em Belo Horizonte a trabalho 15 dias por mês dentro de um hotel, recém separada, ia ser mil vezes mais difícil, do que ali com a Anfitriã, com a CABJ, com a Ubuntu, com Anfitrião 1, com Anfitrião 2, com Anfitrião 3, com todo mundo, **eles foram os meus familiares, um falava vem cá [...]** a Ubuntu com aquela coisa maternal de resolver conflitos como só ela sabe resolver, com aquela forma diplomática dela né, a [diarista] que ficava lá na faxina também super divertida, que olhava pra mim e a gente começava a rir. **Então eles trouxeram a leveza pra mim no momento de desespero mesmo, de eu não sei o que vai ser da minha vida, foi o pessoal do HB2 que me ajudou, porque eu não tinha acolhimento nem da minha***

família aqui em Divinópolis, eu simplesmente não tinha pra onde ir. Com uma filha, uma cachorra, uma mala de roupa, toda desorientada, e lá eu pude me reestruturar emocionalmente né, então, não foi por acaso mesmo que eu caí no HB2. Deus falou: ô minha filha, hospeda lá porque você vai precisar daquilo ali. Lá eu podia ser eu, essa leveza de apenas ser, isso foi muito importante pra mim, muito. (Ipê-bicolor-damasco, mineira, 36, HB 2). (Grifos da autora).

A partir do referido trecho, nota-se que dentro desse processo manifesta-se o calor humano desprendido a outrem por parte dos anfitriões: “[...] dando algo ainda melhor para o outro. Porém, as trocas não são só materiais, o processo envolve trocas espirituais, de afeto, de amizade” (OLIVEIRA; SANTOS, 2010, p.3), ratificando essa mistura, entre pessoas e contratos que descortina aspectos para além de si mesmo, impactando sobremaneira na vida do hóspede durante e após a estadia.

Nesse sentido, os hostels analisados se inserem nesta perspectiva que, em alguma medida, pretende contribuir com o: “[...] desenvolvimento pessoal dos turistas em termos de saúde física e mental, aprendizagem cognitiva e relações sociais” (MANÉ, 2017, p.64), conforme percebido na narrativa supracitada de Ipê-bicolor-damasco. Por vezes, os sentimentos gerados pelas interações humanas em hostel são enunciados de maneira tão profunda, que a despedida se mostra dolorosa para esses sujeitos, conforme relatado no diálogo a seguir entre um hóspede e a anfitriã Gentil:

Ipê-púrpura, eu amo meu serviço, amo de paixão, gosto daqui, mas a única coisa que me entristece é quando a gente se despede [Fala da anfitriã Gentil]. Isso é bem difícil pra eles [anfitriões], quando a gente se despediu do grupo, teve gente que até chorou, eu fui um deles, eu entrei pro quarto, apaguei a luz e chorei. Eu chorei porque foi uma emoção muito forte né, porque eu não tava esperando por isso. Foi uma coisa absurda, foi como se você tivesse vendo um irmão seu indo embora. O pessoal todo lá falou isso. (Ipê-púrpura, paulista, 22, HB 3). (Grifos da autora).

Tal narrativa faz lembrar da icônica frase exposta logo na entrada do hostel HB1 “Ao chegar traga alegria, ao sair deixe saudades”. Nesse sentido, conhecer pessoas, estabelecer trocas culturais, vivenciar experiências, construir memórias, buscar apoio emocional e acolhimento, criar laços, então, figuram como atributos fundamentais para os hóspedes e os anfitriões dentro dos hostels analisados. Sinalizando uma tendência destes sujeitos em priorizar o lado emocional e o desenvolvimento pessoal que estes espaços têm possibilidade e capacidade de proporcionar. O que acaba fortalecendo a intenção de retornar ao hostel por parte dos hóspedes e de escolhê-lo como local de trabalho por parte dos anfitriões.

Cabe mencionar, ainda, um dos elementos que eclodiram desta categoria em relação à etapa de tratamento dos resultados e interpretação (BARDIN, 2011): a palavra “conversa” (Figura 12), que, mais uma vez entra em cena reiterando a potência dessa prática nas relações entre os sujeitos em hostel. Assim sendo, prevalece a ideia do hostel como um espaço diferente, associado aos aprendizados imbuídos nesse processo e aos sentidos e significados atribuídos pelos entrevistados a tudo isso, conforme visualizado na nuvem de palavras. Conversações como centralidade das relações:

[...] parei às vezes só pra conversar de rolê aleatório, e aí você para só pra escutar esses rolês, você já fica com aprendizado. Então isso me marca muito, de ouvir o outro, porque também me poupa de muita coisa. [...] cara isso pra mim é o principal marco, realmente é você se colocar no lugar do próximo, é ouvir a história dele, você pergunta, questiona, troca ideia. (Ipê-tabaco, carioca, 24, HB 2).

Os vínculos estabelecidos pelas conversações revelaram, no processo de pesquisa, três desfechos distintos. A começar pela tessitura de relações efêmeras e fugazes (FALCÃO, 2017, 2015), como exemplificado pela entrevistada a seguir: “*Algumas amizades evoluem, você carrega por mais tempo na vida outras talvez não, vai ficar só ali naquela passagem, naquela viagem. Mas tá tudo certo, eu acho que as coisas acontecem do jeito que tem que acontecer*” (Ipê-amarelo-do-cerrado, mineira, 40, HB 2).

O segundo aspecto se refere ao aparente estreitamento do vínculo de amizade mediado por ambientes virtuais, conforme evidenciado na emblemática frase “*tenho muito amigo digital lá [no HB2]*” (Ipê-tabaco, carioca, 24, HB 2). Nota-se a presença da internet como mediadora das relações entre os sujeitos hosteleiros, motivando novas formações sociais e comunicacionais que possibilitam interagir sob as mais diversas formas. Assim sendo, tais interações subjetivas: “[...] chegaram à dianteira como chave, na qual, práticas sociais são definidas e experimentadas” (HINE, 2005, p. 1). Nesse sentido, segundo a autora, a chegada da internet postulou novas práticas sociais ambientadas no contexto virtual, característica evidenciada nos relatos a seguir:

Na era da internet a gente acaba acompanhando os nossos hóspedes, e os nossos hóspedes acompanhando a gente. Hoje no meu Instagram muitas das pessoas são hóspedes. [...] a gente tem até um grupo de WhatsApp, que são pessoas que vêm visitar e acabaram ficando muito próximas, e montaram um grupo de WhatsApp, aí o pessoal fica mandando mensagem tipo: gente tô aqui, o que vocês tão fazendo? Nossa e agora a gente vai viajar pra onde juntos e tal? (Ubuntu, mineira, 34, HB2).

No começo tinha umas 10 pessoas, mas que interage mais assim era em torno de 8 pessoas, a gente tem aqui o grupo no WhatsApp de carnaval BH. A gente ficou 1 ano conversando e combinando de passar novamente o carnaval em

BH, e aí a gente fez isso em 2020, faltou uns dois que não pode ir, e fomos pro hostel, pro mesmo hostel [no HB1]. (Ipê-azul, cearense, 33, HB1).

Por último, tem-se os vínculos de amizades que têm continuidade após a estadia, ainda que virtualmente, como observado nos referidos depoimentos. Independentemente do formato dessas amizades, elas reforçam a característica da interação humana nos hostels, que foi sedimentada pelas conversações ali estabelecidas entre os sujeitos:

Por exemplo, esse último réveillon que eu passei, eu passei com uma hóspede, ela apareceu aqui no hostel assim perdida, ela sempre vem, ela é de Divinópolis, sempre vem a BH, e um dia o hotel onde ela ficava tava cheio, não tinha lugar pra ela, não tinha vaga, e o hostel é muito próximo desse hotel e aí ela parou aqui. No que ela parou aqui ela apaixonou com a casa e eu também sou apaixonada com a casa, e você tem sempre aquela oportunidade de conversar com as pessoas, e aí conversa vai conversa vem acabamos virando amigas, e ela sempre vem pra cá, hoje ela até namora com o irmão de uma amiga minha de infância. (Ubuntu, mineira, 34, HB2).

No relato supracitado, verifica-se a interseção desse ato de conversar, gerador de possibilidades que se entrelaçam: amizade, relacionamento amoroso e compartilhamento de data comemorativa (réveillon). Nesse ínterim, fica visível o estreitamento gerado entre a anfitriã e a hóspede, culminando na criação de vínculo afetivo após a estadia. Isso não seria possível caso o laço entre a anfitriã e a hóspede não fosse mediado pelo hostel: “é um lugar que eu consigo me aproximar de pessoas, que eu nunca teria a oportunidade de me aproximar se não fosse pelo hostel” (Ubuntu, mineira, 34, HB2).

Este panorama evidencia que o ser humano: “já é um ser social em desenvolvimento e todas as suas manifestações acontecem porque existe um outro social. Mesmo quando ainda não se utiliza da linguagem oral, o sujeito já está interagindo e se familiarizando com o ambiente” (MELLO; TEIXEIRA, 2012, p.5). Isso ocorre pelo simples fato de sair do ambiente que lhe é habitual e compartilhar o mesmo espaço com pessoas diferentes. A interação humana no contexto de hostel desvelou, assim, incontáveis possibilidades desse fluxo de sujeitos que trazem um pouco de si, deixam um pouco de si e levam um pouco do outro.

Cabe mencionar que apesar dos hostels se inserirem como espaços facilitadores para a formação de amizades (THOMAZI, 2019; PEREIRA, 2019; BAHLS, 2018; CRÓ, 2018; SILVA, 2018; BAHLS, PEREIRA, 2017; MANÉ, 2017; SIMPSON, 2015; SARAIVA, 2013; VOLANTE, 2011; HETCH; MARTIN, 2006; GIARETTA, 2003; MCCULLOCH, 1992), ideia presente nas falas dos sujeitos entrevistados, notou-se, na figura 12, a tímida aparição da palavra “amizades” na análise feita com o auxílio do

Nvivo. Isto demonstra que tal compreensão sobre hostel não é universal, embora difundida e exaltada em diversos estudos sobre o tema, não representa em totalidade as distintas realidades. Sendo assim, parte-se do princípio da necessidade de se contextualizar os conceitos, pois eles não são universais:

Afinal, um conceito não é o fenômeno, é somente uma representação da realidade que se pretende designar. A formação de conceitos é um processo que corresponde ao movimento do pensamento e envolve a utilização de determinadas palavras, a abstração de características e o exercício de simbolizações e sínteses. (GOMES, 2014, p.6).

Segundo a autora é imprescindível compreender a diferença entre uma prática social e os conceitos existentes com a finalidade de compreendê-la, estudá-la e caracterizá-la, isso porque a realidade de um dado fenômeno se faz muito mais complexa e dinâmica do que as interpretações e teorizações sobre ela. Sendo assim, faz-se necessário considerar os conceitos como uma espécie de mapa, estando em constante estado de inacabamento, dado o dinamismo que lhe é inerente.

Portanto, é necessário entender que cada conceito expressa pontos de vista particulares, condizentes com as percepções, imaginários sociais, identidades, subjetividades, visões de mundo, ideologias, projetos políticos de sociedade, construções intelectuais e modos de intervenção que são próprios de quem elabora uma determinada compreensão. (GOMES, 2014, p.6-7).

À guisa de conclusão do presente capítulo, indaga-se: o que fica para os sujeitos entrevistados após sua jornada em um hostel? Um novo começo? Sim, a pesquisa revelou que fica um novo começo, construído por meio dos aprendizados adquiridos durante a estadia, com a possibilidade de serem perpetuados em suas vidas ao término da hospedagem em hostel. A presença do vocábulo “aprendi” (Figura 12) ratifica a resposta dada à referida indagação.

Aprendizados diversos foram percebidos tanto por meio das amizades tecidas e dos vínculos criados entre os sujeitos, quanto pelas experiências vivenciadas, estivesse tudo isso, ou não, permeado por conflitos, desafios e tensionamentos decorrentes do processo de “dividir-se” com estranhos. Toda essa dinâmica instituída no contexto dos hostels estudados é regida pelas interações humanas tecidas até o término da hospedagem. Essa ideia indica a complexidade da relação síncrona, híbrida e unívoca entre pessoas e hostel, ressaltando a característica *sine qua non* de um hostel:

O que eu gosto de dizer é justamente isso, o hostel ele é feito de pessoas, qualquer lugar pode ser um hostel, qualquer lugar, se você conseguir formatar estruturalmente né ele pode ser um hostel. Mas cada hostel ele vai se diferenciar pelas pessoas que estão nele, pelo o que as pessoas que estão nele

vão propor, essa casa aqui é maravilhosa, mas essa casa aqui vazia, não resolve nada. (Ubuntu, mineira, 34, HB2).

As pessoas que estão no hostel fazem diferença, parecia outro hostel, e eu fiquei chateado de ir embora com aquela cena do hostel que eu achava que era o melhor hostel. (Ipê-felpudo, catarinense, 32, HB 3).

O hostel vive de movimento de pessoas, a gente precisa da casa cheia, quando a casa tá vazia a gente tá triste, a gente gosta da casa cheia, muita gente, movimento, pessoas diferentes. (CABJ, argentina, 29, HB 2).

Isto posto, finaliza-se este tópico com o depoimento de uma das anfitriãs (Ubuntu, mineira, 34, HB2) acerca do hostel: “*Eu sempre falo que um hostel tem alma, eu acredito que todo hostel tem uma alma*”. Portanto, coadunando-se com a referida colocação e retomando o título desta tese, conclui-se: a alma do hostel são as pessoas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa objetivou compreender de que maneira são estabelecidas as interações de anfitriões e hóspedes em hostels de Belo Horizonte, identificando as motivações e percepções desses sujeitos em relação a este meio de hospedagem, buscando ainda investigar as práticas de lazer manifestadas no contexto hostelheiro.

Das análises empreendidas, foi possível constatar que as interações humanas se desenham na dinâmica social de um hostel sob uma complexidade reveladora de novas tessituras. Nesta perspectiva, foi evidenciado que a interação intersubjetiva hostelheira se perfaz de forma **cíclica**, devido à rotatividade de pessoas, sejam elas hóspedes ou anfitriões, **profusa**, tendo em vista a abundância de pessoas distintas convivendo no mesmo espaço, e **híbrida**, pelo entroncamento entre indivíduos e destes com o ambiente compartilhado.

Assim, mais do que um meio de hospedagem híbrido - no que diz respeito à estrutura e oferta de serviços, conforme salientado por diferentes autores - o hostel contempla um hibridismo em relação aos sujeitos que o compõem, sejam eles anfitriões ou hóspedes. A pesquisa revelou uma diversidade de pessoas de origem, faixa etária, cultura e visão de mundo distintas, partilhando o mesmo ambiente, manifestando a individualidade dentro de uma coletividade. E, a partir dessa dinâmica relacional humana partilhada, emergem incontáveis possibilidades e desafios nos hostels investigados.

A constatação primária, desvelada na pesquisa, refere-se a uma interação tríplice protagonizada por anfitriões, hóspedes e hostel. Demarcada, por um lado, pela constituição de laços afetivos, amizade e retribuições, na qual as interações subjetivas geram experiências mobilizadoras de pessoas, lugares e práticas. Por outro lado, emergem tensões, paradoxos e conflitos na dinâmica da trama hospitaleira em hostel, cenário este sustentado pelo cumprimento e descumprimento das normas por parte dos hóspedes, sejam elas tangíveis ou intangíveis.

Nos hostels investigados, o processo inicial do ato de receber os hóspedes se mostrou regado por um calor humano, dedicado a eles por parte dos anfitriões. Esta constatação coloca em realce aspectos como o sacrifício de si em prol do bem-estar da pessoa acolhida, revelando a linha tênue existente entre o ato de servir e o servilismo na trama hospitaleira.

Resquícius do elo sagrado da hospitalidade que situam o hóspede como um “Deus”, devendo ser tratado com diligência, mostra-se presente no imaginário dos

anfitriões entrevistados. Esse princípio reverbera na forma de tratamento dos hóspedes desde o momento de chegada ao hostel, até o cumprimento das demandas por eles solicitadas ao longo da hospedagem.

Sob esse quadro, os anfitriões demonstram preocupação em prestar um atendimento hospitaleiro na tentativa de estimular, no hóspede, o sentimento de “estar em casa”. Com esse intuito, os anfitriões são cuidadosos para construir e manter uma interação social bem-sucedida. Isso acaba abrindo espaço para a concretização da hospitalidade, ou seja, a hospitalidade genuína. Os anfitriões entrevistados acreditam que a forma de tratamento desempenhada no hostel está associada ao seu perfil hospitaleiro, seja como profissional e/ou como pessoa, revelando a predileção e vocação pelo servir, bem como traços de personalidade hospitaleira.

Tendo em vista que os hostels se inserem no setor de negócios turísticos, o viés comercial entra em cena interferindo na assimetria da hospitalidade: o pagamento confere àquele que é acolhido uma posição de superioridade diante de quem acolhe. No entanto, ainda que o valor monetário prevaleça e oriente as relações comerciais em cada hostel estudado, para os anfitriões entrevistados é imprescindível o recebimento do hóspede de forma hospitaleira. Nesse sentido, o gosto pelo receber e servir por parte dos anfitriões revela que a postura destes sujeitos vai ao encontro da denominada grandeza por trás dinâmica da hospitalidade, característica amplamente veiculada pelos estudos sobre o tema, em especial no que concerne à hospitalidade doméstica.

Ainda que o processo de hospitalidade seja regido pela tônica comercial em hostels, não estando, portanto, isento de complexidades, ambiguidades e limites, este contexto abre possibilidades para a manifestação da hospitalidade genuína ecoando na matriz da hospitalidade. Essa constatação coloca em xeque alguns fundamentos os quais alegam que a dádiva é própria da hospitalidade doméstica. No caso desta investigação, as observações e entrevistas evidenciaram que os anfitriões são imprescindíveis para que a hospitalidade genuína se manifeste em hostels, não se resumindo, portanto, a um mero exercício cênico nesse contexto.

A recepção de um hostel, neste panorama, representa um espaço simbólico, no qual emergem diversas formas de sociabilidade entre anfitriões e hóspedes, constituindo-se como um local de manifestação primária e presencial do ato de receber o hóspede. Este ambiente desvelou três aspectos marcantes. O primeiro está relacionado à segurança, especialmente por parte das mulheres, que expressaram a preocupação em se sentirem seguras, seja no ambiente de hostel seja na cidade de Belo Horizonte. Este tipo de temor

se faz marcante principalmente em relação àqueles que se hospedam pela primeira vez em um hostel. A questão das normas foi outro ponto exteriorizado no processo de pesquisa, devido ao fato deste ambiente ser onde os hóspedes recém-chegados ao hostel tomavam conhecimento das regras que regiam o local.

Era necessário, deste modo, concordar e assinar um contrato temporário com o espaço, legitimando a hospitalidade comercial reguladora das relações estabelecidas entre cliente e serviço, cabendo aos hóspedes respeitarem as leis vigentes naquele empreendimento. Desafios entram em cena quando os anfitriões assumiam o papel de “educar os hóspedes”, com vistas a cumprirem com rigor as normas. Elas eram reiteradas durante o processo de check-in.

Tratando-se do processo de estadia no hostel, a convivência entre os sujeitos no ambiente compartilhado ganhou tónus e profundidade. A começar pelo espanto inicial da chegada ao hostel, sobretudo daqueles que nunca se hospedaram anteriormente neste meio de hospedagem, ao se descobrirem em contato com pessoas, situações e experiências diversas não esperadas. Diante disso, são instigadas inquietações, incompreensões e estranhamentos acerca deste lugar desconhecido, para na sequência, a familiarização com o hostel entrar em cena.

Neste viés, a percepção de “casa” ganha sentido tanto para o hóspede, quanto para o anfitrião. Os espaços analisados traduziram-se como referência para esses sujeitos, sendo o hostel até mesmo chamado de lar. No entanto, exceções demonstram não ser um sentimento unânime entre os sujeitos da pesquisa.

O ato de conversar no contexto do hostel, na percepção dos sujeitos entrevistados, consiste em uma das principais motivações em relação a este meio de hospedagem, uma vez que o espaço oportuniza conversar, conhecer e conviver com o diferente, sendo a diversidade um aspecto em comum encontrado nas narrativas dos entrevistados. Revelando mais uma vez a característica social do hostel. Os anfitriões se sentem responsáveis por mobilizar a socialização entre os hóspedes, no entanto, mesmo com os esforços para garanti-la, alguns hóspedes manifestam constrangimentos, sentimentos de exclusão e de isolamento.

No processo de estadia, observou-se a manifestação de incontáveis práticas sociais, sendo o lazer uma delas. A cozinha constitui-se como o principal local de ocorrência das possibilidades de lazer em hostel, especialmente pelos atos de cozinhar, comer junto e conversar. A cozinha, no hostel, é um ambiente simbólico, no qual histórias de vida são partilhadas, assim como as culturas e culinárias típicas dos países de origem

dos sujeitos. O papel da comida em hostel, neste quadro, perfaz-se de forma emblemática. Ela vai além de apenas suprir as necessidades biológicas por alimento, nutrindo assim as relações humanas, envolvendo partilha de comida e de vida entre os sujeitos. Neste panorama, inclui-se no hostel seu caráter comensal, ou seja, a **comensalidade**, essa forma de sociabilidade que tem como centralidade a comida, em que o ato de comer junto se torna veículo para o estreitamento das interações humanas em hostel, tecendo as relações sociais deste ambiente.

O encontro subjetivo e hospitaleiro propiciado pelo hostel é marcado por práticas de lazer inerentes ao ato de beber, comer e partilhar a comida, bem como por festas e celebrações. Além disso, cabe destacar que a cozinha representa um lugar paradoxal: por um lado, tornava-se palco para se manifestar a sociabilidade entre os sujeitos, e por outro, desafios entravam em cena no que diz respeito às regras da cozinha. Isso era notório quando os sujeitos não se responsabilizavam pela limpeza e organização deste ambiente.

Uma manifestação do lazer evidenciada foram as conversações dos sujeitos durante a estadia no hostel. A contação de casos, a partilha de histórias de vida e o simples ato de conversar sobre temas variados eram muito apreciadas. Na maioria das vezes, eram acompanhadas especialmente da degustação de cerveja, bem como de outras bebidas alcoólicas. Frente a isso, os sujeitos, durante as práticas de lazer, experimentam sensações de bem-estar e satisfação, bem como de regozijo durante as festividades e celebrações ocorridas nos contextos investigados.

Práticas de lazer ilícito também foram evidenciadas e, geralmente, elas eram protagonizadas pelo uso recreativo da maconha. O seu uso representava a experimentação de uma autonomia durante o tempo de lazer em hostel, dada a liberação dos aspectos restritivos de padrões socioculturais no tempo livre dos sujeitos. Representava, ainda, a concretização de restrições e punições em relação ao seu uso em hostels, que era considerado proibido nestes espaços.

Tendo em vista as incontáveis práticas de lazer manifestadas nos hostels investigados, foi possível estratificá-las em duas possibilidades. As **práticas de lazer externas**, as quais estão interligadas à dimensão territorial, associando-se a uma das características que reportam a gênese hosteleira: o contato com a cultura local. São demarcadas, desta forma, pela dinâmica existente no entorno do hostel (bens, serviços e comércio local, etc.) e demais lugares da cidade associados ao lazer e ao turismo do destino visitado.

Já as **práticas de lazer internas** estão circunscritas às relações estabelecidas entre os sujeitos, sejam eles hóspedes ou anfitriões, e destes com o próprio ambiente hostelero, desde sua estrutura física até as atividades realizadas dentro dos locais. Esta categoria, deste modo, diz respeito a uma dinâmica que se desenha a partir deste encontro de subjetividades no contexto de hostel. O que acaba, igualmente, reportando à gênese hostelera: a interação humana. Essas formas de sociabilidades e todas as experiências humanas observadas nos hostels analisados consistiram na concretização do próprio lazer.

Concernente aos demais ambientes compartilhados que compõem um hostel, os resultados demonstraram que o quarto representa um primeiro passo na caminhada pela e para a privacidade dos sujeitos. Considerando o mobiliário, a cama constitui o objeto mais significativo e simbólico para a manifestação da privacidade dos hóspedes hosteleros. Esta constatação revela a necessidade de os indivíduos imprimirem sua marca pessoal no objeto “cama”, ainda que temporariamente. Nessa direção, foi possível constatar, inclusive, estratégias por parte dos hóspedes com vistas a garantir um mínimo de individualidade e de privacidade, em meio à coletividade de um quarto compartilhado.

Incontáveis possibilidades de lazer são realizadas na própria cama dos quartos coletivos. Essas práticas ganham sentidos variados que são aprofundados e ressignificados em cada cama, especialmente no que diz respeito a jogos e experiências de sociabilidade entre os hóspedes. Nesse sentido, descortinou-se um paradoxo em relação a esse local, pois se a cama, a princípio, figura como um objeto primário para concretizar a privacidade dos sujeitos, até mesmo este espaço íntimo é tensionado, voluntariamente, pelo processo de compartilhamento.

Quanto aos paradoxos e tensões constatados no cotidiano dos hostels, os resultados da pesquisa de campo indicam que isso se manifesta e é deflagrado por meio dos ruídos, da desordem verificada nos quartos e na cozinha, das dificuldades relacionadas ao uso coletivo do banheiro, da nudez e da intimidade sexual. Essas práticas tensionam a privacidade, sobretudo, nos quartos compartilhados dos hostels estudados, gerando desconfortos e constrangimentos em alguns hóspedes.

O processo investigativo descortinou, ainda, um aspecto contraditório: a ocorrência do aprofundamento de laços de amizade, paralelamente aos conflitos e paradoxos decorrentes da convivência e do compartilhamento de espaços coletivos com “estranhos”. Por tais razões, na trama hostelera estudada, emergiram os mais diversos desafios em relação aos hóspedes que, por vezes, extrapolavam tanto as normas do hostel

quanto o desrespeito às delimitações invisíveis que a convivência em ambientes compartilhados requer.

Frente a isso, reitera-se o fato da necessária e urgente discussão aqui formulada, devido à incipiência de estudos e pesquisas que realcem os paradoxos, tensões e ambiguidades existentes na dinâmica de um hostel. Ainda que algumas sistematizações em relação aos aspectos valorativos sobre os hostels contribuam com os estudos sobre essa temática, a ampliação de discussões e novas frentes e diálogos em relação a este meio de hospedagem se mostram necessárias para aprofundar e avançar os debates.

Coadunando com os entendimentos dos autores já citados nesta investigação, entende-se que o hostel pode ser compreendido a partir das interações humanas que o compõem, conduzindo os sujeitos a criação de vínculos e amizades. Nesta senda, o hostel preserva um caráter valorativo em termos de estreitamento e aprofundamento das relações humanas, promovendo o interagir entre os sujeitos.

Isto quer dizer que as interações humanas no contexto de um hostel precisam ser olhadas e (re) olhadas para além delas, e não como um fim em si mesmas que culmina na possibilidade de formação de laços e de amizades, mas como um meio, que expande, que transcende, mobilizando pessoas, lugares, práticas e novas tramas. A investigação aqui contemplada propôs olhar e avançar nessa perspectiva, enxergando o hostel dentro do que lhe é característico (interações humanas) e simultaneamente abarcando as diferenças.

Frente a isso, insere-se as **pessoas** como o cerne de um hostel, onde o processo de **interações humanas** se perfaz desses encontros e desencontros de subjetividades, das sutilezas, das trocas interpessoais e interculturais e, ainda, das limitações e tensionamentos oriundos desse ato de interagir dos sujeitos. Essas peculiaridades levam à retomada da epígrafe desta investigação, que revelou os mais distintos comportamentos dos sujeitos da pesquisa, descortinando assim, a alma do hostel.

Tecidas essas considerações, conclui-se que a tese aqui defendida considera o hostel um espaço sociocultural polissêmico, demarcado pela e para a conviviabilidade entre os sujeitos anfitriões e hóspedes. Estes sujeitos se apropriam e dão sentido à dinâmica hosteleira por meio do entrelaçamento de práticas de lazer, hospitaleiras e de comensalidade reveladoras de um campo de interações humanas complexas.

Nesse processo, os anfitriões dos hostels investigados têm a dádiva como referência e o lazer é fundamental para a complexa dinâmica das interações humanas tecidas neste contexto juntos aos hóspedes, e entre eles.

Vale pontuar que esta pesquisa gerou contribuições para o avanço do conhecimento acerca da temática investigada, suscitando novas abordagens e reflexões sobre o hostel, no que diz respeito a:

- a) eclosão de paradoxos, desafios e tensionamentos sob as mais diversas formas e perspectivas pouco difundidas em publicações sobre hostel;
- b) pesquisa com os sujeitos que compõem um hostel, já que há o predomínio de pesquisas acadêmicas sob o viés mercadológico e de gestão;
- c) aprofundamento no que se referem às interações humanas, dada a incipiência de estudos buscando compreender de que maneira elas ocorrem, tendo a pesquisa evidenciado sua dinâmica e constatado que movimenta um emaranhado de práticas subjetivadas;
- d) sistematização de uma pesquisa para além do eixo Rio-São Paulo;
- e) ampliação da ideia do hostel enquanto um espaço sociocultural, e não apenas como um meio de hospedagem e/ou empreendimento comercial;
- f) inegável abrangência e distinção de hóspedes, superando o viés tradicional em relação ao público de hostel;
- g) sistematização acerca da privacidade compartilhada, tema até então superficialmente abordado no contexto das publicações sobre hostels;
- h) compreensão da fruição do lazer no cotidiano dos hostels;
- i) aprofundamento acerca da possibilidade de a hospitalidade ser híbrida, por meio da junção da matriz da hospitalidade doméstica e a comercial, indo além das visões dicotômicas sobre o tema.

Cabe ressaltar que a presente investigação está delimitada geograficamente em uma realidade, ou seja, circunscrita à cidade de Belo Horizonte. No entanto, conforme já mencionado, é essencial pesquisar o hostel além do eixo Rio-São Paulo, aprofundando conhecimentos para além destes dois contextos brasileiros que são privilegiados na bibliografia sobre o tema. Além disso, salienta-se que os três meios de hospedagem pesquisados não representam a totalidade do contexto de hostels, seja em Belo Horizonte ou em outras realidades. Afinal, cada espaço possui particularidades, sendo, portanto, passíveis de incontáveis dinâmicas e novas tramas.

Para dar continuidade ao aprofundamento de conhecimentos sobre hostel, sugere-se a realização de estudos sobre este meio de hospedagem em outros contextos, tanto brasileiros como estrangeiros. Temas como a relação paradoxal entre lazer e trabalho em

hostels, trabalho voluntário e o impacto da COVID-19 nestes espaços constituem-se como sugestões de pesquisas a serem desenvolvidas para ampliar os estudos sobre hostel.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, J. M. de O. F. **O contributo das companhias aéreas de baixo custo para o desenvolvimento dos hostels nas cidades de Lisboa e Porto**. Orientadores: José Sancho de Souza; Nuno Marques Costa. 500 f. Tese (Doutorado em Turismo) – Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.
- AGUIAR, F. L. S.; BRITO, A. S.; PERINOTTO, A. R. C. Uma análise do antigo Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem a partir do Complexo Turístico do Porto das Dunas, Fortaleza/Brasil. **Revista de Turismo Contemporâneo**, Natal, v.8, n.2, p.168-197, 2020.
- ALVES, D.; FIGUEIREDO, D. F.; HENRIQUE, A. O Poderoso NVivo: uma introdução a partir da análise de conteúdo. **Revista Política Hoje**, v.24, p.119-134, 2015.
- ARAÚJO, M. V. S. de. **“Este foi o melhor hostel em que já estive!”: explorando a experiência em serviços no contexto dos hostels**. 290 f. Tese (Doutorado em Turismo) – Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2018.
- BAHLS, A. A. D. S. M. **Hostel**: Uma proposta conceitual. Itajaí: Univali, 2018.
- BAHLS, A. A. D. S. M. **Hostel**: Proposta conceitual, análise socioespacial e panorama atual em Florianópolis (SC). Orientadora: Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira. 257 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Universidade do Vale do Itajaí, Vale do Itajaí, 2015.
- BAHLS, A. A. D. S. M.; PEREIRA, Y. C. C. Hostel, uma proposta de revisão conceitual para a abordagem de futuras pesquisas. **Revista Tur., Visão e Ação**, v.20, n.2, p. 294-310, 2018.
- BAHLS, A. A. D. S. M.; PEREIRA, Y. C. C. Hostel: o estado da arte e considerações para futuras pesquisas. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v.17, n.3, p.50-65, 2017a.
- BAHLS, A. A. D. S. M.; PEREIRA, R. M. F. A. Hostel, uma casa sem paredes: em busca de uma matriz classificatória de áreas físicas. **Applied Tourism**. Santa Catarina, v.2, n.2, p.01-23, 2017b.
- BAHLS, A. A. D. S. M.; PEREIRA, R. M. F. A.; TRICÁRIO, L. T. **O Trinômio hostel-hospitalidade-espaço**: caracterização das relações socioespaciais, da sua origem a contemporaneidade. In IV Fórum Científico de Gastronomia, Turismo e Hotelaria. Balneário Camboriú-SC, 2016.
- BAHL, M. **Viagens e roteiros turísticos**. Curitiba: Prottexto, 2004.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARBOSA, R. R.; MASO, T. F. **Possíveis contribuições de Aníbal Quijano para as relações internacionais**. In Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão – 8º ENEPED/UFMG e 5º EPEX UEMS. Dourados-MS, 2018.

BASTOS, S. R.; RAMEH, L. M.; BITELLI, F. M. **O conceito de hospitalidade de Jacques Derrida nos artigos científicos do Portal de Periódicos da Capes**. In Anais do XIII Seminário da ANPTUR, São Paulo-SP, 2016.

BELOTUR. **Pesquisa de Demanda Turística Belo Horizonte 2017**. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/belotur/observatorio-do-turismo/demanda-turistica>. Acesso em: 5 set. 2020.

BELOTUR. **Relatório Pesquisa de Demanda Turística 2018**. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/belotur/observatorio-do-turismo/demanda-turistica#:~:text=A%20pesquisa%20de%20demanda%20tur%C3%ADstica,das%20atividades%20tur%C3%ADsticas%20no%20munic%C3%ADpio>. Acesso em: 15 mar. 2022.

BELOTUR. **Relatório Pesquisa de Demanda Turística 2019**. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/belotur/observatorio-do-turismo/demanda-turistica#:~:text=A%20pesquisa%20de%20demanda%20tur%C3%ADstica,das%20atividades%20tur%C3%ADsticas%20no%20munic%C3%ADpio>. Acesso em: 15 mar. 2022.

BELOTUR. **Caderno de Dados (2012-2017)**. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/belotur/observatorio-do-turismo/caderno-de-dados>. Acesso em: 15 mar. 2022.

BELOTUR. **“Taxa de ocupação média da ‘cesta competitiva’ (TX)”**. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/belotur/observatorio/Caderno_de_dados_fevereiro_de_2017.pdf. Acesso em: 05 set. 2020.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 2. ed. São Paulo: Senac, 1998.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD). Disponível em: <https://bdtb.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

BITNER, M. J.; BOOMS, B. H.; TETREAULT, M. S. The service encounter: diagnosing favorable and unfavorable incidents. **Journal of Marketing**, n.54, p.71-84, 1990.

BOOKING. **Sobre a Booking.com™**. Disponível em: <https://www.booking.com/content/about.pt-br>. Acesso em: 12 jan. 2020.

BOURDIEU, P. Algumas notas adicionais sobre o dom. **Mana**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.7-20, 1996.

BUNDA, R. **The business of beds: An exploration of hotel and hostel strategy**. Honor Scholar Theses: Paper 350, 2014.

BRAGA, R. **Dicionário de Turismo**. São Paulo: Uniletras, 2003.

BRILLAT-SAVARIN, J. **A fisiologia do gosto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BROCHADO, A.; RITA, P.; GAMEIRO, C. “Exploring backpackers’ perceptions of the hostel service quality”. **International Journal of Contemporary Hospitality Management**, v.27, n.8, p.1839-1855, 2015.

CAMARGO, L. O. L. **Apresentação à Edição Brasileira: O estudo da hospitalidade**. In: Montandon, Alain (org.) **O Livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Senac São Paulo, 2011.

CAMARGO, L. O. L. **Os domínios da hospitalidade**. In: DENCKER, A. de F. M.; BUENO, M. S. (Orgs). **Hospitalidade: Cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

CAMARGO, L. O. L. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph. 2004.

CAMARGO, L. O. L. **Hospitalidade sem sacrifício? O caso do receptivo turístico**. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, ano III, n.2, p.11-28, 2. sem. 2006.

CAMARGO, L. O. L. **A pesquisa em hospitalidade**. In XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, SP, 2007.

CAMARGO, L. O. L. Os interstícios da hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v.12(especial), p.42-69, 2015.

CAMARGO, L. O. L. Hospitalidade, turismo e lazer. **RBTUR**, v.13, n.3, p.1-13, 2019.

CAMARGO, L. O. L. As leis da hospitalidade. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v.15, n.2, p.1-16, 2021.

CAMPOS, L. C. **Introdução a Turismo e hotelaria**. São Paulo: Senac Nacional, 1998.

CANAN, K; FERREIRA, S. A.; CASAGRANDA, J. F. **Estúdio-Hostel para a Cidade de Florianópolis**. Anuário de Pesquisa e extensão UNOESC – XANXERÊ, 2017. Disponível em: <https://editora.unoesc.edu.br/index.php/apeux/article/download/15161/8316>. Acesso em: 10 abr. 2020.

CÂNDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e as transformações dos seus meios de vida. 6ª ed. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 1982.

CASTELLI, G. **Hospitalidade na perspectiva da gastronomia e da hotelaria**. São Paulo: Saraiva, 2005.

CHAN, E. S. W.; WONG, S.C. K. **Hotel selection**: when price is not the issue. *Journal of Vacation Marketing*, v.12, n.2, p.142-159, 2006.

CIRER COSTA, J. C. Price formation and market segmentation in seaside accommodations. **International Journal of Hospitality Management**, v.33, n.1, p.446-455, 2013.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOA DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **Portal de periódicos**. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

COX, H. **A festa dos foliões**. Petrópolis: Vozes, 1974.

COSTA, H. A.; FRANCO, A. F.; HOFFMANN, V. E. **Cooperação entre pequenas empresas do turismo e competitividade**: estudo de hostels no Rio de Janeiro. In Anais do X Seminário da ANPTUR, p.1-20, 2013.

CUENCA, C., M. **Ocio y Formación - Hacia la Equiparación de Oportunidades Mediante la Educación de Ocio**. Documentos de Estudios de Ocio. Bilbao: Universidade de Deusto, 1999.

CHON, K.; SPARROWE, R. **Hospitalidade**: conceitos e aplicações. São Paulo: Thomson, 2003.

CRÓ, S. R. G. **A influência da segurança no preço dos hostels**: aplicação do modelo de preços hedônicos Tese (Doutorado em Turismo). Universidade de Lisboa, Portugal, 2018.

DALLEN, T.; TEYE, V. **Tourism and the lodging sector**. Oxford: Butterworth-Heinemann, 2009.

DERRIDA, J. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade**. Trans.: Antonio Romane. São Paulo: Editora Escuta, 2003.

DERRIDA, J. **Manifeste pour l'hospitalité**. Grigny: Paroles d'Aube, 1999.

DERRIDA, J. **Il n'y a pas de culture ni de lien social sans um principe d'hospitalité**. Le Monde, mardi 2 décembre 1997(Horizons-entretiens), 1997.

DERRIDA, J. **Cosmopolites de tous les pays, encore um effort!** Paris: Galilée, 1997.

DENCKER, A. de F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 5ª ed. São Paulo: Futura, 1998.

DEUS, J. M.; DELVIZIO, I. A.; NASCIMENTO, F. B. F. Levantamento, seleção e sistematização de termos relativos aos meios de hospedagem. **Applied Tourism**, v.1, n.3, p.11-30, 2016.

DOUGLASS, H. **The sharing market**: commercial hostels in Europe. Londres: HVS, 2013.

DUBIN, E. **Preservation for the People**: Seventy Years of American Youth Hostels. Dissertação. Universidade de Pensilvânia, Filadélfia, 2003.

DUMAZEDIER, J. **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Studio Nobel, 1994.

DUVIGNAUD, J. **Festas e civilizações**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

FALCÃO, D. **Experiências de Mochileiros**: Sentidos e Significados em uma Dinâmica de Lazer na Sociedade Contemporânea. 164 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

FALCÃO, D. Ser mochileiro: uma constituição social e pessoal do “mochilar”. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v.16, n.3, p.76-90, 2015.

FERRI, C.; RUSCHMANN, D. V. M. Termos Gerais em Hotelaria. **Turismo: Visão e Ação**, v.2, n.4, p.35-52, 2000.

FERREIRA, F. L. **Dicionário brasileiro de turismo**. Rio de Janeiro: Colorama, 1975.

FERREIRA, A. B. D. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004.

FINO, P. M.; SILVA, da N. C. **O Estudo do turismo social**: teoria e prática no ensino superior. Book of Proceedings – Tourism and Management Studies International Conference Algarve. Universidade de Algarve, Portugal. 2012. Disponível em: <https://www.tmmstudies.net/index.php/ectms/article/download/609/1030>. Acesso em: 28 mar. 2020.

FISCHMANN, A.; ANDRADE, da A. da C.; KIM, J. **Estratégias de Inovação no Setor de Hostels: Estudo Sobre as Realidades Brasileira e Internacional**. In: VIII Fórum Internacional de Turismo do Iguassu, 2014. Disponível em: <http://festivaldeturismodascataratas.com/wp-content/uploads/2014/01/2.-ESTRAT%3%89GIAS-DE-INOVA%3%87%C3%83O-NO-SETOR-DE-HOSTELS.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GALLON, A. M.; HELLMAN, R. M. **Hostels em Florianópolis**: caracterização, avaliação da oferta e perfil do empreendedor. Trabalho de conclusão. Curso superior de tecnologia em Hotelaria. 2019.

GARCIA, M. X. **Vocabulário para o Turismo**: português/inglês. São Paulo: SBS, 2004.

GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GIARETTA, M. J. **Turismo da juventude**. São Paulo: Manole, 2003.

- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, C. Lazer: Necessidade Humana e Dimensão da Cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v.1, n.1, p.3-20, 2014.
- GOMES, C. L.; PEREIRA, J. K. C; CAMPOS, J. L.; CARVALHO, J. F.; CUNHA, J. D. **Relatório de pesquisa** - Por trás das câmeras: turismo cinematográfico nas gerais. CNPq/UFMG, 2021.
- GOMES, B. L. T.; MONDO, T. S. A Contribuição das Redes Sociais na Captação de Clientes sob a Percepção dos Gestores Hoteleiros. **Revista Brasileira de Marketing**, v.15, n.2, p.177-194, 2016.
- GOTMAN, A. Hospitalidade em sentido próprio e figurado. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v.16 n.3, p.160-174, 2019.
- GOTMAN, A. O comércio da hospitalidade é possível? **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v.6, n.2, p.3-27, 2009.
- GOTMAN, A. **O turismo e a encenação da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2008.
- GOTMAN, A. **Villes et Hospitalité: les municipalités et leurs "étrangers"**. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 2004.
- GOULART, D. F. Resenha: - Introdução ao universo da hospitalidade - (CAMPOS, José Ruy Veloso - 2005). **Revista Hospitalidade**, v.2, n.2, p.151-154, 2005.
- GRASSI, M. **Hospitalité Passer lê seuil**. In A. Montandon. Livre de l'hospitalité. Paris: Bayard, 2004.
- GUIMARÃES, P. F. **Os Albergues de Belo Horizonte como Hospedagem Alternativa para o Turismo de Eventos**. Trabalho de conclusão. Curso superior de Turismo. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.
- HEATH, G. **Richard Schirrmann - The first youth hosteller**. Copenhagen: International Youth Hostel Federation, 1962.
- HETCH, J.; MARTIN, D. **Backpacking and hostel-picking: an analysis from Canada**. International Journal of Contemporary Hospitality Management, v.18, n.1, p.69-77, 2006.
- HINE, C. **Virtual Methods and the Sociology of Cyber-Social-Scientific Knowledge**. In: C. Hine (org.) Virtual methods. Issues in social Research on the Internet. Oxford: Berg, 2005.
- HOSTELLING INTERNATIONAL. Disponível em: <https://www.hihostels.com/pt>. Acesso em: 5 set. 2020.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA PORTUGAL – INE. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOE_Spub_boui=337818849&PUBLICACOESmodo=2&xlang=pt. Acesso em: 5 set. 2020.

KEELEY, P. The backpacker market in Britain. **Insight**, v.12. n.1, p 53-66, 2001.

KNOREK, R.; KOHUT, T. J. **Associação comercial e empresarial: uma ferramenta de apoio ao desenvolvimento empresarial no Paraná**. Anais do VII Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional, 2015. Disponível em: <http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/view/13283>. Acesso em: 10 mar. 2020.

LASHLEY, C.; MORRISON, A. **Em busca da hospitalidade**: perspectivas para um mundo globalizado. Barueri-SP: Manole, 2004.

LASHLEY, C. Hospitalidade e hospitabilidade. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v.12(especial), p.70-92, 2015.

LEE, S. K.; JANG, S. Premium or Discount in Hotel Room Rates? The Dual Effects of a Central Downtown Location. **Cornell Hospitality Quarterly**, v.53, n.2, p.165-173, 2012.

LÉVI-STRAUSS, C. **O cru e o cozido**. Mitológicas. São Paulo: Cosac & Naify, 2004

LEWIS, C. T. **An Elementary Latin Dictionary**. Charleston: Nabu Press, 2010.

LODY, R. **Comer é pertencer**. In: Gastronomia: cortes e recortes. ARAÚJO, W. M. C.; TENSER, C. M. R. (Orgs.). São Paulo: Senac, 2001.

MACEDO, D. de M. P. F. **Modelo de Radar para avaliação da qualidade de hostels**. 82 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração e Desenvolvimento Rural, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2018.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v.15, n.32, p.129-156, 2009.

MAGNANI, J. G. C. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v.17, n.49, p.11-29, 2002.

MANCINI, M. **Access**: introduction to travel and tourism. Thomson Delmar Learning, Clifton, 2005.

MANÉ, A. N. M. **Atributos motivacionais na escolha de hostels como meios de hospedagem**. 93 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

MANDELA, N. **Experiência Ubuntu (entrevista Nelson Mandela)**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1_N7B4cwmiE. Acesso em: 28 out. 2021.

MARQUES, S. K. **A Importância da Qualificação dos Recursos Humanos no Turismo**: O Caso dos Hosteis da Cidade do Porto. 84 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2019.

MATURANA, H. R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte. UFMG, 1998.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. v. II. São Paulo: Edusp, 1974 [1923-24].

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. 1ªed. Cosac & Naify. São Paulo, 2003.

MAY, T. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. 3.ed. Trad. Carlos A. Silveira. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MCCULLOCH, J. The Youth Hostels Association: precursors and contemporary achievements. **Journal of Tourism Studies**, v.3, n.1, p.22-27, 1992.

MELLO, E. F. F.; TEIXEIRA, A. C. **A Interação Social Descrita por Vygotsky e a sua Possível Ligação com a Aprendizagem Colaborativa Através das Tecnologias de Rede**. In Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Caxias do Sul, RS, 2012.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Sistema brasileiro de classificação de meios de hospedagem**. Disponível em: <http://www.classificacao.turismo.gov.br/MTUR-classificacao/mtur-site/Sobre.action>. Acesso em: 05 set. 2020.

MOURÃO, B. M. **A água mineral e as termas**: uma história milenar. São Paulo: Abinam, 1997.

MONTANDON, A. **Hospitalidade ontem e hoje**. In: DENCKER, A. F. M.; BUENO, M. S. (Orgs.) *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneira-Thomson, 2003.

MOREIRA, S. A. Alimentação e comensalidade: aspectos históricos e antropológicos. **Ciência e Cultura**, v.62, n.4, p.23-26, 2010.

MURGEL, L. F. **Hospitalidade, dádiva e comércio moderno**: impasses e ambiguidades em campos da teoria antropológica. In 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, Brasília, DF, 2018.

NASH, R.; THYNE, M.; DAVIES, S. An investigation into customer satisfaction levels in the budget accommodation sector in Scotland: a case study of backpacker tourists and the Scottish Youth Hostels Association. **Tourism Management**, v.27, p.525-532, 2006.

NOGUERO, F. T. **A hospitalidade na Bíblia e nas grandes religiões**, trad. Alexandre Panosso Netto. São Paulo: Ideias & Letras, 2019.

OBSERVATÓRIO DE TURISMO DE MINAS GERAIS. **Publicação da Belotur sobre indicadores do Turismo de Belo Horizonte (Caderno de Dados de 2012 a 2017)**. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/belotur/observatorio-do-turismo/caderno-de-dados>. Acesso em: 05 set. 2020.

OCDE. **Tourism policy responses to the coronavirus (COVID-19)**. 2020. Disponível em: <https://www.oecd.org/coronavirus/policy-responses/tourism-policy-responses-to-the-coronavirus-covid-19-6466aa20/>. Acesso em: 29 jul. 2020.

OLIVEIRA, A. P. G. S. de. **Conectando trechos do caminho**: Turismo, lazer e desenvolvimento regional no contexto do projeto estruturador Rota das Grutas de Peter Lund – MG. 195 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

OLIVEIRA, I. D.; FALCÃO, A. da S. “Hostel” como um novo meio de hospedagem e sua vertente sustentável. **Disciplinarum Scientia**. Série: Artes, Letras e Comunicação, S. Maria, v. 14, n. 1, p. 49-56, 2014.

OLIVEIRA-BROCHADO, A. GAMEIRO, C. Toward a better understanding of backpackers’ motivations. **Tékhne**, v.11, n.2, p.92-99, 2013.

OILVEIRA, A. C.; SANTOS, M. M. C. **No panorama conceitual da hospitalidade**, a presença de novos aportes teóricos. In Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Universidade de Caxias do Sul, 2010.

O’REGAN, M. **Backpacker hostels**: place and performance. In: HANNAM, Kevin; DIEKMANN, Anya (Eds.). *Beyond backpacker tourism: mobilities and experiences*. Bristol: Channel View Publications, p.85-101, 2010.

PEARCE, P. L. **The backpacker phenomenon: preliminary answers to basic questions**. Austrália: University of North Queensland, 1990.

PEARCE, P. L.; FOSTER, F. A. University of Travel: Backpacker learning. **Tourism Management**, Elsevier, v.28, p.1285-1298, 2007.

PÊCHEUX, M. **Analyse automatique du discours**. Paris: Dunod, 1969.

PEREIRA, J. K. do C.; GOMES, C. L. Panorama virtual dos hostels Belo-Horizontinos no contexto da pandemia de covid-19. **Ateliê Do Turismo**, v.4, n.2, p.72-94, 2020.

PEREIRA, J. K. do C.; GOMES, C. L. Mapeamento do estado da arte sobre hostel no cenário luso-brasileiro (2015 - 2019). **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v.18, n.1, p.47-66, 2021a.

PEREIRA, J. K. do C. **Hostels belo-horizontinos e lisboetas**: um panorama acerca da oferta das práticas de lazer. In: Coletânea do I colóquio interdisciplinar de estudos do lazer. GOMES, C. L. (Orgs.). Belo Horizonte: EEEFTO/CELAR, 2019.

PEREIRA, J. K. do C.; GOMES, C. L. **A cama no contexto de hostel**: um instrumento de manifestação da individualidade e do lazer dos sujeitos. In: Coletânea do I colóquio interdisciplinar de estudos do lazer. ROSA, M. C.; SANTOS, M. R. da S.; BONALUME, C. R. (Orgs.). Belo Horizonte: UFMG/EEFFTO, 2021b.

PEREIRA, E. T. **A experiência de brincadeira**. In GOMES, C. L., DEBORTOLI, J. A. O.; SILVA, L. P. (Org.). Lazer, práticas sociais e mediação cultural (Cap.3, pp.43-54). Campinas: Autores Associados, 2019.

PINHO, V. M.; MONTEIRO, J.; BINHOTE, J. Prazer de viajar interrompido: desafios de um blog de viagem durante a COVID-19. **Revista de Administração Contemporânea**, v.25(especial), p.1-18, 2021.

POULAIN, J. P. **Sociologias da alimentação**: os comedores e o espaço social alimentar. Florianópolis: Ed. UFSC, 2013.

PRESSER, N. H.; KROTH, M. L.; LAUDELINO, J. A. S.; MENEZES, P. R. A. As redes sociais no setor da Hospitalidade: gerenciando as manifestações dos hóspedes. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v.13, n.1, p.198-217, 2016.

RASHID-RADHA, J. Z. **The influence of hostelscapes on social interaction and service experience**. 237 f. Tese (Doutorado em Filosofia). University of Surrey, Guildford, UK, 2015.

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re) construção de uma trajetória. **Alea**, v.7, n.2, p.305-322, 2005.

ROJEK, C. **O lado obscuro do lazer**: formas anormais. In: FORTINI, J. L. M.; GOMES, C. L.; ELIZALDE, R. Desafios e perspectivas da educação para o lazer – Desafios y perspectivas de la educación para el ocio – Challenges and Propects of Education for leisure. Belo Horizonte: Editorial SESC/Otium, 2011. p. 137-148.

SARAIVA, A. V. das N. **Hostels independentes**: o caso de Lisboa. 199 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril, 2013.

SATYRO, A. G.; PINHEIRO, Z. Os albergues independentes como um novo meio de hospedagem e prestação de serviços. Estudo de caso: Red Hostel. **UNOPAR Cient., Ciênt. Juríd. Empres.**, Londrina, v.7, p.31-38, 2006.

SPARKS, B. A., BROWNING, V. The impact of online reviews on hotel booking intentions and perception of trust. **Tourism Management**, v.32, n.6, p.1310-1323, 2011.

SPOLON, A. P. Um exercício de hospitalidade. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v.12(especial), p.3-8, 2015.

SEBRAE. **Resposta Técnica**: meios de hospedagem alternativos. Brasília: SEBRAE, 2014.

SEBRAE. **Hostel perfil dos turistas**. 2015. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/RJ/Artigos/Pesquisa%20Hostel%20s.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2020.

SEBRAE. **SIS RI Impactos Covid Turismo**. 2020. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/protocolosderetomada>. Acesso em: 28 jul. 2020.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, I. M. **O mundo não é tão grande**: uma etnografia entre viajantes “independentes” de longa duração. 243 f. Tese (Doutorado em sociologia) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

SILVA, I. M. **O mundo não é tão grande**: uma etnografia entre viajantes “independentes” de longa duração. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2018.

SILVA, T. M. da; KÖHLER, A. F. O mercado de albergues/hostels do Município de São Paulo-Brasil: caracterização e avaliação de estabelecimentos e empreendedores. **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**, Penedo, v.5, n.1, p.54-78, 2015.

SIMPSON, D. M. **Richard Schirrmann**: the man who invented youth hostels. Versão Eletrônica Kindle, 2015. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Richard-Schirrmann-invented-hostels-English-ebook/dp/B01A0QF5XA>. Acesso em: 10 fev. 2020.

SWIFT, M. Hostel uprising. **Leisure & Hospitality Business**. v.10, n.3, 2002.

TACHIZAWA, T.; POZO, H.; VICENTE, A. J. O uso de tecnologias da informação em hotéis de pequeno porte: um estudo multicaso. **Revista Organizações em Contexto**, v.9, n.17, p.31-57, 2013.

TAVARES, F. O.; BREA, J. A. F. Determinantes de preferência nos Hostels: Uma revisão da literatura. **Revista Espacios**. v.38, nº 61, 2017.

TAVARES, F. O. **Hostels e hotéis boutique**: Análise de fatores de seleção na cidade de Oporto. 187 f. Tese (Doutorado em Análise econômica e estratégia empresarial) – Universidade de Vigo, Vigo, 2018.

TELFER, E. **Food for thought**: philosophy and food. New York: Routledge, 1996.

TOLEDO, P. de M. e S. **O design de interiores em hostels**: manifestações da individualidade em quartos compartilhados de hostel. 133 f, Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído) – Faculdade de Engenharia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

TIMOTHY, D.; TEYE, V. **Tourism and the lodging sector**. Londres: Routledge, 2009.

TURATO E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.39, n.3, p. 507-514. 2005.

TUROZI DE OLIVEIRA, E. Ler Emmanuel Lévinas é pensar o para-além. **Sacrilegens**, v.2, n.1, p.44-100, 2005.

THOMAZI, M. R. **Hostel**: território de hospedagem marcado pela trama turístico-comunicacional. 198 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) – Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul 2019.

THOMAZI, M.R; BAPTISTA, M. L. C. Hostels: territórios de amorosidade nas relações de turistas contemporâneos. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, v.10, n.4, p.785-797, 2018.

TROTTA, J. **Educação e Correlação II - Experiência Internacional e Regional**: Os Albergues da Juventude para Jovens e “Jovens de Espírito”. Rio de Janeiro: Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1978.

UNWTO. **AM Reports**: The power of youth travel. United Nations World Tourism Organization, Madri, 2010.

VALLS, J. F. Impacto del low cost en los precios hoteleros españoles. **Papers de Turisme**, v.35, p.81-88, 2016.

VASCONCELOS, F. A. Filosofia ubuntu. **Logeion**: filosofia da informação, v.3, n.2, p.100-112, 2017.

VIEIRA, E. V.; CÂNDIDO, I. **Glossário Técnico Gastronômico, hoteleiro e turístico**. 2. ed. Caxias do Sul: EducS, 2003.

VOLANTE, P. J.T. **O segmento low-cost da indústria hoteleira em Portugal**: o caso dos hostels. 66 f. Dissertação (Mestrado em Gestão) – Departamento de Recursos Humanos e Comportamento Organizacional, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2011.

WOORTMANN, E.; WOORTMANN, K. **O trabalho da terra**. Brasília: Editora UNB, 1997.

WOORTMANN, K. **A comida, a família e a construção de gênero**. Brasília: UNB, 1985.

WACHS, F.; ALMEIDA, F. Q. de; LARISSA L. **Democracia e emancipação social**: desafios para a educação física e ciências do esporte na América Latina. São Paulo: Paco Editorial, 2019.

YASOSHIMA, J. R. Gastronomia na tela: as representações da comida no cinema. **Rosa dos Ventos**. Caxias do Sul, v.4, n.3, p.300-316, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) Voluntário(a),

É com grande prazer que convidamos você para participar da pesquisa “A ALMA DO HOSTEL: Dinâmica das interações humanas no contexto hostelero de Belo Horizonte – Minas Gerais”, coordenada pela Prof^a. Dr^a. Christianne Luce Gomes, contando com a participação da doutoranda Joyce Kimarce do Carmo Pereira.

Este estudo, realizado através do Doutorado em Estudos do Lazer da UFMG, pretende investigar o fluxo relacional humano nos hostels de Belo Horizonte/MG. Para alcançar tal objetivo, participarão da pesquisa pessoas voluntárias que se hospedam nos hostels da cidade de Belo Horizonte.

Dessa forma, caso aceite contribuir para este estudo, a entrevista será realizada pessoalmente pela doutoranda, fazendo uso de um gravador. Esclarecemos que sua identidade não será revelada publicamente e para evitar os possíveis riscos da pesquisa você poderá escolher a data e local para conceder a entrevista e poderá ser feita em dias alternados para que você não se sinta cansado e constrangido. Além disso, não haverá remuneração financeira de qualquer natureza para a sua participação. Ademais, você tem garantido o direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. Os benefícios esperados com este estudo são: contribuir para construção do conhecimento científico da área, estimular a formulação de políticas e proporcionar melhorias no mercado de hostels para os frequentadores, a partir do perfil e motivação dos sujeitos da pesquisa.

Todos os dados coletados receberão um tratamento ético de confidencialidade e serão utilizados somente na pesquisa, sendo mantidos sob sigilo pelas pesquisadoras responsáveis, no Laboratório de Pesquisa Luce/UFMG por um período de cinco anos, após esse período todos os dados serão apagados e completamente destruídos. Quaisquer esclarecimentos adicionais poderão ser obtidos com a orientadora da pesquisa Prof^a. Dr^a. Christianne Luce Gomes chrislucegomes@gmail.com, ou pelo telefone (+ 55 31) 3409-2335; e a Doutoranda em Estudos do Lazer da UFMG Joyce Kimarce do Carmo Pereira joycekimarce@hotmail.com, ou pelo telefone (+ 55 31) 9327-6116.

Em caso de dúvidas éticas deve-se entrar em contato com o COEP - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA, localizado na Av. Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005, Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – Brasil, 31270-901, pelo telefone: (+ 55 31) 3409 - 4592, ou pelo e-mail: coep@prpq.ufmg.br.

Você tem garantido o direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação. O TCLE deverá ser assinado em duas vias iguais com espaço destinado para rubricas.

Acreditamos que este estudo pode contribuir para o desenvolvimento da cultura hostelera de cada localidade, por isso a sua participação é muito importante.

Assim, se você entendeu a proposta da pesquisa e **concorda em ser voluntário(a)** favor assinar no espaço abaixo, dando o seu consentimento formal.

Desde já agradecemos pela compreensão e voluntariedade,

Profa. Dra. Christianne Luce Gomes

Doutoranda Joyce Kimarce do Carmo Pereira

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, declaro para o fim específico participar da pesquisa sobre as interações humanas em hostels. Portanto, livremente dou o meu consentimento voluntário para a realização da entrevista.

(_____), _____, de _____ de _____.

Assinatura: _____

APÊNDICE B – Carta de Anuência

CARTA DE ANUENCIA INSTITUCIONAL

Belo Horizonte, _____, _____ de _____

O Doutorado em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais está realizando a pesquisa “**A ALMA DO HOSTEL: Dinâmica das interações humanas no contexto hostelero de Belo Horizonte – Minas Gerais**” a qual objetiva investigar as interações humanas nos hostels de Belo Horizonte/MG. Este estudo é coordenado pela Professora Dra. Christianne Luce Gomes, contando com a participação da doutoranda Joyce Kimarce do Carmo Pereira.

A pesquisa consistirá em um estudo bibliográfico e coleta de informações em campo que se dará por meio de observação da dinâmica relacional entre os sujeitos frequentadores dos hostels e entrevistas semiestruturadas (com o uso de gravador) com os hóspedes e anfitriões desses espaços. Por esta razão, será fundamental contar com o seu apoio, como também de outras pessoas que podem colaborar e contribuir com esta investigação.

Declaramos que as informações captadas serão utilizadas exclusivamente para esta pesquisa, conforme está previsto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG. Cabe ressaltar que a identidade dos voluntários não será revelada publicamente em nenhuma hipótese e que somente as pesquisadoras responsáveis terão acesso a estas informações, as quais serão mantidas sob sigilo pelas mesmas, no Laboratório de Pesquisa Luce/UFMG por um período de cinco anos, após esse período todos os dados serão apagados e completamente destruídos. Além disso, todos os participantes que forem submetidos às entrevistas irão assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Também, não haverá qualquer forma de remuneração financeira para os voluntários, sendo que todas as despesas relacionadas a este estudo serão de responsabilidade do Doutorado em Estudos do Lazer da UFMG. A coleta de dados da pesquisa só será iniciada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, cujo trâmite foi iniciado em 18 de junho de 2019.

Ademais, a instituição poderá recusar a participação ou retirar a anuência em qualquer fase da investigação, sem nenhum prejuízo adicional. Para esclarecimento de dúvidas, por favor entrar em contato com a orientadora da pesquisa Prof^a. Dr^a. Christianne Luce Gomes através do e-mail chrislucegomes@gmail.com, ou pelo telefone (+ 55 31) 3409-2335; e com a Doutoranda em Estudos do Lazer da UFMG Joyce Kimarce do Carmo Pereira pelo e-mail joycekimarce@hotmail.com e telefone (+ 55 31) 99327-26116, ou através do Comitê de Ética em Pesquisa/UFMG (COEP), localizado na Av. Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2005 – telefone (+ 55 31) 3409-4592.

Atenciosamente,

Professora orientadora da pesquisa
Dra. Christianne Luce Gomes

Doutoranda
Joyce Kimarce do Carmo Pereira

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____,
responsável _____ pelo _____ hostel
_____, tenho
conhecimento da pesquisa “**A ALMA DO HOSTEL: Dinâmica das interações
humanas no contexto hostelheiro de Belo Horizonte – Minas Gerais**”, realizada pelas
pesquisadoras do Doutorado em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas
Gerais, e livremente dou a anuência formal para a coleta de informações (observação e
entrevistas semiestruturadas) no hostel.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista – Anfitriões

1. Perfil do entrevistado (história de vida; idade; gênero; profissão; origem).
2. Sobre a escolha do hostel (primeira vez; porque a escolha; como conheceu, motivação em relação ao hostel; motivação de se trabalhar em um hostel).
3. Aspectos da estadia (sentidos, sensações e significados sobre o local).
4. Experiência da hospedagem (dia-a-dia na hospedagem; experiências cotidianas; situações inusitadas; processo de partilha de ambientes compartilhados; contato e relacionamento com as pessoas e com o espaço).
5. Sobre o término da hospedagem em hostel (o que fica e o que leva em si).

APÊNDICE D – Roteiro de entrevista – Hóspedes

6. Perfil do entrevistado (história de vida; idade; gênero; profissão; origem; motivo da viagem; viaja sozinho ou acompanhado).
7. Sobre a escolha do hostel (primeira vez; porque a escolha; como conheceu, motivação em relação ao hostel).
8. Aspectos da estadia (sentidos, sensações e significados sobre o local).
9. Experiência da hospedagem (dia-a-dia na hospedagem; experiências cotidianas; situações inusitadas; processo de partilha de ambientes compartilhados; contato e relacionamento com as pessoas e com o espaço).
10. Sobre o término da hospedagem em hostel (o que fica e o que leva em si; intenção de revisita).